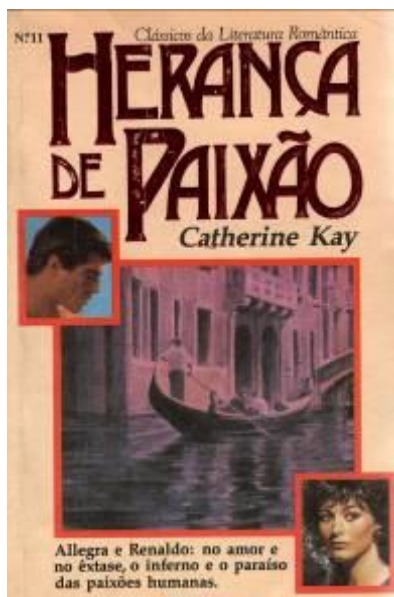


Herança de Paixão

(Legacy of passion – parte 2)

Catherine Kay



Título original: **Legacy of Passion**

Copyright: © by Catherine Kay

Publicado originalmente em 1982 pela Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: José Batista de Carvalho

Copyright para a língua portuguesa: 1987

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3.º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda. e impressa na Companhia Littographica Ypiranga

Clássicos da Literatura Romântica nº 11
O destino levou Allegra a Veneza.
Para conhecer as emoções do amor.

Herança de Paixão

Na noite quente de Veneza, as emoções explodem no coração de Allegra. Ah, que vontade irresistível de jogar-se nos braços fortes do conde Renaldo di Rienzi, trocando carícias, ofertando sem arrependimentos seu corpo vibrante de desejo, sua alma apaixonada! Viver momentos inesquecíveis de ternura que perdurem até as luzes rubras do amanhecer... Mas como se entregar ao amor se aquele homem aristocrático, prepotente e orgulhoso não acredita em seu passado, não a quer em seu futuro?

Catherine Kay

A grande autora romântica da atualidade, mais uma vez enfocando a magia de um amor inesquecível

Digitalização e revisão: Nelma ☺



CATHERINE KAY

A autora e sua obra

Catherine Kay é o pseudônimo literário de duas escritoras: Catherine Dees e Kay Croissant. A Harlequin/Worldwide Publishers, detentora de 58% do mercado americano de romances, considera-as suas novas "super estrelas", lançando seus livros com uma tiragem de 400.000 exemplares por título. Kay Croissant e Catherine Dees conseguiram um tal entrosamento que, não importa qual das duas redija o capítulo, a trama se mantém consistente e o texto efluente, tanto nas narrativas quanto nos diálogos.

O primeiro romance desta criativa dupla, Herança de Sonhos, cuja 2ª parte publicamos agora sob o título de Herança de Paixão, tornou-se rapidamente um best-seller, tantas as qualidades de estilo e tão bela a temática enfocada, no mágico cenário de Veneza. Além deste romance primoroso, outros foram lançados, nas séries Super Bianca, Super Julia, Super Romance, Super Sabrina, que publicam histórias extensas, com tramas e caracterizações complexas. Versáteis e prolíficas, donas de uma sólida base acadêmica, estas duas grandes autoras românticas da atualidade estão produzindo ficção histórica e contemporânea, roteiros para filmes e livros de não-ficção baseados nas pesquisas que fizeram viajando pelo mundo todo.

CAPÍTULO I

Allegra sentou-se sozinha no banco traseiro da limusine preta. A cem metros dali, o supervisor da empresa funerária completava discretamente sua tarefa. *Nonna* estava morta. *Nonna* era a avó italiana, a bela e nobre italiana que se casara com o avô de Allegra em 1918, trazendo da Itália a pequena Allegrinna, órfã de pai.

Allegra não era um modelo de beleza clássica, mas o sangue italiano estava evidente nos cabelos fartos e ondulados, nos grandes olhos negros e no tom melodioso da voz.

Agora ela estava sozinha. Havia a avó Brent, é verdade, mas isso não fazia muita diferença. Preocupada com os próprios problemas e o novo marido, a velha senhora não tinha tempo para a neta, que mais parecia uma estrangeira, tão diferente dos Brent da Nova Inglaterra.

Allegra olhou a chuvinha fina que batia nos vidros do carro e sorriu. Fosse como fosse, ela não estava infeliz. Fosse com o fosse, *Nonna* deveria estar começando uma nova vida em algum lugar. Portanto, teria que começar uma vida nova para ela também.

Uma silhueta conhecida aproximou-se do carro e Allegra abaixou outra vez o vidro. Com um sorriso paternal no rosto simpático, Clinton Meserve enfiou a mão pela janela.

— Eu adorava a sua avó, Allegra. Mesmo assim, alguma coisa me diz que ela está no lugar para onde queria ir há já algum tempo. Ela se mantinha viva unicamente por sua causa, e por isso me fez prometer que cuidaria dos seus interesses.

Dizendo isso, ele jogou um envelope no banco do carro, ao lado dela. O envelope estava lacrado com o logotipo do escritório de advocacia de Clinton.

— Isso é para você. É uma carta que a sua avó me confiou, com a recomendação de que lhe entregasse depois da morte dela. Não faço a mínima idéia do que está escrito aí, mas você sabe como ela era cheia de mistérios. Temos muito o que conversar, minha filha. Por que não almoçamos juntos para tratar dos detalhes financeiros? E não se preocupe, porque a casa alcançará um bom preço e você não precisará pensar em dinheiro durante um bom tempo. Telefonarei para você na segunda-feira. A propósito, Larry não a procurou? Esperava encontrá-lo aqui, hoje.

— Larry está pronto para me consolar, mas não preciso de consolo.

A chuva começou a cair mais forte.

— Então, nos veremos na segunda-feira, Allegra. E procure se cuidar, querida.

Allegra observou aquele rosto preocupado e até achou que deveria consolá-lo. Enquanto o motorista conduzia o carro através dos portões do cemitério, ela olhou o envelope jogado no banco. Rompendo o lacre metálico, encontrou lá dentro um outro envelope, menor e de cor creme. Não devia abrir logo a carta, porque o local não era apropriado para receber a última mensagem da *nonna*.

Jogando a cabeça para trás, Allegra fechou os olhos e lutou contra a fadiga acumulada nos últimos três dias. Na sua mente surgiu a imagem da casa, com a espaçosa varanda cercada pelo jardim cheio de árvores e inundada pela fragrância dos vinhedos. As árvores estavam agora desfolhadas, esperando a chegada da primavera.

O carro diminuiu a marcha e parou em frente a casa, cuja porta estava aberta. Quando Allegra correu para a varanda, grossos pingos de chuva caíam, prenunciando uma tempestade. Chegando à porta, ela parou para olhar a imagem de um leão moldado em ferro ali pendurado. Há muito que as campainhas elétricas estavam em uso, mas naquela casa os visitantes sempre se anunciavam batendo o leão de ferro contra a porta. Pelo que ela se lembrava, ele sempre estivera ali. Era o "leão de Veneza", segundo explicava a avó.

Mal Allegra entrou, o telefone tocou. Ela estava ansiosa para abrir a carta e muito pouco disposta a falar com Larry. Mesmo assim, precisava atender.

— É claro que estou bem — ela respondeu. — Só preciso descansar um pouco... Não, não venha aqui, Larry. Amanhã ligarei para você.

Devagar, Allegra desligou o telefone e ficou pensativa. Precisava fazer alguma coisa em relação a Larry, e depressa. Ela não o encorajava de nenhuma forma, mas o rapaz insistia em assumir uma atitude possessiva, como se o que havia entre eles fosse muito mais que uma simples relação de amizade. Allegra detestava aquela constante disposição para super protegê-la, mesmo ele insistindo em definir como amor os seus sentimentos. Justamente por isso havia pedido a Larry para não ir ao funeral. Por via das dúvidas, ela tirou outra vez o fone do gancho e o deixou em cima da mesa, ao lado do aparelho.

A casa estava em silêncio, mas era como se a *nonna* estivesse por ali em algum lugar, mostrando aquele constante sorriso, apenas fora do alcance da visão. Allegra pegou o envelope entregue por Clinton e sentou-se na poltrona preferida da avó, perto da lareira. A chuva caía lá fora e o vento açoitava as janelas.

O envelope estava endereçado com a letra desenhada de *nonna*: "Para minha querida neta". Depois de enxugar com as costas da mão algumas lágrimas que escorriam, Allegra rompeu o lacre, tirou as folhas de papel manuscritas e começou a ler:

Minha querida menina. Espero que você não tenha estado chorando, porque, meu amorzinho, estou feliz. Os santos abriram os seus bem-aventurados braços para me receber numa nova vida, em que reencontrei o

amor perdido há tantos anos. Se não fosse você, minha doce menina, os anos que se seguiram à morte do seu avô teriam sido dolorosos demais. Agora, do lugar de paz e felicidade onde estou, eu a abençôo e cumpro o dever de lhe contar um segredo concernente à sua família, ao seu sangue, aos seus ascendentes. Esse segredo está guardado na escrivaninha da biblioteca.

Excitada pela perspectiva de conhecer o segredo, Allegra olhou para o outro canto da biblioteca, onde estava a enorme escrivaninha de madeira trabalhada que pertencia à família há três gerações. Em seguida, passou a primeira página e continuou a ler a carta.

No fundo da primeira gaveta você encontrará uma chave que servirá na última gaveta, aquela que sempre esteve fechada. Use a chave para abri-la e tire a caixa que encontrar lá. As coisas que estão nessa caixa pertenceram à sua tetravó, a primeira Allegra da nossa família, e ao homem que foi o seu tetravô. Deixarei que você mesma descubra a história dessas duas pessoas, cujo momento de amor mudou algumas vidas e permitiu a vinda ao mundo de outras. Direi apenas que talvez você tenha nessas relíquias a sua herança mais valiosa. Os documentos ali guardados têm igualmente um enorme valor histórico e, por isso, valem muito dinheiro. Cabe a você, minha menina, decidir se deve mantê-los guardados, como têm feito as mulheres da nossa família ao longo das gerações... ou se os dará ao conhecimento da humanidade.

Naturalmente você está se perguntando por que não lhe falei nisso antes. Talvez tenha sido por causa das suas reações quando foi se transformando de mocinha em mulher. Muitas vezes eu a observava, sentada ao lado da janela com um livro nas mãos, sua mente jovem e romântica completamente entregue ao mundo poético do imortal Byron. Nunca se perguntou por que tínhamos uma coleção tão vasta das obras dele, ou por que aqueles versos a tocavam tão fundo no coração? Muitas vezes pensei que aquela reação era por causa do sangue que corre nas suas veias, minha querida, apesar de ele ter sido mesclado por outros. Podia ver isso nos seus olhos, na sua inteligência, nas suas atitudes cheias de amor. Você, Allegra mia, sempre será uma mulher excepcional, e o que está naquela caixa lhe mostrará a razão disso. Só mais uma coisa: você sabe que houve outras Allegras na nossa família, mas praticamente não sabe nada sobre a primeira delas. O nome da sua tetravó era Allegra di Rienzi, que foi uma condessa veneziana. Até hoje, os Di Rienzi continuam morando em Veneza. Quando eu era menina e estive na Itália, pude vê-los no seu palazzo às margens do Grande Canal. Você tem poucos parentes aqui, minha menina, mas tem uma família em Veneza.

Agora, Allegra querida, vá descobrir o segredo de Allegra di Rienzi. Meu desejo é que esse conhecimento possa lhe proporcionar uma compreensão mais profunda do amor e da vida.

Lembre-se, minha neta querida, de que meu amor por você não durou apenas enquanto eu vivi, porque ele é eterno. Da sua

Nonna.

Allegra pôs a última folha manuscrita sobre a mesa, ao lado do abajur, e, quase com medo, olhou outra vez para a velha escrivainha, que guardava um segredo tão estranho.

Ela se lembrava de quando brincava por ali, ainda menina, e de como ficava zangada por não conseguir abrir a última gaveta. Lembrava-se também das horas que passava mergulhada nos livros de Byron, durante a adolescência. Naquelas prateleiras havia tudo sobre Byron, desde as obras completas até biografias e crônicas escritas sobre o poeta por outros autores. Mas por que a *nonna* havia chamado a atenção dela para aquilo, se antes mal comentava o interesse da neta?

Olhando as prateleiras repletas de livros, Allegra refletia sobre a questão. Precisava descobrir por que a avó a alertara para aquilo. Talvez parte da resposta estivesse na escrivainha. Ao abrir a gaveta de cima, ela constatou que a primeira pista era verdadeira. Lá no fundo estava a chave, presa à madeira por uma fita adesiva. Em seguida, a segunda constatação: a chave a última gaveta, que antes parecia eternamente trancada.

Com as mãos trêmulas, Allegra retirou de lá a caixa de madeira, aparentemente pequena para conter tantos segredos.

Não era muito profunda e não media mais que vinte centímetros de comprimento por quinze de largura. A tampa era trabalhada à mão e certamente em alguma época tinha tido bonitos enfeites de ouro, agora desbotados ou inexistentes.

Allegra pegou a caixa com as duas mãos e correu de volta ao local onde tinha estado antes, perto do abajur. Em seguida, mal contendo a excitação, passou a ponta dos dedos pela tampa. No centro havia uma pequena placa metálica, em forma de escudo, com um brasão de armas. Chegando mais perto dos olhos, ela leu a frase inscrita ali em letras douradas: "Crede Byron".

A mente de Allegra voou para a época em que vivia absorvida pela leitura dos poemas e da biografia de Byron. Agora, o brasão de armas com o lema da família dele estava na sua mão. "Crede Byron", ou "Confie em Byron".

Allegra sentiu um estremecimento, como se absorvesse uma forte energia vinda daquela caixa. O que estaria aquilo fazendo numa velha escrivainha da Nova Inglaterra?

Quase com medo, ela olhou outra vez para o interior da caixa. "Talvez você tenha nessas relíquias a sua herança mais valiosa", tinha dito a *nonna*.

Por um momento, Allegra pensou se não seria mais prudente repor aquela caixa na gaveta e trancá-la, deixando o segredo guardado para sempre. Tinha certeza de que, uma vez desvendado o mistério, sua vida mudaria por completo.

"Não seja covarde", ela se recriminou, enchendo-se de coragem.

A delicada trava soltou-se com facilidade e a tampa foi aberta. Imediatamente, Allegra sentiu a leve fragrância de um perfume antigo. A primeira coisa que chamou a atenção foi um livreto com capa de veludo vermelho já bem desbotado. Na capa havia uma pintura quase miniaturizada mostrando a fachada de um palácio veneziano, à margem de um canal, e um homem e uma mulher descendo de uma gôndola para os degraus do palácio.

Os olhos de Allegra encheram-se de lágrimas, como se a visão daquela cena trouxesse de volta algo há muito perdido na memória.

Ela já ia abrir a delicada presilha de prata que mantinha o volume fechado quando reparou num envelope branco, subscrito com a letra da *nonna*.

"Leia isto antes de abrir o livreto", recomendava a frase escrita no envelope.

Imediatamente, Allegra pegou a carta da avó e começou a ler:

Allegra mia, agora você está seguindo as pistas de uma história singular. Certamente já reparou no brasão de armas da família Byron, na tampa da caixa. George Gordon, o lorde Byron, foi o seu tetravô.

Aquilo parecia fantástico demais, mas só podia ser verdade. Allegra deixou-se cair na cadeira e continuou a ler:

As provas estão nesta caixa. O livreto é o diário de Allegra di Rienzi, uma jovem e doce veneziana que, por ordem do pai, foi obrigada a se casar com o velho conde Barretto di Rienzi, o chefe de uma família, naquela época, muito rica e poderosa. Obcecado pelo desejo de ter um filho varão, o conde já tivera duas outras esposas, que não o satisfizeram nesse objetivo. Depois de dar a ele um filho homem, a pobre Allegra passou a viver praticamente como uma prisioneira no palácio do marido, insatisfeita do ponto de vista sexual e sofrendo humilhações. Naturalmente, estava pronta para se entregar de corpo e alma ao atribulado romance que o destino lhe ofereceu.

O diário é o registro desse romance apaixonado e foi guardado para que as mulheres da família dele tomassem conhecimento, uma de cada vez. Mas vamos deixar que a própria Allegra fale daqueles dias de amor e sofrimento, que a obrigaram a buscar caminhos novos e desconhecidos, o que deu à história toda um desfecho surpreendente.

E lembre-se, Allegra querida: seja prudente no amor e não entregue seu coração a quem não der a ele o devido valor.

Com todo amor da sua

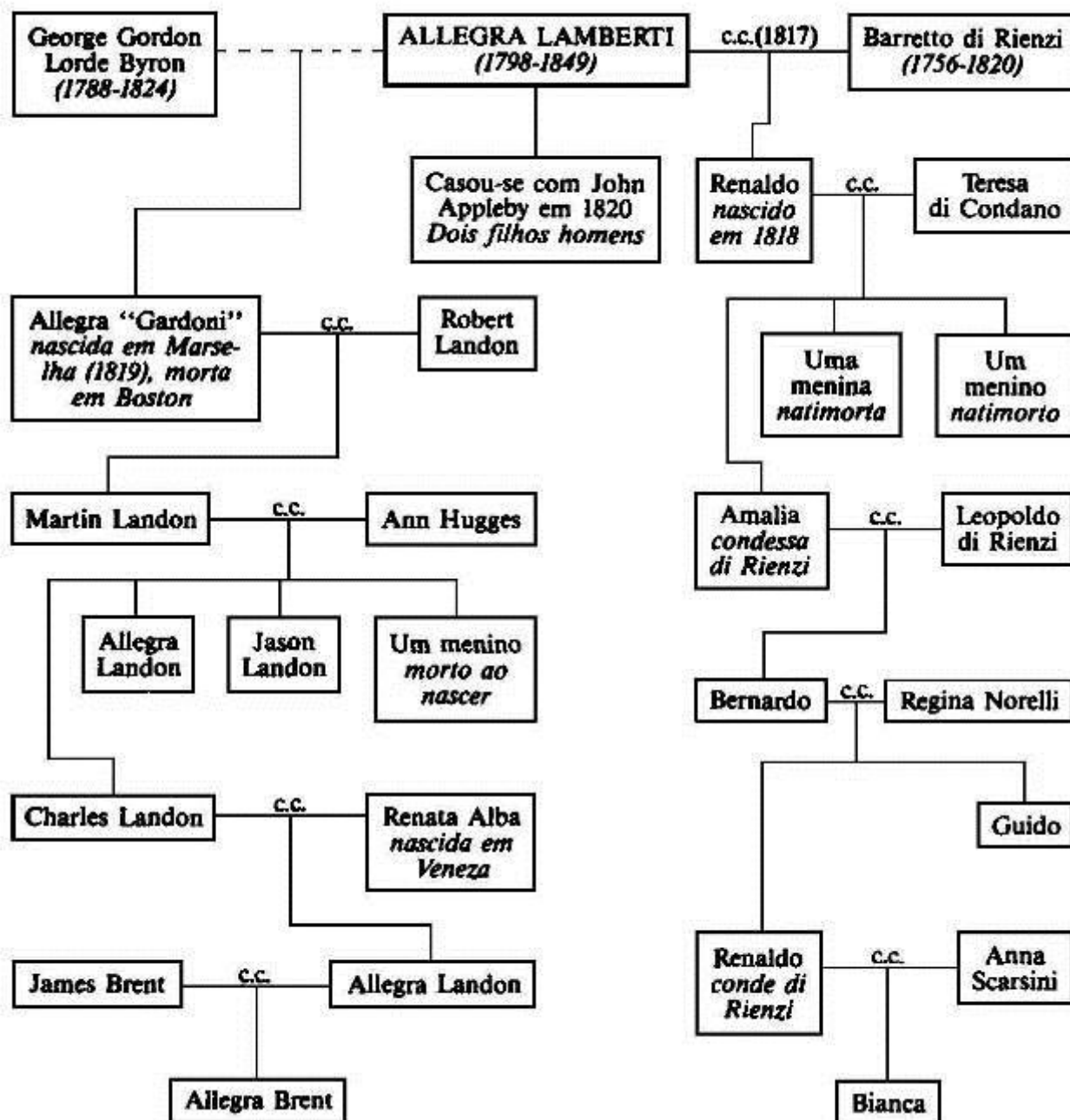
Nonna.

Havia também uma outra folha de papel em que a *nonna* desenhara a árvore genealógica da família, a partir de Allegra di Rienzi.

Com curiosidade, a jovem Allegra foi lendo os nomes daqueles parentes, muitos deles desconhecidos. Ao pé da página estava o nome dela, como último

rebento.

DESCENDÊNCIA DE ALLEGRA DI RIENZI



(Querida Allegra: mantive correspondência com alguns cartórios, de registro na Itália. Isto foi tudo o que pude descobrir sobre os Di Rienzi. À época em que você estiver lendo, talvez tenham ocorrido algumas mudanças. A descendência americana está correta.)

Nota: c. c. significa *casado com*.

Allegra pegou o diário e ficou acariciando durante algum tempo a capa aveludada. Depois, destravou o trinco prateado, abriu o volume e leu a primeira linha da primeira página:

"3 de dezembro de 1818".

Era incrível! Aquilo havia sido escrito mais de um século e meio antes e muito poucas mulheres tinham tido a oportunidade de ler. A letra era tão elegante quanto a de *nonna*, apesar de menos regular. Allegra chegou o volume mais para perto da luz. Evidentemente, tudo estava escrito em italiano. Felizmente, *nonna* havia insistido com ela, desde cedo, para que aprendesse aquele idioma bonito e musical.

Rapidamente, Allegra foi lendo as primeiras páginas, que falavam de chás, do que vestiam as pessoas presentes, de Barretto, de Gemma... Os olhos dela corriam as páginas amareladas como se assumissem a identidade daquela primeira Allegra. A curiosidade tornou-se ainda mais aguçada na leitura dos acontecimentos do dia 19 de março de 1819:

...Barretto está na França, onde passará um mês negociando carregamentos de vinho para as províncias do sul. Estou sozinha com o pequeno Renaldo e tia Adriana. Adriana é uma boa pessoa, simpática e faladeira. Às vezes até acho que não sou uma companhia interessante para ela. Acha que estamos muito presas aqui e me convenceu a ir a uma recepção na casa da condessa Benzoni, amanhã à noite. Adriana me garantiu que as reuniões sociais organizadas pela condessa atraem as pessoas mais interessantes de Veneza: artistas, escritores, homens inteligentes. Não sei como uma mulher envelhecida como Adriana pode ter tanta disposição para se divertir. Atualmente, ela só fala no escandaloso poeta inglês lord Byron, que certamente estará na recepção. Pelo menos, será bom ficar fora da Ca' d'Argenti por algumas horas e ver o que as pessoas fazem para se divertir.

O que vinha escrito a seguir, Allegra sentiu quase como reflexões suas:

Ninguém parece precisar muito de mim. Às vezes, penso que deveria mesmo ter-me recolhido ao convento. Meu filho sempre tem quem cuide dele e, que a Virgem Santíssima me perdoe, não consigo amá-lo realmente. Ele é uma reprodução fiel de Barretto, apesar de não ter ainda seis meses de idade.

Sei que sou chamada de "freira" por muitos, por causa da forma simples como me visto, mas na verdade as pessoas vêem o que está no meu coração. Amanhã à noite, usarei meu vestido violeta e nenhuma jóia. Para adorná-lo, apenas uma rosa branca colhida no jardim. O que menos desejo é chamar a atenção das pessoas para mim. Certamente Barretto saberá da nossa escapada e não posso prever qual será a reação dele. Meu coração está vazio demais para se preocupar com isso.

A página seguinte começava com uma indicação: "20 de março, recepção na casa da condessa Benzoni". Escritas com tinta preta, as palavras pareciam ter sido registradas ali entre suspiros. Era como se um arrepio de excitação estivesse passando da Allegra que havia escrito para a que estava lendo. Por um instante, a jovem fechou os olhos, temerosa de continuar lendo. No entanto, a curiosidade foi mais forte. Não demorou para que ela identificasse uma palavra que se sobrepunha às demais: "Byron". Era com frases cheias de emoção que a *confessa* descrevia o primeiro encontro com o homem que mudaria o rumo de sua vida.

Com o diário nas mãos, Allegra Brent saiu do escritório para a varanda, e foi como se Allegra di Rienzi a acompanhasse, pronta para abrir o coração. O relato falava do tempo em que a jovem condessa rezava diariamente a Santa Clara, suplicando ajuda. As referências a Barretto di Rienzi eram tão carregadas de ressentimento e mágoa quanto havia amor nas palavras sobre o poeta inglês.

Byron havia pedido à condessa que dividisse com ele um pouco daquela dor, o que aumentava o sofrimento dela. "Por que só o conheci agora, quando já é tão tarde?", lamentava ela, em desespero.

Allegra Brent lia o relato como se estivesse na Veneza de mais de um século e meio antes, participando daqueles acontecimentos. Via o encontro, a despedida na porta do salão, o bilhete furtivamente entregue, a decisão da condessa de voltar a encontrar o poeta, correndo todos os perigos. Era evidente que aquela história caminhava para um final trágico.

Era também como se ela estivesse vendo a gôndola que se aproximava da Ca' d'Argenti, na escuridão da noite, para conduzir a condessa aos braços do amante. Allegra di Rienzi amava Byron de todo o coração, apesar de não entender muito bem as complicações daquele espírito torturado.

Mais que qualquer outra coisa, foi o comportamento imprevisível do poeta, um homem que vivia ao sabor das emoções, que levantou barreiras intransponíveis entre os amantes. Aos poucos os poemas que ele dedicava à amada mais pareciam mensagens de adeus. Finalmente, Allegra encontrou entre as páginas do diário uma carta que era de fato um adeus:

Cara mia,

Não sei como dizer o que é preciso sem causar dor. No entanto, o mal tem sempre que ser cortado pela raiz. Você sabe o que eu sou e o que tenho sido, e o meu coração, é necessário dizer, não foi um travesseiro muito macio para a sua adorável cabeça.

Tenho que ser honesto com você, doce Allegra. Foi a sua enorme semelhança com um outro meu ente querido que me jogou nos seus braços. No entanto, é um perigo muito grande que se procure o amor por esse caminho.

Preciso revelar que encontrei amor numa pessoa que não tem

semelhança com ninguém de quem a minha mente conturbada possa se recordar. Ela é como uma árvore em flor cujos frutos generosos aplacam minhas dores.

Espero que, com seu doce coração, você saiba me perdoar, voltando para sua vida de virtudes como se eu não houvesse existido. As coisas seriam bem mais complicadas para você se as pessoas, principalmente os amigos, soubessem do nosso relacionamento. Felizmente isso não acontece, e o que houve entre nós será sempre guardado em segredo .

Reze pela paz de alguém cuja alma continua a ' vagar na escuridão. Seu coração saberá se recompor, minha querida. Os corações têm uma infinita capacidade para superar dificuldades, buscando novos objetivos.

Addio,

Byron.

Era inacreditável que Allegra Brent estivesse lendo aquelas palavras, escritas apenas para os olhos de Allegra di Rienzi. Com o passar dos anos, elas não haviam perdido nada da emoção que transmitiam.

Os registros no diário continuavam, às vezes com letra trêmula. Havia também manchas de tinta pelas páginas, na certa provocadas por lágrimas.

Era infinitamente doloroso ler sobre a gravidez de Allegra di Rienzi e o medo da vingança de Barretto, se ele descobrisse. Para salvar a criança que estava para nascer, fruto de uma paixão, a jovem condessa fugiu de Veneza para Marselha, tendo que enfrentar e vencer inúmeros perigos.

A narração se interrompia pouco depois de ela chegar à casa da velha babá, que vivia modestamente na cidade portuária francesa. Havia uma certa alegria com a perspectiva do nascimento da filha de Byron, mas o temor da vingança de Barretto ainda era muito forte em Allegra. Felizmente, Odile Berier, a babá, tinha muitos amigos no porto e eles protegiam a condessa, que agora vivia com um novo nome.

Muitos meses se passaram antes que a narrativa fosse retomada. Finalmente, Allegra via com otimismo o futuro para ela própria e para a filha. Havia referências a John Appleby, um honesto e generoso capitão americano, dono de um bonito navio, o *Liberdade Risonha*. Allegra falava na distante cidade de Boston e na curiosidade que tinha de conhecê-la. Mesmo com nova identidade, porém, ela relutava em aceitar a corte de. John Appleby, por ainda se considerar uma mulher casada.

Finalmente, no verão de 1820, chegou o dia em que uma decisão teve que ser tomada. Descoberta pelos agentes de Barretto, ela não teve outra saída senão aceitar a oferta de casamento do capitão americano.

Consultando a árvore genealógica feita pela *nonna*, Allegra Brent encontrou o nome do galante marinheiro. Em seguida, voltou ao diário e

seguiu a viagem dos recém-casados de Marselha a Boston, onde a filha de Byron poderia crescer em paz, fazendo parte de uma família feliz que seria completada por dois outros filhos de John e Allegra Appleby. A partir de então, Allegra Brent não encontrou mais lamentações nos relatos da antepassada.

Não houve qualquer menção a Byron até o ano de 1824. A notícia da morte dele constava do recorte de um jornal de Boston, que parecia velho demais para ser manuseado. Havia um retrato dele, feito a bico-de-pena, mostrando um rosto batido pelo vento contra um céu turbulento. Allegra Brent podia sentir como os olhos da outra Allegra haviam percorrido aquela notícia demorando-se na descrição da morte heróica de Byron, que deu a vida na guerra de libertação movida pelos gregos contra os turcos. Ela devia sentir pelo menos uma ponta de orgulho ao ver como o mundo reverenciava o genial poeta.

Allegra Brent pôs a mão sobre o diário aberto e ergueu à cabeça pensativa. Será que não teria alegrado aquele espírito atormentado saber que tinha uma filha saudável e de cabelos crespos, que vivia feliz nos Estados Unidos, uma nação livre do Novo Mundo?

O diário interrompia seus registros no ano de 1824. Encartado entre a última página e a capa havia um papel no qual Allegra Appleby declarava seu desejo de que a caixa de Byron e seu conteúdo fossem mostrados às mulheres da família, através das gerações.

"Saber é compreender, compreender é perdoar." Emocionada, Allegra Brent leu a frase escrita com cuidado e clareza logo acima da assinatura de Allegra Francesca Lamberti di Rienzi Appleby.

A voz da primeira Allegra silenciou nas páginas amareladas do volume fechado. Também em silêncio, a jovem Allegra procurava absorver o impacto do segredo que acabava de saber. Ela não era apenas Allegra Brent, porque tinha nas veias o sangue do genial Byron, assim como o de uma aristocrática e muito antiga família de Veneza.

Subitamente o mundo se tornava mais amplo e cheio de apelos excitantes. Nas últimas páginas do diário, Allegra encontrou referências aos dois filhos de John Appleby, bem como à morte do próprio John, mas as datas estavam desbotadas demais para serem lidas.

Allegra Brent fechou o diário e olhou a paisagem, ao longe. Então, segundo dissera a *nonna*, os Di Rienzi ainda viviam em

Veneza. Será que eles sabiam o que havia acontecido com a *contessa* desaparecida?

É claro que, no mínimo, eles gostariam de saber. Agora, tudo era apenas história, mas uma história fascinante. Pensando naquilo, Allegra sentiu um desejo muito grande de conhecer aqueles parentes distantes, mesmo sem revelar a eles os segredos de que acabara de tomar conhecimento.

Pondo de lado o diário, ela passou a examinar os outros objetos guardados na caixa. Havia um fino lenço de linho que envolvia um rico colar de

ouro, cravejado de pedras corais italianas cor-de-rosa, diamantes e pérolas. Junto estavam uma mecha de cabelo castanho e um papel desbotado, com a já conhecida letra de Allegra di Rienzi, relacionando aquelas relíquias. Fascinada, Allegra Brent examinou a rica jóia, passou a ponta dos dedos pela mecha e leu o que estava escrito no papel:

O colar que Byron me deu na noite em que fomos a Mocenigo. O lenço que ganhei dele para proteger os cabelos do vento do Lido. Uma mecha dos cabelos dele, que cortei para guardar de lembrança, na última noite em que estivemos juntos.

Allegra Brent sentiu um nó na garganta. Como desejava ter conhecido o dono daquela mecha! Podiam ter sido amigos e ela certamente o compreenderia. Será que despertava em todas as mulheres o mesmo sentimento que ela estava experimentando naquele momento, um desejo ardente de acarinhá-lo, protegê-lo, entendê-lo?

Allegra enxugou uma lágrima e levou o lenço de linho aos lábios, como tinha certeza de que a outra Allegra havia feito, muitas e muitas vezes. Depois, guardou tudo, fechou a caixa e deixou escapar um longo suspiro.

De volta à sala, ela olhou em volta. Tudo continuava nos lugares de sempre, as paredes, os móveis, a lareira onde ainda ardiam algumas brasas. No entanto, Allegra sabia que já não era a mesma pessoa. Precisava dar novos passos... ir para a Itália. Sim, ela iria à Itália!

Aquele segredo deveria pertencer aos Di Rienzi tanto quanto a ela. Allegra sabia que, se divulgados, os fatos de que se tornara conhecedora causariam uma enorme sensação, principalmente no mundo das letras, mas recusara-se a entregar ao domínio público uma história que dizia respeito à sua família e tinha uma dose tão forte de amargura.

Devagar, ela se ergueu e subiu a escada, ouvindo a chuva que ainda caía lá fora. No quarto, guardou a caixa na mesa de cabeceira e se deitou, logo mergulhando num sono profundo. Sonhou com gôndolas e pessoas que falavam com vozes musicais, dizendo coisas incompreensíveis. Ao fundo, aparecia a figura doce da *nonna*, que sorria para ela e fazia leves acenos de cabeça em sinal de aprovação.

CAPÍTULO II

— Allegra! Você está aí?

Ainda sonhando, Allegra balançou a cabeça para os lados, imaginando que alguém gritava o seu nome de dentro de uma gôndola. Enquanto isso, o chamado continuava lá de baixo, insistente, acompanhado pelo som da campainha da porta dos fundos.

— Sou eu, Allegra! Você está bem?

Finalmente, ela percebeu que o chamado era real e identificou a voz de Larry. Mesmo assim, aborrecida por ter interrompido o sonho, não respondeu logo.

— Venha abrir a porta — insistiu o rapaz.

— Ainda não me levantei — ela gritou. — Que horas são?

— Dez horas. Como você não telefonou, eu quis me certificar de que não estava muito deprimida. Tirei o dia de folga para que possamos ficar juntos.

Allegra deixou-se ficar na cama ainda por um minuto. Depois, a contragosto, levantou-se, vestiu o penhoar cor-de-rosa e desceu para abrir a porta. Larry tentou abraçá-la mas foi repellido.

— Esperei o seu telefonema... — ele falou, meio na defensiva. — Talvez seja melhor eu ir embora para que você descanse um pouco mais.

— Talvez — confirmou Allegra, quase sem sentir.

A aura de Byron ainda a envolvia e Larry não passava de um intruso. Por um momento, ele ficou olhando nos olhos dela, como se quisesse uma confirmação daquela má recepção.

— Desculpe, Larry... — falou Allegra, sem pensar em outra coisa para dizer.

O rapaz virou-se de lado, com o rosto subitamente corado.

— Bem, arranjurei outra coisa para fazer no resto do dia. A matriz está me mandando para Chicago por uma semana e imaginei que seria complicado para você ficar sem ter em quem se apoiar.

Allegra não respondeu. Pela primeira vez perguntou-se o que, afinal de contas, Larry Palmer estava fazendo na sua vida.

— Allegra... eu disse que vou estar fora por alguns dias.

— Sim, eu ouvi. Bom para você.

Larry fez um gesto de enfado.

— Não sei o que está acontecendo entre nós dois, mas acho que seria

bom conversarmos sobre o assunto, quando eu voltar.

A voz dele era calma, mas Allegra percebeu claramente que estava tenso. Em seguida Larry se retirou, procurando manter a dignidade.

Allegra experimentou uma sensação de alívio ao escutar o barulho do carro que se afastava. Sentia muito por aquilo tudo. Realmente, ela não soubera lidar com a situação. Devia ter sido mais honesta com Larry, desde o princípio. Talvez não soubesse muito bem o que queria da vida. Desde a noite anterior, porém, tinha plena certeza de que Larry era o homem errado para ela. Podia parecer uma desculpa tosca, mas era verdade. Larry havia se tornado uma companhia constante, quase uma rotina, e Allegra nunca antes encontrara um motivo para se livrar dele.

Muitos dias se passaram, em parte povoados por sonhos sobre Byron e Allegra di Rienzi, o resto absorvido por um balanço daqueles vinte e cinco anos de vida. Cada vez mais, a decisão de Allegra se fortalecia. Num almoço com Clinton Meserve, foram discutidos os problemas de dinheiro e da venda da casa.

Clinton não estava muito certo de que seria uma decisão acertada.

— Você nunca precisou pensar em dinheiro e agora talvez não saiba muito bem o que fazer. A venda da casa não a transformará numa milionária, é claro, mas renderá um dinheiro considerável para ser manipulado por uma mulher jovem e inexperiente.

A idéia de Clinton era apresentá-la a um corretor de ações, talvez convencê-la a empregar o dinheiro em algum tipo de investimento que proporcionasse uma renda mensal.

— Não estou pensando em me aposentar, Clinton — rebateu Allegra, rindo. — Tenho o meu trabalho na universidade e posso perfeitamente me sustentar. O que pretendo é... fazer uma viagem à Itália.

Ela esperava alguma objeção mais séria e ficou surpresa com a reação de Clinton.

— Uma viagem assim é sempre perigosa para uma mulher sozinha que não esteja acostumada a correr o mundo. Pelo menos, me deixe lhe dar o nome de uma boa agência de viagens. Você poderá se integrar a um grupo de excursionistas e isso facilitará tudo.

Allegra aceitou o pedaço de papel que ele lhe entregou, com um nome e um endereço. Qual seria a reação de Clinton se ela dissesse que não tinha muita certeza de que voltaria da viagem?

— Está certo, mas vamos por partes — propôs Allegra, enquanto ele a ajudava a entrar no táxi. — Primeiro preciso vender a casa.

Dali ela foi direto ao balcão de anúncios de um jornal e mandou publicar a venda da casa.

Passou-se uma semana e Larry retornou de Chicago. Não demorou para

telefonar para Allegra, marcando um encontro. Parecia sério, com o jeito de falar típico dos executivos. Não era um encontro que Allegra queria ter, porque o que menos desejava era fazê-lo sofrer com o fim daquele relacionamento.

Agora ela entendia por que havia resistido, durante tanto tempo, às pressões de Larry para que dissesse que o amava. Instintivamente, sabia que algo diferente acabaria acontecendo.

A última conversa entre eles aconteceu na agradável sala de estar. Para facilitar as coisas, Allegra deixou que ele conduzisse a conversa. Não queria dizer nada além do absolutamente necessário.

— Mas por que você quer fazer essa viagem? — ele perguntou, finalmente.

— É uma coisa com que tenho sonhado.

— Mas por que agora, quando eu fiz planos...

As razões de Allegra eram difíceis de expor, mas ela procurou falar com rapidez.

— Porque tudo mudou e não quero levar a sério nenhum relacionamento.

— Você nunca disse que não gostava de mim e passamos bons momentos juntos. Não vou deixá-la partir assim tão facilmente. Não tenho dúvida de que essa vontade súbita de fugir é por causa da morte da sua avó. Quando as coisas se normalizarem, você pensará com mais clareza em tudo o que tenho para lhe oferecer.

Durante algum tempo, Larry ficou olhando para Allegra, como se esperasse uma resposta. Quando ficou claro que ela não diria nada, ele se levantou.

— Bem, acho melhor eu ir agora.

— Sinto muito, Larry — lamentou Allegra.

— Ainda bem — ele falou, já saindo.

Allegra fechou a porta e encostou-se nela. Lamentava não ter resolvido aquela situação antes. Mesmo assim, tinha certeza de que não havia ferido muito gravemente o ego de Larry.

Nas semanas seguintes, Allegra releu os poemas de Byron, em busca de alguma referência a Allegra di Rienzi, mas não encontrou nada. Havia apenas o poema guardado na caixa de madeira, do qual só as mulheres da família eram conhecedoras.

A essa altura, a casa já havia sido vendida e seu passaporte estava pronto. Às vezes, Allegra se perguntava se não estava esperando demais daquela aventura na Itália. Uma coisa que ela não queria ter, porém, era cautela.

Larry havia escrito a ela uma carta em que fazia uma verdadeira análise psicológica dos problemas por que Allegra vinha passando. No final, ele concedia a ela, generosamente, mais uma chance. Allegra segurou a carta na mão e deixou escapar um longo suspiro. Pelo menos, aquela parte da sua vida era uma página passada. Agora, vendida a casa, não havia mais nada que a prendesse àquele lugar.

Era meados de julho, em plena alta temporada turística, foi uma sorte Allegra conseguir vaga num vôo direto para Milão. Ela fez as malas com muito cuidado, incluindo roupas para todas as estações do ano. Afinal, não poderia saber por quanto tempo Veneza a reteria. Por fim, ela guardou a caixa de Byron no meio da *lingerie* e passou por cima a correia de segurança, fechando em seguida a mala.

Clinton, o velho e bom amigo, havia telefonado várias vezes durante os últimos dias para garantir a ela que cuidaria de tudo. Já providenciava um local para guardar os móveis e mandaria pintar a casa para os novos proprietários. O Dr. Allen, decano do departamento de arte da universidade, insistiu para que Allegra voltasse no outono a fim de reassumir o lugar de secretária dele e continuar o curso de pós-graduação. Ela respondeu que, pelo menos dentro de algumas semanas, não poderia dar uma resposta. Gentilmente, o mestre prontificou-se a esperar até setembro antes de pôr outra pessoa no lugar.

Quando o táxi buzinou lá fora, Allegra olhou em volta, contemplando o único lar que havia conhecido na vida. No lado de fora da porta, o leão de bronze olhava fixamente para ela. Por um momento, Allegra ficou vacilante e permaneceu de pé na varanda, de costas para a rua. Logo, porém, pensou nas emoções do desconhecido e sorriu.

— Darei lembranças suas a Veneza, amigo velho — ela prometeu, dando um tapinha na cabeça do animal inanimado.

No momento em que as rodas do avião tocaram a pista do aeroporto de Milão, Allegra sentiu uma estranha leveza na cabeça e no corpo. Era como se, pela primeira vez, avaliasse de fato o que estava fazendo. Havia tomado uma decisão muito séria e percebia agora, até com surpresa, que estava completamente sozinha. Felizmente, as inevitáveis tarefas de reclamar a bagagem e passar pela alfândega a absorveram durante um bom tempo, impedindo-a de perder o controle.

Percebendo os bons resultados de se manter ocupada, ela se concentrou numa estratégia: sobreviver. Primeiro, precisava encontrar um ônibus ou um táxi que a levasse à estação ferroviária. A princípio foi com certo espanto que constatou que conseguia se comunicar em italiano sem nenhuma dificuldade. Na certa, naquele momento a *nonna* estaria observando tudo de algum lugar, e sorria de satisfação.

Por sorte, apareceu um motorista de táxi de ar paternal oferecendo seus serviços. Aliviada, Allegra tomou assento no banco traseiro e deixou que o homem acomodasse a bagagem na mala do carro. Pouco depois, mergulhava

numa vertiginosa corrida através da cidade. A grande estação de trens estava apinhada e havia muitos carregadores empurrando carrinhos em todas as direções. Todos pareciam muito apressados, mas o motorista do táxi permaneceu na estação até se certificar de que ela estava tomando o trem certo para Veneza. Foi um gesto de gentileza que Allegra aceitou com gratidão.

O trem para Veneza estava estacionado na plataforma número 2 e logo a passageira americana tomou assento para realizar a última etapa da jornada. Agora, ela não precisava mais se preocupar com a bagagem. As malas e valises estavam ali bem perto, apenas um pouco acima da cabeça.

Não demorou para que a composição se afastasse da cidade, atravessando os campos. Allegra contemplava a paisagem, fascinada. Às vezes, a linha férrea se aproximava de alguma rodovia e ela olhava os Fiat e Ferrari e seus displicentes ocupantes. Aparentemente, aquelas pessoas não se davam conta de que faziam parte de um país maravilhoso.

Allegra estava *tão* absorvida por aqueles pensamentos que mal reparou nos italianos com quem dividia o compartimento do trem. Estavam ali uma senhora e um rapazinho, que parecia muito pouco à vontade no terno de linho que era obrigado a envergar. Finalmente, sua atenção foi chamada pela voz doce que falava um inglês cuidadoso:

— Perdão, *signorina*, mas não gostaria de experimentar os nossos doces?

Allegra voltou-se para o rosto sorridente da mulher.

— *Cannoli* — arriscou o rapaz, erguendo para ela uma caixa de frutas cristalizadas e oferecendo um guardanapo.

Allegra aceitou e sorriu para os dois.

— É muita gentileza de vocês — ela agradeceu, em italiano. Os dois, que certamente eram mãe e filho, não disfarçaram a surpresa.

— Mas você não é americana? — inquiriu -a mulher.

— Sim, mas minha avó me ensinou a falar italiano.

Allegra mordeu uma cereja com cobertura de queijo e creme. Estava uma delícia.

— Naturalmente, está indo para Veneza, *signorina* — continuou a mulher, curiosa — Mas onde ficará?

— No Hotel das Três Rosas. O meu agente de viagens em Boston fez a reserva.

— É um excelente hotel, *signorina*, mas é verão e há muita gente de fora na cidade. O entra e sai é constante e é muito difícil alguém se sentir em casa nessa situação. Você é quase uma italiana... Imagino que não queira conhecer Veneza em circunstâncias assim.

— Temos um quarto em casa que às vezes alugamos para visitantes — acrescentou o rapazinho, num tom ansioso de voz.

— Só para as pessoas que achamos convenientes — ressaltou a mulher, sorrindo. — Meu nome é Eleana Bugelli. Este é meu filho, Giorgio.

— Muito prazer — cumprimentou Allegra, realmente encantada com os novos conhecidos. — Meu nome é Allegra Brent. Agradeço muito pelo convite, e é claro que adoraria ficar na casa de vocês... se é que me aprovam, naturalmente.

— Cobramos bem menos que um hotel comum — argumentou a Sra. Bugelli. — O café da manhã está incluído na diária, e você pode fazer conosco as outras refeições do dia, se quiser.

— Temos banheiro com chuveiro quente — acrescentou Giorgio, como se falasse de uma das sete maravilhas do mundo.

A Sra. Bugelli sorriu, perdoando a ingenuidade do filho.

— Como sabe, *signorina*, a Itália é um país moderno. Protegemos o que deve ser preservado, mas acompanhamos o progresso.

A partir daí, a conversa entre eles se tornou fácil. Allegra falou da *nonna*, da família de ascendência italiana e do desejo que tinha de conhecer a Itália. Por fim, arriscou a pergunta que tinha na ponta da língua: será que ainda havia uma família Di Rienzi em Veneza?

— *Dio mio!* — exclamou a Sra. Bugelli. — Mas quem não os conhece? Os Di Rienzi vivem há séculos na Ca' d'Argenti!

— A Casa de Prata?

— *Si*, Há mais de trezentos anos, os Di Rienzi fizeram sua fortuna negociando com o Oriente Médio. O primeiro deles, Renaldo di Rienzi, exigia que todos os pagamentos lhe fossem feitos em prata. Isso lhe trazia muitos problemas, por causa dos salteadores, e o obrigava a viajar com muitos homens para protegê-lo. Foi ele quem construiu a Ca' d'Argenti... Príncipe Renaldo di Rienzi, um nobre da corte dos doges, um príncipe da Igreja. Hoje, os homens da família já não usam o título nobiliárquico, apesar de a velha ainda ser chamada de *la contessa*. O atual Renaldo di Rienzi, que leva o nome do fundador da família, é um ocupado homem de negócios.

Allegra lembrou-se da árvore genealógica feita pela *nonna*, onde estava o nome de Renaldo.

— Talvez eu tenha que procurar os Di Rienzi. Tenho uma amiga que os conhece e me pediu para entrar em contato com eles.

Allegra reparou que os dois a olharam com curiosidade.

— Espero que tenha sorte! — desejou a *signora* Bugelli, rindo. — O acesso aos Di Rienzi não é lá uma coisa muito fácil, compreende? Mostrarei a você a Ca' d'Argenti, quando passarmos por lá.

No seu jeito simples, a italiana estava querendo dizer que os Di Rienzi eram pessoas de classe, que não se misturavam com gente comum. Aquilo não a deixou muito animada, mas era melhor não fazer mais perguntas. Será que ela teria coragem de se apresentar como uma parenta... e uma parenta bastarda?

— Na verdade, estou interessada em arte e literatura informou Allegra, querendo mudar de assunto. — Pretendo ser professora universitária, quando terminar meu curso de pós-graduação.

— Nesse caso, está indo ao lugar certo. Veneza é um verdadeiro tesouro da arte.

Allegra sorriu.

— Será que a senhora me mostraria a casa de lorde Byron e a de Robert Browning?

— Poderei levá-la à Ca' Rezzonico, que pertenceu a Browning — ofereceu-se Giorgio.

— *Si* — aprovou a mãe dele. — Hoje, a Ca' Rezzonico pertence à cidade de Veneza. O Palazzo Mocenigo, porém, que pertenceu a Byron, é atualmente propriedade particular.

Em silêncio, Allegra lamentou aquela má sorte. Bem que ela gostaria de visitar o Mocenigo, seguir os passos da primeira Allegra.

— De qualquer forma, espero que sua visita a Veneza seja proveitosa — augurou a *signora* Bugelli.

Giorgio disfarçou um bocejo e a mãe dele se ajeitou na poltrona, oferecendo o ombro como travesseiro. Não demorou para que os dois estivessem cochilando, embalados pelo balanço do trem. Allegra, porém, permaneceu acordada, com a estranha sensação de estar colocada entre o passado e o presente, algo que vinha acontecendo desde que tomara conhecimento dos segredos da caixa de Byron.

As horas foram se passando. Aos poucos, a paisagem foi mudando, começando a aparecer os prédios de algumas fábricas, com suas chaminés altas soltando fumaça no ar. No horizonte, o sol poente brilhava, produzindo reflexos nas águas plácidas dos lagos que a linha férrea margeava. Quando o trem voltou a correr paralelamente à auto-estrada, os primeiros edifícios de Veneza começaram a se desenhar ao longe.

Nesse momento, os Bugelli se ergueram e se puseram a reunir seus pertences.

— Logo estaremos em casa — anunciou a *signora* Bugelli, sorrindo para Allegra. — Bem-vinda à Veneza, e que sua estada aqui seja feliz.

CAPÍTULO III

Os passageiros desembarcaram na grande estação ferroviária, de espaçoso saguão destelhado. A bagagem foi empilhada num carrinho de mão e os três seguiram o passo cadenciado do carregador até a margem de um canal que corria ao lado da estação. A essa altura o sol já ia se pondo, desenhando a silhueta de uma pequena igreja, no lado oposto, e produzindo reflexos amarelados nas ondas provocadas pelos barcos a motor, os *motoscafi*, e pelos remos das gondolas. Realmente, a paisagem era tão encantadora como havia descrito a *nonna*.

— *Ciao*, Giovanni! — exclamou a *signora* Bugelli, dirigindo-se a um homenzinho muito magro que estava numa gôndola.

— *Ciao*, Eleana — respondeu o homem, acenando alegremente para o grupo.

Em seguida, com habilidade e rapidez, ele conduziu o barco entre as outras gondolas e os *motoscafi* e aproximou-se do cais. O carregador começou a jogar a bagagem, que ele foi arrumando num canto da gôndola. Allegra prendeu a respiração, com medo de que caísse na água a valise onde estava a preciosa caixa. Quando todos os volumes haviam sido transferidos, ela aceitou a mão do sorridente Giovanni e entrou na gôndola. Os Bugelli também embarcaram e logo deslizavam no meio do canal.

— Vá pelo Grande Canal, Giovanni — orientou a *signora* Bugelli, enquanto sorria para Allegra. — Nossa amiga americana quer ver os lugares que têm interesse literário ou artístico. Apresento a *signorina* Allegra Brent. Este é Giovanni Fancelli, nosso primo.

Feita a apresentação, Giovanni encenou uma mesura, de cima da plataforma de onde conduzia a gôndola. Agora eles percorriam um canal onde o tráfego era bem mais intenso. Os barcos a motor passavam velozmente, fazendo barulho. Havia também barcos maiores, os *vaporetti*, de dois andares e que, apinhados de gente, pareciam os ônibus das grandes cidades na hora do *rush*.

À luz tênue do sol poente, a bela arquitetura dos edifícios venezianos desenhava-se contra o horizonte. A *signora* Bugelli percebeu o encantamento nos olhos da visitante americana e sorriu.

— É a luz de Veneza, minha filha — ela falou.

Allegra apenas fez um gesto de cabeça, sentindo um nó na garganta. Byron certamente havia percorrido aquele mesmo caminho aquático, indo para o Palazzo Mocenigo, muitas e muitas vezes. O que ele teria sentido enquanto ouvia o barulho do remo na água? Talvez solidão, uma enorme solidão.

O leve toque da mão de Eleana Bugelli trouxe Allegra de volta daquele devaneio.

— Veja lá, *signorina* Allegra. Ali! Está vendo aquele pequeno cais onde as estacas para amarrar os barcos são pintadas de azul e branco? O palácio em frente é o Mocenigo.

Allegra abriu bem os olhos para contemplar o velho palácio. As janelas fechadas davam à fachada a impressão de um rosto adormecido que se debruçasse sobre o canal. A construção devia ser muito antiga, mas era sólida e tinha uma grande dignidade.

O barco continuou seu caminho e Allegra foi girando o corpo, com os olhos fixos no *palazzo* e a respiração presa. Tinha certeza de ter visto um rosto numa das janelas e aquilo a fez sentir um arrepio. Só com muito esforço ela conseguia prestar atenção nas palavras de Eleana Bugelli, que apontava vários edifícios de interesse literário, inclusive a casa de Robert Browning.

— Agora, *signorina*, olhe para sua esquerda, um pouco antes de passarmos embaixo da ponte — falou a italiana, em tom de suspense. — Está vendo aquele edifício com janelas de arco pontudo no segundo andar?

Allegra fez um gesto afirmativo de cabeça e prendeu a respiração. A fachada daquele edifício era igual à do que estava pintado na capa do diário de Allegra di Rienzi.

— É a Ca' d'Argenti, a residência da família Di Rienzi — proclamou Eleana, em tom solene.

Durante cerca de um minuto, as duas ficaram em silêncio enquanto o barco passava em frente ao *palazzo*. Em seguida Giovanni fez um movimento com o remo e a gôndola penetrou num canal lateral, bem mais estreito e escuro. O gondoleiro devia ser bem conhecido por ali, porque era saudado com constância por pessoas debruçadas nas sacadas dos velhos edifícios à margem da água.

Finalmente, a gôndola parou à beira de um pequeno cais de pedra. Rapidamente, Giovanni desceu para amarrar o barco numa estaca de madeira. Giorgio o seguiu e ajudou as duas mulheres a descerem. Enquanto o gondoleiro desembarcava a bagagem, aproximou-se do grupo um homem moreno, de cerca de quarenta anos e rosto simpático. Giorgio correu para ele e abraçou-o.

— Veja, papai! — exclamou o rapazinho. — Uma moça americana ficará hospedada conosco!

Eleana abriu um largo sorriso para o homem e fez as apresentações.

— Fiorenzo, esta é a *signorina* Brent. Meu marido, Fiorenzo Bugelli.

Fiorenzo aproximou-se e pegou a mão de Allegra, com a cortesia natural dos italianos.

— Bem-vinda à nossa casa — ele saudou, em tom caloroso. — Fez uma boa viagem? É bom saber que ficará conosco.

Em seguida ele pegou a bagagem da visitante e liderou o grupo, que subiu os degraus de mármore já pisados por várias gerações. Ao fim dos

degraus, abriu uma porta que dava para uma confortável sala de estar.

Depois que todos entraram, Eleana abriu outra porta e conduziu a hóspede por um corredor, atravessou a cozinha e saiu num pequeno pátio. Lá, abriu por inteiro a porta de um quarto, com um sorriso largo no rosto.

Allegra deu um passo adiante e examinou o pequeno, mas confortável quarto. A mobília devia ser muito antiga, de madeira trabalhada e envernizada. Um enorme armário dominava o ambiente, encostado a uma das paredes. A cama também era bem grande e parecia confortável.

Fiorenzo pôs a bagagem no chão e abriu a janela, que dava para o canal. Imediatamente, o quarto se encheu dos sons que vinham de fora. Allegra debruçou-se na janela e olhou a ponte, ali bem perto, por onde passavam pessoas conversando alto e gesticulando muito.

— E então? — perguntou Eleana. — Gostou?

— Eu adorei! — exclamou Allegra, sorrindo com sinceridade para a dona da casa. — Vocês estão sendo gentis demais... Nem sei como agradecer.

Fiorenzo riu de satisfação.

— Seja feliz, minha menina, seja feliz. Verá como a boa comida de Eleana deixará suas bochechas coradas.

Por trás dos ombros dele, Eleana arregalou os olhos e abriu a boca.

— Como o tempo passa depressa, *mamma mia*! Vocês devem estar com fome e vou já preparar o jantar. Descanse um pouco, minha amiga, e depois vá até a cozinha. Estou certa de que encontrará o caminho. Não se preocupe que Fiorenzo telefonará para o seu hotel, cancelando a reserva.

Allegra concordou e o casal saiu, falando alto e rindo de satisfação. Pouco depois, Giorgio bateu na porta.

— Vim avisar, *signorina*, que o banheiro fica na segunda porta à esquerda.

— *Grazie*, obrigada — sorriu Allegra.

Depois que o garoto se afastou, ela foi até o banheiro para se refrescar da viagem e voltou ao quarto, onde abriu uma das valises e guardou algumas coisas no enorme armário. Em seguida, debruçou-se outra vez na janela e respirou fundo. Se a História tivesse um cheiro, só poderia ser aquele! Além disso, havia a silhueta de edifícios seculares desenhando-se contra o céu, onde as estrelas começavam a brilhar. Realmente, Veneza podia ser definida como uma cidade de beleza eterna.

Algum tempo mais tarde, Giorgio foi avisar que o jantar estava servido e Allegra o acompanhou. Eleana e Fiorenzo já estavam à mesa, posta numa sala ao lado da cozinha. Havia uma tentadora travessa de *gnocchi* com molho condimentado, uma terrina fumegante de sopa de espinafre, pão em fatias e torradas.

Allegra sentou-se ao lado de Giorgio, enternecida por aquela cena familiar, e comeu com apetite. Depois do jantar, ajudou a dona da casa a tirar a mesa e voltou para o quarto. Estava feliz como há muito tempo não se sentia.

Na manhã seguinte, ela foi acordada pelo sol que atravessava a janela e pelo som de vozes no canal. Um gondoleiro passou entoando uma antiga canção italiana e Allegra correu para a janela, com o coração transbordando de alegria. À luz do dia, aquela cidade parecia ainda mais fascinante.

Depois de tomar um banho e se vestir, ela foi até a cozinha, onde foi recebida por Eleana, que desejou bom dia e serviu café, torradas e mel. Enquanto comia, Allegra ficou olhando para o teto, onde havia a desbotada pintura de uma cena medieval. Eleana reparou no interesse da hóspede.

— Este é um dos prédios mais antigos de Veneza — ela explicou. — Sofreu algumas reformas internas e foi dividido em apartamentos, que abrigam várias famílias. Antigamente, porém, pertencia a um rico mercador, que vivia aqui com sua família e seus numerosos servos. Vivemos no século XX, mas o passado está à nossa volta.

Allegra olhou o relógio na parede da cozinha e acertou o de pulso, que havia parado pouco antes da meia-noite. Eram exatamente nove horas da manhã.

De volta ao quarto, ela abriu uma das valises e tirou a caixa de Byron. Cedendo a um impulso, pegou o colar e o pôs no pescoço. Achou que deveria usar aquela jóia no primeiro passeio que fizesse em Veneza. Retornando à cozinha, ela encontrou Eleana e Giorgio.

— Sou um bom guia, *signorina* — vangloriou-se o rapaz. — Posso lhe mostrar uma porção de coisas. Muitas vezes, ficou observando o trabalho dos guias na Piazza San Marco.

— Estou certa de que me mostrará lugares interessantes, Giorgio — falou Allegra, sorrindo para o rapazinho, que se esforçava para assumir a postura de um homem.

— Basta que você procure não aborrecer a *signorina* com a sua tagarelice, Giorgio — advertiu a mãe dele, ao mesmo tempo orgulhosa e divertida. — Apenas a leve até a *piazza*. É claro que ela não gostará de ter um garoto nos calcanhares o tempo todo.

Allegra percebeu o desapontamento do rapaz e apressou-se em encorajá-lo.

— Nada disso. Quero que me acompanhe o tempo todo, Giorgio.

Em seguida os três saíram, caminhando pela calçada estreita e cinzenta que margeava o canal e passando por prédios muito antigos. Allegra procurava memorizar algumas referências, como um santuário na fachada de uma casa,

uma placa de mármore com um nome inscrito, coisas assim. Logo, porém, percebeu que jamais encontraria sozinha o caminho de volta para a casa dos Bugelli. Giorgio seguia na frente, abrindo caminho entre os transeuntes quando o tráfego na calçada se tornava muito intenso.

Finalmente eles chegaram a uma área pavimentada, numa das margens do Grande Canal. À direita estava a Ponte Rialto, como um braço estendido de uma margem à outra. Allegra não teve muito tempo para olhar, porque Eleana apertou o passo em direção à ponte. Na outra margem, a ponte desembocava num pátio onde estavam armadas as barracas de uma feira livre. Havia frutas e verduras cuja excelência era proclamada pelos vendedores, em altos brados. Logo um cheiro característico denunciou a proximidade das barracas de peixe. Mais alguns passos e Allegra contemplou fascinada as enguias e lulas recentemente capturadas, algumas ainda se mexendo, e grandes peixes com suas majestosas barbatanas.

Eleana pechinchava com os vendedores, comunicando-se num dialeto veneziano que Allegra achava difícil de entender. Enquanto isso, Giorgio ia recolhendo cabeças de peixes, que guardava em folhas de jornal.

— É para Neroni, o meu gato — ele explicou, sorridente. — Está ficando velho e já não consegue vir sozinho ao mercado para conseguir comida.

Eleana guardava as aquisições que fazia numa sacola grande de vime que carregava.

— Não precisa ficar por aqui, minha amiga — ela falou, a certa altura, evidentemente pouco disposta a servir de cicerone. — Giorgio, leve a *signorina* até San Marco.

Allegra seguiu o garoto, sentindo-se meio perdida. As calçadas que eles percorriam estavam cheias de gente apressada e o vozerio se confundia com os gritos dos gondoleiros que ofereciam os seus serviços:

— Gôndola, gôndola, *lady!* — eles gritavam, identificando a estrangeira. — É mais fácil do que caminhar.

— Não dê atenção a eles — dispensou Giorgio, compenetrado em sua tarefa.

Logo eles caminhavam num calçadão, ladeado por lojas que vendiam os mais variados artigos. Ao fim de cada quarteirão havia pequenas praças onde turistas americanos e ingleses aproveitavam o sol da manhã. Para desespero de Giorgio, Allegra demorava-se olhando as vitrines. Havia lindos e frágeis objetos de cristal e delicados enfeites de porcelana. Numa loja de vinhos, as garrafas expostas na vitrine, ricamente trabalhadas e enfeitadas por aros dourados, chegavam a ser mais preciosas que o líquido que continham.

— Vamos, *signorina* — suplicou Giorgio. — Qualquer outro dia poderá sair para fazer compras. Agora, quero lhe mostrar San Marco.

Allegra aquiesceu e logo eles chegaram à praça. Admirada, ela parou e conteve a respiração. Em seguida, estremeceu assustada por um som alto e

vibrante que encheu a praça. Giorgio riu daquela reação.

— É apenas o relógio batendo as horas — ele explicou, erguendo a voz para se sobrepor ao barulho.

Allegra deu mais um passo em direção à enorme praça. O arrulho dos pombos a alegrou, o que era completado pela visão dos corpinhos que se movimentavam no chão, em busca de comida, com um andar desajeitado. Depois ela ergueu os olhos para a grande torre do campanário. Era como um majestoso monumento erguendo-se do chão em direção ao céu, numa mistura de ocre, branco e dourado. Em seguida ela contemplou as cúpulas bizantinas da catedral de San Marco, numa tonalidade pérola e cujos mosaicos brilhavam ao sol. De frente para o pátio da catedral, os quatro famosos cavalos de bronze mantinham-se eternamente empinados.

Depois de alguns minutos de silêncio, Giorgio reassumiu sua tarefa de guia:

— A catedral foi construída em honra ao apóstolo São Marcos, cujo corpo foi trazido do Egito para cá por marinheiros da República de Veneza. Para transportá-lo em segurança, foi necessário esconder o corpo dentro de um barril, no meio de um carregamento de carne de porco salgada. No entanto, o santo não se aborreceu. Ele queria vir para Veneza porque sabia que o povo daqui lhe daria um bonito lar e o elegeria o eterno padroeiro da cidade.

Divertida, Allegra reparou que algumas pessoas em volta acompanhavam a explanação do garoto. Giorgio continuou, compenetrado.

— O campanário desmoronou pouco antes de eu nascer mas logo foi reconstruído, igualzinho como era antes.

Allegra fez um giro de trezentos e sessenta graus com o corpo, contemplando a espaçosa praça. Saindo de galerias em forma de arco, que ocupavam três dos lados, viam-se mesinhas e cadeiras.

— Onde fica o Café Florian? — ela perguntou.

— É bem ali, do outro lado da praça, onde está aquela banda de música — apontou Giorgio, parecendo desapontado. — Mas não está querendo ver San Marco, *signorina*?

Allegra não respondeu, absorvida pelos próprios pensamentos. O Florian já era um restaurante famoso na época de Byron. Era ali que ele costumava jantar com o amigo Tom Moore, demorando-se até tarde da noite. Será que o lugar estava muito mudado? Finalmente ela se submeteu à insistência do garoto e voltou-se novamente para a catedral.

Giorgio falou rapidamente sobre os magníficos cavalos de bronze e levou-a ao interior da catedral. Como um rio de mármore, o piso entre as fileiras de bancos estendia-se até o distinto altar. Ao longo dos séculos, milhares e milhares de fiéis haviam pisado aquele assoalho, rendendo homenagens ao santo ou pedindo as suas graças.

— O bem-aventurado São Marcos vive aqui — cochichou Giorgio. — Enquanto ele estiver conosco, Veneza viverá.

A visitante ficou imaginando o que a outra Allegra teria sentido naquele lugar. Talvez houvesse ido até ali, já carregando no ventre o fruto do amor e do medo, para rezar pela última vez no templo que havia freqüentado quando menina. Allegra quase podia vê-la, ajoelhada bem perto do altar, a cabeça coberta por um véu e os dedos apertando nervosamente as contas de um rosário. Mesmo ali, Allegra di Rienzi teria voltado a cabeça sempre que alguém se aproximasse, esperando ver o homem de cabelos castanhos e crespos e de porte elegante apesar do andar coxo. As devoções de Byron, porém, dirigiam-se a coisas bem diferentes dos templos da cristandade.

Allegra pôs a mão no ombro robusto de Giorgio.

— Tive uma idéia, meu guia. Poderíamos tomar um sorvete no Florian. O que acha?

Os olhos do garoto brilharam.

— Boa idéia!

Em seguida eles deixaram a igreja e passaram por dois guardas que patrulhavam a área envergando capas napoleônicas. Os músicos da banda do restaurante afinavam seus instrumentos para animar o almoço e os sons se misturaram com o do relógio da torre, que voltou a soar. Eram onze horas. Os dois se sentaram a uma mesinha do lado de fora e chamaram o garçom.

— *Nocciola* é o nosso melhor sorvete, *signorina* — garantiu o simpático garçom do Florian, fazendo um gesto com uma das mãos como se quisesse demonstrar a delícia do que estava oferecendo.

Não demorou para que duas taças de sorvete de avelãs com cobertura de creme e caramelo fossem postas à frente deles. Imediatamente, Giorgio entregou-se à agradável tarefa de consumir aquela delícia, o que o absorveu por completo.

Allegra olhou para o interior do restaurante. As paredes eram forradas por um brocado vermelho que produzia reflexos e havia mesas em compartimentos reservados. Certamente, nada havia mudado ali desde 1819.

Giorgio terminou o sorvete, virando a taça para não perder nada.

— Delícia! — ele exclamou, mostrando um sorriso angelical.

— Agora, meu amiguinho, sua mãe deve estar querendo saber por onde você anda. Preciso entrar em contato com alguém esta tarde e diga a ela que não sei a que horas vou voltar. Diga também que achei você o melhor dos guias.

— Mas como vai encontrar o caminho de volta para casa, *signorina*? — preocupou-se Giorgio.

— Ah, eu encontrarei — garantiu Allegra, demonstrando mais confiança

do que de fato sentia. — Observei bem o caminho que fizemos para vir até aqui.

O garoto achou que devia cercar de maior segurança a escapada da hóspede.

— Lembra-se do nosso primo Giovanni? — ele perguntou, esperando o gesto afirmativo de Allegra. — Pois bem. Ele costuma ficar com a gôndola no cais de Piazzetta, que é bem ali. Se você se perder, ele a levará para casa.

— Vou me lembrar disso.

Relutante, o garoto se afastou. Depois de caminhar alguns passos, ele se voltou e acenou em despedida, no jeito espalhafatoso característico dos italianos. Allegra sorriu e retribuiu ao aceno, até vê-lo desaparecer no meio da multidão.

Durante algum tempo, ela se deixou ficar onde estava, observando o movimento da praça. Depois, voltou à igreja e acendeu uma vela em intenção da *nonna*. Ainda faltava metade para queimar quando ela se ergueu e dirigiu-se a um altar lateral. Ali, ajoelhou-se, juntou as mãos e começou a rezar em voz baixa:

— Oh, meu Deus, fazei com que seja certo o meu gesto de trazer esses segredos ao local onde eles se originaram. Fazei com que eu entenda a força que me impele a procurar essa família. Fazei também com que eu dê passos acertados e diga as palavras corretas.

Mais confiante, ela se ergueu e saiu da catedral. Levava a caixa de Byron, que ocupava boa parte do espaço interno da bolsa. Certa de que estava fazendo o que devia ser feito, caminhou resoluta em direção ao cais.

Pouco depois uma voz cantante a chamou bem de perto: *Ciao, signorina Brent* — cumprimentou Giovanni, o gondoleiro, sorrindo para ela. — Quer que a leve de volta à casa dos meus primos?

A plena luz do dia, Giovanni não parecia tão velho como na noite anterior, mas continuava incrivelmente magro.

— *Ciao, signor Fancelli*. Não, ainda não estou voltando para casa. Agora, preciso fazer uma visita à Ca' d'Argenti. Será que o senhor poderia me levar até lá?

Giovanni arregalou os olhos, evidentemente surpreso.

— É claro que a levarei, *signorina*... mas é muito raro a Ca' d'Argenti receber visitantes.

— Bem, vou arriscar. Ficaria muito contente se o senhor me levasse. Quanto custará o transporte?

— Eu a levarei com prazer, *signorina*, mas de uma jovem tão encantadora, e ainda por cima amiga dos meus primos, não posso cobrar nada. Além disso, o trajeto é curto.

Allegra quis protestar, mas o italiano não deu tempo. Com muita agilidade, ele pulou na bonita gôndola preta e estendeu a mão para a jovem. Não demorou para que eles cortassem as águas do Grande Canal.

— O vento está um pouco forte hoje — comentou o gondoleiro, aparentemente empregando no remo toda a força de seus braços magros.

Nesse momento, um *motoscafi* passou por eles velozmente, provocando ondas que balançaram a gôndola. Giovanni fez uma careta de contrariedade.

— Esses barcos são a ruína de Veneza, *signorina*. Houve época em que os gondoleiros eram cerca de dez mil. Hoje, não passamos de quinhentos. Só com muito esforço nosso e da associação dos gondoleiros é que conseguimos sobreviver. Seria uma pena as gôndolas desaparecerem de Veneza. Malditos! Não é à toa que eu detesto o cheiro de gasolina.

Allegra olhou o intenso tráfego do canal. Outros *vaporetti* ultrapassaram o barco de Giovanni, que deslizava vagarosamente em direção à igreja de Santa Maria della Salute.

— Realmente, alguma coisa deve ser feita — ela falou, solidária com o gondoleiro. — Veneza não seria Veneza sem os seus *gondolieri*.

O rosto do italiano abriu-se num sorriso.

— Diga isso a todos os que conhece e que se importam com Veneza.

A gôndola continuou pelo largo canal, passando perto da sacada dos hotéis e da fachada de edifícios muito antigos. Finalmente eles avistaram as estacas azuis e brancas no pequeno cais à frente de um palácio. Allegra mal continha a ansiedade.

— Lá está — sorriu Giovanni. — A Ca' d'Argenti. Quer que eu espere até saber se vai ser recebida, *signorina*?

Allegra não respondeu, com os olhos fixos na fachada do edifício. Pouco mais tarde, Giovanni parou a gôndola em frente ao cais, desceu nos degraus de pedra e estendeu a mão para ela.

— Tem certeza de que está bem, *signorina*? — ele perguntou, preocupado.

— Estou, sim — respondeu Allegra, já subindo os degraus,

— Ficarei esperando até que a senhorita entre.

— Sim, obrigada — concordou Allegra, num tom vago.

Agora, a atenção dela estava concentrada na belíssima porta de madeira trabalhada, ao fim dos degraus circulares. Presa a um aro metálico que se pendurava à porta havia a cabeça de um leão, moldada em prata. Allegra lembrou-se do que estava na porta da casa de Boston, desde quando ela era menina. Tinha o mesmo formato daquele, mas era um pouco menor. Chegando à porta, ela ergueu a cabeça do leão e deixou-a cair contra o suporte metálico.

Para surpresa de Allegra, a porta foi aberta quase imediatamente por um criado de libré azul.

— *Signorina?* — falou o italiano, num tom frio.

Allegra respirou fundo e fez uma pose cheia de dignidade, com a cabeça erguida. Ela era neta da *nonna*... Mais que isso, era descendente de Byron.

— Gostaria de falar com a condessa Di Rienzi — pronunciou, com firmeza.

— Ela não recebe visitantes sem hora marcada — disse o homem, já se afastando para fechar a porta.

Subitamente, Allegra se encheu de coragem.

— Mas é um assunto muito importante — ela insistiu. — Acabo de chegar dos Estados Unidos e ficarei em Veneza por muito pouco tempo.

O homem hesitou por um instante e ela aproveitou para transpor a porta, pisando com firmeza no chão de mármore do vestibulo. O hall de entrada era espaçoso e terminava numa escada curva coberta por uma bonita passadeira colorida.

Ela já se preparava para falar outra vez ao criado quando teve a atenção chamada por uma mulher que entrou no hall apoiada no braço de outro servo. Era franzina, mas a expressão do rosto lhe conferia um ar de imponência. A pele sobre as delicadas maçãs do rosto estava enrugada, denunciando a idade avançada. Num dos lados da cabeça, ela prendia os cabelos muito brancos com uma presilha cravejada de pedras preciosas.

Allegra não reparou muito no colar que ela trazia no pescoço ou nos detalhes da roupa cara e elegante. Estava com a atenção presa nos olhos castanhos e brilhantes da matriarca dos Di Rienzi.

CAPITULO IV

— Sou Amalia di Rienzi — apresentou-se a mulher, depois de um longo silêncio durante o qual ela parecia examinar cuidadosamente a jovem visitante.

Allegra quase não soube mais como se expressar em italiano, percebendo que estava diante de um dos laços que a ligavam aos Di Rienzi. Segurando a bolsa com firmeza, ela procurou falar com correção.

— Meu nome é Allegra Brent. Sou americana e tenho em meu poder vários papéis... datados do séculos passado e que pertencem à família Di Rienzi.

O rosto da mulher perdeu um pouco da austeridade, apesar de se manter alerta.

— De que tipo são esses papéis, srta. Brent? — ela perguntou, dispensando o braço do criado.

Allegra estava consciente de que precisava agir com muito cuidado.

— São de natureza muito pessoal.

— Nesse caso, acho que devemos conversar sobre o assunto, já que você me parece uma moça séria e veio de muito longe com esses seus papéis de natureza muito pessoal. Dê-me o seu braço e nós duas encontraremos algum lugar confortável onde possamos nos sentar.

Allegra deu o braço à condessa e as duas entraram num escritório cuja porta dava para o hall. As cortinas das janelas eram azuis e havia pelo menos duas dúzias de cadeiras e pequenos divas, todos forrados com tecidos em várias tonalidades de azul. Erguendo a bengala de prata, a condessa apontou um sofá lado de uma porta francesa dupla. A porta dava para um jardim de inverno onde havia cascatas de gerânios em praticamente todas as jardineiras.

Outra vez, os espertos olhos castanhos pousaram em Allegra.

— Agora, o que tem a me dizer sobre a família Di Rienzi?

Allegra respirou fundo, antes de começar.

— Na verdade, eu tenho parentesco com a senhora... bem distante, é claro — ela ressaltou, diminuindo o tom de voz. — Nasci nos Estados Unidos mas houve na minha família, muitas gerações atrás, uma mulher chamada Allegra di Rienzi.

Instantaneamente, o interesse da mulher aumentou.

— E quando foi isso?

Allegra olhou para cima, procurando se lembrar das datas.

— Acho que ela foi para a América por volta de 1820, deixando em Veneza o marido e o filho bem pequeno.

Por um momento, as duas ficaram em silêncio. A velha inclinou o corpo para a frente, apoiou-se na bengala com as duas mãos e fechou os olhos.

— Está claro que você sabe alguma coisa sobre a história da minha família. Gostaria de saber o quanto sabe.

— Não muito, *signora*... Só recentemente fiquei sabendo, através da minha avó, que tenho parentes na Itália... em Veneza. — Enquanto falava, ela abriu a bolsa e tirou a caixa. — Gostaria de lhe mostrar isto.

A condessa Di Rienzi abriu mais os olhos.

— O que é isso, minha filha? Essa caixa... é bem antiga.

— Pertenceu à minha tetravó, Allegra.

— Muito bem, abra-a. Imagino que o que ela contém é que a trouxe até nós. Posso ter um corpo velho e debilitado, mas não há nada de errado com a minha cabeça.

Apesar daquela afirmação, Allegra achou que não devia incentivar a excitação da velha.

— Antes, preciso lhe contar alguma coisa sobre mim mesma, sobre a tradição de minha família, que manteve esta caixa e seu conteúdo em segredo por cinco gerações.

Em seguida ela falou sobre os últimos acontecimentos e fez um resumo das cartas da *nonna*. A condessa escutava com os olhos distantes, mas estava claro que prestava muita atenção. Quando Allegra terminou, ela ergueu uma das mãos.

— Sua avó deve ter sido uma mulher muito sábia. Agora, não protele mais. Mostre-me o que traz nessa sua bonita caixa.

— Há um diário, o diário de Allegra di Rienzi — informou a jovem. — Começou a ser escrito em 1819, bem antes do primeiro encontro da minha antepassada com lorde Byron.

Allegra pôs o diário nas mãos da condessa di Rienzi e ficou, observando as reações dela. Com movimentos vagarosos, mas cheios de excitação, a velha pôs um par de óculos que trazia pendurado no pescoço por um cordão de ouro e estudou atentamente a minúscula ilustração da capa, que mostrava a Ca' d'Argenti. Finalmente ela se pronunciou:

— Parece ser daquela época, não só pelo estilo da pintura, mas também pelo fecho, que é bem antigo. Srta. Brent, confesso-lhe com toda honestidade que realmente existe uma parte da história da minha família que permanece em mistério. Houve uma Allegra, a mãe de meu pai, que desapareceu e nunca mais foi encontrada. Antes que eu comece a ler o que está neste diário, porém, quero lhe dizer que, ao longo dos muitos anos da minha vida, andei

consultando sábios e charlatães que encheram minha cabeça de histórias fantasiosas. Não sou nenhuma tola, e também não estou velha demais para não perceber um engodo. Há alguma coisa no seu jeito que demonstra ser uma pessoa franca e honesta. No entanto, não gostaria de me decepcionar mais uma vez. Chego a pensar que teria sido melhor você não pôr este volume nas minhas mãos.

A condessa parou de falar por alguns segundos, para retomar o fôlego. Em seguida continuou, batendo levemente com os óculos na capa do diário.

— Meu pai sofreu muito por ter sido abandonado pela mãe. Talvez tenha sido por isso que só se casou depois de ter atingido a meia-idade. Imagino que não acreditava no amor. Ele cresceu com uma enorme mágoa e, na escola, era alvo do escárnio dos companheiros.

Outra vez ela parou, agora dominada pela emoção. Allegra não sabia o que dizer.

— Só quando atingi a idade adulta é que pude ter conhecimento da dor do meu pai — continuou a condessa. — Ainda jovem, ele despachou agentes aos quatro cantos do mundo, em busca de notícias da mãe, e recebeu as informações mais desconstruídas. Uns diziam que ela fora vista numa cidade da América do Sul, perambulando pelas ruas, vítima da amnésia. Outros informavam que havia adotado outro nome e trabalhava como dançarina num teatro de segunda classe, em Milão. Quando cresci o suficiente para entender a situação, passei a interceptar todas as informações, não permitindo que a ferida fosse reaberta.

A velha suspirou e Allegra arrependeu-se de ter trazido outra vez à tona uma história tão dolorosa. A condessa bateu carinhosamente na mão dela, como se quisesse dizer que não a culpava.

— Como vê, minha filha, tenho boas razões para desejar que você não me houvesse procurado. Apesar disso, o coração me diz que desta vez será diferente.

Com dedos trêmulos, ela destravou o fecho que prendia o volume e abriu na primeira página. Allegra já sabia de cor o que estava escrito ali: Este diário pertence a Allegra di Rienzi e, desta página em diante, não deve ser lido por outros olhos além dos dela.

A condessa terminou de ler a advertência e pôs o diário nas mãos da visitante. Estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Já não consigo ler com muita facilidade. Por favor...

Allegra abriu na página que falava da recepção na casa da condessa Benzoni, datada de 20 de março. Em seguida, olhou para a condessa por um breve momento e começou a leitura:

Este é o meu diário, meu companheiro, o único que me ouvirá sem

querer me julgar. Só assim posso dizer o que vai no meu coração esta noite... Preciso vê-lo! O sol já vai nascendo e eu estou na minha prisão. Oh, Byron! Preciso repetir o nome dele: Byron! Byron! Oh, Deus misericordioso, ele veio para me retirar deste mundo de trevas. Nunca mais ficarei sozinha, porque Byron me encontrou!

Registrarei cada palavra, cada olhar, cada toque. Não quero esquecer nada que saia dos lábios dele.

A leitura foi subitamente interrompida pela entrada no escritório do criado de libré que havia aberto a porta para Allegra.

— A srta. Brent será minha convidada para o chá — informou a condessa. — Por favor, não nos perturbe antes da hora.

O criado fez uma discreta reverência e se retirou.

— Por enquanto, minha filha, acho que já passamos por uma carga suficientemente grande de emoção. Você não precisa continuar lendo, mas gostaria que me contasse, com suas próprias palavras, a história dessa desafortunada mulher. Antes disso, ponha por favor uma almofada nas minhas costas. Os criados desta casa nunca se lembram de fazer isso.

Allegra obedeceu, de bom grado. Já tinha lido tantas vezes aquele diário que a história saiu com fluência. No final, a condessa abaixou a cabeça e ficou olhando as delicadas mãos.

— Gostaria que o meu pai pudesse ter sabido — ela disse, simplesmente. — Foi cruel abandonar um garotinho sem ao menos um adeus ou uma pequena prova de afeição. É difícil de entender, mas mesmo assim sinto compaixão por ela. Talvez só outra mulher seja capaz de saber a que nível de desespero pode levar uma união sem amor. Você se apaixonou alguma vez, minha filha?

Allegra corou levemente, surpreendida pela pergunta e pensando na pouca afeição que sentia por Larry.

— Na verdade, não.

Amalia di Rienzi procurou se aprumar na poltrona e ensaiou um sorriso.

— Pois eu já. Foi há muitos anos... no século passado. Tinha apenas dezessete anos quando me apaixonei perdidamente por meu primo Leopoldo. Foi na primavera e estávamos passando férias numa casa de campo perto de La Mira. Ele era mais velho do que eu e, à época, estudava Direito. Foi um amor que durou cinquenta anos e ainda hoje eu me lembro de tudo. Quando se ligar a um homem, minha filha, não aceite nada menos que amor. Estou certa de que sua avó lhe fez a mesma recomendação.

A condessa parecia envolta pela magia dos Di Rienzi. Naquela interessante e idosa mulher, Allegra via um elo entre o passado e o presente. Amalia di Rienzi conferia um tom de realidade aos românticos e infelizes

personagens daquele diário. Agora, a história não podia mais ser camuflada ou fantasiada, porque tinha substância e significado para pessoas vivas. A Ca' d'Argenti ainda estava carregada pelas vibrações de Allegra di Rienzi e do filho que ela havia concebido por dever e sem amor. Allegra Brent podia quase vê-los, através dos olhos e da , memória da *condessa*.

— Pelo que vejo, você tem mais coisas nessa sua surpreendente caixa — falou Amalia di Rienzi, curiosa. — Mostre-me. Depois, subiremos.

Uma a uma, Allegra foi mostrando as relíquias do amor de Allegra di Rienzi por Byron. Finalmente tirou o colar do pescoço e o pôs na mão da condessa.

— Ela deve ter sofrido muito — avaliou Amalia di Rienzi, com tristeza, devolvendo o colar.

Depois de algum tempo em que as duas ficaram em silêncio, ela segurou a mão de Allegra, com ansiedade nos olhos.

— Guarde tudo isso muito bem, minha filha. A privacidade da minha pobre avó não deve ser entregue à curiosidade pública. Então... — Ela parou de falar por alguns instantes, movendo os lábios num doce sorriso. — Então, mais uma Di Rienzi se torna conhecedora do segredo, que guardará no fundo do coração. Mas há mais uma pessoa que deve saber disso: meu neto, Renaldo. Ele certamente será mais crítico do que eu em relação aos seus pontos de vista sobre essa história toda, mas mesmo assim possui sensibilidade bastante para compreender. Diga-me uma coisa: você gosta de crianças?

Allegra não entendeu muito bem a razão daquela pergunta, mas dispôs-se a responder.

— De algumas crianças — ela ressaltou, em tom de brincadeira. — Tenho trabalhado com crianças entre oito e doze anos, procurando orientá-las em projetos artísticos do museu da minha cidade. Nosso relacionamento tem sido satisfatório.

— Ótimo! Quero que conheça uma criança muito especial, Bianca, a filha de Renaldo. Acho que gostará dela. Agora, me de seu braço, por favor. Este sofá é muito macio e não consigo me levantar sem ajuda.

Allegra atendeu ao pedido e pouco mais tarde as duas chegavam ao pé da escada. Só então ela reparou que havia ali uma cadeira-elevador, que funcionava ligada a engrenagens presas à balaustrada do corrimão. O criado de libré azul aproximou-se, compenetrado. Aparentemente, cabia a ele o privilégio de acomodar a condessa em seu peculiar meio de transporte.

Finalmente foi ligada a engenhoca, que funcionava vagorosamente, e Allegra seguiu ao lado da dona da casa, pisando os degraus da escada com passos cadenciados. Só quando chegaram ao primeiro andar a condessa voltou a falar.

— Costumo descansar um pouco antes do chá. Talvez você também

esteja querendo algum descanso. Maria cuidará para que se sinta à vontade. E não fique apreensiva, minha filha. Sou uma pessoa que acredita no destino. De outra forma, como poderíamos suportar tudo? Temos que aceitar os mistérios da vida e esperar com paciência a hora que eles se tornarão compreensíveis.

Depois de escutar aquele breve discurso filosófico, Allegra deixou-se conduzir por uma jovem morena e sorridente até um quarto de teto muito alto. Havia ali uma cama com dossel coberta por um bonito tecido amarelo. Maria abriu as cortinas e voltou a sorrir para a visitante.

— Baterei na porta às três e meia — ela prometeu.

Uma vez sozinha, Allegra correu para a janela. No Grande Canal, os gritos dos *gondolieri* competiam com o barulho dos *vaporetti*. Bem abaixo da janela estava o jardim que ela vira do escritório. Um muro antigo e ajardinado o separava da frenética atividade do canal.

Debruçada na janela, Allegra sorriu. Para apenas um dia, até que ela havia conseguido ir bastante longe. Se passasse por aquele trecho do canal a bordo de uma gôndola, Eleana Bugelli certamente se espantaria ao vê-la tão à vontade no interior da aristocrática e exclusiva Ca' d'Argenti.

Em seguida ela tirou os sapatos e afundou numa poltrona para descansar um pouco, com os olhos fechados mas escutando os sons do canal. Acabou cochilando e foi acordada algum tempo mais tarde por outros sons, agora no interior do *palazzo*. Uma voz masculina dizia alguma coisa, num tom alto. Pouco depois ela ouviu o som de passos no corredor, seguido pelo barulho da porta do quarto ao lado, que foi aberta e fechada.

Pouco mais tarde a camareira bateu na sua porta e anunciou que já eram três e meia. Allegra levantou-se, foi até o espelho que havia instalado num enorme armário e não gostou muito da imagem que viu. Estava com os cabelos meio despenteados por causa do cochilo e com um rosto um tanto pálido. Sem saber muito bem por que, achava que naquela casa devia se mostrar o mais jovial possível.

Nesse momento, ouviu-se novamente a voz do mesmo homem no corredor. Rapidamente, Allegra pegou um pente na bolsa e procurou dar um jeito nos cabelos. Quanto à palidez do rosto, nada podia ser feito, já que ela esquecera o estojo de maquiagem na casa dos Bugelli.

Conformada, Allegra sentou-se na cama para esperar um novo chamado. Vários minutos se passaram e ninguém apareceu, o que a deixou apreensiva. Já eram quase quatro da tarde quando ela finalmente tomou uma decisão. Levantou-se, abriu a porta do quarto e saiu no corredor.

Todas as portas estavam fechadas e não se via viva alma. Em contrapartida, em toda a extensão das paredes havia retratos e mais retratos das gerações dos Di Rienzi. Apenas dois adjetivos podiam ser aplicados àqueles rostos: ou eram severos ou tristes. Um deles devia ser de Barretto, o marido de Allegra.

Rapidamente, Allegra procurou traçar o perfil dos Di Rienzi. Eles tinham

a testa alta, olhos fundos, nariz adunco e forte e a boca com uma expressão que denotava orgulho, especialmente nos homens.

Allegra estava entretida nessa avaliação quando se abriu a porta dupla no final do corredor. Surgiu um homem alto, cujo rosto estava parcialmente escondido pela sombra. Por trás dele, porém, Allegra identificou uma sala bem iluminada onde estava sentada a condessa Di Rienzi.

— Srta. Brent? — chamou o homem, num tom de voz que pareceu autoritário.

Allegra permaneceu muda. Tinha sido uma tolice imaginar que poderia pertencer a um lugar como aquele, apesar dos laços de sangue. Naquele momento, ela gostaria de estar no quarto simples e aconchegante da casa dos Bugelli.

O homem caminhou até o local onde ela estava e ofereceu-lhe o braço.

— Minha avó está esperando por você — ele falou, num tom formal e frio.

Allegra aproveitou para examiná-lo rapidamente. Pelas feições do rosto, não havia dúvida de que era o herdeiro dos Di Rienzi. Estava elegantemente vestido com um terno cinza-escuro de corte perfeito. Allegra estremeceu ao sentir a força que emanava daqueles olhos negros. Tinha que reconhecer que estava ali um homem incrivelmente atraente.

Dois criados arrumavam almofadas na enorme e antiga cadeira da condessa, que bem poderia ser chamada de trono. A matriarca usava um vestido azul-claro de mangas muito compridas que quase cobriam as mãos e carregava num dos dedos da mão esquerda um belíssimo anel enfeitado por uma grande safira. No momento em que Allegra entrou na sala, ela dispensou os criados.

— Sente-se aqui, minha querida, ao meu lado — convidou a dona da casa, indicando uma cadeira menor, mas igualmente ornamentada.

Instintivamente, Allegra deu as costas para o homem com quem estava de braço dado. Mesmo assim, sentiu que era observada por aqueles olhos pretos. Rapidamente, ela se sentou e pôs a bolsa no chão, ao lado da cadeira.

Um carrinho de chá foi trazido para a aprovação da anfitriã. Allegra sentiu o delicioso aroma de bolo fresco e de chá cuja qualidade não conseguia identificar. A condessa fez um leve gesto de aprovação.

— Srta. Brent, percebo que já conheceu meu neto, Renaldo. Ele raramente é uma pessoa agradável, mas espero que desculpe o semblante fechado que ele costuma mostrar.

— É por causa dos negócios, *vecchia* — explicou-se Renaldo.

Allegra achou melhor acreditar que o tratamento "*vecchia*" que significa "velhota", fosse uma forma carinhosa de se dirigir à imponente condessa.

— Tenho muitos problemas, mas sei que falar deles a aborrece — ele continuou, beijando a mão da avó e sentando-se ao lado dela, de frente para a visitante.

Enquanto a condessa servia o chá, que estava num bule de prata com o brasão da família, Allegra ficou olhando fixamente para as mãos cruzadas sobre a mesa. Tentava desesperadamente ficar à vontade, mas era difícil. Não havia como descobrir o quanto Renaldo já sabia sobre ela, nem se a condessa não passava de uma velha caduca que era tratada como uma relíquia pela família. Bem, só restava esperar.

Depois de levar um tempo aparentemente interminável para servir o Chá, a condessa voltou a falar:

— E então, Aldo, o que foi que eu lhe disse? — ela se vangloriou, sorrindo. — A moça não tem nada de aventureira.

Allegra ergueu a cabeça e encontrou o olhar duro de Renaldo.

— *Nonna mia* — ele falou, num tom ao mesmo tempo complacente e sério. — Não é minha intenção deixar a srta. Brent pouco à vontade, mas a senhora sempre se mostrou ansiosa para aceitar como verdadeira qualquer história que venham contar à nossa porta.

Allegra sentiu a dignidade ferida e resolveu reagir.

— De minha parte, *signor* Di Rienzi, não pretendo causar desavença. Sua avó foi muito gentil quando cheguei aqui, esta tarde. Devo dizer que não quero nada de ninguém, mas achei que deveria trazer minha história até sua família, a quem ela também pertence.

Renaldo tirou um comprido cigarro marrom de uma cigarreira de prata e ficou com ele entre os dedos, sem acendê-lo.

— Por que não nos escreveu antes, falando da sua surpreendente descoberta? Parece uma viagem bem longa para ser feita sem uma preparação prévia e por uma pessoa que não tem outros interesses aqui.

A anciã estendeu a mão e tocou no braço de Allegra.

— Ela é jovem e sozinha. Por que não deveria vir a Veneza? Reprovo essa sua mania de querer que todos sejam tão metódicos como você, Renaldo. Veneza não existiria na forma como é se os antigos fossem tão circunspectos.

Allegra sorriu para a condessa, agradecida pelo incentivo. Depois de tomar um gole de chá, ela enfrentou o olhar de Renaldo, agora cheia de confiança.

— Não escrevi antes, *signore*, simplesmente porque conhecer Veneza sempre foi um sonho meu. Se não fosse possível entrar em contato com a família Di Rienzi, sempre encontraria o que fazer por aqui. Conhecer a praça de San Marco, por exemplo, foi um prazer único... e continuaria sendo mesmo que eu não tivesse outros interesses em Veneza.

— Muito bem! — aplaudiu a condessa. — Agora, fale-nos outra vez sobre o seu pequeno tesouro. E não fume, Aldo. A fumaça me deixa com os olhos ardendo.

Allegra pegou a bolsa e repetiu a história. Renaldo escutou pacientemente, até o final, sem fazer comentário. Terminada a narração, as duas mulheres ficaram em silêncio, *como se esperassem* um julgamento.

— Como podemos saber se isso tudo não são invencionices? — ele questionou, zombeteiro.

— Não são — rebateu Allegra. — Essas coisas estão com minha família há cinco gerações.

— Tem alguma prova de que são autênticas?

— Que provas eu poderia apresentar? Sou a primeira mulher da família a revelar o segredo, *signor* Di Rienzi. Mesmo assim, não pode haver dúvida sobre a autenticidade desses documentos.

Será que aquele homem não tinha sentimentos? Como podia não se emocionar ao ouvir um relato tão cheio de dor?

— Aldo, você pensa como um advogado — reprovou a condessa. — Ou melhor, pensa como um promotor. Onde está seu coração, menino?

— A senhora é que é uma pessoa muito crédula, *vecchia*. Já ouvi falar de fraudes muito bem tramadas no mundo da literatura. Além disso, essa srta. Brent nem sequer nos apresentou referências.

Fez-se um silêncio pesado e Allegra corou, ferida profundamente por aquelas palavras. Rapidamente, guardou tudo na caixa e a repôs na bolsa. Estava preparada para encontrar ceticismo, mas aquela acusação visava atingi-lo no amor-próprio. Sem muito disfarce, aquele homem a estava chamando de mentirosa.

— Eu não deveria ter vindo — ela se recriminou, erguendo-se para partir.

— Aldo! — exclamou a condessa. — Peça desculpas imediatamente! Srta. Brent, fique, por favor.

Renaldo mudou de expressão.

— Eu... sinto muito — ele se desculpou. — Acho que fui muito descortês.

Allegra hesitou, ainda se sentindo atingida pela ofensa.

— Não quero nada do senhor. Talvez eu não seja lá muito esperta, mas também não preciso de esperteza, porque não há nada para esconder.

Ela fez aquele pronunciamento com os olhos fixos nos de Renaldo di Rienzi. Agora, percebia que a expressão do rosto dele já não era tão dura.

— Minha avó não toma muitos cuidados com os estranhos que batem à nossa porta, srta. Brent. Já que ela não toma precauções, é meu dever

protegê-la.

Mais que uma explicação, aquelas palavras representavam um pedido de desculpa, que Allegra entendeu e aceitou.

Aparentemente sem prestar atenção ao que o neto dizia, a condessa olhava para a jovem visitante com interesse.

— Então, você ficará? Ótimo! Vamos para o meu quarto, minha filha. Sei que estou muito velha, mas meus ouvidos são tão curiosos quanto os de uma mocinha. Aldo, esta noite a srta. Brent e eu jantaremos no meu quarto.

As últimas palavras ela disse buscando apoio no braço de Allegra para se levantar. Renaldo não escondeu um ar de preocupação.

— *Vecchia...*

— Não fale comigo nesse tom, menino — cortou a velha, cheia de brios.
— Ainda sou a cabeça da família Di Rienzi e meu julgamento é o que prevalece.

Sem olhar para trás, Allegra saiu amparando a condessa. De uma certa forma, ela se sentia empurrada para a frente pela força daquela franzina mulher. No entanto, nem tudo estava resolvido. Havia os Bugelli e talvez ela não devesse ficar para o jantar.

— Não sei se devo ficar, *contessa*. Há outras pessoas que estão me esperando para o jantar.

— Seja quem for, estou certa de que não é alguém muito importante.

— Mas a *signora* Bugelli ficará desapontada se eu não voltar para casa. Realmente, acho que...

— Será que você não gostou daqui? — perguntou a condessa, como uma criança de quem houvessem roubado o brinquedo preferido.

Desta vez, Allegra se enterneceu.

— É claro que gostei! Na verdade, eu adorei a senhora, mas é que outras pessoas estão esperando por mim.

— Então, ligue para elas — resolveu a velhota, que parecia ter a solução para tudo. — Há um telefone bem atrás daquela porta.

Allegra achou que a condessa estava sendo apressada demais, mas não insistiu na recusa. Afinal de contas, era uma boa oportunidade para explorar a cidadela dos Di Rienzi e talvez não surgisse outra chance.

CAPÍTULO V

Foi Eleana quem atendeu ao chamado de Allegra. Interferindo na conversa ao telefone havia o miado do gato, a música da rádio e outros sons característicos de uma casa de família de poucas posses. Todos ficaram muito desapontados, mas ao mesmo tempo admirados por Allegra ter sido convidada para jantar na inacessível Ca' d'Argenti. Antes de desligar, ela foi obrigada a prometer que, quando retornasse, contaria todos os detalhes.

A condessa esperava bem perto, com uma indiscrição que, naquelas circunstâncias, Allegra não achou censurável.

— Então, tudo resolvido — comemorou a anciã, com a satisfação estampada no rosto. — Ótimo! Agora, vamos para os meus aposentos. Há alguém que vai me contar o que fez durante o dia e que, tenho certeza, gostará muito de conhecer você. Essa, pelo menos, não contestará o seu direito de ficar aqui.

Enquanto as duas caminhavam vagarosamente pelo corredor do segundo andar, a velhota resmungava coisas incompreensíveis. Parecia conversar consigo mesma, sem a mínima necessidade de interlocutor. Ao chegar num local onde havia outra porta dupla, porém, mudou de disposição.

— O nome dela é Bianca.

Quando a porta foi aberta, um criado se aproximou com uma cadeira de rodas. Só que era bem diferente dos modelos comuns. Tinha o encosto alto, era acolchoada e forrada com seda azul. Cuidadosamente, o criado ajudou a condessa a acomodar-se na cadeira.

— Assim está bem — ela aprovou.

O rosto do velho criado iluminou-se com um sorriso e Allegra percebeu que o carinho que ele demonstrava ter pela ama era sincero. Em seguida, a cadeira foi empurrada até bem perto de outra porta dupla que dava para uma espaçosa varanda debruçada sobre o canal.

A sala era ampla e ricamente decorada. Havia cristaleiras de madeira trabalhada com cristais antigos e candelabros dourados. Nas paredes, muitos quadros a óleo, um dos quais mostrava um bonito homem com uniforme de oficial. Num dos cantos da sala, três confortáveis sofás dispostos em torno de uma mesa de centro formavam um ambiente à parte.

A um gesto da condessa, todos se dirigiram para lá. Só então Allegra percebeu que num daqueles sofás dormia uma menina de vestido florido e meias brancas três quartos. A velha senhora sorriu, enternecida.

— Bianca — ela chamou, com voz doce. — Acorde, minha filhinha. Temos uma visitante muito especial.

A menina dormia tão placidamente que Allegra achou quase um pecado

acordá-la. Logo, porém, Bianca abriu os olhos castanho-escuros, a princípio sonolentos mas que logo se tornaram brilhantes.

— Esta é a srta. Brent, minha amiga — apresentou a condessa — Ela veio da longínqua América para conhecer você.

O rostinho rechonchudo parecia sério. Bianca pulou do sofá, fez uma breve reverência e foi se encostar no braço da cadeira da bisavó.

— Ela vai ser nossa amiga, Bianca — continuou a condessa. — Agora, quero o meu beijo.

A menina inclinou-se para beijar o rosto enrugado da anciã, mas sem desviar os olhos de Allegra. Por baixo daqueles cabelos, muito pretos e ondulados, na certa trabalhava uma mente esperta.

— Você conhece o meu pai? — ela perguntou, com sua vozinha infantil.

Allegra sorriu e respondeu:

— Conheci-o hoje.

— E conhece a condessa Falieri?

— Só ontem cheguei a Veneza e ainda não tive oportunidade de conhecer muita gente. Vi apenas a catedral, aqueles cavalos de bronze e os gatos que circulam pelo mercado.

Mais à vontade, Bianca afastou-se um pouco da cadeira da bisavó.

— Você já viu a minha gata, Augustina? Ela é amarela e dorme comigo, na cama.

— Augustina andou por perto de mim esta tarde, mas esqueceu-se de dizer que pertencia a você.

— *Nonna*, ela se parece com a mulher do retrato, aquela que está no corredor.

Bianca pareceu subitamente excitada e a condessa apressou-se em explicar aquela reação.

— Ela tem as feições clássicas de uma italiana.

Bianca não pareceu satisfeita com a explicação e ficou olhando para Allegra com curiosidade. A condessa, porém, desviou os olhos da bisneta, como se quisesse mudar de assunto.

— Então, você gosta de arte e de museus. Bianca certamente adorará passear em Veneza na sua companhia. Ela só conhece os museus pelo lado de fora. O pai está sempre muito ocupado e eu não tenho mais condições de subir escadas. Por causa disso, há anos que não vou a um teatro. Você, porém, é jovem, forte e dispõe de tempo... Que sorte!

A menina sorriu, evidentemente satisfeita com a sugestão da bisavó, e

Allegra não quis desapontar nenhuma das duas.

— Terei o maior prazer em acompanhá-la a qualquer lugar aonde você queira ir, Bianca — ela prometeu.

Bianca deu um pulo e bateu palmas, excitada.

— *Nonna*, será que poderemos... usar a gôndola?

— Isso você vai ter que acertar com o seu pai — ressaltou a condessa, divertida. — Acho que ele não vai gostar se quiser ir a algum lugar com a condessa Falieri e a gôndola estiver ocupada por você.

A menina fez uma expressão maliciosa e Allegra tentou imaginar como seria aquela outra condessa. A única imagem que lhe ocorreu foi a de uma mulher de feições ameaçadoras.

Enquanto isso, a condessa pôs a mão na cabeça da bisneta

— *Cara*, vá até a cozinha e diga à cozinheira que seremos três para o jantar. Não posso ter certeza de que seu pai se lembrará. Afinal de contas, ultimamente ele anda com muito coisa na cabeça. Diga também que deve ser preparado algo muito especial para a nossa nova amiga.

Depois que Bianca saiu, as duas mulheres ficaram em silêncio durante algum tempo.

— Pelo que vejo, você é uma jovem de visão — avaliou a condessa, depois de um minuto. — Não se pode dizer que a nossa família seja simples como as outras. Através das gerações, os Di Rienzi enfrentaram dificuldades de todo tipo. Às vezes penso que o destino me fez viver tanto tempo para que eu pudesse testemunhar os sofrimentos da vida mais que outras pessoas. Quando eu nasci, ainda havia uma sombra pairando sobre esta casa, em consequência da fuga da minha avó e da dor do meu pai. Nos últimos anos de vida, fui eu que cuidei dele. O pobre já não tinha controle sobre a mente e o corpo.

Amalia di Rienzi tinha dito que estava curiosa para ouvir o que a nova amiga teria para contar, mas era quem mais falava. Allegra não via motivos para reclamar.

— Graças a Deus, meu casamento foi longo e feliz. A nossa intenção era ter muitos filhos, para encher de vida esta melancólica casa, mas era muito difícil para eu engravidar. Meu filho Bernardo nasceu quando eu já tinha trinta e três anos. Vivi o suficiente para receber a notícia da sua morte em combate, durante a Segunda Guerra Mundial. A adorada esposa de Bernardo morreu no mesmo ano, ao dar à luz ao segundo filho deles, Guido. O filho mais velho, Renaldo, o que tomou chá conosco, tinha à época apenas dois anos. Quer saber quem ficou para cuidar das crianças? A velhota que está falando com você. Por isso, minha filha, nunca tive tempo para me sentir cansada, como os outros velhos. Sempre tive que estar à disposição para orientar ou confortar os que me procuravam. E olhe que já vivi mais tempo na velhice do que na juventude.

Allegra escutava com atenção aquela voz clara e lúcida. Era incrível a força e a determinação que emanavam daquela figura franzina! Amalia di Rienzi podia contabilizar quase um século lidando com os problemas humanos. Certamente ela havia presenciado coisas incríveis, inclusive no sentido histórico.

— Quando Aldo se casou, achei que finalmente poderia procurar um cantinho meu onde pudesse descansar — continuou a condessa, emitindo um longo suspiro. — Mas não foi bem assim. Bianca ainda era um bebê quando a mãe dela contraiu uma febre e morreu. Foi há seis anos, quando tivemos um inverno rigoroso. Aldo estava em Roma, a negócios, e Anna aproveitou para passar a noite fora de casa. Imagino que ela estava com um homem, um amante. Ao voltar, na manhã seguinte, já estava doente e se recusou a dizer onde tinha estado. Durante duas semanas, foi definhando até morrer. Aldo ficou inconsolável. O desgosto e a raiva se misturavam no coração dele. Enquanto isso, havia uma criança que requeria cuidados!... e os inexplicáveis acontecimentos da vida me mantiveram entre os vivos, para cuidar da família.

Allegra estava começando a sentir um certo desconforto ao escutar as memórias dolorosas da condessa. Não se achava no direito de ficar a par daqueles fatos, apesar de eles a fascinarem. A condessa voltou o rosto para o canal, através da porta aberta.

— O que você achou de Renaldo, minha filha?

— Achei-o orgulhoso — respondeu Allegra, de pronto. — Parece ser um homem frio, excessivamente resguardado. Minha avó diria que ele não se sente bem na própria pele.

— Você está certa, porque ele é exatamente assim. Mas a minha preocupação agora é Bianca, que é uma inocente. Pense só como um homem orgulhoso e traído pela mulher pode olhar para a filha. As feições de Bianca só complicam as coisas, já que a cada dia ela se torna mais parecida com a mãe, aumentando as suspeitas de Aldo. Naturalmente, ele não tem certeza de que é o pai. Isso representa uma angústia terrivelmente grande para o meu pobre neto. Como vê, preciso continuar vivendo até que esse último problema se resolva.

Allegra sentiu uma enorme onda de simpatia. Estava se tornando cada vez menos uma estranha para aquela adorável velhinha. As maneiras francas de Amalia, a *vecchia*, exigiam honestidade como retorno.

— O destino corresponde à necessidade — filosofou a condessa. — Enquanto Renaldo não superar essa fase de revolta e cinismo, deverei permanecer nesta prisão de pequenas fraquezas. Afinal de contas, Bianca precisa do amor materno, que só uma mulher pode dar.

— Mas Bianca não tem outros parentes que possam cuidar dela? Pensei que...

— À primeira vista, qualquer um diria que uma criança nascida de uma família tão antiga não pode se queixar de falta de amor. No entanto, além de

mim, Bianca tem apenas uma fria e velha tia, alguns primos desmiolados e os parasitas que os acompanham. Há também a tal Falieri, que finge gostar de Renaldo. É claro que esse pessoal todo está esperando que eu morra.

Dizendo aquilo, a condessa riu, divertida.

— Mas Renaldo tem um irmão, Guido...

— Ah, esse... — falou Amalia, como se se tratasse de um caso perdido.
— Guido fica pouco tempo em casa e sempre traz alguma quinquilharia para Bianca quando volta de seus passeios. Naturalmente quer apenas brincar de tio, porque é um cabeça oca. Não consegue se concentrar em nada por mais dez minutos e é o tipo de pessoa a quem eu não confiaria um tostão. Ah, não... O único que merece alguma confiança é Renaldo, apesar daquele jeito fechadão. Afinal de contas, ele não era assim.

A condessa interrompeu-se por alguns instantes e soltou uma risadinha.

— Sabe como eu me sinto, minha filha? Como uma cozinheira que está com uma enorme panela no fogo. Se eu me afastar, a comida poderá queimar. Se permanecer para controlar o fogo, talvez tenhamos logo mais um delicioso prato... o ensopado Di Rienzi. Provavelmente você está arrependida de, inadvertidamente, ter entrado numa cozinha tão atribulada.

Allegra fez um gesto de protesto.

— Nada disso, eu... — ela gaguejou, sem saber exatamente que dizer.

De um momento para outro, a tensão provocada pela narração daqueles fatos pareceu ceder e as duas começaram a rir. Balançando o corpo franzino e não se preocupando em controlar o riso, a condessa tocou no braço da jovem amiga.

— Será que você poderia me trazer o sal, srta. Allegra Brent da América?

Aquilo provocou novas risadas e as duas pareciam velhas amigas relembrando casos engraçados.

Minutos mais tarde, Allegra assustou-se ao ver a condessa deixar cair a cabeça para a frente, apoiando-a no peito. Aparentemente, ela havia adormecido. Já estava completamente escuro, a não ser pelas velas que ardiam na sala e pelas luzes dos edifícios ao longo do canal. Allegra ficou refletindo sobre os acontecimentos daquele dia. Procurou não pensar muito em Renaldo. Ele era um homem perturbador, difícil de ser analisado com imparcialidade.

Vendo a própria imagem no vidro da janela, Allegra não se sentiu uma estranha naquela casa. Aquilo a surpreendeu.

Algum tempo depois Bianca voltou, acompanhada por um criado que empurrava um carrinho.

— A *nonna* adormeceu? — perguntou a menina, num tom que queria parecer maduro. — Eu trouxe o nosso jantar.

— Não estou dormindo, mas apenas descansando — respondeu a velha.
— E estou pronta para ver se você vai comer direitinho.

Maria, que também havia chegado, serviu três pratos.

— A essa hora, prefiro comidas leves — revelou a condessa, sorrindo. — Não gosto de pratos fortes antes de dormir.

Enquanto comia, Allegra reparou nos olhares de Bianca, dirigidos à bisavó e a ela. A menina parecia estar se esforçando para não cometer nenhuma gafe, mas era evidente que estava curiosíssima. Certamente queria entender a situação que se apresentava.

— Acho que tia Lidia já está muito velha — ela falou, a certa altura, interrompendo a conversa das adultas. — Dificilmente ela terá condições de me levar ao Lido.

La vecchia sorriu.

— O que está querendo dizer com isso, minha pombinha? Está querendo arranjar outra pessoa para levá-la à praia?

Bianca corou levemente e evitou o olhar de Allegra.

— Bem... foi o que pensei.

— Acho que vou ter que pensar um pouco — falou *vecchia*, fingindo-se séria, sem se compadecer da agonia da menina. — Bem, talvez a srta. Brent possa arranjar algum tempo para ir ao Lido com você.

A condessa tocou um sininho de prata e Maria entrou com a sobremesa. A cada uma foi servido um prato com torta de castanha, coberta por um delicioso creme açucarado. Allegra sentia-se muito bem na companhia daquelas duas. Sentiu-se ainda melhor por perceber que *la vecchia* estava feliz.

— Acho que você deveria ficar conosco, srta. Brent — convidou a condessa. — Logo haverá muito o que fazer por aqui com a preparação da festa de aniversário. Não sei se você sabe mas completarei cem anos dentro de pouco menos de um mês. Todos nesta casa são tão desorganizados que provavelmente terei que resolver tudo sozinha. Pretendo promover uma grande festa.

Ela disse aquilo como se não admitisse contestação.

Antes que Allegra pudesse responder Renaldo entrou na sala. Imediatamente, a atmosfera mudou, como se uma onda de tensão o acompanhasse.

— Boa noite, *nonna* — ele cumprimentou, inclinando-se para beijar a velha. — Bianca, srta. Brent... Espero que tenham tido um jantar agradável.

— Sim, *papa* — confirmou Bianca, alegremente. — Estamos nos divertindo muito.

— Muito bem, mas acho que já chega de conversa feminina por hoje. É hora de ir para a cama, minha filha. Maria está esperando para ajudá-la a trocar de roupa.

Bianca pareceu desapontada, mas pôs-se de pé. A *nonna* brindou-a com um beijo de boa noite e fez uma recomendação!

— Amanhã você precisa se lembrar de escrever à sua tia Lidia. Isso vai ajudá-la a se recuperar. Boa noite, minha filha.

— Boa noite, *papa*. Será que nos veremos pela manhã?

— Infelizmente, não. Preciso ir a Milão e ficarei por lá um ou dois dias, mas a condessa Falieri olhará por você. Amanhã, vai levá-la à festa de aniversário de uma sobrinha dela. Portanto, vista uma roupa bem bonita. Que tal aquele vestido cor-de-rosa que ela lhe deu de presente? Ainda não a vi com ele e a condessa andou por várias lojas para encontrá-lo.

Sem dizer nada, Bianca abraçou o pai e foi saindo. À porta, parou e girou o corpinho para os três adultos.

— Boa noite, srta. Brent — ela desejou, afastando-se rapidamente.

— O que houve com Lidia? — perguntou Renaldo à avó, como se Allegra não estivesse presente.

— Bianca está ansiosa para ir à praia do Lido e sabe que Lidia está adoentada e não poderá sair por vários dias. Talvez a srta. Brent possa levar a menina.

— Bianca é impaciente demais — disse Renaldo, energicamente. — Precisa aprender a controlar a vontade e não abusar das pessoas. Estou certo de que a srta. Brent tem coisas mais importantes a fazer.

— Eu a estou convidando para ficar conosco, Renaldo — informou a condessa. — Bianca precisa de companhia. Tem estado muito só e é obrigada a brincar consigo mesma para passar o tempo.

Allegra preparou-se para contestar o anúncio da condessa, mas Renaldo falou primeiro, num tom subitamente calmo.

— Isso não será problema, *nonna*. Já que estarei fora, Lídia ou os criados tomarão conta dela... ou Vera Falieri.

— Aldo, você sabe que é necessário bem mais que isso. Bianca precisa da companhia de uma pessoa jovem, alguém que tenha retidão de caráter para oferecer como exemplo. As pessoas que você nomeou ou são ocupadas demais ou não têm muita disposição para renunciar aos seus pequenos prazeres para entender uma criança.

Subitamente, Renaldo se voltou para Allegra, com um olhar severo.

— Srta. Brent, em que medida está qualificada para cuidar de Bianca?

Se já não houvesse conhecido o conde Di Rienzi à hora do chá, Allegra

teria se intimidado. Desta vez, porém, era diferente. Amalia di Rienzi estava prestes a completar cem anos de idade e era um exemplo vivo de como se deve enfrentar as adversidades. A convivência com aquela notável velhinha ainda era muito curta, mas Allegra já havia aprendido bastante.

— Se quer informações sobre as minhas qualificações e o meu caráter, *signore*, pode escrever ao reitor da Escola de Belas Artes da Universidade de Boston, Estado de Massachusetts, ou ao diretor do departamento infanto-juvenil de arte do museu da mesma cidade — ela declarou, cheia de dignidade. — Devo ressaltar que não me proporia a assumir qualquer atitude de grande responsabilidade com relação à sua família, principalmente depois de tão pouco tempo de conhecimento. A idéia foi da sua avó, e nem mesmo chegamos a discuti-la. Mesmo assim confesso que gostaria de assumir a incumbência. Sua filha é uma criança encantadora, além de muito inteligente.

A condessa inclinou-se para a frente, com um argumento adicional.

— Além disso, preciso da ajuda dessa jovem para pôr ordem no caos em que se transformou a preparação da minha festa de aniversário.

Renaldo tirou da cigarreira outro dos compridos cigarros.

— Então, é também uma pessoa eficiente? Meus cumprimentos, srta. Brent. Vejo que, em bem pouco tempo, conseguiu conquistar as boas graças da minha avó. Bem, não vejo mal em que permaneça durante algum tempo.

Allegra precisou se controlar para não dar uma resposta à altura. Afinal de contas, devia mais consideração à condessa do que ao amor-próprio ofendido.

— Se eu puder ser de alguma ajuda durante alguns dias, ficarei muito feliz — ela disse, não conseguindo impedir um comentário mordaz. — É muita bondade sua permitir que eu tenha esse prazer.

Talvez para evitar as faíscas que Allegra emitia com os olhos, Renaldo apontou a bolsa onde ela carregava a preciosa herança.

— Isso aí é toda a sua bagagem?

— Minhas roupas estão com a família Bugelli. Aluguei um quarto na casa deles.

— Imagino que queira trazer tudo para cá esta noite mesmo.

— Acho que não, *signore*. Os Bugelli têm sido muito generosos comigo. Não seria correto deixá-los sem ao menos uma explicação. Agora, já é tarde e acho melhor voltar para lá. Eles já devem estar preocupados.

— Mande Luigi preparar a gôndola para levar a Srta. Brent, Aldo — recomendou a condessa, que havia presenciado aquele diálogo olhando para o neto com uma ar de reprovação. — Não devemos causar problemas a ela.

Renaldo apagou o cigarro num cinzeiro de prata e foi saindo.

— Como queira, *nonna*.

Como por encanto, a atmosfera se desanuviou logo que ele saiu. A condessa sorriu, mas era evidente que estava cansada.

— Então, está resolvido, Allegra... Posso chamá-la de Allegra, não é? Uma mulher sozinha como você precisa da proteção de uma casa de boa reputação. Não dê atenção aos modos do meu neto. Logo ele aceitará tudo de bom grado. É um homem complicado, mas você aprenderá a ver a bondade que existe por trás daquela máscara. Por causa das atitudes da esposa, ele dificilmente confia numa mulher. O que aconteceu hoje foi um exemplo típico de como ele costuma se relacionar com o sexo oposto. Mas saiba que você se saiu muito bem, e isso me deixa... orgulhosa. Talvez ele preferisse que você fosse uma mulher fria e calculista. É com esse tipo de gente que Renaldo sabe lidar. Ainda bem que você não é assim, o que só confirma o meu julgamento. Agora vá, minha filha. A gôndola já deve estar esperando... e eu estou com sono. Volte amanhã e conversaremos mais.

A condessa tocou outra vez o sininho de prata e estendeu a mão. Cedendo a um impulso, Allegra preferiu abraçá-la.

— Muito obrigada, *contessa*.

— Obrigada a você, Allegra.

A sorridente Maria reapareceu, pronta a acompanhar a visitante até a saída. A porta dos aposentos de *la vecchia* fecharam-se silenciosamente e outra vez Allegra percorreu o corredor, ante o olhar frio das gerações dos Di Rienzi.

Ao deixar o doce aconchego da companhia de Amalia di Rienzi, ela se lembrou das advertências de Clinton Meserve sobre os perigos de viajar sozinha e sorriu. Logo em seguida, porém, sentiu um estremecimento. Lá embaixo, ao pé da escada, Renaldo esperava.

Antes que ela pisasse o último degrau, ele se afastou para abrir a porta de saída. Allegra acompanhou-o e viu a gôndola esperando, ao lado do pequeno cais. Renaldo desceu na frente dela e, com cortesia, ofereceu a mão para ajudá-la a embarcar.

— Luigi a levará ao seu destino — ele falou.

Allegra acomodou-se no banco traseiro da gôndola, reparando que ele era ricamente acolchoado e que as bordas do banco eram enfeitadas por estatuetas de delfins moldadas em bronze. Depois, ergueu a cabeça e olhou o dono da casa.

Ronaldo estava de costas para o luar, que espalhava um brilho prateado pela água, e tinha o rosto coberto pelas sombras. De pé ali, devia estar igual a um dos ancestrais, austero, fascinante.

— A *signorina* lhe dirá o caminho, Luigi — ele disse, passando em seguida a falar em inglês. — Deve estar achando muito estranha e complicada

a vida dos Di Rienzi, srta. Allegra Brent de além-mar. Se quiser participar dela, nunca mais voltará a ser a mesma pessoa. Pense bem nisso. *Addió.*

Allegra não respondeu. Aparentemente, Renaldo di Rienzi não estava mesmo esperando resposta. Mal acabou de falar, ele girou nos calcanhares e subiu os degraus de pedra, pisando com impotência. A porta foi aberta e, por um instante, a luz do hall bateu na água do canal. Logo em seguida, restou apenas o luar.

CAPÍTULO VI

— *Scusi, signorina...* Para onde quer ir?

A voz de Luigi era sonora e cantante. Com movimentos seguros, ele manejou o remo e levou a gôndola até o meio do canal. Só então Allegra se lembrou de que não tinha a mínima idéia sobre o caminho aquático para a casa dos Bugelli. Meio gaguejando, ela explicou a Luigi a situação.

— *Madonna mia!* — exclamou o gondoleiro. — Talvez seja melhor voltarmos para pedir informação pelo telefone.

Allegra balançou a cabeça. Não queria voltar à presença de Renaldo numa situação como aquela. Por alguma razão, achava importante que ele não a considerasse ineficiente. Finalmente, teve uma idéia.

— Você conhece Giovanni Fancelli?

— *Si* — respondeu Luigi. — Ele costuma atracar a gôndola por trás da praça de San Marco. Vamos rezar para que ainda esteja lá. Mas... tem certeza de que não quer usar o telefone?

— Tenho, sim. Por favor, vamos procurá-lo.

O gondoleiro não insistiu. Depois de deslizar durante algum tempo pelo Grande Canal, a gôndola tomou um canal secundário e saiu no cais por onde Allegra havia circulado a pé durante o dia. Cerca de uma dúzia de gôndolas estavam atracadas ali, algumas cobertas com lona para passar a noite, e os *gondolieri* conversavam animadamente num dialeto gutural. Ainda havia muita gente circulando por ali, por perto da água.

— Giovanni! — chamou Luigi, elevando a voz.

— Oi, Luigi! — alguém respondeu, rindo. — Está levando alguma carga na gôndola da velhota?

— Agora chega! — respondeu Luigi ao engraçadinho, em tom ameaçador. — A convidada da condessa não sabe como fazer para chegar à casa dos primos de Giovanni. Por isso estamos procurando por ele. Não me digam que aquele patife já foi para a cama!

Outras gargalhadas encheram o ar. —

— Por que ele iria para a cama tão cedo? — perguntou outro gondoleiro, em tom de galhofa. — Quando ainda está acordada, a mulher sempre o acusa de ser preguiçoso. Além disso, há o bebê que chora o tempo todo. Tenha paciência. Ele saiu a trabalho mas logo estará de volta.

Houve mais risos e outros aproveitaram para fazer troça do companheiro ausente. Enquanto isso, olhos curiosos se fixavam em Allegra, que se encolheu no banco acolchoado, sentindo-se o centro das atenções. Por sorte, logo outra voz se elevou:

— Lá vem ele! Ei, Giovanni, há uma linda mulher esperando por você!

Giovanni aproximou-se da gôndola dos Di Rienzi e imediatamente reconheceu Allegra.

— Boa noite, *signorina* Brent. *Ciao*, Luigi. Qual é o problema? —

Rapidamente e em tom de desculpa, Allegra explicou a situação em que se encontrava.

— Não precisa se preocupar, *signorina* — tranquilizou Giovanni. — Eu a levarei para casa.

Com destreza, ele levou a gôndola para bem perto e estendeu a mão para Allegra. Enquanto isso, Luigi firmou os barcos um contra o outro, para facilitar a baldeação. Depois que Allegra se acomodou na outra embarcação, Giovanni fez um gesto em direção à gôndola dos Di Rienzi e riu.

— É melhor você voltar logo, Luigi, antes que cause algum dano a um barco tão bonito.

— Saia da minha frente, seu linguarudo, ou vou dizer à sua mulher que você saiu por aí tarde da noite com uma linda garota americana. Ninguém poderá dizer que estou mentindo.

Risos gerais aplaudiram a resposta do gondoleiro dos Di Rienzi. Logo em seguida as duas gôndolas se afastaram do cais, tomando caminhos diferentes. Allegra balançava vagarosamente no surrado banco do barco de Giovanni. Agora, estava bem mais relaxada e contente por se deixar conduzir por aquele franzino e simpático italiano. Quebrando o silêncio, ele puxou conversa.

— Nunca esteve em Veneza, *signorina*?

— Apenas na imaginação.

— Em sonhos, não é mesmo? São muitos os que sonham com Veneza, mas nós que vivemos a realidade acabamos esquecendo a magia desta cidade. Ela só retorna à noite, quando Veneza parece reassumir seu encanto. É como uma mulher que, durante o dia, parecesse feia e enrugada e, à noite, deslumbrasse a todos com sua beleza.

Allegra sorriu para o gondoleiro.

— Pelo que vejo, estou diante de um poeta, *signor* Fancelli.

Giovanni sorriu com modéstia.

— Na minha juventude eu costumava escrever poemas. Dizia a mim mesmo que, nesta cidade em que nasci, tão linda, tão única, eu me tornaria o Byron italiano. Escreveria versos para a minha amada, para a minha cidade, com palavras que brilhariam como a lua cheia numa noite sem nuvens. — Parando de manejar o remo por um instante, ele emitiu um suspiro de tristeza. — Infelizmente, *signorina*, não sou um Tiziano, um Veronese. Minhas palavras não têm cor e não consigo descrever minha cidade em versos que despertem admiração. Por isso, cá estou eu... um pobre gondoleiro. Vivo de um lado para outro no seio da minha verdadeira amada. Só posso amar esta gôndola e desejar que ela viva para sempre.

— Mas o senhor é de fato um poeta — entusiasmou-se Allegra. — Acaba de me provar isso e só aumentou o amor que eu tinha pela sua cidade. O que antes era apenas um sonho, a partir de agora será um sentimento que permanecerá enquanto eu viver. Lembre-se das palavras de Byron: "Sempre foi a cidade-fada do meu coração".

A gôndola continuava, vagorosamente e em silêncio. Quando passavam em frente a um *palazzo* cuja entrada era guarnecida por pequenos leões de pedra, Giovanni fez um gesto e voltou a falar, em tom melancólico.

— Quando eu era rapazinho, costumava ir me sentar ali, naqueles degraus... tentando incutir em mim mesmo a essência da poesia de Byron. Mas era apenas ingenuidade de um jovem sonhador.

Allegra reconheceu o Palazzo Mocenigo, que já vira em fotografias, e sentiu uma forte emoção.

— Será que podemos ir até lá, Giovanni? — ela suplicou pela primeira vez tratando-o pelo primeiro nome. — Só por um momento!

Ao ver o espanto do italiano, Allegra procurou se explicar melhor:

— Quando eu era ainda uma adolescente, na casa da minha avó, costumava passar horas lendo e relendo os poemas de Byron. Depois, sonhava com Veneza e com o Palácio Mocenigo.

— Então, este é o encontro de dois sonhadores, um velho e uma jovem — constatou Giovanni, sorrindo: — Pois vamos *signorina*, render nossas homenagens a alguém que, com sua obra imortal, já nos proporcionou muitas alegrias e emoções.

A proa do barco mudou de direção e eles se aproximaram do alto e antigo edifício. Logo a gôndola se encostava ao pequeno cais.

— Na verdade, há três palácios num mesmo edifício — explicou Giovanni. — Neste aqui, às vezes a família se instala.

— A família?

— *Si*, os Mocenigo. O palácio pertence a eles desde a época dos doges Mocenigo.

— Todo esse tempo? Então, como Byron... como ele pôde morar aqui?

— Ele alugou uma das partes. Ninguém sabe ao certo em qual das partes ele se instalou, mas acho que foi naquela ali, onde há um toldo azul na entrada. Pode ser que, na época os Mocenigo estivessem precisando de dinheiro... Afinal de contas, isso acontece às melhores famílias. Não seria uma desonra dividir o palácio em três partes e alugar uma delas ao famoso milorde.

Os dois ficaram em silêncio, cada um entregue aos seus pensamentos, enquanto a gôndola balançava à brisa leve.

— Devemos ir agora, *signorina* — falou Giovanni, depois de algum tempo, olhando no relógio de pulso. — *Dio mio!* Como já é tarde! Quero vê-la em segurança na casa dos meus primos. Eles já devem estar preocupados com a sua demora.

Logo em seguida a gôndola se pôs em movimento. Quando eles pararam em frente à casa dos Bugelli, Allegra abriu a bolsa e tirou a carteira. Apesar de já considerar aquele italiano um amigo, achou que deveria pagar o transporte.

— Não — recusou Giovanni, com firmeza. — Não quero receber nada, porque transportá-la foi um grande prazer para mim, *signorina*. Mandarei a conta a Byron, o que acha?

Alegra sorriu e estendeu a mão, que ele apertou calorosamente. Em seguida, o bom Giovanni embarcou novamente e se afastou para suas lides noturnas.

— Graças a Deus! — exclamou Eleana, abrindo a porta para Alegra. — Entre, *cara*, entre. Imaginei que você podia estar perdida.

O relógio de parede da sala marcava meia-noite e vinte minutos. Eleana usava um robe que, entreaberto, deixava ver a camisola. Com um sentimento de culpa, Allegra percebeu que a boa italiana tinha estado esperando por ela até aquela hora. Impulsivamente, ela segurou as duas mãos da dona da casa.

— Eu sinto muito, Eleana. Hoje aconteceu muita coisa e é melhor eu lhe contar tudo. Preciso dos seus conselhos, porque tenho que tomar uma decisão

muito séria esta noite mesmo.

Eleana mostrou-se disposta a ouvir e Allegra contou tudo em detalhes. Ao final, a italiana disse o que pensava.

— Muitas vezes eu vi a condessa em sua gôndola e, como todos em Veneza, sempre a considereei uma relíquia do passado. Agora, pelo que estou ouvindo, imagino que seja uma pessoa de bom coração. Aliás, ela sempre fez muitas caridades, apesar de ultimamente não poder sair muito. Anos atrás, todos gostavam de vê-la passar, sempre vestindo roupas antigas, sempre amigável. Os netos dela, Renaldo e Guido, são um exemplo da moderna Itália. Apesar do sangue aristocrático, trabalham como qualquer outra pessoa. Renaldo tem uma bem conceituada empresa de engenharia civil e Guido trabalha com ele... Bem, pelo que sei, Guido não é tão dedicado ao trabalho como o irmão mais velho.

Eleana parou de falar por alguns instantes. Como Allegra não fizesse nenhum comentário, ela continuou:

— Renaldo é boa pessoa, mas muito carrancudo. Quando a mulher dele morreu, anos atrás, ficou recolhido durante um tempo. Ultimamente, tem sido visto com a condessa Falieri. Ouvi de pessoas que trabalharam na Ca' d'Argenti que a filha de Renaldo não é uma criança feliz. Não tem com quem brincar. A idosa bisavó parece ser a única pessoa que se importa com ela. Bem, você deve ter tido um dia cheio.

As duas ficaram em silêncio durante algum tempo e Allegra percebeu pelos olhos de Eleana que ela estava cheia de curiosidade. Finalmente, a italiana voltou a falar.

— Os Di Rienzi são uma família muito antiga, talvez até antiga demais. Os tempos mudam. A aristocracia está mais solta, compete num mundo em que a classe média conquista cada vez mais instrução e poder. Por isso, Renaldo di Rienzi vive em dois mundos. Tem os modos de um príncipe, **apesar** de os príncipes, hoje em dia, não viverem em casas tão grandes quanto aquela. Sem dúvida, é um dos homens mais cobiçados de Veneza. As mães de moças solteiras sempre o convidam para festas. Sabe por quê?

A resposta não era muito difícil.

— Eu imagino — disse Allegra.

— Minha jovem amiga, se vai passar uma temporada na Ca' d'Argenti, procure resguardar o coração. Confie na condessa, que é uma pessoa honesta, mas mantenha-se longe dos homens da família. Envolver-se com um deles poderia ser doloroso.

Allegra segurou a mão de Eleana.

— Eu compreendi e agradeço o seu conselho. A questão Eleana, é que sempre sonhei com Veneza. Viver uma forma de vida completamente diferente de tudo o que conheço pode ser uma experiência inesquecível. Talvez eu seja um tanto romântica, mas estar com *La vecchia* é conviver com uma relíquia do

passado. Ela é fascinante. Ficarei apenas o tempo suficiente para ajudá-la na preparação da festa de aniversário e me afastarei em seguida.

Eleana sorriu e balançou a cabeça.

— É surpreendente Aldo di Rienzi ter concordado, mesmo que tenha sido apenas para agradar à avó. Não que você não seja uma pessoa fina, mas ele é muito conservador.

— Eu sei — reconheceu Allegra. — Ele não me pareceu muito contente. No entanto, acho que conseguiremos nos tolerar mutuamente.

— Então, aproveite bem o seu encontro com o século XIX minha romântica e jovem amiga, e, se achar que não é o que esperava, os Bugelli serão uma família para você. Não esqueça que pode contar conosco.

Como resposta, Allegra beijou a bochecha rosada da boa italiana. Em seguida, as duas recolheram as xícaras do café, trocaram um abraço de boa noite e se recolheram.

Naquela noite, Allegra não conseguiu dormir bem. Teve pesadelos e acordava a toda hora. Finalmente, mal o dia amanheceu, perdeu o sono por completo. Levantou-se e começou a arrumar o que teria que levar. Estava ansiosa para ir para a casa dos Di Rienzi, apesar de o bom senso dizer que aquilo podia ser perigoso.

Por volta das oito horas, ela foi tomar o café da manhã com a simpática, normal e descomplicada família Bugelli.

O relógio da praça de San Marco batia dez horas quando Giovanni Fancelli encostou a gôndola nos degraus que levavam à porta de entrada da Ca' d'Argenti. Allegra estava agradavelmente excitada. Luigi abriu a porta quando ela bateu e olhou a valise que Giovanni depositou no hall.

— Lembre-se, *signorina* — falou o gondoleiro. — Se precisar de mim para alguma coisa, qualquer coisa...

Feita a recomendação, que Allegra agradeceu, Giovanni desceu os degraus, sério e aparentemente preocupado. Ao atravessar a porta, a jovem quase tropeçou em Renaldo, que também observava a valise. A expressão dele era polida e reservada. Allegra ficou contente por ter-se vestido com cuidado. Usava um vestido amarelo-claro e havia deixado soltos os cabelos pretos e ondulados. Não se achava uma beldade, principalmente por causa da boca grande e por não ter um nariz clássico. No entanto, as pessoas a achavam bonitinha e isso já a deixava confiante.

— *Buon giorno*, srta. Brent — saudou a voz grave de Renaldo.

— *Buon giorno, signor* Di Rienzi.

Renaldo fez um gesto para Luigi, que pegou a valise e dirigiu-se à escada. Allegra fez menção de segui-lo, mas Renaldo a reteve.

— Por aqui — ele falou, pegando firmemente no braço dela. — Quero falar com você.

Em seguida, ele empurrou uma pesada porta de madeira em que estavam esculpidos faunos e querubins. Apesar do jeito sério do dono da casa, Allegra achou engraçadas aquelas figuras.

Renaldo entrou primeiro e segurou a porta para que ela passasse. Com toda dignidade possível, Allegra entrou na sala, cujas janelas davam para o Grande Canal. As cortinas eram marrons e a mobília compunha-se principalmente de confortáveis poltronas. Uma bonita e antiga tapeçaria persa cobria quase totalmente uma das paredes. No lado oposto, uma grande escrivaninha dominava o ambiente.

Renaldo fez um gesto para que ela ocupasse uma poltrona de frente para a escrivaninha. Por um momento, Allegra achou que ele se sentaria por trás da mesa de trabalho, sem dúvida uma posição dominadora. No entanto, Renaldo preferiu a poltrona ao lado da dela.

Pensando bem, não havia motivos para demonstrar temor diante do conde Di Rienzi. Convencida disso, Allegra conseguiu até sorrir para ele, procurando se mostrar à vontade. Subitamente, Renaldo começou a falar:

— Srta. Brent, minha avó não pensou muito para contratá-la como acompanhante para ela e Bianca. Certamente, deixou-se influenciar pela romântica história que você contou sobre a avó dela e lorde Byron.

— Eu não fui contratada... — corrigiu Allegra, mas ele fez um gesto que a fez calar-se.

Por um momento, Allegra ficou curiosa para saber o que estava na mente daquele homem arrogante.

— Naturalmente, sabe que não é muito difícil se forjar uma mentira — ele continuou. — É bem possível que, há muito tempo, alguma mulher da sua família tenha imaginado um romance com aquele poeta devasso e, em consequência disso, acabou escrevendo o tal diário. Estou lançando uma hipótese, é claro, apesar de ser verdade que uma antepassada minha desapareceu de Veneza no século passado. Se tudo isso agrada *la vecchia* porém, não vejo inconveniente.

Ele olhava para Allegra como se quisesse decifrar suas reações.

— Não é minha intenção fazer com que o senhor acredite em nada em que não queira acreditar — rebateu Allegra, com firmeza. — A propósito, isso não importa para mim nem um pouco. Quero apenas retribuir a forma gentil com que sua avó me recebeu. Se puder deixar Bianca alegre durante algum tempo, isso também me deixará muito feliz. E é claro que não vou querer receber nada! Chega a ser um sonho estar em Veneza ao lado de gente como Bianca e a condessa... Farei o que for possível pela sua filha, *signore*, e talvez ensine a ela um pouco de inglês. Depois, voltarei ao meu mundo.

Ouvindo o som da própria voz, Allegra achou que estava se

pronunciando com dignidade. Mesmo assim, percebeu um riso disfarçado nos lábios do conde.

— Muito bem, vamos ver o que você pode fazer por minha avó e por Bianca — ele falou, erguendo uma das mãos para dispensar qualquer resposta. — Se quer saber, até acho que você realmente acredita na história que andou contando. No entanto, srta. Brent, tome muito cuidado. Será paga pelo trabalho que tiver, mas saiba que, se espera tirar alguma outra vantagem da situação, especialmente da credulidade de *la vecchia*, estarei pronto a reagir. Lembre-se principalmente de uma coisa: essa história não deve se tornar pública.

Allegra se encheu de raiva e suas faces ficaram muito vermelhas.

— Talvez seja melhor pôr um fim a essa situação agora mesmo — ela conseguiu dizer. — Gostaria que mandasse trazer de volta a minha valise. Preciso também da gôndola, para me levar até a casa onde estou hospedada.

Dizendo aquilo, Allegra girou o corpo e saiu em direção à porta. Renaldo passou por ela e postou-se na saída, barrando a passagem.

— Ações dramáticas não servem para resolver nada — ele disse, agora num tom amigável. — *La vecchia* está esperando por você lá em cima. Estarei fora nos próximos três dias, a trabalho, e estou certo de que minha avó e Bianca gostarão muito da sua companhia. Maria lhe mostrará o seu quarto. Ah, sim: acho prudente você não acreditar em nada do que meu irmão Guido disser.

Agora o sorriso dele era franco, o que dava àquele rosto um charme incrível.

Em seguida ele abriu a porta e Allegra saiu outra vez no hall. Pensando no absurdo daquela situação, ela se sentia como uma criança sob as ordens de um pai extremamente sensato. Estranhamente, porém, não estava mais com raiva e achou que podia tirar daquilo boas lições para o que tivesse que fazer no futuro.

Allegra tinha dado alguns passos em direção à escada quando Renaldo a chamou novamente:

— Um momento, *signorina*. Esqueci de lhe dizer uma coisa. Já que tem tanto interesse por lorde Byron... tomei a iniciativa de telefonar a um amigo meu, o abade do mosteiro armênio da ilha de San Lazzaro. Certamente você sabe que Byron estudou armênio lá e era amigo dos monges da época. Pertencem ao mosteiro vários documentos relativos ao poeta, inclusive alguns manuscritos. Achei que você gostaria de vê-los e, por isso, consegui permissão para uma visita. Basta você telefonar marcando a hora. Não se leva mais que alguns minutos para ir à ilha de lancha, ou no *vaporetto* que vai para o Lido todas as tardes.

Imediatamente depois, Renaldo se voltou e foi se afastando, como se já estivesse com a cabeça ocupada por outros assuntos. Allegra encontrou voz para um agradecimento:

— *Signore*, obrigada.

Maria esperava ao pé da escada e ela a seguiu, com a mente em turbilhão. Visitar San Lazzaro! A perspectiva a deixava deliciosamente excitada. E pensar que, poucos minutos antes Renaldo a tratara com uma frieza enorme...

A voz de Maria chamou-a de volta à realidade:

— Aqui, *signorina*, o seu quarto — informou a camareira abrindo uma porta.

O quarto da condessa ficava na mesma ala, mas as duas não seriam vizinhas. Os corredores do palácio pareciam infindáveis e cada ala tinha espaço igual ao de três ou quatro casas de razoável tamanho. Allegra entrou no espaçoso quarto, que ficava na parte frontal do palácio. Havia uma cama com dossel alto e coberta por uma linda colcha florida.

Maria percebeu a admiração da hóspede e sorriu. Os móveis eram todos brancos e dourados, no estilo florentino. Havia uma graciosa penteadeira cujo espelho tinha nas bordas delicados desenhos de flores. Perto estava uma cômoda com estatuetas de cupidos servindo de puxadores para as gavetas. No lado oposto ao da cama havia uma escrivaninha e duas cadeiras. Abrindo uma porta, Allegra encontrou um banheiro privativo pintado de azul e que tinha um lustre em forma de candelabro.

— Já desfiz sua mala, *signorina* — anunciou Maria. — Quando estiver pronta, a *contessa* a espera.

Maria saiu e Allegra sentou-se numa das cadeiras com assento de acolchoado azul, passando a mão pela madeira trabalhada da escrivaninha. Depois, correu os olhos em volta. Quem teria ocupado aquele quarto, no passado? Será que a primeira Allegra havia chorado, dormido e sonhado ali?

Quinze minutos mais tarde, Allegra parou em frente à porta aberta do quarto da condessa. Antes mesmo de entrar, percebeu a confusão da cena que se desenrolava lá dentro. Duas jovens criadas vestiam *la vecchia* para o almoço e havia roupas espalhadas por todos os cantos. Pelo jeito, era difícil contentar a velha senhora, que recusava as sugestões de vestidos, blusas e luvas que as moças faziam.

— Vocês querem me vestir como se eu fosse um buquê de flores — ela resmungava. — Ah, srta. Brent, aí está você! Entre, entre!

Finalmente ela aceitou um vestido branco de verão que Maria sugeriu. Com uma expressão de alívio, Giovanna, a outra criada, ajudou-a a pô-lo. Enquanto enfiava os braços nas mangas do vestido, a condessa anunciou que almoçaria com a *signora* Nicelli, uma velha amiga.

— Bianca estará ocupada, Allegra, e você terá a tarde livre. Mas procure estar aqui às quatro, para o chá.

CAPITULO VII

De volta ao quarto, Allegra ficou pensando no que poderia fazer até a hora do chá. Bem, sairia para passear pela cidade, sem destino certo. Tomada a decisão, pegou a bolsa e desceu. Estava no hall quando se lembrou de conferir o dinheiro que levava. Precisava se acostumar a pensar em termos de liras, e não de dólares. Enquanto contava as grandes cédulas que tirou da carteira, sentiu que estava sendo observada.

Virando-se depressa, ainda com as notas de dinheiro na mão, ela deu com um rapaz encostado à porta do escritório. Ele tinha cabelos pretos e olhos azuis muito claros, que sobressaíam no rosto bronzeado e redondo. Abrindo um sorriso, o rapaz deu alguns passos e estendeu a mão para ela.

— Srta. Brent?

Allegra guardou o dinheiro na bolsa e apertou a mão dele.

— Sou Guido — apresentou-se o jovem, que se vestia em estilo náutico, usando calça branca, paletó azul-marinho e camisa branca aberta no colarinho.

Guido tinha um ar meio infantil. Parecia longe da maturidade do irmão, assim como não tinha a mesma frieza.

— Como vai? — cumprimentou Allegra, lembrando-se da advertência de Renaldo. — Se está procurando pelo seu irmão, ele saiu ainda há pouco.

O rapaz sorriu.

— Não, eu não estou procurando por Renaldo. Conversava com minha avó e já ia saindo quando ela me disse que você estava para chegar. Resolvi esperar para conhecê-la. Agora, estou pensando em almoçar no Lido.

Aquilo era um convite e os olhos azuis de Guido ficaram fixos nela, esperando uma resposta.

Allegra lembrou-se da galeria de retratos que havia no corredor do primeiro andar. Havia muito pouco do ar sombrio dos Di Rienzi naquele rapaz. Bem, não havia por que recusar o convite.

— Estava pensando em passar o dia visitando museus e igrejas — ela revelou.

— Mas terá que comer em algum lugar, srta. Brent. Vou lhe fazer uma proposta: você almoçará comigo e eu lhe servirei de guia durante o resto da tarde.

Allegra riu. Pelo jeito, Guido tomava decisões rapidamente.

— Está bem, mas com uma condição: preciso estar de volta aqui às quatro da tarde. Sua avó me convidou para o chá e não quero me atrasar.

— Imagino que você queira conhecer todos — falou Guido, pegando no

braço dela e levando-a em direção à porta de saída. — Por isso, vou lhe dar alguns conselhos fraternais sobre a minha família e os agregados. Pelo que ouvi dizer, você é a única pessoa interessante que se instalou na Ca' d'Argenti nos últimos tempos. Agora, espere por mim aqui que vou buscar a lancha. Enquanto o patrão estiver em Milão, ficarei com as chaves.

Guido falava com fluência, encadeando os assuntos. Deixando-a nos degraus de pedra, ele entrou novamente para ir buscar a lancha, estacionada na garagem aquática que ficava num dos lados do palácio. O almoço com o exuberante Guido certamente seria demorado e Allegra achou melhor deixar a visita aos museus para um outro dia. Enquanto esperava, ela tirou da bolsa um lenço e amarrou os cabelos.

Desde cedo, o Grande Canal estava com uma cor azul-acinzentada. Havia muita umidade e nuvens formando uma película que escondia o céu. Não eram muitas as gôndolas à vista. Allegra ouviu o barulho do motor da lancha e logo em seguida Guido encostou o pequeno barco para que ela entrasse. Logo eles alcançaram uma parte do canal onde o tráfego era mais intenso. Sem dificuldade, Guido ultrapassava embarcações mais vagarosas, muitas delas abarrotadas de carga. Um dos barcos transportava mudas de plantas ornamentais, certamente para o jardim de inverno de algum *palazzo*. Por trás dele, Guido acelerou fortemente e só desviou o curso da lancha quando estava quase para abalroá-lo. Aquilo fez Allegra prender a respiração.

— Mais devagar — ela gritou, por causa do barulho do motor. — Pensei que você me levaria a um passeio pela cidade, não a uma corrida de lancha.

— É que estou com fome — ele se explicou, passando uma das mãos pelos cabelos.

Depois de passar o Palácio dos Doges, Guido dirigiu a lancha para o golfo de Veneza e logo eles avistaram a praia do Lido, uma faixa de terra com quilômetros de extensão, ao largo da qual havia inúmeras e pequenas ilhas.

Gotas de água batiam no rosto de Allegra toda vez que a lancha empinava a proa e voltava a batê-la na água, por causa de alguma onda. Por isso, ela começou a tremer.

— A ilha de San Giorgio — mostrou Guido, gesticulando com a mão. — Mais adiante, a Murano. Dentro de dez minutos estaremos no Hotel Excelsior. No banco atrás de você há uma jaqueta. Sugiro que a vista.

Felizmente, ele resolveu diminuir a marcha.

— Obrigada — disse Allegra, pegando a jaqueta impermeável.

Agora já não adiantava muito, porque ela havia sido batizada pela água do Adriático. Pelo menos, a jaqueta era quente.

— Não imaginei que o tempo estivesse tão ruim — lamentou Guido. — Ontem estava ótimo. Mesmo assim, estou certo de que você gostará do almoço.

Finalmente Guido desviou a lancha para mais longe da praia aproximou-se de uma ilha. Allegra reparou que a maioria das construções ali eram em estilo moderno, bem diferente das de Veneza. Vez por outra via-se uma igreja antiga, o que melhorava a paisagem. Muitos carros percorriam as estradas pavimentadas, revelando a presença maciça de turistas na ilha.

— Você gosta de jogar? — perguntou Guido, quando eles passaram por um edifício, espaçoso e baixo. — Aquele é um dos cassinos.

Allegra balançou a cabeça.

— Não muito. Nunca tive sorte no jogo.

— Preciso levá-la comigo qualquer dia. Já ganhei muito dinheiro na roleta. É um investimento bem melhor do que o mercado de capitais.

Guido ria da comparação que fizera, no momento em que parava o barco em frente a um grande e espalhado conjunto de edifícios. Um rapaz se aproximou e recebeu a corda para amarrar a lancha.

— *Signor* Di Rienzi, o que o fez sair num dia feio como este?

— Uma mulher bonita, Tonio. Será que você está cego?

Allegra abaixou a cabeça e olhou para a saia do vestido, meio encoberta pela jaqueta grande. Devia estar uma figura no mínimo engraçada. Guido pegou na sua mão e eles se encaminharam para a entrada do hotel. No espaçoso saguão, ele apontou para um lado.

— Há um toalete feminino no final daquele corredor. Acho que também vou tentar me enxugar um pouco. Enquanto isso, Armando arranjará uma boa mesa para nós. — Ele falava como uma pessoa acostumada a ser bem servida.

No toalete, Allegra achou que não seria muito fácil dar um jeito na figura que viu no espelho. Infelizmente, não havia muito o que fazer. A solução foi tirar o lenço da cabeça, pentear rapidamente os cabelos e passar uma toalha seca pelo vestido.

Guido já estava esperando no saguão quando ela retornou. Havia penteado os cabelos e trocado de camisa.

— Tenho uma cabine alugada aqui — ele explicou. — Acho que deveria manter lá também alguma roupa feminina.

Armando levou os dois para uma mesa de canto, de onde se descortinava uma ampla vista da praia. Naquela hora, não havia ninguém na areia. Apressados, os empregados do hotel levavam guarda-chuvas para a portaria, para proteger os hóspedes. Havia dezenas de barracas armadas na praia, e Allegra comparou-as a um acampamento de legiões mouriscas.

Não havia mais que cinco ou seis mesas na quieta e informal sala de jantar. Um garçom se aproximou levando duas taças numa bandeja de prata.

— Imaginei que você gostaria de tomar um *cherry* — falou Guido. — A não

ser que queira algo mais forte.

— Não, assim está bem — aprovou Allegra, sorrindo.

Guido pegou a taça de cristal, com uma expressão indefinida no rosto.

— Estou feliz por você ter vindo. Nem imagina como os meus dias têm sido... chatos. Quando Renaldo está por perto, tenho que ir ao escritório todos os dias. E uma verdadeira tortura. Naquela firma, só trato de assuntos banais, coisas que qualquer secretária pode resolver. E o pior é que as secretárias são velhas e feias. Naturalmente, é Renaldo quem quer que seja assim. O que você faria se estivesse numa situação como essa?

Ele parecia realmente desolado e Allegra ficou confusa com aquela súbita mudança de ânimo.

— Por que não procura algum outro tipo de trabalho? — ela sugeriu.

— Porque, se tenho que receber ordens, é melhor que seja de alguém da família. Não gosto de me ver numa posição de inferioridade. Você não sente a mesma coisa?

Allegra balançou a taça e ficou olhando o movimento do líquido róseo.

— Não necessariamente — ela disse, percebendo que Guido estava ansioso para ouvir a resposta. — Sempre tive a sorte de trabalhar para pessoas inteligentes e compreensivas.

— Pode ser — falou Guido, aparentemente pouco convencido. — Se ao menos Aldo me deixasse ter alguma autoridade sobre os negócios. No entanto, ele sempre tira vantagem do fato de ser o irmão mais velho. Veja só: eu poderia muito bem cuidar do departamento de marketing e ele se ocuparia apenas com a produção. Só que ele não concorda. Como a maioria dos venezianos, Renaldo se orgulha de ser um homem trabalhador, desses que dedicam à profissão todas as horas úteis do dia. Mas não acho uma coisa lá muito... saudável. Também não quero morrer de infarto aos quarenta anos, só para mostrar que sou capaz de trabalhar como um cão danado. Li numa conceituada publicação do seu país, o *Wall Street Journal*, que os homens que trabalham demais têm, proporcionalmente, duas vezes mais ataques do coração do que aqueles que procuram se cuidar. O que acha disso?

Agora, o que Allegra pensava de Guido já não era igual à primeira impressão. O rapaz parecia um camaleão, mudando de expressão e de humor a cada instante. Depois de ouvi-lo fazer aquele discurso em favor do ócio e da irresponsabilidade, ela até que simpatizava com Renaldo. Felizmente, Armando aproximou-se da mesa com o cardápio.

— E então, o que o chefe recomenda hoje? — perguntou Guido, recostando-se mais na cadeira.

— O caranguejo ao molho está excelente, *signor* Di Rienzi. A época de captura desses animais é muito curta. Não os teremos outra vez antes de três meses.

— Então, comeremos caranguejo. E o que mais?

— Para começar, arroz com ervilhas, uma especialidade de Veneza. Depois, salada mista com tempero de erva-doce, e um bom vinho para acompanhar.

Feita a sugestão, Armando abriu um sorriso de satisfação.

— Parece delicioso — aprovou Allegra.

— Estamos mortos de fome, Armando — informou Guido. — E eu continuo com sede.

— Imediatamente, *signore*, imediatamente.

Armando se afastou e Guido olhou para Allegra.

— Não me agrada chamá-la de srta. Brent, especialmente depois de termos bebido juntos.

— Então, chame-me de Allegra.

— Eu não quis dizer que pretendia deixar o trabalho. A questão é que me deixo deprimir por ele e as coisas acabam ficando mal. Pelo menos, tenho alguma liberdade quando Aldo não está na cidade. Não sou como um cachorro que tem que ficar sempre perto de casa.

Guido riu de um jeito meio forçado, no momento em que o garçom lhe serviu mais uma taça de *cherry*.

Allegra procurou superar a impaciência que cada vez mais a assaltava. O que menos queria era se tornar um instrumento na briga familiar de Guido.

Armando aproximou-se com o prato de arroz com ervilhas. Em outras circunstâncias, aquela chegada teria sido saudada alegremente, mas Allegra começava a sentir uma ponta de dor de cabeça e já não estava com tanta fome. Mesmo assim, aceitou a quantidade servida por Armando. Afinal de contas, desde menina achava arroz com ervilhas uma delícia.

— Está muito bom — ela elogiou, depois de provar.

— Realmente — concordou Guido, estalando a língua. — Esta noite vou levá-la a outro lugar, depois de circularmos um pouco pela cidade. Iremos ao Torcello. Aposto que você nem pensava que teria a chance de ir lá hoje. É um lugar muito apreciado pelos turistas.

O aborrecimento de Allegra começou a aumentar.

— Será que isso não pode ficar para outro dia? Preciso estar de volta às quatro... Sua avó insistiu comigo.

Outra vez, Guido mostrou uma expressão petulante.

— Pelo jeito, *la vecchia* resolveu cuidar de você. Precisa ficar alerta, Allegra. Se deixar, ela fará tudo para regular a sua vida. Minha avó ainda

acredita em protocolos, etiquetas, coisas assim. Aqueles chás não passam de encenações idiotas em que todos representam. Naturalmente, você também terá o seu papel. Recomendo que se acautele.

— Mas a questão é que eu *quero* ir — respondeu Allegra, simplesmente.

Guido sorriu, de bom humor.

— Você fala como se devesse obrigação a ela. Onde está seu espírito de aventura?

Allegra respirou profundamente, antes de responder.

— Não acho divertido deixar de cumprir compromissos.

— *La vecchia* me falou de você — informou Guido, num tom que chegava a ser grosseiro. — Disse que é uma intelectual, já que se interessa por arte e literatura. Bem, não vou convidá-la para mais nada. Na certa, está de olho em algum peixe maior do que eu.

Durante vários minutos fez-se um silêncio pesado e Allegra concluiu que Guido di Rienzi não passava de um fedelho chato, alguém que não havia amadurecido e que jamais amadureceria. Mesmo assim, decidiu que não aceitaria as provocações dele e abriu um sorriso.

Aquele gesto pareceu desarmar o rapaz, que pegou o copo e tomou um gole de vinho, meio sem jeito.

— Acho que não estou sendo justo com você — ele reconheceu com voz pouco firme.

Allegra ergueu uma das mãos.

— Muito bem. Então, paz.

Olhando para o outro canto da sala, Allegra reparou numa loira esbelta que Armando estava recebendo. Era uma mulher muito atraente, vestida rigorosamente dentro da moda. Tinha a pele bronzeada e usava um vestido verde-esmeralda. Num dos braços, carregava uma capa de chuva acetinada. As pessoas nas mesas em volta viraram-se para olhá-la e, pela postura, a mulher dava a impressão de estar acostumada a ser alvo de admiração. Allegra simpatizava bem pouco com esse tipo de gente. Guido também a viu e torceu a boca num gesto de enfado.

— Ai, meu Deus... — ele cochichou. — É Vera, e ela já nos viu.

De fato, naquele momento Armando escoltava a recém-chegada em direção à mesa onde eles estavam. A mulher parou na frente de Guido, que se ergueu para recebê-la.

— Ora, irmãozinho — ela disse, sorrindo de um jeito que não chegava a produzir rugas no rosto bronzeado. — Então, peguei-o novamente faltando ao trabalho. Devia arranjar lugares mais discretos para seus encontros. — Em seguida, ela pôs em Allegra os olhos castanhos e frios. — E essa deve ser

Francesca. Renaldo me disse que você arranhou uma nova amiguinha.

Guido passou a mão pelos cabelos.

— Vera, quero que conheça a srta. Allegra Brent, dos Estados Unidos. Ela ficará conosco durante algum tempo na Ca' d'Argenti, enquanto faz pesquisas literárias.

Ele disse aquilo como se quisesse se justificar por um delito e parecia satisfeito com o resultado. Vera continuava com os olhos postos em Allegra.

— Allegra, esta é a condessa Vera Falieri, uma velha amiga da nossa família — apresentou Guido.

Allegra apertou a mão fria da condessa, que fez um ar de espanto.

— Perdão, srta. Brent, mas estou surpresa. Não quero parecer rude, mas Renaldo não me falou nada a seu respeito. Há quanto tempo está em Veneza?

— Há poucos dias — respondeu Allegra, procurando se expressar no italiano mais correto possível. — Tenho alguns trabalhos para fazer aqui e a condessa di Rienzi gentilmente me acolheu como hóspede.

Guido parecia estar gostando da situação, depois do começo um tanto desagradável.

— Aldo só ficou sabendo ontem — ele explicou. — Eu estava certo de que ele já lhe havia falado sobre a srta. Brent, Vera. Durante algum tempo, ela também vai ficar responsável por Bianca.

A condessa afastou uma mecha de cabelo da testa e mostrou outro sorriso.

— Isso é bom, porque vai me livrar de cuidar daquela criança. *La vecchia* foi prudente ao arranjar alguém para ajudar. Bianca é uma menina terrível, srta. Brent. Espero que não se arrependa de ter aceitado essa função... Bem, se me dão licença, vou para minha mesa.

Enquanto ela se afastava, Guido fez uma careta.

— A ilustríssima condessa Vera Falieri não passa de uma meretriz de luxo, e Renaldo é um idiota por aturá-la.

Allegra teria dito aquilo de outra forma, mas as palavras de Guido refletiam exatamente o que ela estava pensando.

Nesse momento Armando se aproximou da mesa deles, empurrando um carrinho do qual emanava o cheiro de carne de caranguejo refogada na manteiga. Já sem dor de cabeça e com o apetite restaurado pelo delicioso aroma, Allegra voltou a se sentir bem. Guido também parecia haver recobrado o bom humor. Não estava mais com os olhos anuviados e não se mostrava disposto a falar sobre Vera ou Aldo.

Inconscientemente, porém, Allegra olhou para a mesa de Vera. Agora, estava com ela outra mulher que se vestia no mesmo estilo e as duas

conversavam com uma naturalidade afetada. Guido prontificou-se a dar mais informações:

— Aquela é a irmã de Vera. É casada com um conde polonês, mas cada um vive a sua vida. Vera é viúva. Esteve casada com o conde Falieri quando ele já era bem velho. Aposto que está aqui na caça de homem... Aliás, esse deve ser o objetivo das duas. Não entendo como Aldo pôde se deixar envolver. *La vecchia* não gosta de Vera e não faz segredo disso. Quanto a mim, procuro ficar bem longe dela. Se não fosse por outro motivo, seria porque ela é magra demais para o meu gosto. I

Guido devia ter alguma razão para todo aquele sarcasmo mas havia muito preconceito nas palavras dele. Mesmo assim Allegra não queria se envolver em outra discussão.

— Que tal falarmos de algo mais agradável — ela própria sorrindo.

— Está bem, srta. Brent da América. Depois que Armando nos trouxer café com creme, iremos para casa pelo caminho de San Marco. Há uma lojinha embaixo da torre do relógio que tem algo que quero lhe mostrar.

— Só se não nos atrasarmos para o chá — condicionou Allegra, num tom afável mas falando sério.

— Não se preocupe quanto a isso.

Allegra olhou no relógio de pulso e constatou que já era três e meia. Não havia mais tempo para a sobremesa, mas Guido insistia no café. Allegra fez um ar sério.

— Não quero ser desagradável, mas a condessa Di Rienzi foi muito clara sobre a hora do chá. Realmente, precisamos ir.

Guido, porém, não demonstrava a mínima preocupação.

— Diremos a ela que fomos retidos pelo mau tempo. Daqui a pouco telefonarei para casa e falarei com Luigi. Ele sabe como lidar com a velhota. Além disso, às cinco começará a tocar uma orquestra de dança. Você não pode estar querendo realmente ir a esse chá... Seja honesta comigo.

— Mas quase já não está chovendo — insistiu Allegra. — Será que você pretendia mesmo me levar de volta na hora marcada?

Guido riu baixinho.

— Os chás promovidos por *la vecchia* são uma chatice. Você não gostaria das pessoas e não valeria a pena o esforço. Por outro lado, uma noitada no Lido é um excelente programa. Há shows interessantes e...

Allegra pegou a bolsa e se levantou, sem deixar que ele concluísse a frase.

— Vou embora sozinha.

Guido também se ergueu da cadeira, incrédulo.

— Está falando sério?

— Nem duvide disso — advertiu Allegra, voltando-se para sair.

Guido rendeu-se à evidência do fato e os dois foram saindo juntos. Ao passar pela mesa de Vera Falieri, Allegra não deu atenção aos olhares curiosos da condessa e da irmã.

CAPÍTULO VIII

Guido encostou a lancha bem perto dos degraus da Ca' d'Argenti e, deixando o motor ligado, segurou numa das estacas de amarração para firmar o barco. Depois que Allegra desceu, ele deu uma volta na água e desapareceu no canal lateral.

Durante alguns instantes, Allegra se deixou ficar onde estava lembrando-se da reprodução daquele local na capa do diário de Allegra di Rienzi. Em seguida, subiu vagarosamente até a porta, que foi aberta por Luigi.

— Boa tarde, *signorina* — cumprimentou o criado, em tom solene. — Devo informar que *la contessa* deseja seu imediato comparecimento ao chá que está sendo servido nos aposentos dela.

Allegra passou a mão pelos cabelos ainda molhados. O vestido também estava úmido e ela queria trocá-lo.

— Irei assim que trocar de roupa.

— As ordens que recebi foram para levá-la assim que retornasse — insistiu o criado, com um sorriso de condescendência. — A condessa não gosta de esperar e já se passaram quase trinta minutos da hora marcada.

Luigi disse as últimas palavras já subindo os degraus da escada, como se tivesse plena certeza de que ela o seguiria. Allegra quase se deixou dominar por um sentimento de revolta. Pelo jeito, todos os Di Rienzi que ela conhecia exigiam submissão, obediência total.

Quando eles chegaram ao corredor do primeiro andar, Bianca apareceu correndo, cheia de energia e falando muito alto:

— Você está atrasada, você está atrasada! Por isso, *nonna* retardou o chá.

Ao atravessar a porta dos aposentos da condessa, Allegra se sentiu focalizada por todos os olhares. Sabia estar com os cabelos em desalinho e isso a deixou constrangida. *La vecchia* estava à mesa do chá, usando um vestido de seda prateado que reproduzia reflexos. Com a chegada de Allegra, seus olhos encheram-se de vida.

— Entre, minha filha — convidou a velha. — Quero que conheça alguns parentes e amigos nossos.

Allegra olhou as pessoas sentadas ali, todas com os olhos postos nela. *La vecchia* fez um gesto com a mão para a direita.

— Meus primos, Barretto e Luisa di Rienzi.

O homem e a mulher, ambos de meia-idade, mostraram um sorriso polido e evidentemente forçado. A condessa prosseguiu na apresentação:

— Padre Tito Fiorenzo. Se estivéssemos no século passado, ele poderia ser considerado o capelão da nossa família.

Os olhos do homem de batina preta se encontraram com os de Allegra e o sorriso dele foi de extrema simpatia.

— Finalmente, *signor* Pietro Luigi Maria Mossanato — concluiu a condessa, pronunciando todos aqueles nomes de forma sonora e pomposa.

Em contraste com o tamanho do nome, o último apresentado era um homem baixinho, de rosto magro, que usava roupas do início do século adaptadas ao estilo moderno. Sorrindo, ele se pôs de pé e ofereceu o braço a Allegra para levá-la até uma cadeira ao lado da sua.

— Desculpe pelo meu atraso — falou Allegra, olhando para a condessa por cima da cabeça do *signor* Mossanato. — Fui retida pelo mau tempo.

Enquanto ela se sentava, a condessa começou a servir o chá. Foi um processo demorado, durante o qual todos os presentes se mantiveram calados. Sentindo-se bem pouco à vontade, Allegra achou que aquele silêncio tinha alguma coisa a ver com ela. Finalmente, a condessa lançou a ela um olhar caloroso.

— O *signor* Mossanato é um estudioso de Byron — revelou a anfitriã, num tom significativo.

Tomada de surpresa, Allegra olhou novamente para o homenzinho, que sorriu de uma forma insinuante.

— Fiquei sabendo, *signorina*, que tem um grande interesse por lorde Byron. Ah, mas que homem ele foi! Acima de tudo, elegante. Sem dúvida, um digno representante da aristocracia britânica.

Mossanato manteve o sorriso, como se esperasse uma resposta. Allegra precisava dizer alguma coisa, mas não fazia a mínima idéia do que a condessa já podia ter revelado a ela

— Minha avó tinha uma boa coleção de documentos sobre Byron — ela começou, falando devagar. — Desde muito jovem sempre li muito da obra do poeta. Agora que estou em Veneza poderei visitar alguns dos lugares onde ele viveu. Naturalmente pretendo ver o que for possível.

Os outros convidados começaram a cochichar entre si, mas *la vecchia* olhava fixamente para Allegra. Enquanto isso, o *signor* Mossanato sorria com um ar de beatitude.

— Ah, mas que jovem afortunada! — ele exclamou, suspirando. — Cresceu embalada pelos sonhos de um passado grandioso. Eu também tive esses sonhos. Gostaria de ter vivido na época da regência, ter visto os grandes coríntios... Oh, como teria sido maravilhoso! Imagino que você possua alguma coisa da época da regência, uma obra de arte, um móvel...

Ele parecia estar *pedindo* que Allegra tivesse uma daquelas coisas.

— Infelizmente, tenho muito poucas coisas — lamentou ela. — Quando minha avó morreu, tive que vender a nossa casa.

O italiano aceitou a xícara de chá oferecida pela anfitriã e pôs novamente em Allegra os olhos cheios de simpatia.

— Também não tenho nada daquela época — ele disse parando um instante para refletir. — De qualquer forma, já é bom saber que ela existiu. Se fosse possível, eu só me vestiria como um cavalheiro do século XVIII.

Allegra se esforçou para não rir. Seria engraçado ver aquela minúscula figura em roupas da época da regência.

— *Signore*, acha que seria possível eu fazer uma visita ao Palazzo Mocenigo? — ela perguntou, num impulso.

Mossanato pareceu surpreso.

— Mas o palácio ainda pertence à família Mocenigo. Posso tentar arranjar uma autorização, mas não sei... Deve entender que a família é uma das mais antigas e aristocráticas de Veneza. Para ser recebido por eles, seria necessária a apresentação de alguém de peso.

A essa altura, a condessa resolveu interferir.

— Imagino que um pedido da condessa Di Rienzi seria suficiente — ela falou, como se desafiasse os Mocenigo a recusasse tal cartão de visita.

Mossanato mexeu-se na cadeira, aparentemente sentindo algum desconforto.

— Eu tentarei — ele prometeu. — De qualquer forma, eles não sabem em que parte do palácio residiu Byron. Como deve saber, o edifício foi dividido em três residências.

— Estou certa de que o contador dos Mocenigo não pode ter sido tão desleixado a ponto de perder todos os recibos de um aluguel que durou tantos anos — duvidou a condessa. — Afinal de contas, Byron viveu em Veneza há apenas um século e meio. Minha própria família mantém registros de períodos bem anteriores aos doges Mocenigo.

Não havia como desmentir aquele argumento e o *signor* Mossanato pareceu diminuir ainda mais ante o olhar de orgulho da condessa.

— Ninguém em Veneza tem uma história mais antiga e tradicional que os Di Rienzi — ele proclamou.

Nesse momento, Guido entrou na sala.

— Mesmo assim, nunca houve um doge Di Rienzi — ele se intrometeu, sem a menor cerimônia.

Depois de brindar a avó com um sorriso, ele tomou lugar numa cadeira de frente para Allegra. Havia trocado de roupa e estava com os cabelos penteados, o que não era muito justo, já que Allegra continuava com as

roupas e os cabelos em desalinho.

Fez-se um silêncio pesado e, olhando para a condessa, Allegra percebeu a razão. A velha dirigia ao neto um olhar ao mesmo tempo severo e cheio de dignidade.

— É verdade que nunca houve um doge Di Rienzi — ela reconheceu. — Mas isso se deve a alguma falha genética. Nesta casa nasceram e viveram homens de grande responsabilidade, que fizeram tudo para preservar a honra e a segurança da família, mas por aqui passaram também alguns irresponsáveis, que só pensaram... ou só pensam em levar a vida na brincadeira.

Guido não deu atenção à reprimenda e a condessa se voltou para Luisa di Rienzi.

— Mais chá? — ela falou, num jeito que era mais uma ordem que um oferecimento.

Imediatamente, Luisa ergueu a xícara e começou a fazer comentários sobre o bom gosto de *la vecchia* na escolha dos chás, a extraordinária habilidade na confecção, a dosagem exata...

— Basta — cortou a velha, dispensando a bajulação. — Beba o seu chá. Talvez ele sirva para tirar o excesso de açúcar que existe na sua língua.

Luisa obedeceu, quase enfiando o rosto na xícara.

— E agora, vamos voltar a um assunto mais interessante — decidiu a condessa. — Lorde Byron.

— Pois eu acho que a senhora deveria pedir desculpas à prima Luisa — falou Guido, em tom de desafio.

Outra vez caiu um silêncio pesado, que logo foi cortado pela própria Luisa.

— *La vecchia* tem razão — ela disse, nervosamente. — Todos sabem que falo demais. Acho que eu é que deveria pedir desculpas.

Apesar daquela pública humilhação, *la vecchia* não deu trégua à prima.

— Pare de se autoflagelar, Luisa. Você pode falar o quanto quiser, desde que não venha com esses elogios excessivos. Isso me deixa impaciente.

La vecchia sorriu para a prima e Allegra reparou, pelas linhas do rosto, que muitos anos antes ela devia ter sido uma mulher muito bonita. Luisa retribuiu o sorriso, mas era evidente o enorme contraste que havia entre aquelas duas mulheres. Outra vez, o olhar da condessa se pôs no neto.

— Quanto a você, rapazinho, acho melhor não se meter entre duas velhas que sempre se entenderam muito bem.

Guido continuou afundado na cadeira, deixando bem claro o quanto achava aborrecida aquela reunião.

Aproveitando o silêncio, Mossanato inclinou-se para Allegra com um brilho nos olhos.

— Acabo de ter uma excelente idéia, *signorina* Brent. Pedirei aos monges de San Lazzaro uma permissão para que você visite o mosteiro. Foi lá que lorde Byron estudou armênio e se dedicou à meditação. Eles mantêm intactos a escrivaninha, o tinteiro e muitos outros objetos usados pelo poeta. Há também, é claro, o retrato que o mostra como eu mais o admiro, um aventureiro em roupas de albanês. Oh, quanta vitalidade, quanta energia... Eu sempre vou lá para me impregnar com a personalidade daquele homem.

— É melhor tomar cuidado — advertiu Guido. — Muito provavelmente, Byron era portador de doença venérea. Você sabia disso, Allegra?

Allegra ignorou a pergunta e continuou olhando para o signor Mossanato, que mexia os olhos tentando retomar a palavra. *La vecchia*, porém, resolveu reagir:

— Você é um grosseiro, Guido, grosseiro demais. Não sei o que o está deixando de mau humor, mas não pode ser nada pior que os pensamentos que costumam passar por essa sua cabeça. Não existe nenhuma certeza sobre essa história maliciosa que circulou no século XIX. A única verdade é que ele escrevia como um anjo, era dono de uma incrível criatividade, a despeito da vida que levou. Também não acredito que tenha sido tão devasso quanto dizem alguns.

Allegra retomou o diálogo com Mossanato:

— Eu pretendia mesmo visitar a ilha, mas será que os monges não me considerarão um estorvo?

— Ah, *signorina*, não existe essa possibilidade. Os monges atendem bem quem se interessa por lorde Byron, porque o poeta foi um amigo e benfeitor do mosteiro. Basta que me diga uma data conveniente e eu arranjaréi tudo para que possamos ir lá.

— Eu a levarei — pronunciou-se Guido. — Nunca estive na ilha e, além disso, nasci em Veneza. O que acha, Allegra?

O signor Mossanato aprumou-se na cadeira, cheio de dignidade.

— Eu acompanharei a srta. Brent. Os monges me conhecem.

— Eu estava brincando — caçoou Guido. — Nunca tive interesse em visitar mosteiros.

Mossanato inclinou a cabeça numa reverência à condessa.

— Será um privilégio e um prazer levar a srta. Brent a San Lazzaro.

— Combinei que Bianca passaria amanhã o dia na casa da prima, em La Mira — informou a condessa. — Portanto, a srta. Brent estará livre. Poderá ver o local onde Byron esteve durante algum tempo e os objetos que usou. Talvez também consigamos um convite para que ela visite o Mocenigo.

Bianca, que tinha estado quieta até aquele momento, ocupada com um prato de doce e bolos, correu para o lado da bisavó.

— Vou mostrar a Allegra os passarinhos brancos e o viveiro grande. Mostrarei também o pônei. Poderemos passear juntas na charrete.

A condessa sorriu e afagou os cabelos da menina.

— Não, não, minha pequena. Noutra ocasião você ficará com Allegra. Desta vez, ela vai com o *signor* Mossanato ver algo em que está muito interessada.

— Então eu também vou — insistiu Bianca. — Quero ficar com Allegra.

Feito o protesto, a menina começou a chorar copiosamente. A condessa inclinou-se para frente e se apoiou na bengala de prata, fazendo cara feia. Foi quando Guido resolveu interferir.

— Por que não a leva com você, Allegra? Não vejo por que ela não possa ir.

Ele disse aquilo sorrindo com um ar de inocência, sem dar importância ao olhar irado da avó.

Allegra estendeu a mão e chamou a criança para perto.

— Bianca, o *signor* Mossanato só chamou a mim para ir à ilha de San Lazzaro. Não é muito correto uma pessoa se oferecer para ir a algum lugar sem antes ter sido convidada.

— Mas eu quero ir com você! Por favor, Allegra, por favor!

Nesse momento, a condessa ergueu a bengala e bateu no chão, com força.

— Chega! Vá para o seu quarto, Bianca.

Com o rosto banhado de lágrimas, a menina se voltou para sair. No momento em que ia passando na frente de Guido, ele estendeu a perna e ela parou.

— Vou lhe comprar a boneca que você viu na loja perto de San Fantin — ele prometeu.

Antes de sair, Bianca sorriu para o tio por cima do ombro. Logo que ela se retirou a condessa se dirigiu ao neto, numa voz baixa e vagarosa, que não correspondia à ira estampada no rosto.

— Mais tarde conversaremos sobre essa sua mania de subornar a menina — ela disse, voltando-se em seguida para Allegra. — Está vendo qual é o nosso problema? A criança é estragada por esse desmiolado.

Mal ela acabou de falar, Mossanato levantou-se murmurando alguma coisa sobre um outro compromisso que tinha. Depois beijou a mão da anfitriã e de Allegra.

— Virei buscá-la às dez e meia da manhã, *signorina* — prometeu o homenzinho, fazendo em seguida uma reverência para as demais pessoas e se retirando.

Outra vez o silêncio tomou conta do ambiente. A condessa parecia cansada e, a despeito da tensão reinante, o primo Barretto cochilava na cadeira. Enquanto isso, padre Fiorenzo parecia mergulhado numa profunda meditação. Allegra ficou se perguntando se aquele tipo de reunião era comum na Ca' d'Argenti.

— Preciso descansar — disse a condessa, num sussurro. — Vou me recolher até a hora do jantar. Allegra, volte mais tarde para jantar comigo. Agora podem ir.

Em silêncio, todos se ergueram e foram saindo, menos Guido, que tinha a expressão de quem se sentia injustiçado.

— Está sendo muito egoísta, *nonna* — ele acusou. — E *eu*, com quem vou jantar? Havia combinado com Allegra que jantaríamos juntos.

— Jante com o demônio, se é que ele aceitará o convite — sugeriu a condessa.

Guido riu e dirigiu-se à porta, que ficou segurando para que Allegra saísse. Bem que ela preferia não passar perto dele, mas o que ouviu foi inevitável:

— Considerei uma ofensa pessoal, Allegra, você preferir ir a ilha com aquele rato, Mossanato.

Estarrecida, Allegra percebeu que ele estava realmente enraivecido, mas controlou-se e emitiu um risinho.

— Não quero discutir, *signor* Di Rienzi. Só pode estar brincando comigo, é claro. Sua avó é uma mulher maravilhosa. Por que gosta de aborrecê-la?

Guido olhou para o alto.

— Eu não sei, Allegra. Talvez seja porque ela vive me dizendo o que devo fazer, e eu não permito isso. Bem, parece que você está descobrindo depressa os segredos da família. Agora, preciso devolver o insulto que você me fez. Vou decidir como será.

Em seguida ele fechou a porta e foi se afastando, deixando Allegra a olhá-lo pelas costas. Com um sentimento de saturação, ela saiu a caminho do próprio quarto. Alguns passos adiante encontrou-se com padre Fiorenzo, que havia presenciado a cena. O prelado mostrava o sorriso característico dos homens santos.

— Gostaria de lhe dar as boas-vindas a este lugar — ele declarou, fazendo um gesto para dispensar agradecimentos. — Imagino que já percebeu a enorme energia que emana daquele rapaz... e a provação que isso significa para a família. É uma situação difícil, mas ele é um bom filho da Igreja. Espero que compreenda.

— Se posso falar francamente, padre, já percebi que não só Guido tem problemas, mas toda a família. Está sendo uma experiência nova para mim e tenho me esforçado para compreender.

— É claro. Qualquer dia conversaremos sobre o assunto. No entanto, não duvide de que tem amigos nesta casa.

Antes de se afastar, ele pôs levemente a mão no ombro dela, como se a abençoasse.

No quarto, uma brisa balançava as cortinas das janelas. Allegra deitou-se na cama, com a cabeça cheia de imagens e pensamentos. Mesmo a curta viagem até a ilha de San Lazzaro era uma coisa que a preocupava. Renaldo já havia falado alguma coisa sobre uma visita à ilha, mas sem se oferecer claramente para acompanhá-la. Será que ele se ofenderia ao saber que ela havia dispensado o primeiro convite para aceitar a oferta do *signor* Mossanato? Será que Renaldo tinha o ego tão sensível quanto o do irmão mais novo?

Bem, o melhor agora seria tirar um cochilo para descansar!

Batidas insistentes na porta despertaram Allegra de um sono cheio de sonhos confusos. Já havia escurecido e, por isso, ela não fazia idéia da hora. A voz doce de Maria chamou-a do corredor.

— São oito da noite, *signorina* Brent. O jantar será servido dentro de meia hora.

Durante algum tempo, Allegra se deixou ficar na cama, com os olhos postos nas altas janelas francesas. Logo ela estaria indo embora daquela cidade, o que era uma pena, apesar dos constrangimentos já vividos. Veneza tinha um fascínio inexplicável, um mistério que convidava o visitante a decifrá-lo. No entanto, ela precisava cuidar da própria vida e não poderia ficar ali para sempre.

Pulando da cama, Allegra pegou no armário um vestido amarelo de verão. Depois da péssima figura que tinha feito à tarde, queria comparecer ao jantar de forma apresentável. Por isso, aproveitou o tempo que ainda restava para pentear cuidadosamente os cabelos. À hora marcada, bateu à porta dos aposentos de *la vecchia*.

— Entre, minha filha — convidou a condessa, e Allegra atravessou a porta. — É bom descansar um pouco depois de um dia cheio. Sente-se aqui, perto de minha cadeira. Está muito bonita, Allegra. O amarelo fica bem em você.

Allegra agradeceu com um sorriso e sentou-se. A condessa usava um vestido de seda cor-de-rosa de mangas compridas e que ia até os pés. Apenas as mãos ativas e o rosto cheio de energia estavam descobertos. Allegra quis cumprimentá-la pela aparência, mas achou que podia parecer bajulação.

— Realmente, foi um dia e tanto — ela comentou. — No entanto,

reconheço que não fui muito útil para a senhora.

— Não se preocupe com isso, minha querida. Mas diga-me: o que achou do *signor* Mossanato?

Enquanto esperava pela resposta, com indisfarçável interesse, a condessa estendeu a mão e tocou o sininho de prata.

— Ele me pareceu uma pessoa doce. Conhecê-lo foi muito agradável.

— É um homem que estuda pelo simples prazer de acumular informações. Estou certa de que ficará feliz em partilhar com você esses conhecimentos.

— Espero ansiosa que chegue logo amanhã.

— Certamente será um dia melhor do que hoje. Foi um azar você sair com Guido justamente num dia em que ele estava de mau humor. Aposto que o almoço a aborreceu. Pela manhã, tentei dissuadi-lo da idéia de convidá-la, mas Guido é um cabeça-dura.

Maria entrou em silêncio e arrumou entre as duas uma mesa redonda. Depois, acendeu todas as luzes e saiu.

— Deduzi que vocês iriam ao Lido — continuou a condessa. — Farei com que aquele menino seja exemplarmente castigado se ele a obrigou a andar na chuva, fazendo-a correr o perigo de pegar um resfriado.

Allegra riu daquela preocupação.

— Nem pense nisso, condessa. Eu estou bem.

— Bem, ele não é má pessoa, apenas um desmiolado. Nunca sei onde está, principalmente quando Renaldo está viajando e a lancha fica disponível. Guido até que tem seu charme, apesar de não merecer tanta confiança quanto o irmão.

— Francamente, *signora*, hoje nenhum dos dois foi lá muito charmoso.

A condessa suspirou levemente.

— Às vezes, os dois ficam de péssimo humor, talvez por causa das mudanças da lua.

Nesse momento, Maria entrou carregando uma bandeja grande e pôs sobre a mesa uma terrina de sopa e uma travessa de legumes cozidos. *La vecchia* ficou em silêncio até que a criada se retirasse. Quando voltou a falar, parecia estar retomando um pensamento:

— E então... estou com muitas coisas na cabeça... coisas sobre a família Di Rienzi e das quais quero lhe falar.

Allegra ficou em silêncio, imaginando aonde a velhota pretendia chegar. Só quando elas começaram a comer a condessa retomou a palavra:

— Você sabe por que Aldo resolveu rejeitar a sua história sobre Byron e Allegra di Rienzi? Esteja certa de que não foi porque ele não quer acreditar. Não, existe uma razão muito especial. Já lhe falei sobre a morte trágica da mulher dele muitos anos atrás... e sobre como ele descrê na fidelidade. Renaldo é uma pessoa cheia de amarguras, minha filha, A história que você contou é sobre uma bela mulher que enganou o marido para se entregar a outro homem. É assim que ele vê a coisa. Como poderemos esperar que Renaldo veja romantismo no intrépido lorde Byron? Também não se pode exigir que ele se sensibilize com a fragilidade de um coração feminino. Seria pedir demais. O que ele não deve ter sentido ao se ver face a face com uma jovem que, além de ser descendente da principal protagonista da história, carrega o mesmo nome! Peço que não o julgue com muita severidade, Allegra. Como já disse, o coração dele está cheio de amargura.

Allegra sentiu as faces queimando e não disse nada. A condessa sorriu, compreensiva.

— Mesmo assim, Allegra querida, não quero dizer que ele deve alimentar essa amargura indefinidamente. Há tempo para tudo e Aldo deve lutar contra os fantasmas que o atormentam antes que eles o destruam. Estou lhe falando como uma mulher que já passou por muita coisa na vida. Tudo o que lhe peço é que seja um pouco paciente com o estado de espírito de Aldo. Há um vento de mudança soprando sobre esta família e precisamos agir com sabedoria para que as mudanças sejam benéficas. Foi o destino que a trouxe até aqui. Talvez para mim, talvez para Bianca, talvez para... Eu não sei...

Durante algum tempo, a condessa ficou com a cabeça apoiada numa das mãos, pensativa e com os olhos fechados.

Allegra estava quase tremendo pelo efeito daquelas palavras, que tinham uma estranha força. Era uma sensação ao mesmo tempo desconfortável e excitante. Evidentemente, a condessa estava dizendo que Allegra deveria aceitar o destino e assumir seu lugar na família. No entanto, o que poderia esperar de uma jovem inexperiente numa situação tão complicada como aquela?

Allegra continuou a tomar a sopa, esperando que a condessa retomasse a fala. Depois de algum tempo, percebeu que a velha havia adormecido. A mente cheia de energia já não conseguia comandar o corpo cansado. Depois de tomar um último gole de chá, Allegra se retirou, pisando na ponta dos pés.

CAPÍTULO IX

O som estridente do despertador acordou Allegra às nove horas da manhã seguinte. Saindo imediatamente da cama, ela correu para abrir as janelas. Alguém havia posto um vaso de gerânios na sacada de uma das janelas e as flores estavam viçosas e bonitas.

No outro lado do canal, a fachada austera de um *palazzo* parecia um rosto com os olhos fechados para se proteger do sol. Àquela hora, já era intenso o movimento no Grande Canal, mas um barulho superou os demais. Provocando uma revoada de pombos, a lancha de Guido saiu do canal lateral e desapareceu rapidamente.

Allegra respirou aliviada. Pelo menos, não precisaria aturá-lo naquela manhã. Rapidamente ela tomou um banho e se vestiu, excitada pela perspectiva da visita a San Lazzaro. A temperatura estava agradável e ela escolheu um vestido de jérsei branco com aplicações em azul. Era ao mesmo tempo discreto e elegante.

Ao sair do quarto, Allegra ficou hesitante. Não fazia a mínima idéia de onde era servido o café da manhã. Nem sabia onde ficava a sala de jantar, se bem que devesse haver alguma naquela casa enorme. Por sorte, logo apareceu Giovanna, que mostrava um sorriso simpático.

— *Buon giorno* — saudou a italiana. — Vim para lhe mostrar onde é servido o café da manhã. Siga-me, por favor.

Allegra caminhou pelo corredor até que Giovanna abriu uma porta que dava para uma escada ascendente. As duas subiram e logo chegaram a um local muito claro. Havia uma cobertura no *palazzo*... e que cobertura!

O ambiente era cercado e coberto por uma estrutura envidraçada e havia plantas ornamentais por todos os lados. Algumas das janelas de vidro estavam abertas, deixando entrar a brisa da manhã. O assoalho era coberto por ladrilhos verdes e os móveis eram todos brancos, o que proporcionavam uma sensação incrivelmente repousante.

A meio caminho da entrada, havia uma mesa onde a comida estava disposta. Havia frutas, cestinhas com pão e biscoitos, jarras de sucos e dois bules grandes, um com leite e outro com café. Perto da mesa grande havia outras, menores e redondas, numa das quais estava *la vecchia*. Bianca ocupava a mesa ao lado, consumindo um prato fundo de cereais com leite e mel.

— Venha — chamou a condessa, enquanto Giovanna preparava uma das mesas para Allegra. — Estou vendo que você gostou do nosso jardim suspenso, não é?

— Oh, ele é lindo! — exclamou Allegra, admirando o colorido das flores e a graça das estatuetas de mármore mostrando faunos com suas flautas. — Que maravilha ter um jardim assim tão resguardado! Deve ser o seu

esconderijo secreto e preferido.

A condessa riu, achando engraçada a comparação.

— Não tão secreto assim. No verão, este jardim é bastante freqüentado. Mesmo durante o inverno é um lugar aconchegante. Quando o sol bate, sempre venho para cá. É bonito até quando está chovendo. Gosto muito de ficar observando as nuvens lá no alto e ouvindo a chuva bater no vidro. O idiota do meu médico me proibiu de vir para cá quando há tempestades. Diz que posso ficar muito excitada e que isso me faz mal ao coração. Como se a chuva, os relâmpagos e os trovões pudessem me prejudicar mais que as confusões desta família. Mas vamos tomar o nosso café, minha filha, e falar de San Lazzaro.

Giovanna pôs um prato de ovos fritos na frente de Allegra e a condessa passou a ela uma cestinha de prata com fatias de pão.

— Essa cestinha é do tempo da primeira Allegra — informou *la vecchia*, que havia reparado na curiosidade da jovem.

— Há quanto tempo este solário existe? — perguntou Allegra.

— lá existia na época em que Allegra di Rienzi habitou este palácio. Já sofreu reformas, é claro, e no lugar do vidro de agora havia finas lâminas de vidro produzido em Murano. Também não havia cobertura e o jardim só era usado no verão. Quando o avô de Aldo era vivo, o meu querido Leopoldo, uma fortíssima ventania derrubou aquelas chaminés e destruiu o vidro de Murano. O pai de Aldo o substituiu por vidro temperado e, mais tarde, o próprio Aldo mandou instalar as janelas e o teto.

Allegra sentiu na pele os raios do sol e estremeceu, imaginando que a sombra da primeira Allegra estava ao lado dela.

— Coma, menina — ordenou *la vecchia*. — O tempo estará frio no caminho para a ilha dos armênios. O que você sabe da relação de Byron com os monges?

Allegra disse o que sabia dos estudos do poeta e do esforço que ele precisava fazer para acalmar a mente conturbada e infeliz. Por isso, tornara-se grande amigo dos monges e chegara a produzir um dicionário armênio-inglês. Byron escrevia aos amigos sobre a estada no mosteiro e Allegra lembrava-se de uma frase, numa carta: "Tenho trabalhado muito com o abade, um homem maravilhoso cuja barba parece a cauda de um cometa".

— *Si* — confirmou a condessa, balançando levemente a cabeça. — lá vi retratos do tal abade, um rosto santo de barba muito branca e comprida. Você perceberá, Allegra, por que a paz do convento fez tanto bem àquele homem de mente conturbada, seu ancestral... Ah, que figura incrível ele não teria sido se apenas houvesse aprendido a aceitar o amor tanto quanto era capaz de dar! Sim, porque estamos falando de um homem que tinha amor demais no coração. Aqui mesmo, ele socorreu muita gente que precisava de ajuda. O fato de ter dado a vida lutando por uma causa nobre é outra prova disso. Por outro lado, Byron não sabia receber amor, e isso o consumia. Deixava-se dominar

por paixões avassaladoras, mas que logo se apagavam. Não fosse isso, teria sido um gênio ainda maior do que foi. Como vê, minha filha, não sou assim tão ignorante sobre Byron.

Enternecida, Allegra sorriu para a boa e idosa amiga. A condessa também sorriu e pôs a mão delicada no braço dela.

— Nunca se deixe envolver demais pelos sonhos, minha filha, ao ponto de achar que eles poderão se tornar realidade. As pessoas, por exemplo, nem sempre são exatamente como nós queremos. Eu própria às vezes deixo de agir assim, mas acredite, Allegra *mia*, que é um sábio conselho. Meus cem anos de vida e experiência me ensinaram que se deve tomar muito cuidado com os sonhos e que, para tirar bom proveito de tudo o que o amor pode dar, é preciso estar de bem com a vida.

Por um momento, Allegra ficou com os lábios entreabertos e os olhos cheios de lágrimas, emocionada pela aura que via em torno de *la vecchia*. Agora, não estava ali a velha e rigorosa aristocrata, mas sim uma mulher cuja sabedoria vinha de longos anos de sofrimentos e alegrias.

— Obrigada — murmurou Allegra. — Vou me lembrar disso. Entendo o que está querendo dizer, porque muitas vezes tomo decisões baseadas apenas em sonhos. Minha *nonna* também me dava muitos conselhos nesse sentido.

— Ótimo. Estou certa de que eu e ela teríamos sido muito amigas. Mas veja só! Enquanto tagarelávamos, Bianca comeu todas as torradas e todo o mel. Isso não vai lhe fazer bem. Que menina gulosa!

Bianca quis protestar, mas foi levada por Giovanna.

— Preciso começar a tomar conta dela — recriminou-se Allegra.

— Realmente, e vou cuidar disso. Mas hoje você deve sair com o meu romântico e às vezes engraçado amigo, *signor* Pietro Luigi Maria Mossanato, que gostaria de ter vivido no século passado, mas que consegue se divertir razoavelmente nos dias atuais.

Bem antes da hora marcada, Allegra se aprontou e ficou esperando, excitada. Mossanato apareceu exatamente às dez e meia, conforme o combinado. Ele apresentou Enrico, o amigo e gondoleiro que os levaria à ilha. Não eram muitos os *gondolieri* que concordavam em fazer um trajeto tão longo, conforme explicou Mossanato, já que transportar passageiros em Veneza podia ser bem mais rendoso. O Lido e San Lazzaro significava viagens cansativas para os condutores das gôndolas e, por isso, as pessoas costumavam ir nos *motoscafi*. Enrico, porém, orgulhava-se de ser um homem forte e garantia estar feliz por poder levá-los.

— Tive essa idéia no meio da noite — vangloriou-se Mossanato. — Imaginei que a *signorina* preferiria chegar à ilha da mesma forma como lorde Byron, e não num desses detestáveis e barulhentos barcos a motor do século XX.

— Ao diabo com os *motoscafi*! — praguejou Enrico, levando com firmeza a gôndola para o meio do canal.

Allegra reparou no enorme contraste que havia entre aqueles dois homens e sorriu. Mossanato sorriu também e começou uma espécie de discurso. Ao perceber o ar distante de Allegra, porém, resolveu calar-se. Acima de tudo, estava ali um homem sensível.

Eles passaram por San Giorgio e entraram silenciosamente no golfo de Veneza. Agora, o barulho dos barcos a motor havia sido deixado para trás. Allegra ficou imaginando como teria sido aquela paisagem nos tempos de Byron. O Lido estaria lá, mas sem todas aquelas pessoas e edifícios. A praia deserta ladeada por terrenos de vegetação rasteira, certamente seria o local ideal para passeios a cavalo ou encontros amorosos ao luar.

A certa altura, Allegra sentiu um leve toque no braço.

— Veja — apontou Mossanato. — A ilha dos armênios.

Erguendo os olhos para a pequena ilha, ela reparou nas paredes de tijolo descoberto do antigo e baixo edifício.

Enrico levou a gôndola até um ancoradouro de pedra que havia numa enseada e ofereceu o braço forte a Allegra. Ela aceitou a oferta e pisou nos degraus de pedra. Um pouco mais adiante havia um tranqüilo jardim. Mossanato disse alguma coisa a Enrico, que riu e se afastou, margeando o muro de pedra que formava o cais.

Allegra quase havia se esquecido da presença do acompanhante, ao se afastar do cais e penetrar no jardim, caminhando entre os canteiros. Sabia estar repetindo os passos dados pelo antepassado, mais de um século e meio antes. De uma certa forma, pensava nele como um pai, e não como um tetravô, um ancestral distante. Naquele momento, principalmente, sentia-se muito próxima dele.

Pietro Luigi Maria quebrou aquele encanto ao tomá-la pelo braço para conduzi-la à porta que havia no comprido muro frontal do mosteiro. Chegando lá, ele sorriu com segurança e tocou uma sineta. Quase imediatamente a porta foi aberta parcialmente e apareceu um rosto vigoroso, de barba e cabelos pretos, que os observou com os olhos muito castanhos. Em seguida o monge sorriu e abriu a porta por inteiro, mostrando a batina preta que envergava.

— Entrem, entrem! — ele convidou, em inglês. — Eu estava esperando por vocês.

Allegra sentiu uma imediata identificação com aquele homem, cuja batina tinha remendos em alguns lugares e apresentava manchas de tinta e cola de carpinteiro. *Signor* Mossanato apresentou padre Arkajanian e, pelo estado da batina, ela suspeitou que estava conhecendo não só um monge, mas também um artesão.

Lá dentro havia outro jardim e Allegra olhava para os lados, curiosa. Bem no centro, uma armação de estacas sustentava uma parreira. Depois de

caminharem cerca de cinqüenta metros, eles atravessaram uma porta e entraram no edifício propriamente dito. Subiram alguns degraus, percorreram um comprido corredor e chegaram a uma espaçosa sala.

A decoração ali era no mínimo estranha. Havia cadeiras de espaldar alto, pequenas mesas, dois candelabros fixados à parede e duas imensas cadeiras que mais pareciam tronos, ambas com desenhos de madrepérola incrustados.

— Foi aqui que lorde Byron estudou armênio — informou o monge, sorrindo, apontando em seguida para um armário com portas envidraçadas que havia perto da porta. — Naquela

prateleira de cima estão objetos que pertenceram a ele.

Allegra aproximou-se para olhar mais de perto. Havia um tinteiro com dois recipientes de vidro e outras coisas menores, como um lenço e uma minúscula carteira de couro para guarda de moedas. Eram coisas pequenas, mantidas apenas porque ele as havia usado ou tocado. O monge observava, com expressão tranqüila, certamente percebendo que tudo aquilo tinha um significado muito acima do normal para a visitante americana.

Allegra estava a ponto de chorar. O tinteiro vazio, o lenço, o porta-moedas... Eram objetos corriqueiros; causava tristeza vê-los ali, trancados num armário durante tanto tempo. Byron os teria reconhecido, porque há pequenos objetos que acabam fazendo parte da vida de uma pessoa, satisfazendo às necessidades.

Presa de uma enorme emoção, Allegra girou o corpo e pôs os olhos no rosto simpático do monge. Padre Arkajanian sorriu e começou a falar do mosteiro e sua longa história. Enquanto falava, levou os dois a uma espécie de museu repleto de preciosos objetos de arte.

— Preservamos a cultura armênia — ele informou, apontando em seguida uma parede onde havia pinturas de estilo claramente moderno. — Mesmo assim, damos valor aos jovens artistas do nosso país.

Depois disso eles fizeram o caminho de volta, liderados pelo monge. Passando outra vez pelo jardim, atravessaram uma porta e chegaram a uma ampla sala. Era a biblioteca dos monges armênios. Havia ali prateleiras repletas de livros, muitos deles editados e impressos pelo próprio mosteiro, segundo informou o padre Arkajanian. Numa das paredes havia uma galeria de retratos de Byron, um dos quais tinha um título: "Lorde Byron e os armênios".

Em seguida o monge ofereceu à visitante dois livretos que falavam do mosteiro e os olhos de Allegra brilharam.

— Guardarei este presente como um tesouro — ela prometeu, apertando os dois volumes contra o peito.

Padre Arkajanian sorriu e abriu uma porta lateral, conduzindo-os a outra sala.

— Nossas oficinas de impressão — ele mostrou, orgulhoso.

Havia ali modernos equipamentos de impressão e o monge informou que o mosteiro se dedicava à atividade editorial desde antes de Byron. Depois de explicar tudo, ele levou os visitantes a um canto da sala onde estava uma máquina de impressão muito antiga e cuidadosamente conservada.

— Esta aqui trabalhava a pleno vapor na época do poeta — disse o monge, rindo e acionando uma alavanca que fez girar as engrenagens. — Vejam só como ainda funciona direitinho. É linda!

Nesse momento a atenção deles foi chamada por passos na entrada da sala de impressão. Allegra voltou-se e prendeu a respiração ao ver a figura de Renaldo di Rienzi. Ele estava com o semblante fechado, como de costume, mas pareceu relaxar ao reconhecer o monge.

— Padre Arkajanian! — exclamou o recém-chegado. — Não esperava encontrá-lo aqui. Quando chegou?

O monge sorriu com satisfação e estendeu a mão.

— Estou aqui há dois dias, meu amigo. Pretendia ligar para você hoje.

Em seguida Renaldo voltou-se para os outros dois.

— Vocês têm sorte por ter padre Arkajanian como cicerone — ele disse, fazendo uma breve reverência para Mossanato e dirigindo-se a Allegra num tom excessivamente formal. — Pensei que seria minha a honra de trazê-la aqui.

O pequenino Mossanato apressou-se em dar uma explicação.

— Foi um prazer para mim acompanhar a *signorina* Brent com plena aprovação da condessa Di Rienzi.

— Ah — fez Renaldo, balançando a cabeça. — *La vecchia...* Mas é estranho. Quando falei com ela, esta manhã minha avó parecia não se lembrar para onde você tinha ido. Talvez ela esteja sendo perturbada demais pela minha filha Bianca, de quem se espera que você tome conta, *signorina* Brent.

Aquelas palavras tinham o tom de acusação e Allegra se sentiu injustiçada. Mesmo assim, dispôs-se a dar uma explicação.

— Vim aqui com a permissão da sua avó. Eu até teria trazido a menina, mas a condessa disse que Bianca deveria passar o dia com a prima, em La Mira.

Renaldo olhou para ela com um ar superior.

— Foi Guido quem me disse que você estava aqui.

Allegra apertou as unhas contra a palma das mãos e padre Arkajanian resolveu interferir, para quebrar a tensão.

— De qualquer maneira que tenha chegado aqui, *signorina*, está sendo um prazer enorme poder lhe mostrar o mosteiro.

o *signor* Mossanato, que parecia desolado ao presenciar aquela

confrontação, sorriu aprovando a oportuna interferência do monge. Em seguida, os visitantes se dispuseram a partir e todos se dirigiram ao cais, onde a lancha dos Di Rienzi estava atracada. Parecia decidido que Allegra e Mossanato retornariam com Renaldo.

Allegra estendeu a mão para o monge, que apertou-a calorosamente.

— Obrigada, padre. Este lugar é maravilhoso e espero poder visitá-lo novamente.

— É claro, minha filha — ele aprovou, sorrindo e pondo na mão dela uma minúscula caixa. — Isso é um talismã. Servirá para lembrá-la de que, muitas vezes, a dor é a chave da alegria.

Olhando no rosto do monge, Allegra reparou que ele sorria, parecendo ao mesmo tempo compreensivo e divertido... Mas por quê?

Sem achar uma resposta, ela tomou lugar ao lado do *signor* Mossanato, enquanto Renaldo dava partida no motor. A lancha foi se afastando do cais, produzindo um rastro de espuma, e Allegra olhou para trás. Padre Arkajanian mantinha-se de pé, com as mãos às costas e um sorriso no rosto.

No trajeto de volta, os dois homens desenvolveram uma conversa amável. Allegra guardou o talismã na bolsa e manteve-se em silêncio. Enquanto isso, observava o arrogante *conte* ao volante da lancha. Renaldo di Rienzi parecia realmente capaz de estragar qualquer momento feliz que ela estivesse vivendo. Às vezes ajudava um pouco pensar nele como um homem chamado Aldo, em vez do formal Renaldo. Mesmo assim, era difícil para Allegra esquecer a forma prepotente como ele costumava agir.

O *signor* Mossanato desembarcou no cais de Piazzetta e se afastou dando a impressão de estar um tanto aborrecido, talvez por ter sido relegado a segundo plano pela presença dominadora de Aldo. Ao se despedir, respondendo aos agradecimentos de Allegra, ele disse tristonhamente que um dia esperava realizar o desejo de levá-la para almoçar ou jantar. Sob o olhar severo de Aldo, Allegra respondeu que ficaria muito feliz se o visse novamente, à hora que ele quisesse.

Acelerando a lancha com impaciência, Aldo deixou o cais sem maiores comentários, entrando no Grande Canal a uma velocidade quase igual à que Guido dirigia. Sem trocar uma só palavra, eles chegaram à garagem aquática do Ca' d'Argenti. Era a primeira vez que Allegra via a parte traseira do palácio. Renaldo ajudou-a a desembarcar e, depois de percorrerem alguns corredores e atravessarem a área de serviço, eles chegaram à ala principal da casa.

— Espero que tenha gostado de ver as relíquias de Byron. — disse Renaldo, num tom quase cordial.

Allegra sorriu, aliviada por ver desfeito o clima pesado entre eles.

— Ah, sim. Imagino que Byron tenha ido àquele lugar principalmente em busca de paz. A atmosfera lá é muito repousante.

— Atualmente, são poucos os lugares onde isso ainda existe — concordou Aldo. — Realmente, às vezes eu fico pensando o que uma pessoa deve fazer para acalmar o espírito. E não depende só do lugar onde se esteja, porque não é possível simplesmente fechar a porta para o passado.

Allegra olhou para ele, surpreendida. Era evidente que havia dor e solidão naquele homem. Logo, porém, voltou a prevalecer a frieza e Renaldo fechou o semblante.

— Amanhã você começará seu trabalho com Bianca. Quero lembrar que minha filha muda de humor com muita facilidade por ser muito mimada, sempre quer fazer prevalecer suas vontades. Precisa ser disciplinada.

Allegra sorriu e ergueu a cabeça, num gesto inconscientemente sedutor.

— Farei o possível, *signor* Di Rienzi.

— Muito bem — aprovou Renaldo, girando o corpo e se dirigindo ao escritório.

Allegra subiu para o quarto, sentindo-se de repente vazia e cansada. Lembrando-se do talismã presenteado pelo monge armênio, tirou da bolsa a minúscula caixa e abriu-a. Lá dentro, sobre um forro acolchoado de algodão, estava uma delicada cruz de ouro. Bem no centro havia uma pequenina pedra cor-de-rosa. Allegra ergueu a jóia pela fina corrente e levou-a ao pescoço. O frescor produzido pelo contato do metal com a pele a reconfortou.

Maria bateu na porta e informou que a condessa estava cansada e havia se recolhido por algum tempo. Bianca ainda estava com a prima e o *signor* Renaldo não jantaria em casa. Se Allegra preferisse, poderia jantar no próprio quarto. Nenhuma informação foi dada sobre o paradeiro de Guido e ela não sentiu vontade de perguntar.

CAPÍTULO X

O dia seguinte amanheceu claro e bonito. Allegra acordou cedo e encontrou uma bandeja com o café da manhã esperando no lado de fora da porta. Imediatamente, ela decidiu consumir as deliciosas fatias de torrada, toda a geléia de marmelo e uma boa xícara de café. Queria guardar na lembrança cada momento naquela cidade e o café da manhã na Ca' d'Argenti parecia estar entre os mais deliciosos.

Depois do café, Allegra foi até a janela e contemplou mais uma vez o Grande Canal. De alguma forma, precisava se convencer de que a estada naquela linda cidade era apenas um interlúdio, porque seu destino estava em Boston. Se não a Larry, procuraria se ligar a um homem saudável e previsível.

Naquele dia ela começaria a cuidar de Bianca. Pensando nisso, pôs um discreto vestido azul-claro. Para que os cabelos castanho-escuros não contrastassem muito com o tom claro da roupa, ela os prendeu num rabo-de-cavalo. Queria parecer o mais profissional possível. Assim, se Aldo a visse, não teria nada para criticar.

Olhando-se no espelho, ela fez uma careta e riu alto. Por que tinha que se preocupar com o que pensava o conde Renaldo di Rienzi? Provavelmente ele nem se lembrava dela quando não estava por perto. Allegra jamais havia se considerado uma beldade e não via por que se preocupar.

Durante algum tempo, ela ficou se avaliando na frente do espelho. A linha dos lábios era delicada, mas não podia ter tanto charme como diziam algumas pessoas. O mesmo podia ser dito dos olhos castanhos. Até a postura ereta da cabeça, algo bem próprio dela e que às vezes chamava a atenção, não era lá grande coisa.

— Para servir como babá estou ótima — ela concluiu, rindo novamente e saindo em busca de Bianca.

Para encontrar a menina, bastou seguir os gritos de protesto que vinham não de muito longe. Nos aposentos da condessa, Bianca recusava-se terminantemente a permitir que Maria a penteasse. *La vecchia* estava na cadeira e parecia mais idosa e pálida à luz da manhã. Batia com a bengala no chão, exigindo silêncio, e só parou quando ouviu a saudação de Allegra:

— Bom dia.

— Não vejo nada assim tão bom neste dia — resmungou a condessa, apontando com a bengala para Bianca. — Veja se pode fazer alguma coisa com essa menina. Rebelde! Mal-comportada!

Rapidamente, Allegra dirigiu-se para onde estava Bianca, que soltou mais um grito ao vê-la. Maria balançava o pente numa das mãos, com ar de desconsolo.

— Que tal se eu arrumar o seu cabelo igualzinho ao das meninas

americanas? — propôs Allegra, num tom suave. — Minha avó costumava prender o meu cabelo e, quando ele se soltava um pouco, ela dizia que isso sempre acontece com meninas que têm cabelos finos e bonitos. Vamos tentar?

Estendendo a mão para receber o pente de Maria, Allegra reparou que Bianca parecia considerar a proposta. As lágrimas ainda escorriam pelas faces coradas e era evidente que a menina resistia a se submeter. No entanto, a curiosidade acabou prevalecendo.

— E nada mais de choro — recomendou Allegra. — Não vou poder pentear direito se você não ficar paradinha.

Calmamente, Allegra pegou a menina pela mão e levou-a até uma cadeira, iniciando o trabalho. Primeiro, penteou cuidadosamente os macios e levemente ondulados cabelos de Bianca. Depois, separou-os no meio e os prendeu nos lados, um pouco acima das orelhas, com presilhas que Maria forneceu de muito bom grado.

Concluída a tarefa, Bianca correu até o espelho que havia numa das paredes. Um sorriso de satisfação iluminou o rostinho da menina quando ela passou a mão pelas ondas que caíam sobre os ombros.

— Agora, vá mostrar à sua *nonna* como está bonita — sugeriu Allegra.

— *Bene* — aprovou a condessa. — Você está se saindo muito bem com a *bambina*. Agora, leve-a. Preciso de silêncio e paz para pensar no que deve ser feito para a festa. Ah, como eu detesto ser velha! Meu espírito quer atividade, ação, mas tenho que ficar aqui, amarrada nesta cadeira maluca. Mesmo assim ainda não estou morta. Ah, isso não! Pretendo resolver umas coisinhas antes de entregar o corpo ao chão.

Mais uma vez, Allegra admirou a força de vontade daquela mulher fantástica. Já perto de completar cem anos, Amalia Di Rienzi tinha uma determinação superior à de muitos jovens.

— Vá — ordenou a condessa, num tom que não tinha nada de autoritário. — Leve Bianca para almoçar na cidade, mas volte antes do chá. Confio que você saberá ensinar essa menina a se comportar tão bem quanto ela gosta de se divertir.

Em seguida, a condessa repousou a cabeça no encosto da cadeira, parecendo se entregar a um daqueles rápidos cochilos. Em silêncio, Allegra e Bianca foram saindo.

Luigi esperava lá fora com a lustrosa gôndola de *la vecchia*.

As duas embarcaram e logo eles chegaram ao local de concentração de gôndolas, onde Allegra tinha ido procurar Giovanni Fancelli, no dia da primeira visita à Ca' d'Argenti. Àquela hora, porém, havia poucos barcos atracados ali.

— Quando quiser voltar, por favor telefone e eu virei buscá-las — prontificou-se Luigi, entregando a Allegra um pedaço de papel com o número do telefone de Ca' d'Argenti.

Rapidamente, as duas atravessaram a praça e saíram pelo calçadão. Bianca quis parar em frente a uma loja em cujas vitrines estava exposta uma quantidade enorme de doces e bolos, dispostos em pratos de vidro como se fossem jóias. Allegra a fez caminhar com a promessa de que comeriam uma deliciosa sobremesa depois do almoço. Sem muita dificuldade, elas chegaram à antiga e bonita ponte de madeira que levava à Academia.

— Você já esteve na Academia antes? — perguntou Allegra.

— Não. Meu tio só me leva a lojas e lanchonetes. Vez por outra meu pai me leva para almoçar, mas depois sempre tenho que ficar um tempão sentada no escritório de alguém enquanto ele fala e fala de negócios.

Allegra não quis comentar aquela queixa. Logo as duas entraram no antigo museu e ela começou a falar tudo o que sabia de arte, querendo assim prender a atenção da menina. Bianca mostrava-se interessada. Olhava as pinturas com curiosidade e fazia perguntas que demonstravam uma percepção acima do comum para uma criança daquela idade. Finalmente elas pararam em frente a um maravilhoso retrato que mostrava uma mulher idosa. A expressão da retratada era a de quem encarava a vida com compreensão e bom humor.

— Esse quadro se chama *La Vecchia* — informou Allegra.

Bianca virou a cabeça para o lado, examinando a obra.

— As pessoas também chamam minha *nonna* de *la vecchia*. Até que as duas se parecem um pouquinho. Você entende o que estou querendo dizer? Como essa aí, a *nonna* não tem muito medo das coisas.

Allegra ficou espantada com aquela análise, mas não disse nada. A menina continuou:

— Eu gostaria de viver até completar cem anos, como a *nonna*. Só que tenho medo de uma porção de coisas. Às vezes falo com ela sobre isso, mas não é sempre. Às vezes também tenho medo do meu pai. Ele não me ouve muito bem.

Penalizada e enternecida, Allegra sorriu para a pequena companheira.

— Estou gostando muito de passear com você, Bianca.

— Também gosto de estar com você, Allegra. É bom ter com quem conversar. Gosto de aprender coisas, sabia? Fico contente quando chega o inverno e eu posso ir à escola. Por favor, Allegra, não vá embora. Por favor! Por favor!

Allegra olhou para o rosto suplicante da menina.

— Eu estou aqui, Bianca. Não se preocupe.

Ela queria tranquilizar Bianca, mas não se sentia capaz de fazer uma promessa mais concreta. Bianca mostrou-se mais relaxada e elas continuaram a visita ao museu.

Algum tempo mais tarde, as duas voltaram pelo mesmo caminho e, depois de andarem um pouco, chegaram à Piazza San Marco. Como sempre, o local estava atulhado de gente e pombos.

— Vamos almoçar no Quadri's — sugeriu Bianca.

Dirigindo-se ao restaurante que ficava no lado da praça oposto ao Florian, as duas conseguiram encontrar uma mesa vazia e se sentaram. Pediram lasanha com molho de tomate e, de sobremesa, bolo com sorvete. Exatamente ao meio-dia, elas comiam em silêncio, observando os turistas que se divertiam alimentando os pombos.

De repente, Bianca pulou da cadeira e saiu correndo ao encontro de um homem alto que vinha atravessando a praça, lá longe.

— *Papa, papa!* — ela gritou. — Estamos aqui!

Só então Aldo reparou na aproximação da filha, que pulou no colo dele e agarrou-se com braços e pernas. Depois, com a menina nos braços, ele se dirigiu à mesa que ela apontava.

Allegra sentiu um arrepio ao reparar na figura imponente que se aproximava. A luminosidade da praça produzia reflexos nas têmporas de Aldo, levemente grisalhas. Respirando fundo, ela procurou mostrar um rosto simpático e cortês.

— Por que não toma sorvete conosco, *papa*?

Bianca era toda sorrisos ao retomar o lugar na mesa. Aldo sentou-se também e pediu um café ao garçom. Ao ver os restos do almoço que elas haviam comido, pediu mais bolo e sorvete. Enquanto isso, Bianca fazia um detalhado e entusiástico relatório da visita matinal ao museu.

— E existe lá um retrato chamado *La Vecchia*, mas não é da nossa *nonna* — ela concluiu.

Renaldo dirigiu a Allegra um sorriso mais relaxado.

— Parece que, esta manhã, ela recebeu uma boa quantidade de informações sobre arte. É muito bem informada, *signorina*. Estudei para ser professora de História da Arte — respondeu Allegra, calmamente.

O conde franziu a testa.

— Então, por que trabalhava como secretária e não como professora? — ele inquiriu.

Allegra ergueu a cabeça, esforçando-se para sustentar o olhar no dele.

— Eu era secretária do chefe do departamento de arte da universidade, mas também dava aulas numa classe avançada, como assistente do catedrático. Ultimamente, vínhamos enfocando o simbolismo da arte medieval e renascentista.

Aldo não respondeu logo. Ficou apenas olhando durante algum tempo,

como se estivesse descobrindo uma nova faceta da jovem interlocutora. Em seguida, ele voltou os olhos para a praça.

— É surpreendente que, com tanto interesse pela arte, não tenha visitado a Itália antes.

Allegra ficou momentaneamente com os músculos tensos, como se ouvisse uma acusação.

— Estava economizando para a viagem — ela se explicou, em tom de defesa. — Depois que minha avó morreu, vendi a casa e fiquei em condições de viajar logo.

— Então, não veio apenas para entrar em contato com os Rienzi?

Antes, Allegra se esforçava para não deixar transparecer o quanto estava contente com a presença dele, mas aquelas palavras soaram como uma ducha gelada.

— Eu teria vindo mesmo que fosse apenas para conhecer a Itália, *signor* Di Rienzi. Ainda menina, aprendi a amar e admirar este país. Talvez não devesse ter molestado sua família com a história da ovelha desgarrada. Foi uma tolice minha pensar que a vida profundamente emocionante daquele ser humano poderia significar alguma coisa para o senhor. Mesmo assim, sua avó me acolheu com muita bondade e isso me gratifica. A condessa é uma mulher notável e me sinto uma privilegiada por tê-la conhecido. Além disso, Bianca é um amor de criança. Mas fique tranqüilo, *signore*, porque não abusarei da sua hospitalidade por muito tempo.

Para surpresa de Allegra, Aldo relaxou a carranca e abriu um sorriso largo.

— Calminha, moça. Pode crer que não quis ofendê-la, mas, mesmo assim, peço mil perdões. Preciso me lembrar sempre de que o romantismo faz as delícias das mulheres. Bem, vamos cuidar para que você, antes de voltar ao seu país, veja os tesouros de Florença, Roma e Verona.

Captando as últimas palavras do pai, Bianca engoliu rapidamente o resto do sorvete e entrou na conversa, cheia de ansiedade.

— Mas ela não vai nos deixar tão cedo! Você não vai embora, não é, Allegra? Por favor! Por favor!

Aquela súplica infantil fez com que várias cabeças se voltassem para a mesa deles.

— A *signorina* Allegra não vai partir e você deve se controlar, Bianca — disse Renaldo, com severidade.

A menina recolheu-se ao silêncio e Allegra sentiu um misto de pena por ela e irritação consigo mesma, por ter sido a razão daquela cena.

Renaldo fez um gesto impaciente para o garçom, pagou a conta e se pôs de pé.

— Vamos, vou levar vocês duas para casa. Minha gôndola está no cais.

Imediatamente depois ele se voltou e foi saindo, mal reparando se Allegra e Bianca o seguiam. No passo em que iam, logo os três chegaram ao cais. Luigi esperava a bordo de uma gôndola, bem mais sóbria do que a da condessa.

Allegra tomou lugar na embarcação e puxou Bianca para perto. A menina parecia dominada por um enorme abatimento.

Renaldo sentou-se no lado oposto, ocupando quase todo o espaço com as pernas compridas. Ele olhava para a filha com ar de severidade, os lábios comprimidos.

Minutos mais tarde, um barco a motor emparelhou com a gôndola.

— *Ciao, Aldo!* — gritou a voz forte de Guido, seguida por uma risada.

A lancha seguiu ao lado deles, em marcha lenta, e Luigi resmungou alguma coisa, esforçando-se para controlar a gôndola.

Por um momento, Bianca esqueceu o abatimento e sorriu para o tio, com quem parecia simpatizar muito. Havia outras pessoas na lancha, rindo e conversando alegremente. Entre elas estava Vera Falieri, sentada langorosamente num dos bancos acolchoados do barco.

— Então, você já voltou, Aldo — observou a condessa, num tom leve. — Parece ter sido uma viagem curta. Conseguiu o que pretendia?

Renaldo sorriu para ela.

— Contarei tudo durante o jantar, está bem?

— Está bem — ela concordou, acenando depois para Bianca com a mão cheia de anéis. — *Ciao, bambina.* Tenho um presente para você. Mandarei pelo seu *papa*.

As outras pessoas do grupo pediram em coro que a lancha continuasse e a condessa Falieri soltou uma gargalhada.

— Seus bobões impacientes! Vamos, então. Estamos atrasados para o chá no Lido. *Arrividerlà, Aldo mio.*

Com o motor acelerado, a lancha partiu rapidamente, enquanto Luigi se esforçava para impedir que a gôndola virasse. Ainda houve tempo para que Guido se voltasse e jogasse um beijo para Allegra. Pelo que ela se lembrava, ele havia afirmado que detestava Vera Falieri. Será que aquele irresponsável considerava tudo uma brincadeira?

A gôndola já estava chegando à Ca' d'Argenti, encaminhando-se para os fundos, quando Renaldo voltou a falar.

— A menina foi rude com a condessa Falieri. Não disse uma só palavra de agradecimento. Deve fazer com que ela aprenda boas maneiras, srta. Brent. Não quero que, quando crescer, ela se torne uma mulher egoísta.

Na rampa de descida, ele desembarcou e estendeu a mão para Allegra, enquanto Bianca descia sozinha e corria para o interior do palácio, gritando por Maria. Allegra ignorou a mão do conde e se dispôs a descer sozinha. Ao pôr um dos pés no degrau de pedra, porém, foi traída pelo balanço da gôndola e perdeu o equilíbrio. Imediatamente, os braços de Aldo a envolveram fortemente pela cintura. Tudo não passou de um instante, porém. Superado o perigo, ele a soltou, girou o corpo e saiu em direção aos degraus internos, sem ao menos olhar para trás. Allegra se deixou ficar onde estava por um momento, tomada pela surpresa e mal conseguindo respirar.

Finalmente ela pôs-se em movimento, pela primeira vez percebendo o quanto estava vulnerável. Era impossível descrever o que havia sentido ao ser tocada por Renaldo di Rienzi, um homem cujo mundo não estaria mais longe do seu se ele vivesse na Lua.

Maria encontrou-a no meio do corredor.

— *La contessa* está se sentindo fraca esta tarde e não receberá para o chá — informou a criada, com um ar de consternação e apressando-se em dar maiores explicações. — Não é nada sério. Ela já não é muito jovem e vez por outra fica assim.

Quando Allegra chegou ao quarto, Bianca esperava por ela. Guido havia deixado um recado na porta e agora o bilhete estava nas mãos da menina: "Amanhã o sol brilhará na praia do Lido. Que tal me dar outra oportunidade?"

Bianca olhou para Allegra, esperançosa. O rostinho ainda não estava totalmente recuperado da recente contrariedade.

— Estou certa de que o convite é para nós duas, Bianca — interpretou Allegra, matreiramente. — Por que você não escreve um bilhete dizendo que aceita e deixa na porta do seu tio Guido?

Imediatamente, Bianca abriu um sorriso e saiu correndo em direção à ala onde ficava o quarto de Guido.

Allegra estava ansiosa para conhecer tudo daquela cidade, sentir-se em casa por direito de herança. Queria também ver-se livre da "proteção" das paredes da Ca' d'Argenti, que às vezes a sufocavam. Não foi necessária a menor insistência para que Bianca aceitasse um convite para um novo passeio pela cidade. Logo as duas percorriam, de mãos dadas, as estreitas e tortuosas ruas de Veneza.

Haviam dispensado a gôndola, porque Allegra queria pisar livremente aquelas pedras antigas, andando sem destino. A tarde era inteiramente dela e de Bianca. Depois de algum tempo, as duas caminhavam em busca de um restaurante onde, segundo Bianca, era servida a melhor *pizza* do mundo.

Elas andaram por ruas, calçadas e pontes até que finalmente foram atraídas pelo delicioso aroma de uma pizzeria. Era justamente o restaurante louvado por Bianca. Sentando-se a uma pequena mesa, elas aceitaram a sugestão do garçom e pediram uma *capricciosa*, uma combinação de tomates, corações de alcachofra, queijo e azeitonas.

— Este é o meu restaurante preferido — confessou Bianca excitada. — *Papa* costumava me trazer aqui, antes de se deixar envolver tanto pelos negócios.

Era engraçado o jeito como a menina falava, querendo parecer adulta, mas Allegra procurou não rir.

— Então, tanto você como seu pai têm bom gosto. Acho que vai ser também o meu restaurante preferido.

Quando o garçom trouxe a *pizza* e começou a servir, Bianca sorriu e fez uma sugestão:

— Vamos levar metade dessa *pizza* para casa? Assim, poderemos ter o nosso jantar especial.

— Em segredo? — perguntou Allegra, piscando um olho.

— Claro! Ninguém precisa ficar sabendo de nada... a não ser a cozinheira.

Era bom ver que Bianca estava feliz novamente.

O dia amanheceu radiante, fazendo entrar pela janela do quarto de Allegra os raios de sol e o som dos sinos da igreja. Quando acordou, ela olhou o despertador e viu que já eram nove horas. Naquele exato momento, uma buzina começou a tocar insistentemente no canal, bem embaixo da janela. Allegra correu para ver o que estava acontecendo e reparou que era apenas Guido quem fazia todo aquele barulho a bordo da lancha.

— Ainda não está pronta? — ele gritou, lá de baixo.

— Você não disse a que horas deveríamos sair — respondeu Allegra, no mesmo tom.

— Devo ter esquecido. De quanto tempo você precisa para vir até aqui? Acho que podemos tomar o café da manhã na ilha.

Allegra pensou um pouco antes de responder. Nesse meio tempo, divertiu-se com a expressão de Guido, que mais parecia um garoto cheio de expectativas.

— Quinze minutos — ela respondeu, finalmente. — E pelo amor de Deus, desligue o motor dessa lancha. Veja também se Bianca já está pronta.

Allegra correu para o banheiro, tomou uma ducha rápida e, minutos mais tarde, pôs um vestido branco de verão, bem leve. Depois de escovar rapidamente os cabelos, enfiou numa sacola a roupa de banho, uma toalha e um lenço amarelo. Estava pronta para sair quando Bianca abriu a porta e entrou.

— Tio Guido está aborrecido comigo, Allegra. Ele disse que não poderei ir se não me aprontar imediatamente. Só que... — Durante um breve momento,

ela ficou parada na frente de Allegra, com um ar de desamparo, balançando na mão um pente e duas presilhas. — Só que eu não sei como dar um jeito no meu cabelo.

Rapidamente, Allegra fez na menina um penteado parecido com o do dia anterior, prendendo os cabelos nos dois lados da cabeça. Apenas um minuto além do prazo estipulado, as duas desceram correndo os degraus da escada e se encontraram com Guido à porta de saída.

— O café da manhã na ilha só é servido até as dez horas — ele disse, ajudando as duas a embarcar e pondo o barco em movimento.

Desta vez o tempo estava ajudando e o céu parecia integralmente pintado de uma só tonalidade de azul. Não demorou para que eles avistassem o Lido. No horizonte, apareceram as torres das igrejas e a silhueta dos edifícios.

Bianca estava ansiosa para chegar logo à praia.

— Quero que me veja nadando, Allegra. *Papa* pensa que sou um peixe porque gosto de nadar por baixo da água. Droga! Você me apressou, titio, e acabei esquecendo os óculos de mergulho. Como vou poder ver na água sem aqueles óculos?

— Lá eu comprarei outro para você — prometeu Guido, como se realmente tivesse culpa.

— Espero que alguém tenha se lembrado de dizer à condessa que estávamos indo passar o dia fora — falou Allegra.

Bianca pareceu igualmente preocupada.

— Você não disse nada a ela, tio Guido?

O rapaz fez uma careta e bateu com a mão na testa.

— Ai, meu Deus! Teremos que telefonar para ela do hotel. É melhor que você fale, Bianca, porque *la vecchia* está enfurecida comigo.

Bianca ficou pensativa durante algum tempo, certamente avaliando se valeria a pena desagradar à bisavó para agradar ao tio.

— Está bem, mas antes quero os meus óculos de mergulho — ela se pronunciou.

Guido ergueu uma das mãos para o alto e concordou:

— Está certo, está certo.

Allegra começou a ficar apavorada. Pelo jeito, teria que cuidar de *duas* crianças.

— Eu telefonarei para a condessa — ela declarou, fazendo com que os dois se voltassem ao mesmo tempo, espantados pelo tom de voz.

— O que houve? — perguntou Guido.

— Nada, a não ser que você está despertando na sua sobrinha um sentimento não muito recomendável.

— Ai, meu Deus! — exclamou outra vez Guido, irritado.

— Mesmo assim, eu quero os meus óculos de mergulho — pronunciou-se Bianca, preocupada.

Allegra não respondeu.

Minutos mais tarde a lancha encostou no cais do Excelsior. Havia muitos outros barcos ali e o encarregado do cais devia estar tendo uma manhã bastante ocupada. Guido levou a lancha para bem perto e jogou a corda de amarração.

A essa altura, Bianca já havia pulado em terra firme. Allegra e Guido desceram também e logo os três atravessavam o saguão do hotel e a sala de jantar, a caminho da areia.

Na praia, Bianca assumiu a dianteira, correndo em direção à barraca dos Di Rienzi. Àquela altura, havia muitos banhistas tomando sol na areia e Guido acenava para vários deles.

— Tenho amigos por aqui — ele disse, enquanto caminhava. — Depois que arranjarmos alguma coisa para comer, vou apresentá-la a alguns deles.

Alguns passos adiante eles chegaram a uma área arborizada onde, sob uma cobertura, era servido o café da manhã. Sobre uma mesa comprida estava uma tentadora variedade de comida. Havia frutas de várias qualidades, pão, torradas quentes, manteiga e vários tipos de geléia. No centro da mesa, como se presidisse a tudo, estava uma máquina de café expresso. Os sucos estavam dispostos em jarras numa mesinha ao lado. Os próprios hóspedes se serviam, sob os olhares de prestativos garçons.

Bianca juntou-se aos dois mais velhos já com a roupa de banho e Guido chamou um dos garçons, pedindo que ajudasse a menina a se servir. Quando os três já estavam de posse de suas bandejas, ele arranjou uma mesa ao sol, de onde poderia ficar observando os acontecimentos da praia.

— Ah! — exclamou o rapaz, pouco mais tarde, rindo e apontando. — Lá está Aldo. É claro que ele não veio aqui a trabalho, mas também não parece estar se divertindo muito.

Allegra olhou para o local indicado e viu um grupo de pessoas que tomava sol perto da água. Sentiu um leve estremecimento ao perceber que Renaldo estava entre eles. Com o torso nu, mesmo a distância ele parecia cheio de vitalidade. Estava de perfil, com Vera Falieri pendurada num dos braços.

Guido emitiu uma risadinha.

— Ela está fazendo o que pode para conquistar Aldo. Imagino que, um

dia, ele vai acabar se rendendo. *La vecchia* não a quer na família, mas é claro que Vera saberá esperar pela morte da minha avó. Quando isso acontecer, Aldo poderá fazer o que bem quiser.

Bianca não gostou nada da perspectiva apresentada pelo tio.

— Pois se isso acontecer, eu fugirei — ela declarou.

Allegra lançou a Guido um olhar de censura.

— Talvez possamos conversar sobre coisas mais agradáveis. Não está vendo por aí nenhum dos seus amiguinhos, Bianca?

— Bem, Rudolfo está esperando que eu acabe de comer para que possamos brincar na areia — respondeu a menina, mordendo o último pedaço de torrada com mel e saindo em disparada.

Quando os dois adultos ficaram sozinhos, Allegra procurou falar o mais seriamente possível.

— Será que você não previu o efeito que suas palavras poderiam ter na menina, Guido?

— Ora, Bianca nem entendeu direito sobre o que estávamos falando. Fique tranqüila que ela está bem.

Allegra sentiu vontade de estrangulá-lo.

Naquele momento, o grupo de Aldo estava caminhando para o terraço, na direção do bar. Guido pôs-se de pé e o chamou. Aquilo deixou Allegra muito pouco à vontade, porque Vera Falieri era uma pessoa de atitudes calculadas.

— Oi, irmãozinho — saudou a sofisticada condessa, beliscando a bochecha de Guido. — Outra vez eu o encontro aqui... e em muito pouco tempo.

Aldo não escondeu o desagrado pela presença do irmão.

— Parece que não é muito difícil para você escapar ao trabalho.

Guido deu de ombros.

— Achei que seria bom para Bianca ter a companhia de um dos homens da família, pelo menos uma vez ou outra.

Aldo contraiu os lábios, mas não respondeu. Dois rapazes do grupo sorriam para Allegra como dois autênticos conquistadores latinos. Deliberadamente, Allegra retribuiu ao sorriso deles e teve a satisfação de ver que a irritação de Aldo aumentava. Finalmente, Vera resolveu se dirigir a ela.

— Quanto tempo você disse que pretendia ficar em Veneza queridinha?

Guido antecipou-se na resposta, com um sorriso matreiro,

— Bem, Vera, ainda não sabemos. Pode ser até que ela se torne uma hóspede permanente. Bianca ainda é muito pequena como você sabe...

— Mas *onde* está Bianca? — inquiriu Aldo.

— Pode crer que não vai encontrá-la no bar, embriagada — devolveu Guido.

Allegra achou que já era hora de pôr um fim àquela discussão absurda.

— Ela está procurando conchinhas com Rudolfo. um amiguinho. Imagino que seja uma atividade mais saudável do que presenciar a conversação dos adultos.

— Mas alguém devia estar de olho nela — insistiu Aldo como se quisesse se defender. — Afinal de contas, Bianca é apenas uma criança.

É claro que ele não podia estar falando sério e Allegra se pôs de pé.

— Vou até a barraca, trocar de roupa. Guido, você vai ter que me mostrar o caminho.

Imediatamente Guido se ergueu, com um sorriso luminoso. Sem a menor cerimônia, ele pôs o braço no ombro de Allegra.

— Espero que você e Vera se divirtam bastante, irmãozinho, porque é isso o que *nós* vamos fazer.

Como se obedecesse a um comando, todo o grupo de Aldo se afastou em direção ao bar.

— Nós poderíamos ter ficado com eles, se você quisesse — vacilou Guido.

— Não creio que o seu irmão estivesse muito ansioso por isso.

— Por que não? Bem que eu gostaria de ver Vera realmente aborrecida, e parece que a sua presença consegue isso com muita facilidade. Ela já fez operação plástica no rosto, sabia? Aposto que em menos de uma hora ela estaria outra vez cheia de rugas. Isso seria divertido.

— Não é bem dessa forma que eu procuro me divertir — dispensou Allegra.

Como um garoto travesso, Guido ergueu as duas mãos.

— Não precisa se aborrecer. Eu estava só brincando.

Depois que eles trocaram de roupa na barraca, procuraram ficar perto de Bianca, que parecia muito envolvida no brinquedo com o amiguinho. Allegra estendeu a toalha na areia morna e se deitou, experimentando uma deliciosa sensação. Guido acomodou-se perto dela.

— Parece que você chegou na hora certa, Allegra — ele confidenciou.

Allegra ergueu um pouco a cabeça, curiosa.

— O que está querendo dizer?

— Muito brevemente ocorrerão algumas mudanças na Ca' d'Argenti. Se você permanecer aqui, poderá ver o que está acontecendo com a nossa hierarquia social.

Ele disse aquilo com um risinho debochado e Allegra achou melhor não dar resposta. Apenas fechou os olhos e procurou aproveitar o sol.

Passou-se um bom tempo antes que Guido voltasse a falar:

— Imagino que você queira voltar a tempo de tomar chá com *la vecchia*.

— Sim. Há quase dois dias que não vejo a sua avó.

— Na idade dela, a pessoa já não se lembra muito bem do tempo e da hora — disse Guido, num tom casual. — Minha avó já não é tão esperta como costumava ser.

Quase num pulo, Allegra sentou-se na areia.

— Guido! Nós nos esquecemos de telefonar para dizer a ela onde estávamos.

— Bem, agora já não adianta mais. De qualquer forma, os criados devem saber que estamos aqui e contarão a ela. Você leva tudo muito a sério, Allegra. Mesmo assim, podemos voltar, se quiser. Acho até bom, porque Bianca já deve estar a ponto de sofrer uma insolação. Além disso, sei o quanto você gosta dos chás de *la vecchia*.

CAPITULO XI

Maria esperava na entrada dos fundos do palácio quando a lancha encostou.

— Bianca! — ela ralhou, em tom gentil. — Você está cheia de areia, menina.

— É verdade, Maria, mas veja só o que eu trouxe para você.

Orgulhosa, Bianca mostrou um balde de plástico cheio de ostras e água salgada. Guido apressou-se em tomar-lhe o balde das mãos.

— Hum, isso parece bom — ele disse, arregalando os olhos — Acho que vou mandar cozinhar para o meu jantar.

Imediatamente ele saiu em direção à cozinha, perseguido por uma enraivecida Bianca, que protestava com veemência.

— *Signorina* — falou Maria. — *La confessa* está se sentindo melhor esta tarde e quer vê-la nos aposentos dela. O médico ordenou repouso absoluto.

— Compreendo. Irei vê-la logo que tiver tomado banho e trocado de roupa.

O choro de Bianca na cozinha chamou a atenção de Maria!

— Vou dar um jeito naquele encenqueiro — ela se dispôs. — Não se preocupe.

Pensando no que seria daquela casa sem a presença de Maria. Allegra usou a entrada de serviço para chegar ao primeiro andar. Ao entrar no quarto, reparou que a gata amarela de Bianca estava espichada na cama, como se fizesse um comercial de televisão sobre o que é viver confortavelmente. Com os olhos, o animal seguia os movimentos de Allegra, que tirava a roupa para entrar no chuveiro.

— Ainda bem que você é uma gata — disse a jovem, sorrindo e soltando os cabelos.

Quinze minutos mais tarde, de banho tomado e de roupas limpas, ela se dirigiu aos aposentos de *la vecchia*. Já estava sentindo falta de uma boa conversa com a velha senhora.

A porta dupla estava entreaberta e, antes mesmo de se anunciar, Allegra percebeu que havia atividade ali.

— Entre, minha filha, entre! — chamou *la vecchia*, com impaciência.

Depois de fechar a porta atrás de si, Allegra olhou espantada para os lados. Estava tudo na maior confusão, com roupas jogadas para todos os cantos.

— Preciso de ajuda, Allegra — disse a condessa, respirando com dificuldade. — Tive que me esgueirar dentro da minha própria casa para evitar um encontro com aquele médico senil e tonto. Fui lá para cima e veja só o que encontrei na antiga ala, que tempos atrás usávamos para guardar velharia. O que acha da minha pequena descoberta? Botei tudo dentro do elevador manual e trouxe para cá. Não foi fácil, mas consegui.

Allegra olhou novamente a grande variedade de peças espalhadas pelo quarto. Havia vestidos de seda com enormes laços, sapatos do mesmo tecido e extravagantes bolsas com aplicações de contas e paetês, além de compridas plumas e tiaras com lantejoulas.

— É tudo muito bonito — admirou-se Allegra. — Nunca tinha visto fantasias tão lindas.

— Mas não são fantasias. Lembro-me bem da maior parte dessas roupas, porque eram minhas. Há muitos anos, quando Leopoldo e eu éramos jovens, sempre celebrávamos a chegada de cada estação com grandes bailes.

Allegra nem sabia o que dizer. Aquela visão era uma surpreendente mistura de real e fictício.

— Você acha que eu iria querer uma festa de aniversário apenas com um bolo e discretas congratulações dos familiares? — continuou a condessa. — Já se passaram muitos anos desde que a Ca' d'Argenti era iluminada por tochas nas paredes, anunciando os bailes promovidos pelos Di Rienzi. Provavelmente eu não viverei até os duzentos anos e quero que a comemoração do meu centenário seja bem extravagante.

Em seguida ela recostou a cabeça no encosto da cadeira e fechou os olhos, com uma expressão de contentamento.

Allegra pegou um dos vestidos e encostou no próprio corpo, olhando-se no espelho. Era um lindo e pesado vestido de tafetá azul, cheio de babados. A cintura era apertada, assim como a parte do busto, e tinha um decore profundo nas costas. Allegra deu uma volta em torno de si mesma, observando o movimento da comprida saia. Devia ser maravilhoso para uma mulher recordar a noite em que, envergando aquele vestido, havia dançado num salão iluminado.

— Eu tinha dezesseis anos — relembrou a condessa, abrindo outra vez os olhos. — Durante meses, supliquei ao meu pai que me deixasse ir ao meu primeiro baile. Ele acabou concordando e foi com esse vestido que eu fui. Esse tecido deve estar ainda impregnado pela minha juventude. — Ela sorriu para Allegra, que continuava segurando o traje contra o peito. — Mas não é esse o que eu quero que você use. Está vendo aquele ali em cima do banquinho? Traga-o aqui.

Allegra foi até o local que ela indicava e pegou um vestido bege de cetim com cobertura de tule. Ricas aplicações de contas, em tons brilhantes, cobriam inteiramente a saia. Fileiras de rosas acompanhavam o decote frontal, além das rosas em botão que se prendiam às pregas das fofas mangas, logo abaixo

dos ombros. Ali perto havia uma bolsa rendada com enfeites de rosas, combinando com o vestido.

— Acho que serve em você, *cara mia*. Além disso, tem o seu espírito, o seu colorido. Você... se importaria se eu lhe pedisse que o vestisse na minha festa de aniversário?

— Ele é lindo, mas deve ser muito frágil para ser usado. Imagino que seja bem antigo.

— Sim, mas foi bem conservado e o material é de primeira qualidade. Não tenha medo quanto a isso.

Maria entrou trazendo uma bandeja de chá para as duas e deixou-a sobre uma mesinha. Não pareceu surpresa ao ver os vestidos de baile espalhados pelo quarto. Na certa, era cúmplice da condessa.

— Você entendeu, Allegra? — falou *la vecchia*, insistindo no assunto do baile. — Quero tudo muito direitinho.

— A senhora não devia estar se preocupando com isso — recomendou Allegra. — Entendo alguma coisa de organização e Bianca não está me dando muito trabalho. Por que não deixa que eu assumo parte da responsabilidade? — De pé no meio do quarto, ela encostou o dedo sobre os lábios. — Para começar, o que vamos fazer com tudo isso?

— É justamente essa a questão. Quero que leve aquele vestido para o seu quarto. Maria levará as anáguas que pertencem a ele, depois de lavá-las e engomá-las. Se precisar de algum ajuste, tenho uma costureira de confiança que poderá vir aqui antes do baile. Quanto aos outros, precisamos resolver. Quero ver se encontro um que não pareça muito juvenil no meu esqueleto velho. Talvez exista também algum que sirva para a velha Luisa. O resto deixaremos de lado. Aquela Falieri certamente vai querer usar um vestido novinho em folha. Vou convidá-la apenas por uma questão de boa educação. Se não fosse por isso...

Enquanto elas tomavam chá, Allegra ouviu mais sobre a infância da condessa. A menina Amalia tinha sido uma criança solitária, vivendo com um pai que exigia muitas atenções.

— Quando eu tinha treze anos, ele começou a ficar caduco. Naquele ano, peguei escarlatina. Foi até engraçado, porque todos pensavam que eu ia morrer. Obrigaram-me a ficar na cama durante semanas e papai convenceu-se de que eu estava inválida. Depois disso, ele nunca chegou a acreditar que eu havia recuperado a saúde. Foi um verdadeiro acontecimento quando uma prima recebeu permissão para me visitar. Isolada como vivia, é claro que acabei me tornando uma leitora voraz. Lia tudo que me caía nas mãos. Sempre que papai cochilava, eu corria para o sótão, que havia transformado em local de leitura. Perto da janela havia pilhas e pilhas de livros.

A condessa parou um pouco para respirar e continuou em seguida.

— Minha mãe era uma boa mulher, mas interessava-se mais por passear

a cavalo no Lido do que pela pequena família. Eu suspeitava dela, achando que tinha um amante. Meus pensamentos eram um tanto maduros para a idade e lembro-me de ter pensado que ela se arrependia de se ter casado com papai e me ter dado à luz. — *La vecchia* fechou os olhos e suspirou. — Mas Leopoldo apareceu e logo minha vida se encheu de felicidade. Muitas tolices são escritas sobre o amor, paixões ardentes, ciúmes doentios. O nosso amor não foi nada disso. Tive muito tempo para pensar nos anos felizes que passei ao lado de Leo. Era como se nós sempre nos tivéssemos amado, não apenas durante o tempo em que estivemos juntos. Quando nos encontramos, foi como se estivéssemos continuando algo iniciado muito tempo antes. E pode crer, Allegra, que ainda reencontrarei Leo para continuar o nosso amor.

As palavras da condessa mexiam com Allegra, produzindo sensações que pareciam vir de um mundo misterioso.

— O destino é nosso amigo — murmurou a velha. — Isso é uma verdade, apesar de às vezes não gostarmos do que ele nos reserva. Agora, por exemplo, estou cansada. Droga de velhice! Diga a Maria que quero descansar durante algum tempo.

Logo em seguida ela deixou a cabeça cair para o lado, dormindo imediatamente. Allegra saiu, levando o vestido bege.

No momento em que ia passando pelo hall, Maria e Bianca vinham subindo a escada. Ao vê-la, a menina se aproximou correndo, sem dar atenção ao vestido de baile.

— Recuperamos todas as minhas ostras, Maria e eu — relatou Bianca. — Às vezes tio Guido me deixa irritada.

— Mas não se esqueça de que ele compra coisas bonitas para você — ressaltou Maria. — Agora, vá para o seu quarto. Você está com a pele muito queimada e precisa dormir um pouca para que a pomada que passei faça efeito.

— Allegra! Allegra! — choramingou Bianca, resistindo Maria. — Deixe que eu venha jantar com você. Não quero ficar na sala de jantar com tia Lidia, tio Guido e todo aquele pessoal, mas também não quero comer na cozinha. O padre sempre fica me passando sermões. Vamos dizer que nós estamos com dor de cabeça, como a condessa Falieri age quando não quer fazer alguma coisa. Por favor!

Allegra olhou para Maria, por cima da cabeça da menina, e a italiana fez um gesto de concordância.

— Eu não fui convidada, Bianca. Portanto, nem preciso dizer que estou com dor de cabeça.

— Ah, não? Deve ser porque a *nonna* não vai descer para o jantar. Eles pensam que você ficará com ela. Bem, trarei nossas bandejas às sete horas.

Em seguida, ela apertou com força a mão de Allegra e saiu com Maria pelo corredor, em direção ao quarto.

O quarto estava fresco, silencioso e aconchegante quando Allegra entrou. Ela pôs o vestido de baile nos pés da cama e ficou pensando no que fazer durante o resto do dia.

Era uma maravilhosa tarde de verão. Fazia calor e não havia uma só nuvem no céu. Bem que ela podia telefonar para Eleana Bugelli e sair para comprar presentes para todos daquela simpática família italiana. Giorgio na certa estava achando que havia sido esquecido, e isso depois de ter sido um guia turístico tão eficiente naquele primeiro dia.

A súbita lembrança de Clinton Meserve, porém, fez com que ela se sentasse à elegante escrivaninha e pegasse caneta e papel, disposta a escrever uma carta. O bom Clinton, que fizera tantas recomendações para que ela se resguardasse dos perigos da viagem... Devia ter escrito para ele logo ao chegar.

Durante algum tempo, Allegra ficou segurando a caneta sobre o papel. O que dizer ao velho, conservador e querido Clinton? Talvez que estava morando num palácio, com uma condessa que logo completaria cem anos e tinha dois netos, um solteiro e outro viúvo... Que estava procurando os laços que o uniam a lorde Byron... Que estava tão envolvida com o mundo de sonhos de Veneza que era até possível não voltar mais para casa...

Em vez disso, Allegra escreveu sobre os museus, os Bugelli, a oportunidade de servir de acompanhante a Bianca, a doce e idosa condessa e a muito respeitável família Di Rienzi. Terminada a carta, ela pôs junto um cartão-postal da praça de São Marcos e lacrou o envelope. Clinton ficaria bem mais tranqüilo quando visse a foto de um dos locais por onde ela circulava.

Depois disso, Allegra deitou-se por um instante, mas acabou cochilando, na certa por causa do cansaço da praia. Quando acordou já eram quase seis e meia. Olhando-se no espelho que havia na porta do armário, ela se achou jovem demais e bastante americana. Como poderia usar um vestido de baile do século XIX na festa de aniversário da condessa? Na certa pareceria deslocada no espaço e no tempo.

Nesse momento, a insistente vozinha de Bianca chamou lá de fora. Com dificuldade, a menina empurrava um carrinho com o jantar das duas.

Enquanto comiam, elas conversaram sobre a perspectiva do grande baile. Examinando o vestido que Allegra deveria usar, Bianca informou que o pai havia encarregado a costureira da condessa Falieri de desenhar um vestido de menina da época vitoriana para ela. Allegra perguntou por que ele não havia recorrido à costureira da condessa Di Rienzi.

— A condessa Falieri disse que ela não entende nada de estilo — respondeu Bianca, parecendo bem pouco satisfeita. — Mesmo assim, eu ficaria mais contente se o vestido fosse feito pela costureira da *nonna*. Allegra, por que na minha família sempre tem uma pessoa com raiva de outra? Isso não está certo.

Carinhosamente, Allegra segurou a mão da menina.

— Toda família tem seus problemas, e eles sempre parecem incrivelmente importantes e terríveis. Seu dever é procurar ajudar no que for possível e não contribuir para que a confusão aumente.

Nesse momento, alguém bateu com força na porta.

— Sou eu, Guido — anunciou-se o rapaz, abrindo a porta enquanto falava. — Você está vestida? Estamos todos nos divertindo bastante lá embaixo. Você devia se juntar a nós.

Guido falava num tom muito alto. Na certa, havia bebido um pouco além da conta.

— Esta noite não estou muito disposta a festas — recusou Allegra, com igual dose de simpatia e firmeza. — Além disso, Bianca e eu acabamos de jantar agora mesmo.

— Mas é só para a sobremesa... Estão todos perguntando por você.

Allegra começou a ficar desconfiada. A expressão do rosto e o brilho dos olhos acabaram por trair Guido.

— Seu amigo Pietro Luigi Maria Mossanato está perguntando por você — ele confessou, rindo. — Luisa, tia Lidia e padre Fiorenzo não param de falar na Virgem Santíssima e Mossanato já não agüenta mais. Vamos, Allegra. Ponha alguma roupa bonitinha e desça. Vou lhe dar um prazo de dez minutos. Depois disso, mandarei aquela miniatura de Byron vir procurá-la.

Não querendo ouvir mais uma negativa, Guido fez uma reverência espalhafatosa e saiu, deixando o ar do quarto impregnado pelo cheiro de vinho e fumaça de cigarro. Allegra não estava com a mínima vontade de se juntar àquele grupo, mas a idéia de que o pobre Mossanato podia se tomar objeto das chacotas de Guido a fez mudar de idéia.

— Não tem importância, Allegra — permitiu Bianca. — Eu até que podia descer um pouco, também.

A menina falava como uma adulta, honrando o sangue aristocrata. Allegra sorriu.

— Obrigada, *cara mia*. Ficarei lá só um tempinho. Agora, acho melhor você ir para a cama. Amanhã veremos o que vamos fazer.

Depois que Bianca se despediu, Allegra pôs um conjunto de calça e blusa de linho azul e jogou um suéter branco sobre os ombros. Ao descer a escada, já podia ouvir as vozes dos convidados. Seguindo-as, ela chegou ao salão azul e dourado.

— *Signorina* Brent — saudaram várias vozes, ao mesmo tempo, vindas da porta que dava para o jardim.

— Aqui — chamou o *signor* Mossanato, impecavelmente vestido,

acenando para ela. — Estamos jantando no terraço.

Allegra se aproximou, contente por rever o novo e bom amigo, e ele se pôs de pé.

— Está encantadora — elogiou Mossanato, levando a mão aos lábios e parecendo sincero. — Precisa me dizer o que achou de San Lazzaro. Naquele dia, aconteceram problemas demais para que pudéssemos conversar.

O homenzinho continuou a falar, enquanto a acompanhava até o outro lado do jardim. Uma mesa comprida havia sido posta ali, protegida por uma cobertura de lona colorida.

Na luz fraca, Allegra identificou seis ou sete pessoas sentadas em volta da mesa. Guido levantou-se quando ela se aproximou, assim como os outros homens. Ela reconheceu padre Fiorenzo e o marido da prima Luisa. Aldo também se ergueu, para surpresa de Allegra, que não esperava vê-lo ali. Guido apresentou-a novamente a todos e arranjou lugar ao lado de Vera Falieri.

— Vera e Aldo apareceram à hora da sobremesa — relatou o rapaz, com um olhar de galhofa para o irmão. — Bem, parece que isso está em moda. Mas onde vocês pretendiam ir esta noite, *signore*?

Aldo respondeu em curtas palavras:

— Ao La Fenice. Pennario apresentará a Quarta Sinfonia de Beethoven.

— Também está muito em moda.

Allegra sentou-se de frente para o padre. Na redistribuição de lugares, Mossanato perdeu-se dela e, atarantado, sentou-se ao lado de Lidia.

— Minha querida — falou o prelado, com simpatia, fazendo com que Allegra esquecesse a competição verbal dos irmãos. — Você está se saindo muito bem, segundo me conta *la contessa*. Confesso que estava um tanto apreensivo. No dia em que nos conhecemos, tudo parecia um pandemônio e eu temia que a nova experiência pudesse ser um cálice amargo para o seu doce paladar.

Allegra retribuiu o sorriso dele.

— Estou tendo a oportunidade de olhar a vida e as pessoas de um novo ponto de vista, padre. Sei que isso será muito positivo para mim. — Nesse momento, ela sentiu que Aldo a observava e acrescentou: — Pelo menos, tento me convencer disso!

Padre Fiorenzo estendeu o braço e pôs a mão encorajadora sobre a dela.

— Estarei sempre por perto, minha filha, na hora em que precisar. Não se esqueça disso.

— *Signorina* — chamou a voz baixa mas penetrante de Vera Falieri. — Ouvi dizer que está sendo uma excelente babá para a menina. Pode crer que

isso foi um grande alívio para o conde e para mim. Hoje em dia é muito difícil encontrar criados de confiança.

No outro lado da mesa, Guido estava atento.

— Aposto que Allegra tem uma porção de amigas, todas americanas e lindas, que adorariam trabalhar para você, Vera? — ele rebateu, tomando as dores de Allegra.

— Felizmente, *bambino*, por muito tempo não precisarei me preocupar com esse problema. Estou vendendo a casa.

Dizendo isso, ela encostou a cabeça no ombro de Aldo, num gesto possessivo. Por sua vez, Aldo demonstrou claramente que não estava gostando do tom daquela conversa.

— A srta. Brent não é uma criada da casa, Vera — ele corrigiu, friamente, olhando para o relógio. — Não podemos mais esperar pela sobremesa. A apresentação começará dentro de poucos minutos.

Ele se ergueu e puxou o braço da condessa Falieri, quase a arrancando da cadeira.

— Por que essa pressa, meu bem? — protestou Vera, procurando manter a pose.

Guido riu alto e não perdeu a oportunidade.

— Você vai ter que ir, Vera. São ordens do patrão.

Aldo respondeu sem olhar para o irmão.

— Esteja no escritório amanhã bem cedo, Guido... se é que conseguirá. Boa noite, srta. Brent, padre... Boa noite para todos.

Em seguida ele saiu, praticamente arrastando a condessa Falieri pelo braço. Os protestos de Vera se ouviram logo que eles atravessaram a porta que dava para o salão.

Intuitivamente, Allegra concluiu que estava ocorrendo uma séria confrontação entre os dois irmãos. Não era só o jeito debochado de Guido que produzia efeito nos nervos de Aldo.

Aproveitando o lugar vago, Mossanato apressou-se em sentar-se ao lado dela.

— Ufa! — ele exclamou, aliviado. — Parece que agora teremos um pouco de paz. Estava ansioso para lhe falar sobre as exposições e conferências que terão lugar em Atenas, no mês que vem, todas tendo Byron como tema. É uma comemoração da luta contra o domínio turco. É claro que os políticos saberão tirar proveito mas, mesmo assim, todos os eventos terão aspectos interessantes. Achei que poderíamos ir lá, integrados a alguma das excursões promovidas pelos cultores da memória do poeta.

O olhar dele era quase de súplica e Allegra se enterneceu.

— Eu adoraria ir, *signore*, e fico sensibilizada pela sua gentileza de me convidar. No entanto, realmente não sei se estarei em Veneza no mês que vem. Ainda não defini nada quanto a isso.

— Não se preocupe em explicar, por favor. Não há necessidade disso. Quanto a mim, já resolvi que vou, e entrarei em contato com você quando estiver mais perto da partida. A programação começará no dia dezoito. Se você ainda estiver aqui... certamente acharei a viagem bem mais interessante.

Allegra sorriu para ele.

— Até lá resolveremos, *signore*.

Mossanato inclinou-se mais para perto dela e voltou a falar, em tom de confidencia.

— Esta manhã fiquei sabendo de uma nova descoberta sobre Byron. Aqui mesmo em Veneza, foi encontrado um livro que ele presenteou a uma mulher chamada Allegra. Imagine só! Os comerciantes de livros raros não falam em outra coisa.

Allegra sentiu o coração disparar. Não podia ser...

— É uma minúscula bíblia, de não mais de cinco centímetros de comprimento, com uma dedicatória manuscrita na primeira página — detalhou o italiano. — Allegra era o nome da filhinha de Byron com aquela inglesa, como você deve saber. É realmente uma coincidência você ter o mesmo nome. Se eu fosse um homem de posses, teria enorme prazer em adquirir a bíblia de que estou falando para lhe fazer presente. No entanto...

Allegra pôs a mão sobre a dele, talvez mais para buscar equilíbrio do que num gesto de agradecimento. Ainda sentia o coração em disparada.

— É muita generosidade, *signore*, mas uma relíquia como essa deve pertencer a um erudito, e não a alguém como eu.

Será que a dedicatória havia sido feita para Allegra di Rienzi e o poeta deixara de entregar o presente por já se ter decidido a não rever a amante? Mentalmente, Allegra calculava as possibilidades. A filhinha de Byron, com a esposa Allegra, também havia morrido muito nova, com não mais de cinco ou seis anos. Seria possível ela receber um livro de presente, se não sabia ler?

— Bem que eu gostaria de poder ver essa bíblia, um dia — ela confessou ao excitado Mossanato.

— Fico imaginando o que mais existe para ser descoberto. É tudo fascinante, muito fascinante! A vida de Byron foi um verdadeira colcha de retalhos de emoções humanas.

A sobremesa finalmente foi servida e as pessoas em volta da mesa aplaudiram, passando a conversar sobre banalidades. Guido, porém, olhava em silêncio para a taça de conhaque que tinha à sua frente, abstando-se de fazer piadas. Os grilos cantavam ritmadamente, escondidos entre os gerânios, e uma brisa começou a soprar, espalhando o aroma agradável das flores do jardim.

CAPÍTULO XII

Na manhã seguinte, Maria levou a Allegra um bilhete junto com o café da manhã. Uma caligrafia desenhada pedia sua presença no terraço de cobertura, dentro de uma hora. Era da condessa.

Depois de tomar o café e se arrumar, Allegra se dirigiu ao terraço, dez minutos antes da hora marcada. O que a condessa estaria querendo?

Apenas *la vecchia* e Maria estavam no terraço. Sentada à frente de uma mesa, a condessa examinava atentamente folhas de papel espalhadas e livros de anotações. Os olhos dela brilhavam, outra vez cheios de vigor.

— Ah, foi bom você ter chegado! — ela exclamou, fazendo um gesto para que Allegra se aproximasse. — Quero que me ajude com essa aborrecida lista de nomes. Já relatei os que responderam aceitando o convite e, agora, é preciso passar a limpo. Será que você pode fazer isso?

— Claro. Se houver uma máquina de escrever no palácio, farei rapidamente a lista para a senhora.

— Mandarei levar a máquina de Aldo para o escritório ao lado do meu quarto e você poderá usá-la.

Em seguida a condessa enfiou a mão entre as almofadas da cadeira e tirou de lá um volume com capa de couro. Pelas letras douradas impressas na lombada e pela correia de couro que prendia as duas capas, evidentemente tratava-se de uma obra editada em outro século.

— Achei que você devia ficar com isso, *bambina*. É uma biografia de lorde Byron, escrita por um homem que o conheceu aqui em Veneza. Não chegou a ser traduzida para outros idiomas, imagino que por se tratar de uma edição do autor. Seu antepassado é retratado aí em cores favoráveis, como um homem de bom coração.

Allegra aceitou o livro sentindo um nó na garganta. O gesto da condessa a tocava profundamente.

— Obrigada por acreditar, *signora* — ela conseguiu dizer

— Por acreditar? — repetiu a condessa, com severidade. — Como eu poderia não crer numa evidência que meus olhos vêem e meu coração sente? É por causa de Renaldo, não é? Ele pôs em dúvida outra vez a sua história?

— Não, ele não disse nada — garantiu Allegra, mesmo sabendo o que Renaldo pensava a respeito.

— Então foi aquele Guido. Não dê atenção ao que ele diz, Allegra. Deve ter reparado que uma das suas manias é provocar confusão e ficar olhando de longe. Mas quem me preocupa mesmo é Aldo. Ah, como eu gostaria que ele encontrasse uma boa esposa, alguém capaz de fazê-lo outra vez feliz... Veja que família! Dois homens, e nenhum deles parece capaz de agir com bom

senso. Guido leva a vida na brincadeira, fugindo de qualquer responsabilidade, enquanto Aldo se deixa consumir pela amargura... logo ele, um homem de tantas qualidades.

A condessa parou de falar para tomar fôlego e uma voz grave veio da porta:

— Será que ouvi meu nome pronunciado pela minha respeitável avó?

— Quem gosta de ficar atrás das portas escutando a conversa alheia raramente ouve boas coisas sobre si mesmo — disse *la vecchia*, num tom mordaz.

Aldo sorriu, mas manteve a frieza do olhar, que pousou em Allegra.

— Bianca está chamando por você e dando um trabalho enorme a Luisa. Imagino que o objetivo principal da sua estada aqui é cuidar da menina.

Allegra se pôs de pé no mesmo instante, espantada. *La vecchia* ficou olhando alternadamente para um e outro. O livro ainda estava na mão da jovem, de forma que Aldo pôde ler o título: *Uma Biografia de Lorde Byron*.

— Então, continua com a mesma fixação no mito de Byron. Não consigo entender por que as mulheres se sentem tão atraídas por personalidades como a dele. Meu Deus! O homem morreu há mais de um século! Não quero a cabeça de Bianca cheia de romantismo barato.

A condessa não interferiu e Allegra ergueu a cabeça, olhando firmemente para o *conte*. Ao ver a disposição da jovem, um sorriso de aprovação dançou nos lábios da velha senhora.

— O que o senhor sabe sobre Byron? — desafiou Allegra. — Ele foi um gênio da literatura, muito mais que um amante escandaloso, Lamentavelmente, é quase só desse segundo aspecto que as pessoas falam. Ele foi também um homem incrivelmente generoso. Este livro, por exemplo, que foi escrito por alguém que o conheceu, fala das boas ações que ele fez. Por que eu não me interessaria por Byron? Se não fosse por outros motivos, seria porque o sangue dele corre nas minhas veias.

Aldo fez um ar de pouco caso.

— Se isso fosse verdade, não acha que os estudiosos já saberiam? Se os documentos que você apresentou fossem autênticos, alguém da sua família se deixaria tentar pelo dinheiro que eles valeriam e tudo já seria do conhecimento público. O próprio Byron teria falado, num dos inúmeros artigos ou cartas que escreveu, do caso amoroso que você alega ter havido entre ele e essa sua ancestral. No entanto, ele não disse nada!

Allegra tremia de raiva e frustração. Mesmo assim, estava disposta a fazê-lo entender o quanto estava errado.

— O mundo não ficou sabendo de nada sobre a *sua* trisavô porque Byron a respeitava tanto quanto a amava. Quanto às mulheres da minha família que ficaram sabendo do segredo, nenhuma delas, por pura compaixão, seria capaz

de entregar a história ao conhecimento público. O que não consigo entender é como um Di Rienzi da atual geração pode ser tão duro e insensível em relação a uma mulher da própria família.

Os olhos de Renaldo pareceram soltar faíscas.

— Uma mulher que esquece os compromissos matrimoniais não merece respeito. Você não passa de uma sentimentalista.

— Basta! — cortou a condessa, elevando a voz e batendo com a bengala no chão.

Com os olhos cheios de lágrimas, Allegra afastou-se até o outro extremo do terraço. Sentia vontade de bater naquele arrogante até ele admitir que estava errado. Só não entendia por que estava reagindo daquela forma. Se fosse com qualquer outra pessoa, ela nem se preocuparia com as dúvidas levantadas. Como era Renaldo quem questionava, porém, queria convence-lo de qualquer maneira. Que poderes tinha aquele homem para deixá-la tão perturbada?

Nesse momento ouviu-se a voz severa da condessa:

— Eu dei aquele livro a Allegra, Renaldo, e não vou permitir que você a atormente. Se procurasse analisar a questão com espírito desarmado, veria que há muitas evidências de veracidade na história que ela contou. Estou profundamente agradecida a Allegra por ela nos ter feito conhecedores do segredo, em vez de divulgá-lo. Se quisesse levar ao conhecimento público esse aspecto desconhecido da vida de Byron, ela poderia ganhar fama e dinheiro. No entanto, Allegra não nos pediu nada, além de estar dando uma ajuda inestimável a mim e a Bianca. Basta que você observe a menina, o que raramente faz, para ver que agora ela está feliz. Sua atitude me deixa angustiada, Renaldo. Está se esquecendo da cortesia, que deve ser norma de procedimento para um *conte* Di Rienzi.

Allegra tinha medo de se voltar e sentia vontade de simplesmente sumir daquele lugar. Fez-se silêncio por um momento antes que a voz de Renaldo voltasse a ser ouvida:

— *Nonna mia...* Sempre ouço palavras sábias e verdadeiras dos seus lábios. Não posso jogar meus problemas sobre as cabeças inocentes das pessoas que me cercam. Perdoe-me.

Ele parou de falar e Allegra ouviu o leve som de um beijo.

— *Caro mio* — disse a condessa, com a voz cheia de amor — Quando vai entender que, a despeito das dificuldades, o mundo é cheio de prazeres? Agora, não acha que Allegra merece as suas desculpas?

Allegra ouviu claramente os passos de Renaldo, vindos na sua direção. Quando ele parou, bem perto, ela fez um esforço enorme e se voltou. Pela primeira vez, viu nos olhos daquele aristocrata uma doçura muito grande. No rosto dele não havia nem sombra da eterna carranca de antes. Pelo contrário, havia quase um halo de ternura. Tudo aquilo fez Allegra estremecer.

— Você me perdoa, *cara* Allegra? Por que sempre temos que estar brigando? Tenho sido um ingrato para com o bem que você fez a todos nós. Está fazendo um trabalho muito bom. Bianca anda muito alegre e penso que uma pessoa em quem *la vecchia* confia só pode ser boa... mesmo se às vezes eu falo num tom um tanto rude. Está vendo na sua frente um homem cercado por muitos problemas. Sei que isso não serve como desculpa, mas peço que procure entender.

Aldo pegou a mão de Allegra e levou-a aos lábios, com os olhos fixos nos dela. Sentindo um arrepio pelo corpo todo, ela rapidamente abaixou o olhar, com medo de que ele percebesse aquela reação.

— É claro que compreendo — declarou Allegra. — Na verdade, eu é que deveria pedir desculpas. Quando voltar para os Estados Unidos, levarei doces recordações. Tenho um carinho muito grande e verdadeiro por Bianca e por sua avó.

Ela sorriu com uma ponta de tristeza e *la vecchia* falou em seguida:

— Se a sua história é verdadeira, minha filha, o seu lugar é aqui e esta casa pertence tanto a você quanto a nós.

Imediatamente, Aldo soltou a mão de Allegra e voltou-se para a avó, outra vez com uma expressão dura no rosto.

— Desculpe, *vecchia*, mas acho que não é hora de refazer a árvore genealógica dos Di Rienzi — ele disse, voltando-se em seguida para Allegra. — Quanto a você, minha jovem romântica, espero que consiga acordar do seu sonho. Já não existe nenhum Byron nos dias de hoje, graças a Deus. No mundo atual, as pessoas são muito mais espertas que ele.

As duas mulheres tomaram fôlego para falar ao mesmo tempo e Renaldo levantou as mãos, rindo.

— Não queiram me atingir com suas palavras, senhoras. Vou embora, para que possam se divertir uma com a outra.

Sem esperar resposta, ele girou o corpo rapidamente e se afastou. A porta, parou por alguns instantes e ficou olhando para trás. Depois, fez uma saudação de despedida e partiu.

As duas ficaram em silêncio durante algum tempo, com os olhos postos na porta fechada. Allegra escutou um murmúrio abafado e olhou para *la vecchia*. O rosto da condessa estava contraído, com lágrimas molhando as pálpebras. Ela olhava para a jovem amiga, sem tentar esconder a emoção que a dominava. Em seguida, começou a falar, quase num lamento:

— Aldo, Aldo... Por um momento eu o vi como costumava ser, mas logo ele se recolheu à prisão. Nenhuma pessoa deve punir-se desse jeito pela estupidez de outra. Eu tenho tentado, Allegra *mia*, tenho recorrido a todo o poder de persuasão que adquiri nesses longos anos. No entanto, não consigo fazê-lo esquecer a dor. Achei que talvez você...

Ela interrompeu o que estava dizendo e buscou os olhos de Allegra, sondando uma reação. Em seguida continuou:

— Detesto aquela Falieri. Ela faria Aldo ainda mais infeliz e transformaria a vida de Bianca num inferno. No entanto, se um homem busca sofrimento é porque merece, e quem sou eu para interferir?

Aquelas palavras fizeram com que Allegra pensasse nas emoções que a assaltavam ultimamente. Na verdade, ela *queria* a atenção de Aldo. Queria ver nos olhos dele a mesma ternura do momento em que fora beijada na mão. Queria ser chamada por ele de "*cara Allegra*"... Não, ela não podia estar se apaixonando por aquele homem, não podia!

Allegra quase disse aquilo em voz alta e, ao olhar para a condessa, reparou que estava sendo atentamente observada.

— É melhor você ir ver onde está Bianca, querida, se é que ela está causando problemas — sugeriu a velha. — Mais tarde voltaremos a falar sobre a lista de convidados para a festa. Agora, chame Luigi... Basta tocar aquela sineta perto da porta. Quero voltar para o meu quarto.

Allegra fez o que ela pediu e saiu, com a cabeça em redemoinho. Em vez de ir procurar Bianca, foi para o quarto e trancou a porta, como se quisesse se esconder. Por um bom tempo, ficou sentada na borda da cama, profundamente angustiada. Talvez devesse voltar para a casa dos Bugelli, ou mesmo ir embora de Veneza. Tentaria esquecer Renaldo e voltar a ser a pessoa que era antes. Mas havia o baile! Partir naquele momento seria uma verdadeira traição para com a condessa. O jeito seria evitar encontros com Renaldo e procurar manter-se ocupada. Depois da festa estaria livre.

Allegra sorriu com amargura. Sim, ela estaria livre, mas teria que suportar para o resto da vida o peso de uma lembrança, como a primeira Allegra.

Finalmente ela foi procurar Bianca e minutos mais tarde as duas saíram para almoçar na *pizzeria*. Depois do almoço, visitaram a igreja de Santa Maria della Salute e o antigo centro comercial da cidade. Perto das três da tarde, voltaram para casa.

Logo ao chegar, Bianca correu para a cozinha em busca de um refresco. Allegra até que se sentia melhor depois do passeio, com um cansaço gostoso pelo corpo. Tinha andado bastante e visto muita coisa, o que servira para aliviar a mente das contrariedades da manhã.

Depois de descansar por não mais que dez minutos, ela subiu para ver se a condessa precisava de alguma coisa. Ainda no corredor, escutou o som de muitas vozes no interior do quarto.

— Entre, minha filha — chamou a condessa. — Espero que não fique contra mim, como toda essa gente.

Allegra pensou em recuar, mas os olhos da velha mantinham-se firmes nela. Em volta da cadeira de rodas da dona da casa estava padre Fiorenzo,

prima Luisa e Barretto, Maria e um homem que obviamente era um médico.

Quando Allegra entrou, meio sem jeito por se sentir focalizada por todos os olhares, o homem deu um passo adiante. Era um senhor de estatura mediana. Tinha aquela postura profissional e auto-suficiente de todo médico, mas parecia ser dono de um carisma próprio.

— Sou o Dr. Andréa Nepi, *signorina* — ele se apresentou, com voz suave. — Já que é amiga de *la contessa*, rogo que procure dissuadi-la dos planos que está fazendo. Se não conseguirmos isso, não posso me responsabilizar pelas conseqüências.

Imediatamente a prima Luisa começou a falar, com seu jeito nervoso, gesticulando muito com as mãos:

— É terrível, terrível! Ela simplesmente não pode fazer isso, ainda mais tão perto do baile, Maria Santíssima! *Signorina* Brent, diga a ela que não vai ser possível. — Quase num salto, ela se voltou para a condessa. — Será que você quer perder a sua própria festa de aniversário?

Barretto fez eco à admoestação:

— É isso mesmo, *vecchia*. Pare com essa tolice e ouça a voz da razão.

— Silêncio! — gritou a condessa, cheia de raiva.

Luisa debulhou-se em lágrimas e Maria começou a soluçar por trás da cadeira da patroa, na certa contagiada pelo drama que todos faziam.

— Calma, calma! — pediu padre Fiorenzo.

Finalmente, Allegra teve oportunidade de falar.

— Mas o que está acontecendo? — ela perguntou, dirigindo-se a todo o grupo. — Que planos são esses que ela não pode realizar?

— A condessa pretende ir à fazenda de La Mira, onde deseja que se realize uma festa noturna à moda do campo — respondeu o prelado, como se falasse de um absurdo total. — Todos nós achamos que um esforço assim será extenuante demais para ela. Há mais de quinze anos que a condessa não faz uma viagem tão longa. Além disso, uma festa igual às dos tempos da juventude dela não é uma coisa fácil de realizar. Seriam necessárias semanas de preparação.

Allegra olhou para *La vecchia*. No rosto da matriarca havia um misto de obstinação e peraltice.

— Teremos chegado a um verdadeiro impasse se a minha carne, os meus ossos e o meu sangue não puderem mais realizar o que a minha mente ordena — ela argumentou, com uma lógica irrefutável. — Allegra, quero que me ajude. Mande aprontar a minha gôndola e mais umas duas ou três. Iremos todos. Stefano ajudará Luigi na condução das gôndolas.

Padre Fiorenzo aproximou-se da velhota rebelde.

— Stefano morreu há vinte anos, minha querida.

Durante um breve momento a condessa ficou olhando para ele.

— Bem, não tem importância. Arranjem outra pessoa, por que eu irei de qualquer jeito.

O Dr. Nepi inclinou-se sobre a cadeira e pegou uma das mãos de *la vecchia*. Depois de beijar cada um daqueles dedos finos, ele ergueu a cabeça com um ar de súplica.

— *Madonna*, eu lhe peço, em nome de todos aqueles que a amam... não se arrisque tanto. Peço em nome da nossa amizade.

A condessa aproveitou-se da atitude do médico para fazer chacota.

— Na minha idade, Andréa, uma mulher já não fica toda derretida quando é tocada por um homem. Não vai conseguir me dobrar com isso. É claro que você não se lembra, mas eu me lembro muito bem de quando sua mãe lhe trocava as fraldas, aqui neste mesmo quarto, sempre que ela vinha me visitar. Que Deus a tenha.

O médico recuou, provavelmente se achando ridículo, e a condessa sentiu que era senhora da situação.

— E então, Allegra, o que você diz desse problema? Será que estou pedindo muito só por querer rever o local onde passei a infância? É apenas La Mira, a não mais de trinta e dois quilômetros daqui, um trajeto que no meu tempo se fazia num dia inteiro e que hoje se faz em questão de horas.

Allegra sentiu-se o centro de olhares ansiosos. Precisava dizer alguma coisa e não havia como escapar. Tomando coragem, ela olhou diretamente nos olhos da condessa.

— *Signora*, eu a conheço há muito pouco tempo, mas acho que não teria vivido tantos anos se fizesse tolices.

Apareceram sorrisos em alguns rostos e a velhota franziu a testa. Allegra respirou fundo e continuou:

— Da mesma forma, confio em seu julgamento sobre o que deve e o que não deve fazer. Se quer tanto assim rever La Mira, um local de tão doces lembranças, e se acha que tem condições de ir, não vejo por que não realizar esse desejo. Temos que fazer na vida o que nos proporciona felicidade à alma, e não só ao corpo.

Uma voz calma pronunciou-se da porta:

— Concordo com a srta. Brent.

Renaldo deu alguns passos e juntou-se ao grupo, ao mesmo tempo que um largo sorriso iluminava o rosto da condessa. Por um momento, renascia a chama da juventude de Amalia.

— Então, está resolvido — ela disse, alegremente. — Agora quero um

pouco de paz. Essa discussão me cansou mais do que uma viagem a La Mira. Falaremos mais tarde sobre o baile, Allegra *mia*. Eu sabia que podia contar com você.

Allegra dirigiu-se à porta, pensando em se retirar. Não estava certa de que havia agido corretamente, mas pelo menos tinha sido honesta.

Renaldo inclinou-se para beijar a avó e, por um momento, ela manteve o rosto dele entre as mãos. Padre Fiorenzo dirigiu à condessa um sorriso de simpatia e Aldo voltou-se para o Dr. Nepi.

— Quero falar com o senhor.

Todos saíram, deixando a condessa num repouso triunfante.

Quando Allegra ia atravessando a porta, Renaldo segurou-a pelo braço e a deteve. Outra vez, aquele gesto provocou nela um arrepio. O que ele estaria querendo?

— Quero ajudar nos planos dessa excursão — ele se ofereceu. — Por favor, vá ao meu escritório dentro de uma hora. E saiba que realmente concordo com você. Às vezes, é mais importante considerar as necessidades do espírito que as do corpo. — Renaldo sorria de uma forma simpática ao se voltar para o médico. — Venha, Andréa. Quero que prove um Lacrima Cristi especial que encontrei recentemente numa casa de vinhos.

Os dois se afastaram em direção à escada e Allegra ficou onde estava, sem querer acreditar. Ele a havia elogiado!

CAPITULO XIII

Hesitante, Allegra bateu na pesada porta do escritório de Aldo. No fundo até queria que ele não estivesse lá, mas a voz do *conte* respondeu e ela entrou. Sentado na grande cadeira, Renaldo estava cercado por pilhas de papéis, entre os quais algumas fotocópias. Ele se ergueu, indicou a ela uma cadeira e voltou a se sentar. Allegra sentiu as mãos frias.

— Permita que eu termine esta carta — pediu Aldo. — Será apenas um minuto.

Em seguida ele voltou à máquina de escrever, num dos lados da escrivaninha, e começou a bater. Allegra pensou em se oferecer para fazer o serviço de datilografia, mas permaneceu em silêncio, contente por ele estar ocupado. Virando a cabeça, ela admirou um grande cisne de vidro, numa mesa ali perto. O objeto era um verdadeiro primor de arte.

Renaldo parou de trabalhar e olhou para ela.

— Então, você gostou do meu cisne, não é? Foi presente de um artesão de Murano, a ilha do vidro. Você deveria ir até lá qualquer dia. Ninguém sai de Veneza sem conhecer a ilha.

— Já ouvi falar em Murano e tenho muita vontade de conhecer o artesanato do vidro. Irei lá logo que puder.

Durante algum tempo eles conversaram sobre o assunto e Allegra se surpreendeu pela facilidade com que dava as respostas. Depois disso, Aldo sustentou o olhar dela durante um breve momento.

— Quero agradecer pela sua ajuda à minha avó. Consigo ver mais do que parece e já percebi que você é para ela uma amiga honesta e sincera. Que tal fazermos uma trégua, srta. Allegra Brent?

Ele mostrava um sorriso que dificilmente poderia ser fingido. Allegra também sorriu.

— Como deve saber, minha avó também era italiana e *la vecchia* encontrou um lugar vazio no meu coração.

— Acredite que não vou persegui-la mais — prometeu Aldo. — No entanto, espero que compreenda que, como chefe da casa, meu dever é proteger *La vecchia*. Agora, vamos falar dessa excursão a La Mira. Há muito tempo que não vejo minha avó tão interessada numa coisa. Isso é bom. Eu disse ao Dr. Nepi que ele não deve se preocupar antes da hora e acho que o convenci. Acho que *La vecchia* é perfeitamente capaz de suportar a viagem. Sem dúvida, isso a fará muito feliz. Sairemos no próximo domingo, às nove da manhã. Como Guido é incapaz de se lembrar do que quer que seja, e já que minha secretária está no hospital com uma súbita crise de apendicite, tenho que lhe pedir que entre em contato com a cozinheira e veja o que será necessário para um grande piquenique na fazenda. É o melhor que podemos

fazer em tão pouco tempo.

Allegra ficou impressionada ao ver que ele pensava em tudo. Certamente o empresário Renaldo di Rienzi administrava os próprios negócios com igual eficiência.

— Consegui encontrar vários *gondolieri* dispostos a fazer a travessia da lagoa. Luigi conduzirá a velha gôndola, é claro, mas precisaremos de outras para transportar a bagagem e o pessoal. Teremos ainda que fazer um percurso de carro até La Mira.

— E a lancha? — perguntou Allegra.

Aldo riu.

— Você já imaginou minha avó numa lancha? Telefonarei à Villa Felicità esta noite e instruirei para que organizem festividades para o domingo à tarde. Jantaremos ao ar livre, como se costumava fazer, e o pessoal da fazenda apresentará danças e canções. Quero que seja igualzinho às festas da época em que *La vecchia* era jovem.

Durante algum tempo, ele ficou com o olhar distante e Allegra permaneceu em silêncio.

— Quando eu era menino, vez por outra ia para a fazenda com a *nonna* — disse Aldo, nostálgico. — Parece que a estou vendo agora, dançando com meu avô. Ela era muito magra e vovô precisava apenas de um braço para fazê-la girar em volta dele, levantando-a do chão. Você precisava ver como eles riam!

Nessa época, Vittorio vivia por lá. Ele morava com a família numa casa perto da *villa* e cuidava das terras e dos jardins. Conheci poucas pessoas com tanta disposição para o trabalho como Vittorio. Era um homem pequeno, mas fortíssimo. Além disso, tinha outros talentos. Por exemplo, conseguia dançar com um copo cheio de vinho na cabeça, sem derramar uma gota sequer. Às vezes ele parava na frente da minha avó, pegava o copo e tomava um gole, brindando a ela. Tinha uma verdadeira adoração por ela, o pobre Vittorio. Acho que ainda é vivo.

O toque do telefone na mesa dele interrompeu aquelas reminiscências. Renaldo falou com alguém sobre assuntos da empresa, desculpando-se pelos contratempos causados pela doença da secretária. Quando ele desligou, Allegra não resistiu a um impulso:

— Sou uma secretária experiente, *signore*. Era esse o meu trabalho em Boston. Ficaria feliz se pudesse ajudá-lo em alguma coisa.

Por um momento, Renaldo pareceu surpreso.

— É muita gentileza sua, Allegra — ele disse, finalmente, mostrando com um gesto a confusão em cima da mesa. — de fato, há muita coisa atrasada. Trouxe trabalho do escritório pensando em terminá-lo aqui, mas agora devemos satisfazer o capricho de *la nonna*. As outras secretárias da empresa

estão cheias de trabalho, sem falar no tempo que Guido as faz desperdiçar em intermináveis conversas. — Ele deixou escapar um suspiro, antes de continuar: — Sei que estou apenas atravessando uma fase ruim, mas as dificuldades têm sido grandes. Se você puder trabalhar comigo esta noite, ficarei enormemente grato... além, é claro, de lhe pagar a justa remuneração.

Aquilo foi como uma ducha de água fria no entusiasmo de Allegra. Ele não estava vendo o oferecimento como um gesto de amizade, mas como um negócio.

— Não ofereci ajuda para receber dinheiro em troca, *signore*. Achei que, assim, poderia pagar parte da dívida que tenho pela forma gentil como sua família me acolheu. Se for satisfatório, virei para cá por volta das oito da noite, depois de pôr Bianca na cama.

Ela se levantou para sair e Aldo franziu a testa.

— Sente-se, Allegra — ele disse, recostando-se na cadeira. — O que vou fazer com você? Nós havíamos estabelecido uma trégua, lembra-se? Agora, parece que sem querer a ofendi. Apenas achei que um trabalho profissional deveria ser remunerado. Mesmo assim eu aceito, com toda humildade, a sua oferta de ajuda.

O olhar dele era muito intenso e Allegra não sabia o que fazer para manter uma postura digna.

— Ficarei feliz em ajudar, *signore* — ela murmurou.

— Hum... — fez Aldo, e Allegra desviou o olhar. — Gostaria que fôssemos amigos, Allegra. Se eu a ofender, é melhor falar a verdade do que ficar sofrendo, não acha? E o meu nome não é *signore*, mas Aldo.

Renaldo sorriu com o canto da boca, o que fez dele a encarnação dos lindos aristocratas italianos que costumam passar pelos sonhos das mulheres. Depois de um instante, ele abriu o sorriso.

— Além disso, como diz *La vecchia*, você pode ser uma prima afastada e, nesse caso, tem todo o direito de me chamar pelo nome. Está bem, minha amiga, vou deixá-la ir agora. Você está me parecendo um daqueles pombos da Piazza San Marco, que pousa na nossa mão, fica por um instante e em seguida sai voando.

Os dois se levantaram e ele a levou até a porta, num gesto de cortesia.

Às oito da noite Allegra bateu novamente na porta do escritório de Renaldo. Encontrou-o olhando com ar de desamparo para o mar de papéis sobre a mesa de trabalho.

— Tudo isso são projetos arquitetônicos e de urbanização — ele explicou, fazendo um gesto. — Sem falsa modéstia, ousou dizer que alguns são bastante arrojados. Deverei apresentá-los em Florença, na semana que vem, durante um congresso internacional de arquitetura e urbanismo. Cada projeto tem suas

explicações, comentários e especificações, além dos desenhos, é claro. O problema é que está tudo na maior confusão. Precisamos agrupá-los direitinho, para que nada fique misturado. Não sei se me entendeu...

Allegra havia entendido e pôs imediatamente mãos à obra. Até que a confusão não era tão grande como ele havia anunciado. Rapidamente ela foi separando os papéis, agrupando-os em seqüência.

Uma mudança radical operou-se na expressão de cansaço de Renaldo quando ele reparou na facilidade com que ela trabalhava.

— Muito bem. Estou vendo que você sabe o que está fazendo. Pus a máquina de escrever naquela mesinha, para facilitar. Agora, vou fazer uma revisão em tudo e separar as folhas que terão que ser copiadas.

— Acho que esta parte está pronta — disse Allegra, entregando a ele um maço de papéis que falavam de um conjunto de casas populares, juntamente com o projeto.

Aldo ergueu as duas mãos para o alto.

— Obrigado, Senhor. Tiveste a bondade de mandar uma secretária para o seio da minha família.

Allegra riu daquela prece de agradecimento e Renaldo puxou a cadeira para mais perto da mesa, passando a fazer anotações nas margens de alguns dos papéis, usando uma caneta de ouro que tirou do bolso do paletó.

Os dois trabalharam arduamente. Às vezes, para pegar alguma coisa Allegra precisava chegar bem perto de Aldo, mas ele continuava com a atenção integralmente presa na papelada.

"Ele não sente nada", deduziu Allegra, logo se arrependendo daquele pensamento tolo.

A intervalos regulares, ela ia pondo na frente de Aldo conjuntos de projetos e textos, tudo na melhor ordem possível. As vezes ele levantava a cabeça, mas logo voltava ao trabalho.

Quase três horas se passaram em silêncio, a não ser por uma ou outra informação que precisasse ser dada. Allegra estava contente, porque o trabalho se desenvolvia num clima de mutua colaboração, mas começou a sentir cansaço. A certa altura, ela pôs inconscientemente as duas mãos na cintura, ergueu bem a cabeça e dobrou a coluna um pouco para trás. Imediatamente, Aldo reparou naquilo.

— Desculpe... eu estou sendo egoísta demais. Já passa das onze da noite e você deve estar cansadíssima.

Erguendo-se da cadeira, Aldo foi até a mesa que Allegra estava ocupando e examinou as anotações que ela havia feito na primeira folha de uma pilha de papéis.

— Você trabalha bem e rápido — ele elogiou. — Amanhã, depois que

fizer os arranjos para a excursão de *La vecchia*, gostaria que trabalhasse para mim o tempo que for possível, você sabe taquigrafia? Preciso pôr em dia a correspondência.

Allegra concordou, mas fez uma ressalva:

— O que faremos com Bianca?

— Poderemos mandá-la passar o dia na casa da prima.

Resolvido o problema, Allegra girou o corpo e saiu em direção à porta. Mesmo de costas, porém, sabia que estava sendo atentamente observada. A voz de Renaldo confirmou aquela suspeita:

— Durma bem, Allegra. Boa noite.

Allegra respondeu sem se voltar.

— Boa noite.

Ela queria ir para longe de Aldo, para não sentir aquele estranho calor que a assaltava sempre que estava ao lado dele. Ao subir a escada, tinha uma dúvida na cabeça: o que fazer quando se deitasse na cama, alguns minutos mais tarde? Sonhar ou chorar? Talvez tivesse sido melhor não ter ido a Veneza. Se houvesse deixado em paz os Di Rienzi, talvez agora também tivesse alguma paz.

Na manhã seguinte Allegra levantou-se cedo para pôr em andamento os preparativos para a excursão. Constanza, a cozinheira, imediatamente começou a fazer uma lista da comida que seria necessário levar. Maria e Luigi arranjaram cestas de vime e caixas de papelão e foram arrumando as latas de conserva e as bebidas. Atendendo a uma sugestão de Allegra, Luigi entrou em contato com Giovanni Fancelli. Não demorou para que o pequeno e magro gondoleiro aparecesse à porta da Ca' d'Argenti, dispondo-se a se integrar à excursão e prometendo acertar a mesma coisa com outros gondoleiros.

— Será bom ver outra vez a *contessa* em sua gôndola. Então... ela vai fazer cem anos? — Giovanni produziu um estalo com a língua, admirado. — Quando penso em tudo o que ela deve ter visto, eu a invejo. Só não sei se gostaria de viver tanto tempo assim. Com o passar dos anos, os sofrimentos vão se tomando mais freqüentes que as alegrias.

Depois daquele comentário, Giovanni ficou olhando com interesse para Allegra.

— Parece que Veneza operou algumas mudanças na *signorina* — ele reparou. — Está mais bonita, mas os olhos parecem cansados. Tem certeza de que tudo está bem? Não esteve mais com os Bugelli? Eles sempre perguntam por você.

— Eu estou bem, e acho muito bom ter amigos — respondeu Allegra, sorrindo para o italiano. — Irei visitar os Bugelli logo que voltarmos de La Mira.

Por favor, diga que estou com saudades e que adoro todos eles.

Giovanni despediu-se, prometendo voltar no domingo bem cedo. Sob protestos, Bianca foi levada para a casa da prima e Allegra foi ter com a condessa antes de começar o trabalho com Renaldo. A velhota estava tentando escolher uma roupa para a grande aventura. Por trás da cadeira de rodas, Maria agitava os braços em desespero, enquanto a condessa remexia numa caixa de jóias que tinha no colo.

Um colar de pérolas muito grandes e amareladas pelo tempo apareceu na mão dela. Reluzentes pulseiras, broches e brincos também passaram pela apreciação da velha.

— E o que você vai usar, *bambina*?

Allegra sorriu.

— Tenho o conjunto azul... um presente da minha *nonna*.

— É muito apropriado para a viagem, mas você terá que levar algo para vestir à noite, porque haverá dança. Precisa de um vestido... Não tem nenhum vestido de noite, minha filha?

Allegra balançou a cabeça, sorrindo.

— Achei que não haveria necessidade de trazer um.

No mesmo instante, a condessa teve uma idéia.

— Maria, lembra-se dos vestidos que Marcella Toroni guardou no armário lá de cima? — ela perguntou, logo se explicando. — Marcella é uma prima em segundo grau, pelo lado da mãe de Renaldo. Ela é especialista em dança folclórica. Há cerca de um ano, realizou-se em Veneza um congresso de dançarinos e veio muita gente, principalmente de Perugia. Depois do congresso, ela pediu para deixar aqui uma parte das roupas, já que não havia mais lugar no apartamento onde mora. Talvez haja alguma coisa que lhe sirva. Vá ver, Maria, depressa!

Allegra ficou sem saber o que fazer. Não queria aparecer na festa vestindo uma roupa folclórica, mas como recusar um oferecimento da condessa? Pouco mais tarde Maria retornou carregando um monte de vestidos com saias de babados.

— Ah... — fez *La vecchia*. — Ponha tudo aqui perto, para que possamos ver.

Maria espalhou os vestidos, muitos deles bem bonitos e cheios de ricas aplicações. No entanto, era evidente que chamariam muito a atenção. Allegra ficou aliviada quando a condessa balançou a cabeça.

— Não... esses não. Fariam a nossa doce Allegra ficar parecendo um pavão.

Maria pôs para o lado os vestidos descartados. Mas havia outros e a

condessa apontou com a bengala para uma saia de seda verde que aparecia por baixo de uma pilha.

— O que é isso?

Maria mostrou a saia, que era bastante rodada.

— Bom — aprovou a condessa. — Agora, deve haver uma blusa.

Maria remexeu durante algum tempo entre as roupas coloridas e, finalmente, ergueu-se com um sorriso de triunfo. Na mão dela estava uma blusa muito bem confeccionada, de gola redonda e mangas fofas e compridas. Era de um verde muito clarinho, com aplicações em volta da gola e nos punhos da mesma cor da saia. Havia também uma faixa para a cintura, com fitinhas formando uma franja. Tudo isso na certa resultaria num bonito conjunto.

— Vista, minha filha — pediu a condessa.

Allegra não podia se recusar. Aceitou a ajuda de Maria e trocou de roupa ali mesmo. A condessa aplaudiu, sorrindo.

— Está linda, simplesmente linda! Você parece uma ninfa da floresta verde. Espere só até que as pessoas a vejam. A Falieri ficaria ridícula nessa roupa, mas você, *cara...* Ah!

Ela interrompeu de súbito o que estava falando, como se acabasse de ter outra idéia. Voltando a mexer na caixa de jóias, depois de algum tempo ela olhou para Maria.

— Não consigo achar minhas ametistas... Parece que também sumiram. Mas não faz mal, porque isto aqui servirá.

Erguendo as duas mãos juntas, *La vecchia* mostrou um colar formado por várias correntes de ouro entrelaçadas, enfeitado por duas grandes pérolas barrocas.

— Ponha, minha filha.

— Não, por favor. Essa jóia é muito valiosa e eu posso perdê-la.

— Bobagem! Faça o que estou dizendo. Essa roupa exige exatamente um colar assim. Vai realçar o decote redondo.

Allegra deixou que Maria prendesse o colar no seu pescoço e olhou-se no espelho. A condessa não parava de dar sugestões.

— Levante os cabelos e prenda-os no alto da cabeça. *Sì*. Ficou bom.

Ao ver o resultado da sugestão da patroa, Maria não conteve uma exclamação:

— *Mamma mia*! Está parecendo a...

Com um gesto rápido, a condessa fez a criada se calar.

— Está vendo, *bambina*? Agora você já tem roupa para dançar. Precisa

ser lavada e passada. Acho melhor você levar logo o colar. Ficarei zangada se não o usar, ouviu? Chega por enquanto, Maria. Resolverei o que levar depois de descansar um pouco.

Voltando a trocar de roupa, Allegra ficou pensando no **que** Aldo diria se soubesse que ela estava experimentando roupas para a festa enquanto ele se matava de trabalhar sem a **ajuda** que esperava. Já estava atrasada quase uma hora em relação ao horário em que pretendia começar o trabalho.

— Obrigada, *contessa* — ela falou, já de saída.

La vecchia fez um gesto com a mão.

— Bobagem. Isso é um prazer para mim. Sei que você **jamais** impediria uma velha como eu de se divertir. Agora, **corra** para onde está Renaldo. Ele me falou sobre a grande ajuda **que** você está dando e sobre a sua eficiência. Às vezes é bom fazê-lo esperar um pouco.

Allegra saiu, deixando a condessa quase adormecida. Estava contente ao descer a escada, sentindo-se leve. Havia se **achado** quase bonita no vestido verde que usaria na festa. Ao vê-la **entrar** no escritório, Renaldo pousou os olhos no seu pescoço e franziu a testa. Só então Allegra se deu conta de que ainda estava com o colar.

Corando fortemente, ela achou que precisava dar uma explicação.

— Sua avó insistiu em me emprestar este colar, para que eu o use na festa da fazenda.

— Acho que estou reconhecendo o colar. Foi um presente do meu avô Leopoldo para *La vecchia*, no dia em que nasceu meu pai. — Ele disse aquilo com um olhar muito intenso. — A *nonna* parece que gosta muito de você, mas não deixe **que** ela faça tolices. Os velhos normalmente são muito generosos com estranhos.

Allegra entendeu aquilo como uma censura.

— Eu não queria aceitar, mas a condessa insistiu. Ela parecia muito feliz, planejando... Bem, mais tarde farei com que Maria devolva o colar à caixa de jóias de sua avó. Com certeza ela nem vai se lembrar.

Allegra se arrependeu de dizer aquilo, mas já era tarde. Renaldo ergueu uma das mãos.

— Não, ela se lembrará e você vai ter que usá-lo. Agora, vamos ao trabalho.

Allegra achou o tom da voz dele um tanto autoritário, mas não protestou. Naquele dia, o trabalho maior foi com a correspondência. Aldo ditava as cartas, que ela taquigrafava e datilografava em seguida. Aproveitando o tempo que ela estava à máquina, ele examinava outras cartas a serem respondidas.

Por volta do meio-dia Luigi levou-lhes um almoço leve. Eles comeram

rapidamente e voltaram ao trabalho. Às quatro da tarde Allegra estava exausta e Renaldo a dispensou, com repetidos agradecimentos. Ao levá-la até a porta, outra vez aquele brilho intenso e caloroso apareceu nos olhos dele.

— Perdão, minha querida — ele pediu, com a voz cheia de sentimento. — Sou um homem que aprendeu a não confiar na vida, mas posso aprender também que a bondade existe.

Allegra foi para o quarto descansar um pouco. A noite jantou com Bianca, que relatou o que tinha feito na casa da prima. Depois de pôr a menina na cama, ela voltava para o quarto quando cruzou com Guido, muito elegante num terno claro de verão.

— Oi, Allegra! Ouvi dizer que você está se tornando uma escrava do grande homem. Tome cuidado, ou ele a transformará numa datilografia automática. — Feita a advertência, ele ajeitou o nó da gravata de seda. — Vou sair com uma beldade. Mas você parece cansada. O trabalho em excesso torna as garotas apáticas. Qualquer dia desses talvez eu a leve para jantar. Agora tenho que ir. *Ciao*.

Allegra ficou olhando enquanto ele se afastava, saltitante. Pobre Guido! Quando foi se deitar, ela tentou não pensar em com quem Aldo estaria jantando e com quem passaria a noite.

CAPITULO XIV

Na véspera da grande excursão, Maria entregou o vestido verde lavado e passado, o que o deixara mais bonito. Allegra ficou olhando para ele enquanto tomava o café da manhã. Não estava de muito bom humor, apesar do dia claro lá fora. Se tinha que ir àquela festa, gostaria de ser um passarinho para ficar apenas observando de alguma árvore.

Bianca interrompeu aqueles pensamentos.

— Oh, Allegra! — exclamou a menina, correndo para o vestido em cima da cama. — É essa a roupa que você vai usar? Como é bonita! Espere até ver o vestido que ganhei da *nonna* para usar na festa! Só que Maria está muito ocupada para me ajudar a preparar o que tenho que levar. Será que você pode fazer isso? Amanhã, quero também que arrume o meu cabelo daquele jeito.

A menina estava excitadíssima e as duas passaram boa parte do dia juntas. Allegra queria que Bianca se sentisse capaz de ajudar na preparação da festa na fazenda, e não como um estorvo ao trabalho dos adultos. A casa em si estava em grande atividade, com gente andando para todos os lados.

Quando finalmente Allegra retornava para o quarto, a porta da condessa se abriu e Luigi saiu, parecendo aborrecido. A voz da velha senhora se ouviu em seguida:

— *Imbecile!* Por que será que ninguém faz o que eu digo? São um bando de idiotas! E você, Maria, por que também não consegue fazer nada direito?

Allegra dirigiu-se ao quarto da condessa e Luigi fez um gesto de resignação. Quando ela entrou, com cuidado, miraculosamente a expressão da velha relaxou.

— Ah, Allegra, você arrumou as coisas de Bianca... Isso é bom.

Havia roupas espalhadas pelo quarto e, por trás da condessa, Maria mostrou um sorriso amarelo enquanto tentava pentear os cabelos da patroa. Uma grande mala estava aberta sobre a mesa, já com algumas roupas. Allegra fez um breve relatório sobre os preparativos e saiu para ver como iam as coisas lá embaixo. Naquela hora, os criados estavam almoçando na cozinha. Era surpreendente que a cozinheira Constanza pudesse ser tão eficiente atuando numa cozinha com tão poucos equipamentos modernos.

Uma campainha tocou insistentemente e uma das criadas mais jovens saiu correndo em direção à escada. Os outros sorriram com indulgência. Eles não pareciam aborrecidos ante o fato de a condessa estar num de seus piores dias.

Depois de verificar que tudo corria conforme o planejado, Allegra se dirigiu ao escritório de Renaldo, cuja porta se encontrava entreaberta. O escritório estava deserto, mas havia uma pilha de papéis sobre a mesa, com a caneta de ouro por cima. Num impulso, Allegra pegou a caneta e encostou-a

ao rosto.

Havia muitas anotações nos papéis, o que deixava claro que Renaldo tinha trabalhado até tarde na noite anterior, sem chamá-la. Allegra sentiu-se como se houvesse cometido uma falta, porque queria muito ajudá-lo. Para redimir-se, começou a trabalhar no mesmo instante, freneticamente.

Sentada à máquina de escrever, ela não parou sequer para almoçar. Durante todo o tempo, esteve alerta aos passos que ouviu lá fora, mas Renaldo não apareceu.

Por volta das cinco da tarde ela subiu para tomar chá com Bianca. A condessa não quis ver mais ninguém durante o resto do dia. A noite, depois de verificar que Bianca havia jantado e estava brincando sozinha no quarto, Allegra sentiu um súbito cansaço. A seu pedido, Maria serviu no quarto um bife com salada.

Depois da leve refeição, ela ficou um longo tempo à janela, observando a água que batia contra as pedras das velhas construções. De fato, Veneza era um mundo bem diferente daquele ao qual estava acostumada.

Às sete da manhã Allegra foi acordada por uma criada, que levou o café da manhã.

— A missa será rezada dentro de meia hora, *signorina*, na capela do *palazzo* — informou a jovem.

Allegra arrumou-se rapidamente e foi cuidar dos cabelos de Bianca. Excitada pela perspectiva dos acontecimentos daquele dia, a menina não parava quieta. Allegra não se aborreceu, achando-a uma gracinha com aquela saia branca e a blusa vermelha à marinheiro.

Era a primeira vez que ela ia à capela e Bianca prontificou-se a mostrar o caminho. Os outros foram chegando de todas as partes da casa. Renaldo acompanhou a avó, que vestia um elegante conjunto azul-claro de saia e blusa e botas de cano curto. A mulher estava levemente maquiada e os olhos demonstravam uma excitação controlada.

Aldo não parecia muito relaxado, mas uma pessoa com muitos problemas. Ele não disse uma só palavra sobre o trabalho que Allegra havia realizado no dia anterior. Talvez por isso ela procurou prestar atenção em outras coisas.

Luigi usava libré e Maria parecia muito séria, em seu uniforme de camareira. Guido estava elegantemente à vontade numa roupa esporte de verão. Vez por outra, a prima Luisa e Barretto lançavam olhares de desaprovação às atitudes informais do rapaz.

Padre Fiorenzo esperou que todos se acomodassem para dar início à cerimônia. Allegra e Bianca sentaram-se num dos antigos e envernizados bancos, enquanto Renaldo e a avó ocupavam os solenes e enfeitados assentos

da primeira fila.

Nas paredes da capela havia pinturas e mosaicos com cenários sacras. Um deles mostrava São Sebastião, cercado por anjos e com o corpo lacerado por flechas. Outro era uma cena da Sagrada Família, com o Jesus menino ao centro. Por trás do altar estava uma belíssima concepção da Ascensão do Senhor, em que predominavam várias tonalidades de azul.

Allegra reparou que aquelas obras tinham o estilo de artistas famosos, como Veronese e Ticiano. Talvez até fossem autênticas e os Di Rienzi quisessem mantê-las em segredo, para resguardá-las da curiosidade pública.

Depois da missa, todos se reuniram no grande hall de entrada. *La vecchia* ficou distribuindo ordens até que, bem pouco cerimoniosamente e sob aprovação geral, Aldo tomou-a nos braços e carregou-a em direção à porta. Luigi já havia levado a velha gôndola da família para junto dos degraus de embarque. Na proa ele pusera um bonito arranjo de rosas brancas.

Aldo acomodou a avó num dos assentos vermelhos de veludo da embarcação e fez um gesto para que Allegra tomasse lugar ao lado dela. Na mesma gôndola embarcaram Maria, que carregava uma enorme cesta, Renaldo e Bianca.

Allegra olhou para trás e foi saudada por Giovanni, que sorria para ela a bordo de seu barco. Ele transportaria a prima Luisa e Barretto, além do Dr. Nepi e do padre Fiorenzo. Uma terceira gôndola estava abarrotada de cestas, sacolas e valises.

Os olhos da condessa estavam atentos a tudo.

— Quero ver tudo uma vez mais, tudo — ela cochichou para Allegra. — É uma viagem longa e cansativa, mas hoje as costas de Luigi terão que se curvar à minha vontade.

Vagarosamente eles foram percorrendo o caminho aquático ladeado por antigos palácios. O tráfego era intenso, mas, como se obedecessem a uma ordem, as gôndolas e os barcos a motor abriam caminho para o cortejo dos Di Rienzi, que seguia majestosamente ao longo do Grande Canal.

Vozes e gritos começaram a se ouvir das calçadas e das gôndolas:

— *Brava! Brava, vecchia!*

Uma lancha branca da polícia se aproximou e um oficial entregou a Aldo um buquê de flores para a condessa. De todos os lados vinham os gritos dos condutores das gôndolas estacionadas:

— Boa viagem! Seja feliz, querida *vecchia!*

Allegra jamais havia presenciado uma demonstração de carinho como aquela. Numa manifestação absolutamente espontânea, os habitantes de Veneza rendiam homenagem à doce condessa, que retribuía sorrindo e acenando com a mão enluvada. Em seus quase completados cem anos de idade, ela estava simplesmente linda, apesar das lágrimas que molhavam o

rosto enrugado. Allegra sentiu um nó na garganta.

Luigi e Maria choravam sem constrangimento, e mesmo os olhos normalmente frios de Aldo mostravam um brilho diferente. Bianca pulava de contentamento.

— Ela é minha *nonna*! — gritava a menina para os que iam ficando para trás. — Ela é minha *nonna*!

Enquanto a manifestação da garotinha era saudada com aplausos, Allegra ficou imaginando que, na Idade Média, devia ter sido igual àquele o cortejo de alguma princesa muito popular em Veneza.

Quando eles alcançaram a área da estação de trens, as coisas começaram a voltar à normalidade. A condessa aceitou um lenço de linho oferecido por Maria e Luigi parou de chorar, manejando seu remo com dignidade. Entrando no golfo, ele liderou as outras gôndolas num cortejo que margeava o continente. Dali eles podiam ver as inúmeras fábricas não muito longe da praia, com suas chaminés altas.

Subitamente, o rosto da condessa assumiu uma expressão de tristeza.

— É, parece que eles estão conseguindo — ela disse, com amargura. — Vejam só essas águas. Como estão sujas, poluídas... Isso é terrível!

Realmente, havia muita sujeira em volta dos barcos, conseqüência do despejo das fábricas nas águas do golfo. Além disso, o céu estava parcialmente encoberto pela fumaça expelida pelas chaminés das fábricas.

Nesse momento, ouviu-se ao longe o ronco do motor de um barco que vinha a toda velocidade. A aproximação foi rápida e ele parecia ter a intenção de abalroá-los. Luigi, Giovanni e o outro gondoleiro começaram a gritar, assim como Luisa, que entrou imediatamente em pânico. Bianca passou por cima de Maria e escondeu o rosto no colo de Allegra. Enquanto isso, Aldo segurou com as duas mãos numa das bordas da gôndola, com uma expressão de fúria.

Apenas uns minutos antes do choque fatal, o barco a motor desviou o curso, reduziu a marcha e fez um círculo em volta das três gôndolas, indo parar mais adiante depois de produzir uma onda de espuma. Allegra reconheceu a lancha dos Di Rienzi e o homem que a conduzia. Era Guido quem estava ao volante.

— Desgraçado! — gritou o franzino Giovanni, agitando no ar o punho fechado.

Guido aproximou-se mais, agora bem devagar, sorrindo brandamente para os enraivecidos rostos nas gôndolas. A voz que se ouviu em seguida foi de Renaldo, num tom muito alto:

— Tire essa lancha daqui imediatamente! Como pode ter coragem de assustar a *nonna* e Bianca desse jeito? Perdeu o juízo?

Guido acelerou novamente o motor da lancha.

— Ninguém nessa família tem um mínimo de senso de humor! — ele gritou, afastando-se.

Por um momento, todos ficaram em silêncio. Finalmente, a condessa estendeu a mão e tocou no ombro de Aldo.

— Vamos ignorá-lo, *caro mio*. Quero me divertir e não quero ver o seu rosto assim carrancudo. Você também deve se divertir.

Renaldo pegou a mão da avó e encostou-a ao rosto.

— É por causa da falta de consideração daquele idiota para com a senhora e para com todos nós — ele disse, abrindo um sorriso. — Estamos quase chegando.

Pouco depois, sem muito esforço, Renaldo carregava a avó ao longo do cais, enquanto Maria, mais adiante, desdobrava uma cadeira de rodas. Depois de deixar a condessa confortavelmente instalada, ele voltou para supervisionar o desembarque.

Com passadas largas, Luigi dirigiu-se a uma área de estacionamento de automóveis. Allegra permaneceu ao lado da condessa, produzindo intencionalmente uma sombra para protegê-la do sol. Vagarosamente, a velhota olhava para os lados, com um brilho nostálgico nos olhos.

Giovanni aproximou-se das duas e fez uma reverência cerimoniosa.

— Desejo-lhe felicidades e um bom divertimento, *Eccellenza*. A você também, *signorina* Allegra.

La vecchia sorriu para ele.

— Conhece esse cavalheiro, Allegra *mia*?

— Tenho o prazer de apresentar Giovanni Fancelli, um parente da família Bugelli, que me hospedou quando cheguei a Veneza.

— Ah, sim! — alegrou-se a condessa, olhando com simpatia para o gondoleiro. — Minha jovem prima me contou que o senhor e a sua família foram gentilíssimos com ela. Fico muito grata.

Giovanni olhou espantado para Allegra, que permaneceu em silêncio, igualmente surpresa. *La vecchia* estendeu a mão enluvada, que Giovanni segurou e beijou levemente, com a graça natural dos italianos.

Allegra ficou apreensiva. Qual seria a reação de Renaldo ao saber daquele reconhecimento público da condessa. É claro que Giovanni acabaria dando com a língua nos dentes.

CAPITULO XV

No momento em que a fila de automóveis surgiu à vista e se aproximou do cais, Renaldo di Rienzi olhava impaciente para a estrada, com uma das mãos por cima da pirâmide de malas. Um Rolls-Royce antigo e imponente, cuja impecável pintura preta brilhava ao sol, parou perto dele, dirigido por Luigi. Guido sorria inocentemente para todos, por trás do volante de uma Mercedes sedã. O terceiro automóvel era uma perua Fiat, conduzida por um motorista contratado.

Guido desceu para carregar a condessa até o Rolls-Royce, enquanto Maria preparava o assento traseiro da luxuosa limusine. Allegra sentou-se ao lado de *La vecchia*, por insistência de Aldo, enquanto Maria e Bianca puxavam bancos conversíveis para ocupar.

As malas foram postas no bagageiro da Mercedes e no interior da perua. Padre Fiorenzo entrou no carro de Guido, ocupando o lugar ao lado do motorista, evidentemente querendo aproveitar para fazer um sermão sobre cortesia e boas maneiras. Guido não ajudou em nada no trabalho de transporte da bagagem para os carros e ficou brincando com o rádio da Mercedes, o que aumentou o barulho reinante.

Quando tudo estava pronto, Aldo sentou-se ao lado de Luigi e abaixou o vidro que o separava da parte de trás da luxuosa limusine. A condessa, que estava com a cabeça recostada no encosto do assento, abriu os olhos logo que o carro começou a andar.

— Está tudo indo muito bem, Aldo *mio*. Obrigada por fazer isso por mim. Certamente padre Fiorenzo saberá o que dizer ao seu irmão para ensiná-lo a respeitar a fragilidade das pessoas idosas!

Aldo captou o sorriso nos lábios de Allegra e retribuiu.

O carro foi percorrendo campos de lavouras bem cuidadas. Aqui e ali, antigas casas de fazenda de dois andares erguiam-se entre vinhedos ou bosques de pereiras.

La vecchia olhava tudo com um permanente sorriso nos lábios. Talvez fosse aquela a última vez que ela viajava pela terra amada. Olhando as costas apumadas de Aldo no banco da frente, Allegra quase pronunciou em voz alta um agradecimento. Sacrificando as próprias prioridades, ele havia tornado possível aquela felicidade.

Quando o carro ia atravessando uma pequena vila, ouviu-se a voz da condessa:

— Quero que pare, Aldo! — ela falou, e Luigi diminuiu a marcha. — Ali. Estou me lembrando deste lugar. Está vendo aquelas mesas embaixo de uma parreira? Pouco depois do nosso casamento, Leopoldo e eu viemos tomar vinho ali. Era um vinho muito especial. Quero prová-lo novamente!

Aldo sorriu e Luigi parou o carro ao lado da pequena *trattoria*. Havia uma videira muito velha, espalhando-se sobre uma armação de madeira igualmente antiga, agora sustentada por canos e arames. Alguns trabalhadores estavam sentados às mesinhas, bebendo vinho e fazendo refeições à base de massas.

Os outros dois carros também pararam e o médico correu para ver se a condessa estava sentindo alguma coisa.

— Ainda não está na hora de me enterrar, Andréa — caçoou a velha, sorrindo matreiramente para o rosto que apareceu à janela da limusine. — Quero apenas tomar um copo de vinho.

— Mas pode tomar do vinho que estamos levando, que é da melhor qualidade — protestou o médico.

— Quero beber o vinho daqui e não preciso lhe explicar por quê!

Andréa Nepi encolheu os ombros e se afastou, seguido por Aldo. A essa altura, o movimento havia aumentado bastante, com várias pessoas do lugar cercando a caravana.

— Mas isso é ridículo! — explodiu a condessa. — Allegra, vá ver o que está acontecendo. Não quero ficar sentada aqui para sempre. Diga a Aldo para servir vinho para todos. Depressa!

Bianca desceu do carro e correu atrás do pai.

— *Papa, nonna* quer que todos recebam vinho, e depressa!

Allegra chegou pouco depois da menina. Renaldo olhou no relógio e hesitou. Em seguida, encolheu os ombros.

— Está bem. Allegra, veja o que pode fazer, por favor.

Allegra entrou no antigo restaurante, seguida de perto por Bianca, e conversou com o proprietário. O homem estava impressionado, mas manteve a dignidade. Logo ele arrumou numa bandeja vários copos e uma garrafa e saiu para servir o vinho que produzia.

A essa altura, Aldo e os outros estavam ao lado da limusine. Recebendo o primeiro copo de vinho, a condessa bebeu um gole, fechou os olhos e estalou a língua, satisfeita. Em seguida o homem serviu aos demais e Allegra pôde constatar que, de fato, o vinho era de excelente qualidade. A certa altura, Guido recebeu uma repreensão de Aldo por pedir à avó que se apressasse.

Finalmente, a condessa estendeu a mão para fora com o copo vazio e Aldo acompanhou Allegra ao interior do restaurante para pagar a conta. Quando os dois retornaram ao carro, havia nos lábios da condessa um meio sorriso e um brilho matreiro nos olhos.

— Vocês dois formam um casal muito simpático — ela observou, sem obter resposta de nenhum deles. — Renaldo, será que você se esqueceu do jeito naturalmente galante dos italianos? Allegra é jovem, bonita e... devo lembrá-lo de que toda mulher fica muito feliz quando recebe elogios de um

homem.

Renaldo virou-se no banco e olhou para trás.

— Reconheço que Allegra é muito bonita, mas não sei por que devo elogiá-la. Acho que a sensibilidade dela está acima dessas coisas.

Allegra sentiu as faces em brasa.

— Hum... — resmungou a condessa, pondo um ponto final no assunto.

Logo ela estava cochilando, enquanto o carro seguia pela estrada. Renaldo começou uma conversa com Luigi, em voz baixa, mas mais de uma vez o olhar dele se cruzou com o de Allegra, através do espelho retrovisor.

A caravana seguiu por um bom tempo, atravessando plantações, pontes e vilarejos. Finalmente, Luigi diminuiu a marcha e tomou uma estrada secundária. Como se prestasse atenção a tudo enquanto cochilava, a condessa despertou e pediu a Maria que a penteasse.

Descendo uma colina, a limusine seguiu margeando uma comprida cerca de ferro e parou na frente de um grande portão sustentado por duas altíssimas colunas de pedra. No alto, bem no meio do portão, estava pendurada uma placa de ferro com o brasão de armas dos Di Rienzi. O intrincado desenho na placa produzia um bonito efeito contra o céu muito azul.

Luigi nem precisou tocar a buzina, porque logo um homem idoso se aproximou para abrir o portão. Seria um trabalho penoso demais para um velho da cidade, mas o homem empurrou o pesado portão mantendo erguida a cabeça branca, mostrando o vigor dos camponeses. Outras figuras se aproximaram, mas era aquele velho quem mais chamava a atenção.

Ele vestia um terno escuro e a camisa era tão branca quanto os cabelos. De pé na frente da caravana, o velho fez um gesto e uma criança correu para pôr na mão dele uma rosa vermelha de caule comprido. Em seguida, segurando a flor um pouco adiante do peito, o homem se dirigiu à limusine.

— Vittorio! — pronunciou a condessa, num murmúrio. — *Dio mio*!

Allegra reparou naqueles olhos pretos e rasos de lágrimas que fitavam a condessa, emoldurados por um rosto enrugado. Rapidamente Maria abaixou o vidro da janela quando ele se aproximou. Finalmente ele parou e os olhares dos dois velhos se fixaram demoradamente. Allegra ficou observando aquele reencontro. Pelos movimentos do pomo-de-adão, ele devia estar sentindo um nó na garganta que o impedia de falar.

— Bem-vinda, *padrona* — saudou o homem, finalmente, em voz rouca e baixa.

— Vittorio!

Com os olhos igualmente embaçados, *La vecchia* estendeu a mão para receber a flor. Depois de um intervalo de tempo em que os dois ficaram apenas sorrindo um para o outro, Luigi acelerou levemente e o carro prosseguiu.

Renaldo olhava para trás, preocupado.

— Não me olhe como se eu fosse um trapo a ponto de se rasgar — ralhou a condessa, assoando o nariz no lenço oferecido por Maria. — Algumas lágrimas a mais não vão me fazer mal. São apenas gotas no oceano das que já chorei ao longo da minha vida.

Aldo sorriu e começou a acenar para as pessoas que vinham de todos os lados. Muitas delas carregavam buquês de flores e gritavam o nome da condessa. O percurso terminou na frente de uma antiga e bonita casa de fazenda, numa área circular, gramada e pontilhada por árvores altas.

A casa era de dois andares, sólida e retangular. A cor ocre das paredes denunciava a antigüidade da construção, o que era suavizado pelas janelas de venezianas azuis. Uma alta e larga porta de madeira estava totalmente aberta, mostrando a fonte de um jardim interno, bem no centro da casa. De uma janela do primeiro andar descia uma bandeira vermelha e bandeirolas coloridas tremulavam em mastros na parede frontal.

Renaldo foi o primeiro a descer, seguido de Luigi. Depois deles, Bianca pulou para fora do carro e correu até onde estava um grupo de crianças. Renaldo aproximou-se da porta traseira e estendeu os braços para ajudar a avó a descer. Um murmúrio se ergueu das pessoas que os recepcionavam quando ela apareceu, aprumada e orgulhosa, apenas se apoiando no braço do neto.

A caminhada da condessa foi vagarosa e muitos se inclinaram para beijar-lhe as mãos. Ela conversava com todos, chamando-os pelo nome. Quando não reconhecia um deles, não se envergonhava de perguntar quem era. Chegando à porta, Renaldo tomou *La vecchia* nos braços para subir os degraus de entrada. Algumas mulheres os precederam, indicando um caminho que ele conhecia desde menino.

Nesse momento, o olhar da condessa se cruzou com o de Allegra. Havia um sorriso de satisfação no rosto da idosa mulher e ela parecia querer dizer: "Está vendo? Eles gostam de mim". Mais que admiração, Allegra sentiu um enorme orgulho de ser amiga daquela doce anciã.

La vecchia foi posta na cama do quarto principal da casa e logo estava dormindo. Allegra levou as coisas de Bianca e dela própria para um quarto menor e saiu para procurar a menina. No corredor, esbarrou com Luisa e Guido, que discutiam. Em vão ele tentava convencê-la a trocar de quarto, já que o dela tinha janela com varanda, além de entrada independente.

— Um homem precisa de espaço e liberdade — ele argumentava. — Não quero ter que andar na ponta dos pés pelo corredor, quando voltar tarde da noite. Muitas sensibilidades delicadas podem se ofender.

Allegra continuou andando. A casa era mais espaçosa do que parecia ser, vista de fora. Para chegar à cozinha, ela teve que passar por várias salas de teto alto. A cozinha tinha um enorme fogão a lenha em cima do qual estavam

várias panelas que exalavam deliciosos odores de comida quente. Vários rostos se voltaram quando Allegra entrou, mas Bianca não estava à vista.

Saindo pelos fundos, ela ouviu risos e seguiu na direção de onde vinha o som. Jardins, gramados e árvores cercavam a casa. Mais para diante havia uma bem cuidada horta e, perto dela, um cercado. Era dali que vinham os risos, juntamente com o som de galinhas e outros animais domésticos. Penduradas numa cerca estavam várias crianças, entre elas Bianca. A cerca dava para um estábulo no interior do qual um potro novinho recebia os afagos da criança, sob os olhares complacentes da mãe.

Quando Allegra se aproximou, um garoto de cerca de catorze anos, que parecia ser o mais velho do grupo, foi recebê-la.

— Sou Cesare, neto de Vittorio, *signorina*. Posso ajudá-la em alguma coisa?

Allegra sentiu-se imediatamente cativada pelo rosto simpático e a cortesia sem afetação.

— Sou Allegra di Ri... — ela começou, corrigindo-se a tempo. — Allegra Brent, dos Estados Unidos, uma amiga da família. Estava procurando por Bianca. Ela deve entrar agora.

Cesare sorriu novamente, com segurança.

— Nós estávamos tomando conta dela.

Apesar de o garoto aparentemente não ter notado que ela quase havia se apresentado como uma Di Rienzi, aquilo a perturbava. Naturalmente, tinha sido uma ação inadvertida do subconsciente. Era como se ela estivesse correndo por um caminho cada vez mais depressa e sem conseguir parar.

Bianca parecia querer resistir, mas a fome e promessas de que mais tarde ela poderia voltar para brincar com as crianças e os animais acabaram por convencê-la a voltar com Allegra.

A casa estava em calma, a não ser na cozinha, onde se desenvolvia uma atividade febril. Allegra serviu um copo de leite e um pedaço de pão fresco à menina e depois subiu para descansar um pouco. Quando chegou ao quarto, descobriu que alguém havia desfeito a valise que ela levava. O vestido verde estava pendurado no velho armário, prontinho para a noite, assim como um par de sapatos de tecido verde, que a condessa havia insistido para que ela usasse na festa. O colar continuava guardado na bolsa.

Sentando-se na enorme cama de mogno, ela reparou no tapete de tamanho médio que havia no chão. Feito à mão, ele era azul e branco e mostrava desenhos de flores. Havia também uma pia com toalhas limpas, ao lado de uma penteadeira de madeira trabalhada encimada por um grande espelho de cristal. O quarto era agradável, além de prático e confortável.

Durante um bom tempo, Allegra ficou se olhando no espelho, sem qualquer expressão. Bem que ela queria poder não ir àquela festa. Pior que

ouvir os comentários cínicos de Guido seria ficar ao lado de Renaldo e suportar heroicamente as sensações que a proximidade dele produzia. Talvez aquilo já estivesse dando na vista. Se não, que outros motivos teria a condessa para fazer aqueles comentários, no carro? Na verdade, nem a própria Allegra sabia dizer o que estava sentindo. Não podia estar apaixonada, porque é sabido que o amor é um sentimento doce.

De volta à cama, ela achou que deveria chorar para expulsar do coração aquela amargura. No entanto, os olhos recusavam-se a verter uma lágrima sequer e ela acabou adormecendo. Foi acordada pelo toque da mão de Bianca.

— Allegra, Allegra, acorde. Maria acaba de trazer o meu vestido e quero que você dê um jeito no meu cabelo.

Allegra levantou-se e foi ajudá-la a se vestir. Bianca usaria na festa um vestido azul com babados brancos na saia. Era um tanto espalhafatoso, mas de acordo com a ocasião. O importante era ela estar contente com a própria figura.

— Vou dançar com *papa*, com tio Guido e... e talvez com Cesare.

Bianca disse aquilo com um toque de feminilidade e Allegra sorriu, começando a penteá-la. Uma vez pronta, a menina se olhou no espelho e abriu um sorriso de aprovação. Minutos mais tarde Maria entrou no quarto e, elogiando muito a aparência de Bianca, levou-a para o exame da condessa.

Só então Allegra começou a se preparar. Jogando um pouco de água fria sobre o rosto e os ombros, ela foi possuída por uma sensação de irreabilidade. O momento que estava vivendo tinha todas as características de um sonho e fatalmente teria que acabar. Por que um sonho não podia ser aproveitado sem provocar dor?

O vestido serviu perfeitamente. Depois de envolver a cintura com a faixa e pôr o colar, ela se olhou no espelho. Estava vestida para se alegrar, para dançar à luz da lua e ser tocada pelas mãos carinhosas de um homem. Aquele pensamento provocou um arrepio.

Em seguida ela prendeu os cabelos num coque atrás da cabeça, passou uma leve camada de maquiagem no rosto e um pouco de batom nos lábios. Depois, olhou-se novamente no espelho. Bem que ela queria ficar bonita. No entanto, que resultado isso poderia ter? Será que Aldo repararia?

Já pronta para sair, ela respirou fundo e hesitou por um momento. Não havia por que perder a calma. Afinal de contas, todos estariam usando trajes típicos. O melhor seria circular um pouco pela festa, procurando não marcar muita presença, e se retirar o mais cedo possível.

No corredor ela encontrou Maria, já vestida para a festa, que a olhou com admiração.

— A *contessa* quer vê-la, *signorina* — informou a criada.

As duas foram encontrar *La vecchia* ocupada em pôr, como último toque,

um pequeno broche de ouro na resplandecente Bianca. A condessa, por sua vez, parecia saída de alguma pintura do passado. O vestido que usava, de um púrpura não muito forte, tinha a saia rodada e era justo na parte de cima, o que ficava muito bem na velha aristocrata. As mangas compridas caíam em pontas sobre as delicadas mãos. Os cabelos prateados estavam presos no alto da cabeça por presilhas de ouro e ambos produziam reflexos. Sobre os ombros ela carregava um bonito echarpe, do mesmo tecido do vestido. Quando Allegra entrou, ela ergueu a cabeça e sorriu.

Allegra parou e prendeu a respiração, tocada pela visão da velha ao lado da bisneta. Logo o quadro se desfez, porém, quando Bianca saiu correndo e a condessa fez uma expressão de desagrado.

— Isso aí é o penteado de uma matrona? — ela perguntou, apontando para a cabeça de Allegra. — Maria, segure essas presilhas... Meu Deus! Chega a ser um pecado esconder desse jeito um cabelo tão bonito.

Allegra não teve escolha. Seguindo rígidas orientações, Maria penteou os cabelos dela e prendeu parte deles atrás, usando presilhas de ouro fornecidas pela condessa. A maior parte caía sobre os ombros, em bonitas ondas castanhas.

— Assim está melhor — aplaudiu a velha, voltando a sorrir. — Agora, passe um pouco de sombra nos olhos e mais batom nos lábios.

O protesto que Allegra tentou fazer foi imediatamente rechaçado. Ela própria estava se achando bonita, e era justamente esse o perigo.

— Está perfeito — decidiu *La vecchia*, finalmente. — Agora vamos, que já são quase sete horas. Será melhor se a festa começar antes do crepúsculo. Maria, vá chamar Aldo. Esta noite não quero ficar numa cadeira de rodas. Ele precisa me carregar até lá fora, mas depois caminharei com minhas próprias pernas.

Ela disse aquilo apoiando-se com firmeza na bengala e parecia estar falando consigo mesma. Maria abriu a porta no momento em que Aldo ia bater.

Ao vê-lo, Allegra sentiu o coração acelerado. Ele vestia um paletó de veludo preto com botões dourados sobre uma camisa branca. O colarinho estava aberto, mostrando um medalhão dourado e parte do peito bronzeado. As calças marrons terminavam dentro do cano das botas, cujas bordas eram cobertas em toda a volta por uma fina tira de seda vermelha. Na cintura ele trazia uma larga faixa vermelha presa por uma vistosa fivela dourada.

Quando Maria se afastou da porta, o olhar de Allegra cruzou com o dele. Aldo examinou-a de alto a baixo e mostrou um sorriso.

— Você é mesmo Allegra? Está encantadora!

— Allegra está mesmo bonita, não está, *papa*? — entusiasmou-se Bianca. — E eu, como estou?

A menina parou na frente de Aldo e por um instante os olhos dele se

encheram de sombra. Logo, porém, aquilo passou, e ele elogiou a filha, inclinando-se para beijá-la.

— Naturalmente por causa da idade, só eu não mereço elogios aqui — revoltou-se a condessa, rindo.

Desta vez, o sorriso de Aldo foi encantador.

— Pois fique sabendo que é a mais linda de todas — ele disse, aproximando-se para abraçar a avó.

— Acho muito bom ter um neto bonito, apesar de bem pouco observador — falou a condessa, batendo levemente no ombro dele com a bengala. — Vamos, leve-me para a minha festa.

Aldo tomou-a nos braços e dirigiu-se à escada, com um sorriso de genuína alegria.

CAPITULO XVI

— *Brava, brava la contessa!* — saudaram várias vozes na área aberta em frente à casa.

Imediatamente, os músicos começaram a tocar. Havia um acordeão, um violino e um bandolim.

— Ponha-me no chão, Aldo *mio*, e me dê o braço.

Renaldo atendeu ao pedido e *La vecchia* começou a caminhar vagarosamente entre as mesas, todas elas iluminadas por velas e enfeitadas por arranjos de flores. O menino Cesare correu para ela, fez uma reverência e conduziu-a a uma cadeira decorada por flores. A música foi se tornando mais vibrante, enchendo o ar e incentivando as pessoas a cantar e a dançar. Aos olhos de Allegra, a festa parecia um caleidoscópio de cores e formas.

Bianca ficou parada durante alguns instantes, sem saber se corria para uma das mesas repletas de deliciosas guloseimas ou se ia dançar com as outras crianças. Allegra tornou-se o centro de vários olhares, principalmente de alguns jovens convidados das redondezas. Aldo devotou-se integralmente à avó, levando comida para ela e ficando sempre por perto. Allegra ainda tentou manter Bianca sob controle, mas o pai da menina viu que seria inútil e a desobrigou da difícil tarefa.

— É melhor deixá-la à vontade. Amanhã provavelmente ela estará com dor de barriga e isso servirá de lição.

— Você também deve se divertir, Allegra *mia* — apoiou a condessa. — Bianca não corre aqui nenhum perigo.

O Dr. Nepi estava muito vistoso, de calça escura, camisa branca e um lenço vermelho no pescoço. Ele saboreava um copo de vinho, deixando de lado a postura profissional, e olhava com curiosidade para Allegra. Quando seus olhares se cruzaram, ele sorriu e ergueu as sobancelhas num convite mudo. Allegra fingiu não entender e virou-se para outro lado. Ela não estava certa de que faria boa figura na vigorosa dança campestre que estava sendo tocada. Na verdade, não estava com disposição para dançar ou parecer alegre e despreocupada.

Momentos mais tarde, ela foi até uma das mesas e se serviu de canelone de ricota. Depois, com o prato na mão, foi sentar-se num banco de pedra perto da condessa.

— Olhe só para Luisa — falou *La vecchia*, em tom de mexerico. — Ela mais parece uma galinha que acabou de botar um ovo.

Allegra seguiu o olhar da velhota e contemplou a cena. Andréa Nepi jogava o charme sobre a pobre Luisa, que revirava os olhos como uma beldade do século XIX.

— Esse Andréa acha que sobreviverá a mim — duvidou a condessa, segura de si. — Mal sabe ele que ainda tem muito o que aprender comigo.

O pessoal da fazenda começou a dançar ali por perto, exibindo os passos para *La vecchia*, que ria e aplaudia. Allegra temia por aquele corpo frágil, mas Amalia di Rienzi mostrava-se perfeitamente à vontade.

Quando a música parou, ela ficou em silêncio por alguns instantes, contemplando o buquê de rosas sobre a mesa em que se apoiava.

— Está vendo essas flores, Allegra? São exatamente iguais às que Leopoldo me deu na primeira semana da nossa lua-de-mel. Desta vez, foi Vittorio que me fez o presente... Que Deus abençoe esse homem de bom coração. — Outra vez, os olhos dela se encheram de lágrimas. — A idade não modifica o amor, *bambina*.

Allegra sentiu um aperto no coração, pensando em Aldo. Será que ela teria que cultivar para o resto da vida a dor de um amor não correspondido?

A aproximação do Cesare interrompeu aquele pensamento. O rapaz empurrava um carrinho no qual estava um bolo enorme, coberto de creme e enfeitado de frutas. Atrás dele vinham rapazes carregando bandejas cheias de tacinhas com um licor dourado.

Vittorio apareceu ao final do cortejo, aprumado e orgulhoso. Movimentando-se ao ritmo da música, ele equilibrava sobre a cabeça branca um copo cheio de vinho. Parando na frente da condessa, ele estendeu uma das mãos, num claro convite. Imediatamente ela se pôs de pé e segurou na mão do amigo. Um murmúrio partiu de todos os lados, ao mesmo tempo em que a música passava a ser tocada num ritmo mais lento.

Sob os olhares de todos, o idoso par caminhou até o centro da pista de dança. Ali, Vittorio passou a dar voltas em torno de si mesmo, sempre segurando a mão da condessa, que o acompanhava com delicados passos. Sobre a cabeça do velho camponês, o copo girava refletindo a luz das velas em tons avermelhados.

Depois que eles completaram duas voltas, sempre um olhando nos olhos do outro, Vittorio ajoelhou-se na frente da condessa, num movimento vagaroso. Ela pegou o copo da cabeça dele, levou-o aos lábios e bebeu um gole. Em seguida *La vecchia* fez um gesto para que ele se erguesse. Vittorio obedeceu e inclinou-se para frente para beijar a mão da condessa.

Nesse momento, aplausos emocionados partiram de todos os presentes. A condessa pareceu fraquejar e Aldo correu para acudi-la. Tomando-a outra vez nos braços, ele a levou de volta à cadeira. Evidentemente *La vecchia* estava cansada, mas mantinha o mesmo sorriso.

Os dois foram cercados e Aldo pegou o copo para erguer um brinde:

— À saúde da mulher que é a encarnação da casa dos Di Rienzi!

Ouviram-se aplausos e gritos generalizados, seguidos pelos instrumentos,

que voltaram a tocar furiosamente.

— Você deve cortar o bolo, Allegra, porque eu não posso — sussurrou a condessa. — Eles esperam que o primeiro pedaço seja cortado por uma mulher da nossa família, mas não estou em condições. Por favor, faça isso.

Allegra ficou sem ação e Aldo fez um gesto de cabeça em direção ao bolo.

— Sim, faça isso.

Allegra entendeu o que ele estava querendo dizer. Ela deveria cortar o bolo dos Di Rienzi, mas sem levar a tarefa muito a sério. Seria apenas para contentar *La vecchia*.

Outra dificuldade foi suportar o olhar de despeito de Luisa, mas mesmo assim Allegra pegou a grande faca de prata entregue por Cesare e fez o primeiro corte no bolo. O rapaz se aproximou mais e cochichou no ouvido dela:

— Tomarei conta do resto.

Aliviada, Allegra girou o corpo e se afastou do carrinho onde estava o bolo. Naquele momento os músicos começaram a tocar uma valsa e ela sentiu uma vontade enorme de ficar sozinha. No entanto, o Dr. Nepi barrou a passagem.

— *Signorina*, reparei que ainda não dançou — ele falou, com voz macia. — Conceda-me esta valsa. É uma jovem muito bonita e deve dançar.

Allegra ficou estática e ele envolveu-a pela cintura, levando-a de volta ao local onde se dançava. Quando eles começaram, ela reparou no sorriso de Guido, que parecia cumprimentá-la por ter conseguido fisgar o médico.

— Você não fala, minha jovem? — perguntou Nepi, apertando-a mais. — Será que é tímida? Acho bom encontrar uma mulher que não fica fazendo convites com os olhos, como um botão de rosa a ser aberto.

Allegra escutou aquelas palavras bem perto do ouvido, seguidas de um leve beijo na face. Desesperada, ela pensou num jeito de escapar, rezando para que a música terminasse. Sentado ao lado da condessa, Renaldo olhava para ela de um jeito inexpressivo, o que a fez sentir-se culpada. Mas por quê? O que ela estava fazendo, afinal?

Quando a música terminou, Allegra foi logo se afastando do médico, que queria dançar novamente.

— Preciso encontrar Bianca e levá-la para a cama — ela se desculpou. — Já é tarde e talvez ela não esteja passando bem depois de ter comido tantos doces.

— Irei com você para ver como está a menina — prontificou-se Nepi, sorrindo.

Allegra pensou depressa para arranjar outra desculpa.

— Não, o senhor deve ficar aqui prestando atenção na condessa.

Não foi difícil encontrar Bianca, que continuava excitadíssima. Houve choro e protestos quando Allegra a levou para o quarto, mas logo a garotinha adormeceu, vencida pelo cansaço. Allegra ficou durante algum tempo sentada na cama, ao lado dela. Depois desceu novamente, pedindo a uma jovem camareira que vez por outra fosse ver como estava a menina.

Ela sentia necessidade de caminhar na noite, à luz do luar. Como seria bom deitar-se no chão, encostar o rosto na grama fresca e macia, ou abraçar-se ao tronco de uma árvore... Allegra queria tocar em algo que aceitasse amor sem questionamentos. O que sentia no coração pedia um calmante, um bálsamo para o doloroso desespero.

Saindo por uma porta lateral, ela passou a caminhar por um jardim onde havia muitas roseiras. No momento em que ela **se** abaixou para sorver o perfume de uma rosa, ouviu um barulho e ergueu-se novamente. Guido vinha se aproximando.

— Então, é aí que você está — ele disse, com um sorriso cínico. — Por quem está esperando? Pelo Dr. Nepi ou pelo incomparável senhor da casa dos Di Rienzi?

Chegando bem perto, Guido parou e ficou olhando para ela. Tinha os olhos injetados e mantinha o mesmo sorriso, imutável. Allegra deu um passo atrás, mas foi alcançada pelas mãos dele.

— O que há de errado comigo, Allegra? Você parece tão gentil com os outros homens... Talvez precise ser persuadida.

Passando da palavra à ação, ele abraçou-a com força e tentou beijá-la. Allegra virou o rosto, desesperada.

— Solte-me, Guido! Você está bêbado!

Conseguindo livrar-se do abraço, ela saiu correndo pelo jardim, perseguida de perto.

— Você é apenas uma garota bonitinha, mas não vai fugir assim de mim — ameaçava Guido. — Sei que gosta disso, Allegra!

Enquanto corria, ela arranhava os braços nos espinhos das roseiras, mas não se importava com isso. Queria, de qualquer forma, escapar àquele lunático. A certa altura, a faixa da cintura enganchou-se em algum lugar e ela perdeu o equilíbrio, caindo sentada ao chão. Nesse exato momento Guido parou de gritar e Allegra pôde ver que ele estava sendo detido, agarrado pelas mãos fortes de Renaldo.

— O que pensa que está fazendo, Aldo? — protestou o rapaz. — Tire as mãos de cima de mim.

— Você não se preocupou em tirar as mãos de cima de Allegra quando ela pediu.

— Meu Deus, Aldo! Pensei que você fosse mais esperto. Não vê que tudo o que ela quer é se casar com um de nós dois? Acha por acaso que eu vim até

aqui sem ser convidado?

Seria impossível dizer se Aldo estava acreditando naquela acusação torpe, mas mesmo assim ele empurrou o irmão em direção a casa.

— Você não passa de um bêbado idiota e importuno. Saia logo da minha frente, antes que eu lhe dê uma surra, como estou com vontade de fazer.

Guido foi se afastando, mas ainda se voltou para uma última ameaça.

— Não vou esquecer esse insulto de vocês dois. Você é que é o idiota, Aldo!

— Chega! — gritou Renaldo. — Vá para a cama!

Já de pé, Allegra ficou olhando enquanto Guido entrava por uma porta. Sentia uma confusa mistura de raiva, vergonha, medo e amor. Livrando o vestido dos espinhos das roseiras, ela correu em direção aos pinheiros que havia perto da casa. Na corrida, os macios sapatos de tecido acabaram escapando dos pés. Ela seguiu correndo, até parar quase sem fôlego ao lado do grosso tronco de um pinheiro. Abraçando-se à árvore, um ser benevolente e inofensivo, ela finalmente deixou as lágrimas escorrerem. Lamentava os mal-entendidos, a solidão, a angústia pela própria fragilidade.

Um leve barulho fez com que ela erguesse a cabeça. Aldo estava parado a alguns metros e a observava. Seu rosto estava iluminado pelo luar. Dando poucos passos, ele se aproximou e envolveu-a com os braços. Allegra não resistiu, sentindo uma deliciosa onda de calor e conforto.

— Minha pobre Allegra — murmurou Aldo, bem perto do seu ouvido. — Nós, os homens Di Rienzo, estamos lhe dando um péssimo tratamento. Você será capaz de perdoar?

Allegra deixou-se ficar onde estava, ouvindo as batidas fortes no coração dele. Tinha até medo de se mover.

— Cuidarei para que ele não a perturbe mais — prometeu Aldo, fazendo uma breve pausa. — Desde que chegou à nossa casa, você nos tem dado muito de si, recebendo muito pouco em troca. Ajudaria alguma coisa se eu dissesse que acabei acreditando na sua história? Não precisa mais ficar fugindo de mim...

Em seguida ele lhe acariciou o rosto e, com a ponta do dedo, traçou o contorno dos lábios. Impelida pelas mãos dele, Allegra aprumou o corpo e olhou-o nos olhos, que brilhavam intensamente. A razão mandava que ela desviasse o rosto, mas foi impossível evitar aquele olhar, ou os lábios doces que se encostaram nos seus.

A princípio Allegra permaneceu estática, mas acabou não resistindo à ânsia de corresponder ao beijo. Aldo sentiu a resposta e abraçou-a pela cintura. Logo os dois se abraçavam ansiosamente, como se quisessem dar curso a uma paixão há muito tempo represada.

Depois de um tempo que não saberia precisar, Allegra sentiu uma leve

mordida na orelha e ouviu o murmúrio de Aldo:

— Não vou esquecer esse beijo.

Em seguida ele a afastou um pouco e houve uma demorada troca de olhar. Finalmente, Aldo voltou a falar:

— Então, você não tentou me repelir, como fez com o Dr. Nepi ou com o meu irmão. O que tem para me oferecer, Allegra?

Incapaz de responder, Allegra conseguiu apenas continuar olhando nos olhos dele.

— E faz alguma idéia do que está querendo, pequena Allegra? — ele perguntou. — O que teria feito se eu houvesse tentado satisfazer ao meu desejo de possuí-la? Você, que é pouco mais que uma criança... O que pode saber sobre um coração como o meu, cheio de sombras e lembranças amargas?

Em seguida, ele acariciou demoradamente o rosto de Allegra, com os olhos ensombreados. Depois, abraçou-a novamente e passou a beijá-la nos cabelos, nos olhos e nas faces. Allegra permaneceu passiva, apesar de se sentir arrepios pelo corpo inteiro.

Inesperadamente ele a soltou, virou-se de costas e assumiu uma postura formal.

— Vamos, Allegra. Precisamos retornar agora.

Allegra ficou imóvel por um momento e ele se voltou, sorrindo.

— Pelo jeito, você não é beijada com muita frequência. Eu peço desculpas. Não sou a pessoa indicada para proporcionar conforto, já que não tenho o suficiente para mim.

Estendendo a mão, ele lhe deu o sapato e fez com que ela caminhasse. Naquele silêncio, o barulho dos gravetos que se quebravam aos passos deles parecia incrivelmente alto.

Chegando à casa, Aldo abriu uma porta lateral e postou-se de lado para que ela entrasse. Allegra passou, com a cabeça curvada para a frente, e ouviu a voz dele:

— Esqueça isso, pequena Allegra. Romantismo é uma palavra que funciona nos livros, mas não na vida real. Fora das páginas impressas, ele machuca como os espinhos daquele roseiral. Acredite que não é meu desejo machucá-la. Agora, durma e sonhe com o seu romântico ancestral. Quando o dia chegar, será possível outra vez ver tudo com clareza. *Addio*.

Com passos pesados, Allegra dirigiu-se ao quarto. Lá, tirou o vestido verde e o colar emprestado pela condessa. Estava tremendo ao vestir a camisola, apesar da noite quente. Ao se deitar, desistiu de limpar as lágrimas que teimavam em escorrer. A lembrança dos beijos de Aldo era doce, mas havia a vergonha por tê-lo deixado perceber o que se passava no seu coração.

Pela manhã Bianca foi acordá-la e examinou-a com curiosidade.

— O que houve, Allegra? Não está se sentindo bem?

Allegra vestiu-se com algum cuidado e maquilou-se um pouco, procurando disfarçar as olheiras. Achou que não conseguiria tomar o café da manhã com aquele nó na garganta e o aperto no estômago.

No jardim ela encontrou *La vecchia* preparando-se para um passeio pela fazenda numa charrete coberta. Aldo, Bianca e o Dr. Nepi estavam com ela. A condessa parecia notavelmente **bem** disposta, apesar das extenuantes atividades da noite anterior. Allegra evitou olhar para Aldo, contente por não ter sido convidada para o passeio.

Depois que o grupo partiu, ela se concentrou na arrumação de tudo para a volta.

Ao meio-dia, a condessa a convidou para almoçar no quarto. O assunto da conversa foi unicamente a fazenda e a festa da noite anterior, mas vez por outra Allegra percebia um olhar curioso de *La vecchia* e estremecia. Sentia-se exposta, apesar de a condessa não ter motivos para suspeitar de nada.

Allegra só ficou aliviada quando, depois das despedidas, todos embarcaram nos automóveis e retornaram à estrada de volta a Veneza. Com eles iam muitas flores, frutas e singelos presentes.

CAPITULO XVII

Ao fim da tarde, as três gôndolas entraram na garagem aquática da Ca' d'Argenti para desembarcar os passageiros e a carga. Luigi encostou o barco, desceu e, juntamente com Renaldo, formou com os braços uma espécie de cadeira para transportar a condessa até a entrada da cozinha. Bianca seguiu os três, rindo muito e caçoando da bisavó por ela utilizar aquele estranho meio de transporte.

— Calada, sua pivete! — falou Aldo, fingindo-se zangado. — Se não parar com isso você é que terá que carregar sua *nonna*.

Todos pareciam muito contentes e à vontade. Mais que isso, o Dr. Nepi estava aliviado por aquela loucura estar chegando ao fim.

Luigi voltou ao cais de desembarque e, juntamente com Maria, ficou supervisionando o descarregamento da bagagem e das caixas de vinho produzido nos vinhedos da família. Havia também vários queijos frescos, grandes e redondos, que eles haviam adquirido em La Felicità. O pessoal da cozinha parecia contente com as novas provisões que chegavam.

Guido, de forma perfeitamente previsível, não se preocupou em ajudar Luigi a arrastar as caixas de vinho. Apenas comentou sem receber resposta de ninguém, que a safra daquele ano não estava tão boa quanto a do ano anterior.

Allegra pegou o que pôde e dirigiu-se ao interior da casa. Já no quarto, afundou na cama, jogou as sandálias para um lado e ficou olhando para o teto. Lá em cima, cercado por flores de cores diáfanas, um anjo estendia a mão para ela, sorrindo. Era a primeira vez que Allegra reparava naquela pintura.

Um pouco mais tarde, Giovanna levou-lhe uma bandeja com queijos e frutas e informou que a família não se reuniria para o jantar. Allegra buscou uma explicação. Será que não era por influência de Aldo, que queria ficar longe dela? Não era justo ele agora querer fingir que nada havia acontecido entre eles.

Depois de tomar um banho perfumado, Allegra voltou para cama e ficou pensando naqueles últimos dez dias. Ela foi muito pretenciosa achando que poderia se sentir em casa em tão curto espaço de tempo. Dez dias antes, conhecia Renaldo di Rienzi apenas de nome. Eleana Bugelli havia falado dele apenas superficialmente, mas afirmara que seria perigoso tentar penetrar no mundo em que ele vivia. A boa Eleana tinha razão.

O que teria acontecido se Allegra houvesse permanecido com os Bugelli, dedicando-se apenas a conhecer a linda cidade e sem ter ninguém para acender nela aquela chama interna? Não havia dúvidas quanto à resposta. Em qualquer circunstância, ela se sentiria em casa, consideraria Veneza um lar. Allegra pertencia àquele lugar, independentemente do que Aldo resolvesse fazer com a vida dele. Mesmo que ele se casasse com Vera Falieri, ou mesmo

se ela jamais pudesse ver outra vez a Ca' d'Argenti...

Nesse momento, alguém bateu de leve na porta e ela foi abrir.

— Desculpe, Allegra — disse Aldo, com voz grave.

Só então ela se lembrou de que estava apenas de camisola. Atarantada, correu para pôr o *peignoir* e, passando a mão pelos cabelos, retornou à porta.

Aldo vestia um roupão vermelho de seda por cima do pijama claro. A expressão dele era de cansaço.

— Estava no escritório, tentando terminar o trabalho que deverei apresentar em Florença, mas está tudo muito atrasado. Allegra... se você pudesse me ajudar durante pelo menos uma hora, se não está cansada demais depois desse longo dia...

Ele parecia não saber o que dizer e Allegra sentiu vontade de abraçá-lo.

— Eu não estou com sono e ia começar a ler — ela disse, em tom de concordância.

— Sei que já é tarde, mas preciso revisar e catalogar tudo aquilo.

Aldo ficou olhando intensamente para ela, como se desejasse uma resposta clara. Talvez ele não percebesse que tudo agora era diferente, porque Allegra estava sendo procurada por um homem que precisava dela.

— Não precisa ficar se explicando, Aldo — ela disse, olhando-o de frente.
— Vou vestir alguma coisa e logo estarei lá embaixo.

Aldo relaxou a expressão.

— Pode crer que ficarei imensamente grato.

Antes de ir, ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios. Parecia ter feito aquilo num impulso.

Allegra fechou a porta e, rapidamente, pôs o vestido amarelo de algodão. Para o caso de cair a temperatura, jogou uma suéter leve por cima dos ombros. O rosto que viu no espelho tinha uma cor naturalmente saudável e o olhar era claro e intenso. Minutos mais tarde Allegra entrava no escritório de Aldo. Toda a papelada que ela havia separado cuidadosamente estava outra vez espalhada por cima da mesa e pelas cadeiras. Quando ela entrou, Renaldo coçou a cabeça.

— Estou numa enrascada, Allegra. Um emissário do governo da Arábia Saudita comparecerá à conferência e está interessado em ver os meus projetos de casas populares. Teremos que verter para o inglês pelo menos os textos de apresentação e as especificações técnicas. Tanto pela viagem que fizemos como pelo fato de minha secretária estar doente, só fiquei sabendo da informação ainda há pouco. Agora, estou sufocado pelo tempo. Para contentar *La vecchia*, acabei arranjando uma séria complicação. Foi uma imprudência.

Todos aqueles obstáculos não conseguiram abater o ânimo de Allegra,

que se sentia capaz de superar qualquer dificuldade.

— Como você deve saber, conheço a língua inglesa muito bem, tanto quanto a italiana. Estarei à disposição enquanto você precisar de uma tradutora ou de uma secretária.

Renaldo fez um gesto em direção à máquina de escrever.

— Já comecei aquele ali, mas, se quiser, pode fazer modificações no texto.

Em seguida ele abaixou a cabeça e voltou ao trabalho. Durante algum tempo, Allegra ficou observando. Aquelas mãos eram fortes e disciplinadas e ela sabia que podiam produzir deliciosas carícias. Renaldo era um homem que podia amar, mas que se esforçava para que isso não acontecesse. Bem, quanto a isso, não havia muito o que ela pudesse fazer.

Allegra deu de ombros e foi sentar-se em frente à máquina, começando logo a trabalhar com disposição. Queria mostrar a Renaldo que não era parte da "imprudência" que ele via na viagem a La Mira.

O trabalho não era complicado, apesar do volume. Allegra surpreendeu-se com a facilidade com que fazia a versão dos textos para o inglês, apesar de entender pouco ou quase nada de arquitetura e engenharia. Só se complicou um pouco nas especificações técnicas dos dois primeiros projetos, quando precisou da ajuda de Renaldo.

Sempre que terminava um dos textos, ela passava para revisão de Renaldo. Com raríssimas correções, todos iam sendo aprovados. Às vezes um sorriso dançava nos lábios dele, evidentemente de satisfação pelo bom rendimento do trabalho.

Três horas se passaram até que ela terminasse a versão do último texto. Desafogada, pôde observar os projetos de Aldo com outros olhos. Eram bem-feitos, práticos e bonitos.

A essa altura já passava um pouco da meia-noite. Reparando que Renaldo não fazia nenhum barulho há vários minutos, Allegra voltou-se e constatou que finalmente ele havia sucumbido ao cansaço. Estava dormindo, com os braços e a cabeça apoiados sobre a mesa. Em silêncio, ela se levantou, deixou sobre a mesa o trabalho que havia concluído e foi saindo do escritório. A porta, voltou-se para uma despedida:

— Boa-noite, meu amor — ela murmurou.

Pela manhã Allegra foi acordada por Bianca e foi informada de que *La vecchia* e Aldo esperavam pelas duas no jardim de cobertura, onde seria servido o café da manhã. Por isso, deveriam se apressar.

— Acho que *papa* tem uma surpresa para você — disse a menina, esperando com impaciência que Allegra terminasse de se vestir. — Ouvi quando ele falou sobre o assunto com a *nonna*. O que você acha que pode ser? *Papa* sempre me disse que detesta surpresas.

Allegra ficou imaginando o que poderia haver por trás daquela informação. Não conseguia pensar em Aldo preparando surpresas para os outros. Provavelmente estava satisfeito com o trabalho da noite anterior e voltaria a insistir para que ela aceitasse dinheiro. Talvez oferecesse um presente, já que sabia que ela recusaria pagamento.

De mãos dadas com Bianca, a caminho do terraço, Allegra se perguntava se deveria aceitar um presente. Aldo se ergueu quando as duas entraram e, com um sorriso, puxou a cadeira para que Allegra se sentasse. *La vecchia* sorria docemente.

— Espero, *cara mia*, que não a tenhamos forçado a se levantar muito cedo. Aldo me disse que, ontem à noite, você trabalhou até bem tarde. Não deve permitir que ele a explore desse jeito.

Allegra sorriu e olhou para Aldo.

— Acha que foi satisfatório? Não quis acordá-lo quando saí.

— Mais do que satisfatório — ele elogiou. — Você escreveu exatamente o que eu queria dizer, só que com palavras melhores do que as minhas.

La vecchia tomou um gole de chá e olhou para o neto.

— O que você estava me falando sobre a sua secretária, Renaldo?

Aldo respondeu olhando para Allegra.

— Estou com outra dificuldade, Allegra... — ele começou, com um ar de frustração. — Bem, espero que já não esteja saturada de ouvir sobre os meus problemas. Minha secretária deveria me acompanhar à conferência, amanhã. Eu contava com isso, porque ela já está familiarizada com o trabalho. No entanto, o marido insiste em que ela ainda não se recuperou totalmente da operação. Por isso...

Hesitante, ele parou de falar por alguns instantes.

— Por isso... — repetiu a condessa, incentivando o neto a continuar.

— Allegra, preciso que você vá comigo a Florença. *Nonna* já concordou e agora preciso apenas que você aceite.

Com o coração disparado, Allegra sentiu que estava com as faces vermelhas.

— E Bianca? — ela questionou, querendo ganhar tempo para pôr os pensamentos em ordem.

Foi a condessa quem respondeu:

— Bianca será temporariamente minha secretária e me ajudará a escolher roupas e preparar enfeites para as mesas. Estaremos bastante ocupadas durante os próximos dias.

— Diga que sim, Allegra, diga que sim! — pediu Bianca, excitadíssima. —

Quero muito que você vá com *papa*.

Durante um momento, os três ficaram olhando para Allegra com indisfarçada expectativa. Eles nem podiam imaginar o quanto ela queria ir a Florença com Renaldo, ficar sozinha com ele e sentir-se indispensável.

— Terei prazer em ir com você, Aldo — ela se pronunciou, num tom de voz muito baixo.

— Nós duas seremos secretárias, Allegra! — exclamou Bianca, feliz da vida, apertando com força a mão dela. — Você e eu!

Aldo olhou no relógio e se levantou, apressado.

— Preciso ir logo para o escritório. Ainda bem que um dos problemas está resolvido.

— Não vai comer nada, Aldo? — ralhou a condessa. — Você só tomou café.

— Não estou com fome e ainda há muito o que fazer antes da viagem. Se for possível, virei à tarde tomar chá com a senhora, está bem?

Ele fez um gesto geral de despedida e foi se afastando. A porta, parou e se voltou, como se tivesse uma lembrança.

— Oh, Allegra... muito obrigado.

Em seguida ele saiu e a condessa sorriu para a protegida.

— Ele está muito, muito agradecido, minha filha. Não diz isso a você com mais clareza porque tem um orgulho dos diabos. Mesmo assim, minha intuição me diz que... tudo vai dar certo. Agora, precisamos falar da sua viagem. Florença é uma cidade um tanto formal, mesmo durante o verão. Você precisará ter uma boa aparência, por causa dos negócios de Aldo. Quero que me faça um favor especial, já que quase não posso compensá-la por estar ao nosso lado. Permita-me o prazer de pagar as roupas de que irá precisar. Terá que levar um bom vestido de noite, porque certamente haverá um coquetel de encerramento ou coisa parecida, e alguns conjuntos e vestidos para o dia. Se recusar, *bambina*, acredite que isso prejudicará enormemente a minha saúde.

— Mas a senhora já fez muito por mim. Além disso, tenho algumas roupas e...

A condessa fechou os olhos e começou a bater com a bengala no chão.

— Não estou conseguindo ouvir nada.

A princípio, Allegra ficou surpresa com aquilo. Depois, começou a rir e entregou os pontos.

— Está bem — ela disse, levantando-se para dar um beijo estalado no rosto da condessa. — Vou precisar que a senhora me diga aonde ir, porque não conheço as lojas da cidade.

— Eu lhe darei algumas indicações. As despesas deverão ser debitadas na minha conta. Não pense em economizar, minha filha... e acredite que ficarei muito zangada se souber que você usou o próprio dinheiro.

Em seguida ela se inclinou para escrever algumas palavras num pedaço de papel. Quando entregou o bilhete a Allegra, teve outra lembrança.

— Eu quase ia me esquecendo! Esteja de volta às duas e meia, mais ou menos. Meu cabeleireiro virá aqui e estou certa de que ele fará um bonito penteado em você.

— Deixe-me ir com ela, *nonna* — pediu Bianca. — Sei o que as pessoas costumam usar em Florença.

— Você terá aula de piano às onze horas, minha pombinha. Agora, vamos tomar em silêncio o nosso café e agradecer a Deus pelo lindo dia com que ele nos brindou.

Allegra não se sentia muito à vontade. Aceitar o oferecimento da condessa ameaçava, de certa forma, a posição de independência que ela se esforçava em manter. No entanto, recusar seria no mínimo uma descortesia. Em uma manhã, Aldo e *la vecchia* haviam conseguido levá-la mais para o interior do mundo deles. Allegra gostava daquilo, mas com reserva. Ela detestava o tipo de mulher que fica aceitando presentes de um homem até se ver obrigada a aceitar os termos que ele ditar.

Levando na mão a lista feita pela condessa, ela saiu em busca das roupas que usaria em Florença, a cidade das flores e o berço da Renascença. Em primeiro lugar, resolveu ir a duas lojas pequenas que estavam na lista e constatou que os proprietários de ambas já estavam esperando por sua visita. Um deles, inclusive, já havia separado vários conjuntos e vestidos para que ela experimentasse. Os preços tinham sido cuidadosamente removidos, frustrando a intenção da jovem de gastar o mínimo possível. Era evidente que havia ali o dedo da condessa e Allegra teve que se curvar.

Ela escolheu cuidadosamente, recusando roupas em estilo muito avançado. Gostava de se vestir com elegância, mas também com discrição. Além disso, compareceria a um congresso internacional.

Na primeira loja Allegra escolheu o vestido de noite, de *chiffon* azul-celeste. Era em estilo grego, leve e esvoaçante, prendendo-se a um dos ombros por uma fivela em forma de delfim e caindo graciosamente ao longo do corpo, até os tornozelos. Talvez ela o tivesse escolhido para não se parecer demais com uma secretária, mas aceitou o argumento do dono da loja:

— Que razões poderia ter para não usar um vestido como esse, *signorina*? Estará ao mesmo tempo elegante e discreta... e a combinação dessas duas qualidades torna uma mulher irresistível!

Minutos mais tarde ela saiu da boutique com a caixa do vestido e procurou na lista o endereço da segunda loja. Não era muito longe da Piazza San Marco, numa travessa meio escura. Perto da hora do almoço, ela havia escolhido dois bonitos vestidos para o dia e um elegantíssimo conjunto de saia

e blusa de linho bege. O proprietário convenceu-a também a levar um chapéu de palhinha, branco e de abas largas, e uma carteira do mesmo material para combinar. Em volta do chapéu estava amarrado um lenço de seda profusamente colorido.

Allegra estava encantada com o novo guarda-roupa. Sentia-se leve, apesar da suspeita de que cada peça de roupa naquelas caixas tinha um preço excessivamente alto. No entanto, sabia que a condessa não admitiria discussão sobre o assunto e não havia mais por que se preocupar. Por sorte, ela encontrou uma mesa vazia no Florian e pediu um almoço leve.

Depois do almoço Allegra caminhou despreocupadamente pela praça, divertindo-se em observar o movimento dos turistas. Tentava adivinhar de onde teria vindo cada um deles, mas tinha certeza de que, se fizessem o mesmo, eles diriam que ela era italiana.

Perto das duas e meia ela chegou de volta à Ca' d'Argenti. Bianca esperava na porta e reivindicou o direito de ser a primeira a ver as roupas. As duas correram para o quarto de Allegra e a menina começou a abrir as caixas.

— Onde estão as camisolas? — ela perguntou.

— Não vou precisar de camisolas novas em Florença.

— Ah, não? Mas a mãe de Fiona Barducci sempre põe na bagagem uma porção de lindas camisolas quando vai para lá. *Papa* não lhe falou nada sobre isso?

— Não, bobinha. Comprei apenas as roupas apropriadas ao que vou fazer em Florença. Agora, me diga onde posso encontrar o cabeleireiro da sua *nonna*. Tenho um compromisso com ele agorinha mesmo.

Seguindo as indicações de Bianca, ela chegou à iluminada saleta onde já esperava o *signor* Bruno. Esforçando-se para não rir das roupas do homenzinho, que usava, da gravata aos sapatos, várias tonalidades de amarelo e cor-de-rosa, ela ocupou a cadeira que ele indicou. Submetendo-se às hábeis mãos do cabeleireiro, teve os cabelos aparados, lavados, escovados e penteados.

Cinqüenta minutos mais tarde, saiu dali com um penteado que a deixava com um ar mais maduro. Isso era bom, tanto por causa do congresso como porque atenuava a diferença de idade que havia entre ela e Renaldo. No quarto, ela experimentou novamente as roupas novas e olhou-se demoradamente no espelho. Vestiu por último o conjunto bege de linho e resolveu que iria com ele tomar chá com *La vecchia*

.

O coração de Allegra batia mais depressa quando ela chegou à porta dos aposentos da condessa. Houve uma interrupção na conversa das pessoas que estavam ali e todos se voltaram para olhá-la.

— Entre, *cara mia* — convidou a condessa.

Guido estava lá, assim como a prima Luisa e o Dr. Nepi. Maria cortava fatias de bolo para servir com o chá e sorriu para a recém-chegada com evidente admiração.

Guido levantou-se quando ela entrou.

— Bem, Allegra, vejo que agora você está bonita demais para mim — ele disse. — O que acha, Luisa? Ela não parece ser da nossa família, na época em que costumávamos ter mulheres bonitas?

La vecchia estendeu a mão para Allegra.

— Você está muito bem, minha filha. Quero que me mostre tudo depois do chá.

Mal terminou de falar, ela voltou o rosto sorridente em direção à porta. Allegra voltou-se para onde ela estava olhando e prendeu a respiração. Aldo ia entrando naquele momento. Passando por todos, ele foi beijar a mão da avó.

— Boa tarde para todos — ele cumprimentou, animadamente. — Sinto muito, *nonna*, mas não posso me demorar. Um mensageiro chegará de Milão dentro de meia hora e preciso ver os documentos que ele está trazendo.

Depois de beber rapidamente a xícara de chá que a condessa serviu, ele finalmente reparou em Allegra.

— Ah, você está aí. Ia mesmo lhe deixar um recado. Partiremos amanhã às seis da manhã e espero que esteja pronta no horário.

Allegra fez apenas um gesto de cabeça, incapaz de dizer qualquer coisa. Por trás de Aldo, Guido ria perversamente do evidente desconforto que ela sentia.

Nesse momento, Bianca entrou correndo e parou no meio dos adultos.

— Allegra! — ela exclamou, admirada. — Você está... linda!

Allegra já estava achando difícil controlar as emoções e, ao ouvir o elogio da menina, sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Aquilo a deixou enraivecida consigo mesma. Para disfarçar, ela se demorou um pouco mais que o necessário no carinhoso abraço com que Bianca a presenteou.

Enquanto isso, a condessa observava atentamente a protegida. Depois que Aldo se retirou, ela fez um gesto para o Dr. Nepi. O médico inclinou a cabeça e a velha cochichou alguma coisa ao ouvido dele. Aprumando-se novamente, Andréa Nepi fez um gesto para que todos saíssem. Todos, menos Allegra.

Luisa aproximou-se da prima, preocupada, mas foi dispensada com um gesto.

— Estou cansada — declarou a condessa. — Mesmo o convívio da família tira um pouco das minhas forças.

Em seguida, a anciã deixou a cabeça cair para um lado e adormeceu.

O Dr. Nepi ficou à porta, apressando a saída das pessoas. Allegra reparou que ele estava com o semblante fechado.

— Estou temendo o pior, *signorina* — disse o médico, antes de se retirar.
— Ela não pode continuar agindo como se tivesse sessenta anos. Já fiz o que estava ao meu alcance.

Depois que ele saiu e fechou a porta atrás de si, Allegra ficou parada durante alguns instantes, sentindo-se cansada. Quando voltou para o lado da condessa, surpreendeu-se ao ver os olhos bem abertos e o rosto matreiro da velhota.

— Então, Allegra, você está desesperada e com pena de si mesma — diagnosticou a condessa, com segurança. — Pensa que não dá para ver isso? Sente-se aqui perto, minha filha. Quero lhe dizer uma palavrinha.

Allegra obedeceu e *La vecchia* continuou, num tom materna.

— Quero lhe falar como acho que faria a sua avó. Talvez você ainda esteja se perguntando por que, no dia em que apareceu à minha porta, eu a recebi com interesse. Já deve ter reparado que raramente recebo pessoas que não tenham sido convidadas. É que tenho um instinto, uma espécie de dom que me permite ver além da superfície das coisas. Naquela tarde, senti que havia muita honestidade, firmeza e dignidade na jovem americana que me procurava.

De certa forma, Allegra já sabia daquilo, mas estava curiosa para ouvir o que mais a condessa tinha para dizer. Depois de uma breve pausa, Amalia continuou:

— Senti que você tinha algo para dar à casa dos Di Rienzi, algo que ela não via há muito tempo. Desculpe se pareço rabugenta, mas não posso deixar de falar em coisas que estou vendo. Você está se deixando dominar pelas emoções, minha querida, numa hora em que deveria dominá-las. Compreendo a natureza humana e sei que você tem estado sob pressões muito fortes. Mesmo assim, ouça o conselho de quem tem uma longa experiência de vida: mantenha-se firme. Suas melhores qualidades estão sendo testadas pela idiotice das pessoas à sua volta. Você tem muito o que ensinar a elas, mas não conseguirá se fraquejar.

Allegra estava surpresa ao ver o quanto suas reações eram transparentes.

— Não sei se terei forças para isso — ela duvidou, trêmula.

— É muito mais forte do que pensa, *bambina*. Escute bem as minhas palavras, Allegra Brent. Tudo o que eu disse são coisas que vejo com clareza... Você entende?

— Eu tentarei — prometeu Allegra, ainda sem querer acreditar na profecia da condessa.

Quando ela ergueu novamente a cabeça, *La vecchia* havia adormecido, e desta vez não estava fingindo. Cuidadosamente, ela arrumou a manta sobre as pernas da doce anciã e ficou observando aquele rosto querido. Era

impressionante como uma mulher tão idosa podia mostrar tanta firmeza e sabedoria.

Allegra foi para o quarto e ficou por lá, sem fome para jantar. Algum tempo mais tarde, Bianca apareceu e informou que o tio a levaria para ver um filme americano de *cowboy*. Depois disso, os corredores da casa ficaram em silêncio e Allegra começou a arrumar o que levaria na viagem a Florença.

Pensando nas palavras da condessa, ela se lembrou das advertências de Clinton Meserve. Será que, em consequência da própria ingenuidade, estava se deixando levar por caminhos perigosos?

Depois de enrolar cuidadosamente os cabelos com um lenço, para não desmanchar o penteado, Allegra se deitou. Durante um bom tempo, pensou nas mudanças de humor de Aldo. Naquela tarde, por exemplo, apesar da roupa nova e do penteado, ele quase não havia reparado nela. Tinha sido uma reação completamente diferente da das outras pessoas.

Muito tempo se passou antes que ela adormecesse. A noite foi povoada de sonhos e vozes. Allegra acordou várias vezes, perturbada e exausta. Ainda não havia clareado o dia quando alguém bateu levemente na porta. Algum dos criados havia deixado uma bandeja com o café da manhã e se afastado antes que ela fosse atender.

Allegra levou a bandeja para a cama, sem se surpreender com a fome que sentia. Afinal de contas, não havia jantado na noite anterior. Estava acabando de tomar o último gole de café quando ouviu o barulho do motor de uma lancha e correu para a janela. Esperava ver Aldo, mas acabou sendo testemunha de uma cena peculiar.

Uma lancha branca estava parada na entrada lateral da casa, com o motor ligado, e Guido, de pé na plataforma de desembarque, discutia com dois homens que se encontravam no interior do barco. Eles falavam em voz baixa, mas, pela gesticulação, Allegra pôde ver que o irmão de Renaldo estava tendo problemas para se separar dos acompanhantes. Finalmente, ele saiu rapidamente em busca da segurança da casa. Durante algum tempo, os dois homens ficaram olhando, com as mãos na cintura. Depois, puseram a lancha em movimento e foram embora. Allegra se afastou da janela, decidida a não falar com Aldo sobre o que acabara de ver. Provavelmente, não era a primeira vez que Guido se metia em encrencas. Mesmo assim, aquela cena a deixou perturbada.

CAPÍTULO XVIII

Alguns minutos antes das seis horas, Allegra estava esperando no vestíbulo, com a valise aos pés e segurando o chapéu de palhinha e a bolsa. O penteado havia sobrevivido à noite mal dormida e ela se sentia leve e colorida no vestido florido cor-de-rosa.

A porta da frente se abriu e Luigi apareceu.

— Essa é toda a sua bagagem, *signorina* Brent? — ele perguntou, pegando a valise.

Allegra fez um gesto afirmativo e o seguiu em direção à saída. Aldo estava na plataforma de embarque, arrumando sua bagagem na lancha recentemente lavada.

— Vamos precisar de um plástico para cobrir isso, Luigi. Ah, Allegra... Você está aí. Bom.

Ela ocupou o banco central da lancha. Aldo sentou-se mais atrás, no meio da bagagem. Só quando Luigi pôs o barco em movimento, depois de ter coberto as malas com o plástico, foi que os olhos deles se encontraram e Aldo sorriu.

— Então... a grande aventura, hein?

Allegra sorriu em resposta, grata pela acolhida calorosa que ele estava mostrando.

Em seguida ela ficou observando o movimento no canal. Veneza já estava em frenética atividade, mas não por causa dos turistas. Pequenos barcos iam passando, carregando produtos para o mercado. Dentro de mais ou menos uma hora o movimento no Grande Canal se duplicaria e a cidade despertaria para mais um dia de plena atividade.

Luigi levou a lancha até um grande estacionamento de automóveis que havia fora do perímetro urbano e eles desembarcaram. Allegra esperou junto à bagagem e, minutos mais tarde, Renaldo encostou um pequeno Alfa esporte.

— Teremos que ir por Verona — ele disse, enquanto Luigi arrumava as malas no carro. — Precisamos passar lá porque o escritório regional esqueceu de me mandar certos papéis no malote de ontem. Espero que já tenha acontecido tudo o que tinha que acontecer de errado.

Pouco mais tarde o carro esporte deslizava velozmente na estrada. O desvio por Verona significaria um atraso de uma hora e meia na chegada a Florença. O dia prometia ser quente. As placas na estrada indicavam as entradas para Mestre, Padova, Vicenza e, finalmente, Verona. Passava um pouco das sete e meia quando eles atravessaram um antigo arco romano e entraram numa espaçosa praça.

Allegra achou Verona uma bonita cidade, com edifícios cuja arquitetura ia

da Roma antiga aos estilos medievais. Eram prédios assim que cercavam aquela bonita praça circular. Aldo passou pela antiga arena romana e estacionou o carro numa rua de mão única, por trás da praça. Em seguida ele desceu e entrou por uma porta. Allegra não gostou de ter sido deixada sozinha no carro, naquela rua estreita e ladeada por casas altas e de paredes escuras.

Aldo não demorou para voltar, carregando uma pasta, e eles fizeram o mesmo caminho de volta. O desapontamento de Allegra devia estar estampado no rosto, porque ele sorriu com simpatia e estendeu a mão para tocar na dela.

— Quando não estivermos com pressa, você poderá conhecer Verona com calma. O Castelo Vecchio é muito bonito e certamente você vai querer ver a janela de Julieta. Na próxima vez.

Logo eles seguiram para o sul, pela rodovia do Sol. O tempo estava úmido e quente. Extensos campos cultivados eram cortados pela pista asfaltada, ao longo da qual estendia-se uma verdadeira cerca viva de pereiras.

Aldo mantinha-se em silêncio. Vez por outra, dizia o nome de alguma aldeia no alto de uma colina ou oferecia a ela uma maçã, em vez de parar em algum lugar para tomar um refresco e descansar um pouco. Allegra não dizia nada, achando até bom por ele não estar mais aborrecido.

Depois que eles deixaram uma região cheia de colinas e túneis, Allegra pôde ver lá embaixo o vale do Arno. Ela sabia que aquele era um rio de águas revoltas, mas visto de cima parecia sereno. Quando o carro entrou em Florença, as torres avermelhadas da parte antiga da cidade eram apenas um borrão ao longe.

Eles haviam pegado chuva nos últimos quilômetros, mas agora o sol voltava a se filtrar por entre as nuvens, como se quisesse dar as boas-vindas aos recém-chegados.

Quando eles se aproximaram do centro da cidade, Allegra começou a sentir uma pressão na cabeça, por trás dos olhos. Não era dor, mas uma espécie de vibração ou intensa carga de energia. Ela sabia que boa parte dos tesouros artísticos que tinha visto apenas em gravuras estava ali em Florença. Talvez na próxima esquina estivesse o Duomo, ou a Torre de Giotto, ou o Batistério.

As ruas estavam cheias de ônibus e táxis que carregavam turistas. Em cada esquina havia um guarda tentando pôr ordem no trânsito, o que parecia impossível. Quando o carro parou num congestionamento, Allegra virou a cabeça e deparou com o Duomo.

— Não posso acreditar que estou aqui — ela disse.

Finalmente eles chegaram a uma pequena praça perto do rio. O Grande Hotel ficava ali. Era uma antiga e sólida construção cujo comprimento acompanhava o Lugarno.

Aldo havia reservado dois apartamentos vizinhos que tinham vista para o rio. O gerente atendeu com impecável cortesia o conde Di Rienzi e sua jovem

secretária. Quando Allegra mostrou o passaporte, o homem sorriu.

— Bem-vinda à Itália — ele saudou, em inglês.

Talvez aquele italiano achasse estranho o conde Di Rienzi contratar os serviços de uma secretária americana que havia entrado no país com visto de turista.

— Obrigada — disse Allegra. — Estar no seu país é uma experiência incrivelmente agradável.

Aldo segurou no braço dela e os dois atravessaram o saguão em direção ao hall dos elevadores, seguidos por um rapaz do hotel que carregava as malas.

— Acho que vai gostar das acomodações — ele disse, quando o rapaz abriu a porta de um dos apartamentos. — Sempre durmo melhor aqui do que na maioria dos outros hotéis.

Rapidamente, o jovem abriu as cortinas, o armário e a porta do banheiro. O sol invadiu o bonito ambiente, decorado com cores sóbrias. Apesar de sólida, a cama parecia mais repousante do que a que ela usava em Veneza.

Aldo deu uma gorjeta ao rapaz do hotel.

— Pode deixar que eu mesmo levarei minhas coisas para o outro quarto — ele falou, dispensando-o.

Depois que o rapaz saiu, Aldo voltou-se para Allegra, com as mãos nos bolsos e um sorriso de quem pedia desculpas.

— Allegra, minha amiga, nós... estamos numa situação meio difícil... — ele gaguejou, fazendo com que Allegra ficasse tensa. — A questão é que não sei muito bem o que fazer com você agora, porque tenho que comparecer a um almoço de negócios dentro de alguns minutos. Se você fosse realmente uma funcionária contratada, eu não me sentiria responsável, mas...

— *Signor* Di Rienzi, fique em paz com sua consciência — tranqüilizou-o Allegra, sorrindo. — Estou à sua disposição como secretária, mas continuo sendo uma pessoa independente.

Renaldo não pareceu muito convencido.

— Eu queria dizer alguma coisa porque nunca sei o que uma mulher está realmente sentindo. Seja franca comigo, e não ficarei imaginando coisas.

— Esta cidade tem muitas coisas lindas para se ver e eu mal posso esperar.

Allegra disse aquilo com convicção e Aldo relaxou.

— Você é uma pessoa fácil de contentar. Bem, precisa estar de volta a tempo de se preparar para a noite. Haverá um coquetel de abertura e, mais tarde, um jantar com todos os congressistas. Baterei na sua porta às seis e meia, está bem?

— Combinado.

Ele saiu e Allegra foi até a janela, procurando se orientar.

Quase não acreditava que estivesse em Florença. Conhecia boa parte daquela cidade pelo que havia estudado na escola. Naquele momento, por exemplo, identificava perfeitamente a Ponte Vecchio, à esquerda de onde estava. Os jardins Boboli ficavam um pouco mais adiante, não muito longe da ponte.

Antes de mais nada, porém, ela precisava comer, e o mais prático seria almoçar no próprio hotel.

O serviço de quarto mostrou-se eficiente e rápido, servindo uma comida de excelente qualidade.

Depois do almoço, ela resolveu desfazer as malas antes de sair. Seria ótimo se Maria estivesse ali para fazer aquele trabalho.

— Que vergonha, Allegra — ela censurou, olhando a própria imagem no espelho. — Parece que de repente você se transformou numa aristocrata.

Uma brisa soprava ao longo do Arno e, enquanto caminhava, vez por outra Allegra sentia um pingo de chuva no rosto. Também aquela cidade parecia ter um brilho dourado, como Veneza, mas com sutis diferenças perceptíveis apenas a olhos sensíveis. Allegra olhava os arcos das pontes baixas que atravessam o rio a pequenos intervalos. A Ponte Vecchio parecia sobrecarregada pelas lojas que suportava nos dois lados.

Allegra juntou-se aos pedestres que atravessavam a velha ponte e logo teve a atenção chamada pelas magníficas jóias expostas nas vitrines das lojas. Talvez houvesse alguma coisa para pessoas de poucas posses, ela pensou, correndo os olhos pelos broches e braceletes de ouro cravejados de diamantes, copos incrustados de pérolas e cestinhas de tiras trançadas de ouro.

Realmente, havia. Numa das vitrines Allegra viu um delicado anel de ouro com uma coroa formada por três pequenas pedras vermelhas de granada, lindamente lapidadas. Estava num estojo forrado de veludo preto, juntamente com outras jóias de granada. Ela quase não entrou na lojinha, mas um rosto de mulher sorriu de forma encorajadora por trás da vitrine. Allegra entrou.

— Custa setenta e cinco mil liras, *signorina* — informou a proprietária. — Quer ver?

Rapidamente, Allegra fez as contas. O anel sairia por sessenta e cinco dólares, mais ou menos. A *nonna* sempre falava nos magníficos colares de granada que costumava ver no pescoço das mulheres ricas, na juventude passada em Veneza. Aquelas pedras pareciam falar de doces lembranças e Allegra achou que o anel valia sessenta e cinco dólares. Ao pôr o anel no dedo, ela até se sentiu um pouco mais italiana. Só não quis pensar que, quando tudo acabasse, teria uma lembrança bem concreta para guardar.

A uma da tarde, o céu estava claro novamente. Deixando a Ponte

Vecchio, ela saiu pela calçada em direção ao Palácio Pitti. Havia muitos ônibus de turismo estacionados perto do velho edifício, que parecia austero e sólido. Antes de entrar, Allegra esperou que um barulhento grupo de turistas se afastasse. Queria ver tudo com muita calma.

Galeria após galeria, ela caminhou vagarosamente, examinou, apreciou, às vezes sorrindo ao reconhecer o original de alguma pintura de que gostava muito. Todo estudante de arte deveria ter o privilégio de contemplar as telas em que o próprio artista havia trabalhado, em vez de simples reproduções. Era uma experiência única e emocionante.

A tarde já ia pela metade quando Allegra saiu. Durante todo aquele tempo, ela não havia pensado em Renaldo ou em qualquer outra pessoa. Era incômodo entrar outra vez na pele de Allegra Brent, mas havia o dever a cumprir. O tempo estava passando e logo seriam seis e meia, a hora marcada por Aldo.

Justamente naquele momento ia passando um ônibus cheio de japoneses e ela escutou o clique de várias câmaras fotográficas. Depois de atravessar novamente a velha ponte, Allegra seguiu pela rua congestionada de volta ao hotel.

O rapaz da recepção a chamou quando ela ia passando pelo saguão. Havia uma mensagem. Quando ele entregou o envelope, Allegra imediatamente reconheceu a letra.

Querida Allegra

Quando você saiu, esta manhã, era muito cedo para que eu pudesse lhe desejar uma alegre estada em Florença. Estarei com você em espírito quando subir aqueles malditos degraus do Uffizi. Lembre-se disso.

Afetuosamente,

Amalia di Rienzi

Allegra ergueu a cabeça, com uma pergunta nos lábios. O recepcionista olhava para ela de uma forma respeitosa.

— A mensagem foi trazida por um mensageiro especial. Há também um envelope para o *conte*.

No quarto, Allegra deitou-se por alguns minutos por cima da colcha da cama. Estava tudo em silêncio, mas era como se a condessa estivesse ali. Realmente, aquela doce velhota sabia jogar bem longe a sua rede.

Allegra tomou banho e se vestiu vagarosamente, procurando não pensar em Aldo. Não queria imaginar como seria bom fazer parte da vida dele, estar sempre por perto, abraçá-lo... Não, ela precisava ser independente, forte, e não ficar a ponto de desmoronar ao ouvir a voz de Renaldo ou ser tocada por

ele. Só que não era fácil lutar contra a força do amor... E *la vecchia* percebia muito bem o que estava acontecendo.

Depois de pronta, Allegra olhou-se no espelho grande que havia na porta do armário. Tinha medo de estar parecendo bem vestida demais, talvez como uma engomada Falieri. Pegando na valise uma prancheta portátil e um bloco de rascunho, ela se sentiu mais profissional. Pena não poder levar aquela prancheta para o coquetel...

Exatamente às seis e meia Renaldo bateu na porta. Allegra abriu e evitou o olhar dele... Sentia-se vulnerável demais na elegância que estava exibindo.

— Você me honra, Allegra — ele disse, sorrindo. — Não só porque é uma mulher muito bonita, mas também porque não tem o mau costume de deixar um homem esperando.

Allegra enfiou um pequeno bloco de anotações dentro da carteira e procurou não se mostrar sensibilizada pelos elogios.

— Se eu não estivesse pronta na hora marcada, não seria uma boa secretária.

Olhando pela primeira vez no rosto de Aldo, Allegra se arrependeu de ter dito aquelas palavras. Era evidente que a resposta não havia sido bem recebida.

De carro, eles saíram da cidade e alcançaram as colinas de Fiesole. A vegetação era predominantemente de altos ciprestes, que escondiam parcialmente os vilarejos. Renaldo mantinha-se em silêncio e Allegra perguntou onde seria o jantar.

— Ângelo Bardo tem uma *villa* aqui perto. Ele convidou alguns executivos americanos e do Terceiro Mundo que querem conhecer o que se faz hoje na Itália em relação à arquitetura e urbanismo. O árabe de que lhe falei estará lá. O jantar não está na agenda do congresso, mas é assim que normalmente se acertam grandes negócios. Enquanto as esposas e as amantes trocam mexericos, os homens vão para alguma sala arejada e acertam compromissos. Não gosto de misturar divertimento e trabalho, mas...

Aldo deu de ombros, sem concluir a frase, como se quisesse dizer que era impossível mudar a realidade.

Pouco depois ele entrou por uma alameda e parou o carro em frente a uma *villa* de paredes muito altas e pintadas de cor-de-rosa. Na frente e nos lados havia terraços profusamente enfeitados por plantas ornamentais.

Aldo desceu do carro e abriu a porta para ela.

— Uma palavra de advertência — ele disse. — Bardo é um mulherengo, *un damerino*.

— Isso não será problema — garantiu Allegra.

Durante algum tempo, Renaldo ficou olhando para ela.

— Então, não preciso me preocupar com você — ele disse, finalmente.

Os jardins da *villa* eram cuidadosamente bem tratados, proporcionando uma vista do vale do Arno. Aldo ofereceu o braço e eles se dirigiram ao terraço frontal. Alguns casais conversavam perto da balaustrada, numa cena que mais parecia o anúncio de algum licor muito caro. Um vigoroso e bem vestido quarentão saiu do meio deles e foi abraçar Aldo.

— Amigo velho! Por que só consigo atraí-lo para a minha toca quando existe algum interesse comercial? Não é justo você ficar se deteriorando entre as antiguidades de Veneza... as de pedra e as de carne e osso!

O dono da casa disse aquilo e soltou uma gargalhada.

— O problema, Ângelo, é que o meu trabalho me obriga a ficar por lá. Se não fosse isso, eu viveria na ociosidade, como você.

O homem dirigiu a Allegra um olhar de perito em mulheres.

— *Signorina*... é um enorme prazer.

— Allegra Brent, Ângelo Bardo — apresentou Renaldo. — A *signorina* Brent é minha secretária e assistente.

— Hum. Mesmo nos negócios, é possível encontrar prazer. Bem, por que não deveria ser assim?

Allegra sorriu da forma mais simpática que pôde, apesar de entender perfeitamente o significado das palavras do anfitrião.

— Quero que conheça Paolina — disse o homem. — Ela já estava com medo de que não viesse nenhuma jovem com quem pudesse conversar. Paolina! Venha cá!

Ao estalar dos dedos de Bardo, uma frágil beldade caminhou até postar-se ao lado dele. Parecia não ter mais que dezesseis ou dezessete anos, tinha olhos tímidos e cabelos castanhos ondedados que emolduravam o rosto de feições delicadas. O *signor* Bardo pôs afetuosamente o braço em volta da cintura dela e beijou-a na face.

— Ficaremos todos juntos durante o jantar, está bem? — ele disse, pronunciando em seguida uma desculpa e se afastando; para receber outras pessoas.

Aldo e Allegra foram cumprimentar os outros convidados.

— Existe uma *signora* Bardo? — ela perguntou, a certa altura.

— Ela costuma passar o verão na casa de campo que eles têm no lago Garda. As crianças também estão lá.

— Menos Paolina — falou Allegra. — Ela parece muito tímida, ao contrário do pai.

Aldo pegou dois copos da bandeja de um garçom que ia passando e

entregou um a Allegra.

— Ele não é o pai dela.

Allegra não conseguiu dissimular uma expressão de surpresa. Aldo tomou um gole do *bitter* e, quase como se pedisse desculpas, voltou a falar:

— São coisas da velha Itália. Ângelo não é um canalha, mas é o tipo de homem que só se apaixona por adolescentes. Paolina vem de uma família pobre da Catania. A essa altura, ela deveria estar casada com um rapaz de lá e provavelmente já estaria cuidando de um ou dois filhos. No entanto, teve a sorte de ser vista por um homem muito rico que resolveu apadrinhá-la. Atualmente, Paolina frequenta uma finíssima escola para moças na Suíça. Não gosto muito desse tipo de coisa, mas é uma antiga e bem aceita forma de ascensão social.

— Bem, não é da minha conta, mas quanto a isso acho que não tenho muito em comum com os italianos.

— E peço que não mude — disse Aldo. — Agora, vamos conhecer "o homem das Arábias", que se não me engano acabou de chegar.

Dirigindo-se ao local onde estava o casal que havia chegado minutos antes, eles foram apresentados por Ângelo Bardo. Se o homem tivesse uma placa na testa dizendo que era árabe, isso não ficaria mais evidente. Com cerca de quarenta e cinco anos, ele era alto, moreno, tinha cabelos muito pretos, nariz proeminente e usava um espesso bigode. Para surpresa de Aldo e Allegra, a mulher dele era uma loiríssima americana.

Quando o árabe ouviu o nome do conde Renaldo di Rienzi, abriu imediatamente um sorriso, com um brilho nos olhos pretos que demonstrava interesse. Os dois homens não demoraram para começar uma conversa em particular e Allegra ficou falando de amenidades com a compatriota, que parecia ter pouca coisa aproveitável na cabeça.

Foi uma conversa fácil de levar adiante e Allegra tinha tempo de observar Aldo. Sentia orgulho por vê-lo respeitado e procurado por gente importante de outros países. Não tinha nada a ver com aquilo, mas era assim que ela se sentia. Aquele era o mundo de Aldo, e era muito bom fazer parte dele. Pouco mais tarde ela o viu dirigindo-se a uma sala contígua na companhia do árabe.

Ângelo Bardo aproximou-se e pôs a mão no ombro dela.

— Seu acompanhante acaba de roubar um dos meus mais importantes convidados — disse o sofisticado italiano, que evidentemente era um mestre na arte de bem receber. — Imagino que as duas estão ansiosas para conhecer outras pessoas... Oh, como eu adoro as americanas! São tão cândidas, juvenis... Não que eu não goste das italianas, é claro, mas o mundo seria mais triste se não houvesse essa variedade.

Logo ele apresentou a esposa do árabe a um executivo canadense e começou uma conversa particular com Allegra.

— Aldo é um gênio, como você já deve saber.

Ele disse aquilo passando o braço pela cintura de Allegra, com a maior naturalidade. Com firmeza, ela se encostou na parede e obrigou-o a retirar o braço.

— Pois eu o vejo como parte do renascimento da arte na Itália — declarou Allegra, olhando para o anfitrião de forma fria mas cortês.

Ângelo Bardo não se desconcertou.

— Quando a pessoa ainda tem paixão no sangue, e quando essa paixão continua insatisfeita, é maçante conviver com um gênio.

Bardo disse aquilo num tom dramático. Allegra ficou esperando durante um breve momento, para ver se ele bateria com o punho cerrado contra o peito ou se começaria a chorar.

— O verdadeiro gênio é sempre uma pessoa fascinante, *signore* — ela corrigiu. — Não consigo pensar em nada mais triste do que alguém levar uma vida superficial, apenas satisfazendo aos prazeres imediatos.

O italiano deixou escapar um suspiro.

— Inclino-me diante de uma inteligente americana. Muita seriedade por trás de uma criatura tão bela... — Ele deu um passo, como se fosse se afastar, mas parou e balançou a cabeça. — Isso não é uma censura. Acho que finalmente meu amigo Di Rienzi encontrou uma mulher capaz de desafiá-lo. É uma mulher estranha, mas fascinante... e sem dúvida uma perda para o resto de nós.

Allegra ficou surpresa e perturbada por ter-se envolvido naquela discussão. Que motivos poderia ter para defender Aldo?

Algum tempo mais tarde, o exuberante anfitrião anunciou que os hóspedes deveriam ir para a sala de jantar. Um jovem arquiteto aproximou-se de Allegra e se ofereceu para escoltá-la. Como Aldo continuava na outra sala com o árabe, ela sorriu e aceitou a companhia temporária do simpático rapaz, que se chamava Ernesto e estava trabalhando há pouco tempo para uma grande companhia de Roma. Parecia não muito à vontade naquele ambiente e declarou que conhecia a maioria das pessoas ali apenas pela reputação que tinham no campo profissional.

Allegra havia reparado que Ângelo Bardo se esforçava para apresentar Ernesto ao maior número de pessoas importante possível. Pelo jeito, os dois tinham algum tipo de ligação profissional. O que importava para ela, porém, era que o rapaz estava se mostrando uma companhia agradável e de conversa fácil.

— Vejo que arranjou companhia, *signorina* — aplaudiu o dono da casa. — Isso me alegra, apesar de saber que Aldo poderá sentir ciúmes.

Ele riu sozinho do próprio gracejo e sentou-se à cabeceira da mesa. Minutos mais tarde Aldo chegou à sala de jantar e sentou-se vários lugares longe de Allegra, ao lado de Paolina. O árabe ficou de frente para Allegra. Aldo

sorriu para ela e fez um leve aceno de cabeça.

Ernesto procurava manter a conversa, às vezes falando nervosamente. Parecia pensar que seria descortesia ficar em silêncio. A certa altura, o árabe inclinou-se sobre a mesa e sorriu para Allegra.

— Srta. Brent, depois do jantar terei que usá-la por empréstimo durante alguns minutos — ele disse, em inglês com sotaque britânico. — Seu generoso patrão me disse que você é uma excelente estenógrafa e eu precisarei ditar a minuta de um contrato que farei com ele. Espero que não seja muito incômodo.

Allegra sentiu que Aldo a observava e isso a perturbou.

— De forma nenhuma — ela respondeu, depressa. — Essa é a única razão da minha presença aqui.

— É difícil acreditar nisso, srta. Brent. Não deveria se achar tão pouco importante.

O resto do jantar não teve qualquer interesse para Allegra. Renaldo a ignorava por completo e a conversa de Ernesto já estava se tornando enfadonha. Finalmente, quando os convidados deixavam a mesa, Aldo se aproximou.

— Sei que não é nada interessante para você trabalhar esta noite, Allegra, mas tenho um pedido a lhe fazer.

— Eu já sei.

— Tem certeza de que ninguém vai sentir sua falta? — ele perguntou, evidentemente se referindo a Ernesto, que estava a alguns passos dali.

Nesse momento o árabe aproximou-se dos dois.

— Acho melhor *o senhor* sentir falta dela, conde Di Rienzi — ele recomendou, rindo muito. — Se minha esposa não estivesse aqui, pode crer que eu arranjaria um jeito de escapar com a sua secretária. — Ele riu mais da ameaça que estava fazendo, apesar de Renaldo se manter sério. — Espero que não me levem a sério, conde, srta. Brent... Prometo devolvê-la o mais rapidamente possível. Conheço de longe um patrão ciumento.

Tomando-a pelo braço, ele a levou até um pequeno escritório. Allegra nem olhou para trás. Lá dentro, o árabe pensou apenas no negócio que estava encaminhando, o que a deixou aliviada. Quando ele terminou de ditar os termos do contrato, Renaldo foi chamado para dizer se estava de acordo. Allegra leu em voz alta com genuína satisfação, porque o contrato era bastante vantajoso para a empresa de Aldo. Além das altas cifras que envolvia, com total financiamento por parte do governo contratante, dava plena liberdade a Renaldo no que se referia à parte técnica.

Allegra sorriu quando os dois homens se apertaram as mãos, depois de rubricarem a minuta do contrato.

— Tenho apenas mais uma coisa a acrescentar — disse o árabe. —

Quando eu voltar à Itália, no ano que vem, gostaria que sua secretária ainda fosse essa encantadora jovem.

Evidentemente ele não exigiria que aquele pedido se transformasse numa cláusula contratual, mas momentaneamente Renaldo pareceu se sentir perdido.

— Sou apenas uma substituta — disse Allegra. — Na verdade, sou uma turista como outra qualquer. Estou ajudando o conde Di Rienzi numa emergência, mas não penso em ficar na Itália por muito tempo. Meu trabalho espera por mim nos Estados Unidos.

A própria Allegra ficou surpresa com a firmeza com que pronunciou aquelas palavras, ainda mais porque o árabe não insistiu no pedido.

Minutos depois eles deixavam a *villa*. Aldo despediu-se rapidamente e levou-a para o carro. Allegra não fez perguntas, mal percebeu que havia uma razão para aquela pressa.

— Precisamos conversar — disse Aldo, antes mesmo que eles chegassem ao carro.

O Alfa alcançou a autopista sem que ele dissesse nada. Curiosa e apreensiva, Allegra imaginou o que poderia ser e se pôs na defensiva. Certamente ele a culparia por fazer ou dizer alguma coisa errada naquela noite.

Um quilômetro adiante, Renaldo parou o carro no acostamento e desligou o motor. A estrada estava deserta e o silêncio era praticamente total. Aldo acendeu um cigarro, claramente tenso, e se voltou para ela.

— Quero uma explicação.

Allegra não disse nada, esperando que ele continuasse.

— Você parece que está querendo se divertir às minhas custas, o que não posso tolerar — ele acusou, em voz baixa mas cortante. — Vi muito bem como você trabalha para atrair os homens, como os encoraja.

Allegra quase riu daquela acusação absurda, mas a raiva foi mais forte. Felizmente, a situação agora era bem diferente do que havia acontecido no jardim de La Mira. Pelo menos, ela não se sentia em desvantagem.

— Se eu não gostasse de você, Aldo, diria que é um perfeito idiota — ela declarou, com firmeza.

— Está brincando comigo, Allegra, de um jeito que as mulheres sabem fazer muito bem. Esse seu vestido, por exemplo... Por que resolveu bancar a modelo, chamando a atenção de todos os homens? Talvez você seja mesmo uma "turista" americana, com disse ainda há pouco, e esteja imaginando que os românticos italianos se jogarão aos seus pés.

— Chega de insultos! — ela devolveu. — Está agindo como uma criança, Aldo, porque não tem um só motivo para me censurar. Quem são esses homens que você viu correndo atrás de mim? O seu irmão, que merecia umas boas palmadas por não saber se comportar direitinho? O Dr. Nepi, um homem de

bem que apenas tomou alguns drinques a mais numa festa? Quem mais? O *signore* Bardo? Esse parece que tenta abordar qualquer pessoa que use saia. Ah, sim! O meu companheiro de jantar! Pobrezinho... Se eu não estivesse lá, o rapaz teria puxado conversa com os garçons. Precisava falar o tempo todo para controlar o nervosismo. Houve também os minutos que fiquei no escritório, fingindo anotar o que dizia aquele lindo e charmoso árabe. Que pena... Você chegou bem na hora em que a coisa ia esquentando...

— Chega! — gritou Renaldo, agarrando o ombro dela. — Agora, está fazendo pouco de mim!

Allegra estava calma, perfeitamente senhora da situação.

— Olhe para mim, Renaldo. Acha mesmo que sou uma mulher assim tão provocante? Como é que você quer que eu me vista? Como quer que seja a minha aparência?

Renaldo deixou cair as mãos sobre as pernas e abaixou a cabeça, profundamente abatido.

— Eu não sei, eu não sei... Por favor, me perdoe. Acho que não sou uma companhia agradável para as pessoas normais, porque não consigo confiar verdadeiramente em ninguém. — Em seguida ele segurou a mão de Allegra. — De todo o coração, eu gostaria de ser capaz disso.

Os olhos de Aldo estavam cheios de lágrimas quando ele encostou os lábios na palma da mão de Allegra. Enternecida, ela apertou contra o peito aquela cabeça querida. Foi um momento de doce inocência.

Eles voltaram ao hotel sem trocar mais uma só palavra. Allegra percebeu que, cada vez mais, penetrava no perigoso território do amor e do envolvimento.

À porta do quarto, Renaldo abraçou-a demoradamente, sem beijá-la.

— Eu lhe disse uma porção de coisas esta noite, *cara mia* mas esqueci de dizer que estou muito grato — ele se penitenciou, em tom solene. — Agora, descanse. Virei chamá-la novamente ao meio-dia.

CAPITULO XIX

Allegra foi acordada pela manhã por uma batida na porta. Uma moça do hotel entrou empurrando um carrinho com o café da manhã e abriu as cortinas. Como não havia pedido para servirem o café no quarto, Allegra ficou agradecida a Aldo por aquela gentileza. Na bandeja havia uma pequena caixa com uma rosa vermelha e um bilhete:

"Ouso esperar que compreenda", dizia a nota, seguida de uma frase em inglês: "Um primeiro passo errado ninguém jamais pode apagar".

Às vezes, um pedido de desculpas pode parecer uma coisa bizarra, pensou Allegra. Uma flor, uma linha rabiscada num pedaço de papel... coisas frágeis em si, mas com o poder de trazer à tona lembranças sombrias. Se Aldo havia mandado a ela uma frase de Byron, talvez quisesse convencê-la de que estava realmente arrependido.

Imediatamente Allegra concluiu que precisava se precaver. Aldo sempre fazia exatamente o que queria e ainda não a havia convidado a entrar em sua vida privada. Era necessário reconhecer que ela não tinha poder nem direito de forçar uma entrada. Além disso, não queria ser castigada pelas súbitas mudanças de ânimo de Aldo. Uma ou duas cenas de amor podiam ser guardadas com carinho na lembrança, mas nada além disso. Podia parecer insatisfatório, mas pelo menos ela teria a dignidade resguardada.

Pegando o botão de rosa, Allegra sorveu a doce fragrância. Então... Aldo era conhecedor da poesia de Byron. Ela não deixou de reparar que ele havia escolhido um verso de um poema que falava da infidelidade feminina.

Allegra pegou no criado-mudo um pequeno vaso de prata pôs nele o botão de rosa, deixando-o sobre a penteadeira. Ainda não eram nove horas e ela podia ter da janela uma bonita vista do rio e das pontes. Havia tempo para um passeio, antes da reunião de trabalho ao meio-dia. Depois de vestir o conjunto azul, ela protegeu os cabelos com um lenço de seda e pegou uma sacola de linha, onde poderia carregar alguma quinquilharia que resolvesse comprar. Desta vez iria a Uffizi, em homenagem a *La vecchia*.

Seguindo por estreitas ruas que começavam na parte de trás do hotel, ela se dirigiu à Piazza della Signoria. A torre pontuda do *palazzo* esteve à vista durante a maior parte do percurso. Era um monumento ao mesmo tempo solene e amedrontador.

Allegra juntou-se ao fluxo de turistas na praça. Montada num cavalo de bronze, a estátua de Cosmo I olhava para os visitantes com um ar de poucos amigos. Sem dar atenção ao carrancudo soberano, um alegre grupo de crianças jogava milho para os pombos.

Alguns passos adiante, Allegra chegou à entrada do Uffizi, Como tinha dito *La vecchia*, lá estava a escada que levava aos vários andares. No primeiro deles havia trabalhos de antigos artistas florentinos, principalmente gloriosas

virgens cercadas de anjos. Entre elas, as imagens de Giotto transmitiam uma enorme energia. Imediatamente, Allegra se sentiu tocada pela aura do artista. As pinturas eram quase tangíveis, projetando um sentimento de profunda devoção.

Alguma coisa fazia com que Allegra visse uma relação entre Aldo e aqueles mestres. Tinha agora a mesma impressão de quando o vira pela primeira vez, na Ca' d'Argenti. Era como se o passado e o presente se misturassem, o novo impulsionado pelo antigo.

Depois de uma hora ela percebeu que o Uffizi não poderia ser convenientemente apreciado num curto espaço de tempo. Além disso, uma inquietação crescente a empurrava de volta ao hotel, onde se prepararia para a tarde com Aldo.

Meia hora mais tarde, na calma do quarto, Allegra tirou os sapatos e jogou-se de costas na cama macia. Refletindo sobre a situação que estava vivendo, ela imaginou que talvez fosse possível amar sem precisar receber amor. Afinal de contas, as heroínas dos romances faziam isso o tempo todo.

Allegra riu sozinha daquele pensamento absurdo. Sem dúvida, podia se dedicar a coisas muito, muito melhores. Em seguida ela tirou a roupa e foi tomar um banho.

Exatamente ao meio-dia Aldo bateu na porta. Allegra sentia-se fresca e à vontade no vestido verde de verão. Aldo também estava relaxado, bonito como sempre, e carregava um grande porta-fólio preto.

— Hoje teremos trabalho de verdade, amiguinha — ele previu. — Ontem à noite foi fácil, porque o homem já sabia o que queria, mas com o pessoal de hoje... quem sabe? Haverá muita conversa, muita pressão de um lado e de outro. Quero que você fique sempre por perto, tomando notas, para que eu não esqueça mais tarde o que foi discutido. Essa é uma parte de que gosto bem pouco, fazer o jogo do mundo dos negócios. Bem que eu gostaria de ter um irmão em quem pudesse confiar. De bom grado, entregaria a ele a tarefa de negociar os contratos. Guido não quer outra coisa, mas você já deve ter percebido por que não posso concordar.

Pouco depois eles entraram no elevador e foram para a sala de jantar. Havia uma mesa de frios encostada a uma das paredes e alguns garçons circulavam servindo drinques. Ocupavam as mesas cerca de cinquenta pessoas, na maioria bem vestidos homens de negócios. O almoço estava sendo servido apenas aos participantes do congresso.

Allegra escutava conversas em inglês, italiano, francês e alemão. Aldo cumprimentou algumas pessoas, entre as quais arquitetos com quem já havia trabalhado. Sempre a apresentava como sua assistente. Pelo menos num primeiro momento, ela não identificou ali nenhuma das pessoas presentes ao jantar na *villa*. Aldo também estava com uma disposição bem diferente, mais solto, à vontade. A atmosfera era estimulante.

A certa altura, com o porta-fólio aberto sobre uma das mesas, Aldo falava

animadamente sobre um projeto aos representantes de uma empresa construtora de Roma. Inesperadamente, pediu a opinião de Allegra.

— Você representa o ponto de vista das mulheres — ele elegeu. — O que acha da planta desses apartamentos?

— Não sei se estou autorizada a falar em nome das mulheres — ela ressaltou, cautelosamente, sentindo-se focalizada por vários pares de olhos. — No entanto, minha opinião pessoal é que ultimamente temos sido bombardeados pelo que se costuma chamar de "novo". É preciso tomar um certo cuidado com essa palavra. Diariamente muitas novidades são lançadas no mercado, sustentadas por custosas campanhas publicitárias. Pouco tempo mais tarde são esquecidas, ou porque não têm valor ou porque devem ser substituídas por outras "novidades". Disso tudo, muito pouco ou quase nada permanece. O que ficou dos tempos passados, porém, dificilmente poderá ser substituído porque seu valor já foi testado e aprovado através das gerações. É preciso inovar, mas com sabedoria e cautela. Acima de tudo, é preciso buscar inspiração na beleza e no lirismo das obras dos antigos mestres. Talvez estejamos precisando de uma nova Renascença, senhores, depois de tanto tempo de predomínio do funcional.

Quando parou de falar, Allegra achou que havia se entusiasmado demais. Olhando para Aldo, viu que ele mostrava um largo sorriso.

— Isso é exatamente o que eu queria dizer, senhores. A beleza do antigo, recriada por novas mãos. Acho que a Itália seria o berço ideal para essa nova Renascença, como chama minha assistente, porque foi aqui que começou a primeira.

— Então... você quer nos levar de volta aos Médici? — brincou um dos clientes em potencial.

— De volta a Pompéia, meu amigo, se quer assim. Se fizermos com que um homem da classe média ou mesmo um operário se sinta na Roma antiga ao caminhar pelo seu apartamento de subúrbio, se conseguirmos isso a um custo razoável e sem prejuízo da praticidade, teremos realizado uma façanha. Ultimamente, tenho pesquisado alguma coisa da arquitetura egípcia e...

— Chega por enquanto — cortou o interlocutor, rindo com um certo ar de descrença. — Vamos comer alguma coisa e depois estarei outra vez nas suas mãos.

No resto da tarde, as discussões foram intensas e frutíferas. Allegra estava plenamente feliz. Parecia sempre sentir para onde iam os pensamentos de Aldo e os seguia. Trabalhou intensamente com ele até as cinco da tarde, quando os participantes do congresso se dispersaram. A noite, haveria um concerto nos jardins do Palácio Pitti.

— Será em homenagem aos distintos representantes da arquitetura internacional — anunciou um dos organizadores.

— Podemos trabalhar um pouco depois do jantar — disse Aldo, enquanto arrumava o porta-fólio. — No meu quarto há uma escrivaninha bastante

espaçosa. Podemos pedir também que sirvam o jantar lá mesmo. Depois, *amica mia*, eu a levarei ao Pitti. Será uma modesta recompensa pelos seus serviços.

No elevador, Aldo segurou a mão dela e a manteve apertada. Allegra achou um gesto natural. Era como se, depois de um produtivo dia de trabalho, comemorassem os resultados positivos que haviam conquistado juntos.

Durante quarenta minutos Allegra descansou na escuridão do quarto. Depois, levantou-se, calçou as sandálias e foi para o quarto ao lado. A porta estava entreaberta e um garçom preparava uma mesa de jantar para dois perto da janela. Quando ela apareceu, Aldo pôs o telefone no gancho.

— Estava justamente ligando para você — ele disse. — Entre. Tomei a liberdade de escolher a comida para nós dois.

Depois de puxar a cadeira para que ela se sentasse, Renaldo serviu duas taças de vinho branco.

— Só um pouquinho, para comemorar — ele justificou, sorrindo. — Formamos uma boa dupla, Allegra, e eu estou muito agradecido.

Erguendo a taça, ele tocou de leve na dela. Allegra sorriu.

— Fico contente por poder ajudá-lo.

— Muito mais que isso, Allegra, muito mais. Mas não vou transformá-la numa escrava. Quero apenas uma carta aos Irmãos Larouche, de Paris, confirmando o pedido que fizemos por telefone, e um memorando ao escritório de Milão, que mandaremos esta noite mesmo por um mensageiro especial. Depois disso, você trocará de roupa e eu a levarei para ouvir boa música à luz do luar.

Durante o jantar, eles conversaram a respeito dos estudos que Aldo estava realizando sobre a arte egípcia. Depois, ele falou de Byron.

— Não quero que acredite que eu tento fazer papel de cínico, Allegra. Se você quiser, posso entrar em contato com algum estudioso de Byron de reconhecida reputação. Talvez ele se disponha a reconhecer a autenticidade dos documentos que você tem. Entre os papéis, há alguns poemas, não é isso?

— Não sei se essa história deve ser divulgada — disse Allegra.

— Quer dizer que não faz questão de que ela seja confirmada por um especialista? — provocou Renaldo, sem maldade.

— Não, nem mesmo para satisfazer aos descrentes. Não foi para isso que vim à Itália.

Durante alguns instantes eles ficaram em silêncio e Allegra olhou para o rio. Não havia como explicar muito bem, pelo **menos** não com palavras.

— Isso não tem muita importância, Aldo — ela disse, finalmente. — Agora não.

Aldo sorriu e balançou a cabeça.

— Bem que eu gostaria de entender, minha querida. No entanto, não é culpa sua, mas minha. Agora, vamos escrever aquelas cartas, está bem? Não quero mais que nenhuma discussão desagradável aconteça entre nós. Pelo menos, não pretendo intimidá-la.

Os dois riram e se dirigiram à escrivaninha, onde rapidamente executaram o pouco trabalho que deveria ser feito com urgência.

De volta ao quarto, Allegra pegou o vestido azul e ficou olhando para ele. Parecia formal demais. Talvez Aldo não acusasse de nada se ela usasse um dos trajes de passeio que havia levado. Depois de tomar banho, ela se vestiu, penteou-se rapidamente e pôs uma presilha enfeitada no cabelo. Estava pronta quando Aldo bateu na porta.

Como de costume, ele estava muito elegante. Usava um terno cinza e uma gravata escura, marrom, camisa azul com punhos presos por abotoaduras de ouro.

— Espero que aceite um elogio, *signore* — disse Allegra.

— Na Itália, sempre se espera que o cavalheiro seja o primeiro a comentar a aparência da dama — ponderou Renaldo, sorrindo e inclinando-se para beijar-lhe a mão. — Mas vamos esquecer o costume, apesar de eu ser conhecido pelo respeito que tenho às tradições.

Saindo do hotel, eles caminharam ao longo do Lugarno atravessaram a Ponte Vecchio. Uma suave brisa começava soprar, atenuando o calor do dia.

A fachada do palácio estava profusamente iluminada. As pessoas iam chegando em automóveis ou pequenas carruagens puxadas por cavalos. Renaldo e Allegra juntaram-se a um grupo que também tinha ido assistir ao concerto e atravessaram o vestíbulo de entrada, em direção ao jardim central. Fontes da Renascença formavam um interessante cenário no local que serviria de palco. As cadeiras estavam postas em fila, de frente para a orquestra. O programa seria de música barroca e clássica.

Quando o maestro entrou, quase todas as luzes se apagaram e os músicos pararam de afinar seus instrumentos. Allegra deixou-se mergulhar numa atmosfera do século XVIII.

Pouco depois, ouviram-se os primeiros acordes do *Concerto de Brandenburgo*. Allegra fechou os olhos, mal conseguindo conter as lágrimas de emoção e amor,

— O que foi, minha pequena? — perguntou Aldo, segurando a mão dela.

Allegra conseguiu mostrar um sorriso.

— É Bach. A música dele sempre me emociona.

— Estou vendo. Sinceramente, espero que Mozart consiga deixá-la alegre novamente. Por um momento pensei que, inadvertidamente, tinha feito alguma

coisa que a magoasse.

Allegra pôs a outra mão sobre a dele.

— Não foi por sua causa — mentiu.

Durante um bom tempo eles ficaram com as mãos entrelaçadas, e Aldo beijou a dela antes de soltá-la.

Depois do concerto, Aldo achou que seria uma boa idéia voltar numa das carruagens abertas. Ao subir, ele recomendou ao cocheiro que fizesse o trajeto passando pelo Duomo e pela Piazza della Signoria. Sentou-se bem perto de Allegra e segurou-lhe a mão outra vez, como num gesto muito natural de companheirismo.

— Sabe que é a primeira vez que faço isso, Allegra? Nunca antes saí passeando relaxadamente por aí, como qualquer turista.

Os cascos dos cavalos batiam ritmadamente no chão enquanto eles atravessavam a ponte. Nas duas margens do Arno, as luzes pareciam jóias ornamentando o rio. Aldo sorriu.

— Um homem de negócios acaba perdendo muito do que é belo na vida. Às vezes me sinto um idiota, correndo de um lado para outro, querendo resolver tudo o mais rapidamente possível. Para quê? Minha avó sempre me censura por isso, e é claro que ela tem razão.

— Acho que você tem sofrido muito, Aldo — reconheceu Allegra. — E tem um coração sensível. Sei muito bem o que é perder alguém que se ama...

— Talvez você não saiba, *cara mia*. O que acontece, por exemplo, quando você vê alguma coisa que lhe traz à lembrança a pessoa que amava? Esse seu lindo anel de granadas é uma dessas coisas. Reparei nele ontem à noite, durante o jantar na *villa*, quando você estava simplesmente linda. Não disse nada, mas não pude evitar as lembranças que ele me trouxe.

Allegra virou às pedras do anel para o lado da palma e fechou a mão.

— Quando Bianca nasceu, eu não cabia em mim de felicidade — continuou Renaldo. — Tinha tudo o que um homem podia desejar: uma bela esposa e a primeira das crianças que encheriam a casa de alegria. Como uma prova singela do meu contentamento, dei à minha esposa um anel de granada muito parecido com esse seu. Achava que a jóia a agradaria com sua beleza simples, talvez para ser transferida a Bianca quando ela tivesse idade suficiente para usá-la. Só que minha esposa jamais deu importância ao presente e um dia vi o anel no dedo uma das criadas. São lembranças assim que guardo da mulher que amei, Sempre que Bianca me pede algum presente, ouço a risada de minha esposa. O pior é que vai ser muito difícil mudar isso, porque sou o que sou.

— Então é assim e pronto — disse Allegra, rispidamente, voltando-se para olhá-lo. — É essa a desculpa que usa para fazer com que Bianca se sinta rejeitada? Na idade em que está acha que ela é capaz de entender todos os seus complicados problemas emocionais? Se você não assume pessoalmente a

responsabilidade de educá-la, como pode esperar que, quando crescer, ela se torne uma mulher digna de respeito? Sua avó não vai viver para sempre!

Renaldo ficou olhando para ela, espantado.

— Parece que *la vecchia* encontrou uma porta-voz efficientíssima. De qualquer forma, preciso agradecer pela sua franqueza. Sim, estou plenamente consciente das necessidades de Bianca, ainda que às vezes eu reaja com rispidez às criancices dela. Sou impaciente com mulheres desonestas e parece que Bianca tem isso no sangue.

— Mas isso é um absurdo, Aldo! É apenas uma desculpa por você não cumprir os seus deveres para com Bianca. O que vai fazer quando ela crescer e ficar ainda mais parecida com a mãe?

O cocheiro chegou a inclinar a cabeça um pouco para trás, interessado na discussão.

— Não sei se estou gostando do jeito como está falando, *amica* — censurou Aldo, com um sorriso de surpresa e admiração. Talvez eu mereça alguma repreensão, mas não chego a ser um canalha.

Em seguida ele beijou a mão dela e envolveu-a num abraço tão forte que quase a deixou sem fôlego.

Nesse momento, a carruagem saiu de uma ruela cinzenta e entrou na piazza della Signoria. A fachada dos edifícios e a área onde ficavam as estátuas estavam iluminadas como um enorme palco. Quando o cavalo parou em frente ao Loggia, o cocheiro desceu e amarrou uma sacola de aveia ao comprido focinho do animal. Depois, ergueu a cabeça e sorriu para Aldo e Allegra.

— Ficaremos aqui um minuto, para que possam admirar a mais perfeita praça da Itália. Ela serve de inspiração aos casais enamorados, *signore, signorina*.

— E também um bom lugar para um tio alemão — cochichou Allegra ao ouvido de Aldo, apressando-se em explicar ao ver que ele não estava entendendo. — É uma expressão americana. Tio alemão é aquele que toma a iniciativa de mudar de assunto quando isso é necessário.

Aldo riu.

— E você? É uma tia alemã?

— Não, porque a expressão só existe no masculino.

— Ah, sei. Não gosto da idéia de ficar sentado numa *carrozza* com um tio, mas fico feliz por estar ao lado de uma amiga honesta.

O cocheiro tirou a sacola de alimento do focinho do animal e voltou à charrete.

— Agora, o Duomo — ele anunciou, apontando com a chibata por cima da cabeça do cavalo, que já estava em movimento.

Aldo mostrava uma expressão relaxada.

— Não estou acostumado a contar mulheres entre os meus amigos, e também não costumo tolerar críticas tão francas e diretas. No entanto, Allegra, reconheço que você é uma pessoa excepcional. Talvez a obsessão de *la vecchia* em relação ao destino tenha a sua razão de ser. Você apareceu nas nossas vidas exatamente no momento em que precisávamos. Eu... preciso de você. Preciso realmente, Allegra *mia*. Acho que já percebeu isso.

A tensão que antes havia entre eles pareceu desaparecer por completo. Aldo passou a falar sobre Bianca de forma tranqüila, e em nenhum momento se referiu a Vera Falieri como uma possível madrasta. Eles conversaram também sobre arte e arquitetura. Qualquer pessoa que escutasse o que eles estavam dizendo acharia os assuntos estranhos para serem tratados por um casal que passeasse por Florença a bordo de uma charrete.

Interessada nas palavras de Renaldo, que agora não mostrava o menor sinal de amargura ou sarcasmo, Allegra mal reparou que a charrete havia parado num ponto entre o magnífico Duomo, a torre de Giotto e o venerável Batistério. O cocheiro não escondeu a frustração com a falta de interesse dos passageiros.

— Por favor, *signore* — ele chamou. — Leve a *signorina* para conhecer as portas do Batistério. Elas são mundialmente famosas.

Allegra riu.

— Espero que não queira me mostrar também as portas do purgatório, Aldo — ela cochichou, para não ofender o bom cocheiro.

Quando eles chegaram ao hotel, já estava perto da meia-noite. Ternamente, Aldo a beijou à porta do quarto.

— Jamais esquecerei este dia com você, Allegra, e também não vou esquecer nada do que você me disse. Uma pessoa precisa de muita coragem para dizer o que eu ouvi de você, e a coragem é uma qualidade rara. Estou quase lamentando termos que voltar para casa amanhã.

A mente de Allegra estava um verdadeiro turbilhão enquanto ela se preparava para ir para a cama. Queria acreditar que o gelo fora realmente quebrado. Tudo levava a crer que sim, mas a situação podia mudar novamente, dependendo apenas de alguma palavra dela. Realmente, não podia haver segurança naquela relação, principalmente porque era impossível saber em que lugares sombrios andavam as recordações de Aldo.

A manhã apenas começava, mas já estava bem quente quando eles tomaram a estrada de volta a Veneza. Era delicioso viajar num carro esporte, sentindo o cheiro de mato. Aldo dirigia velozmente.

— Imagino que isso não seja bom para o seu cabelo — ele lamentou, falando bem alto para se fazer ouvir. — Eu sinto muito.

— Eu não me importo — respondeu Allegra, com o rosto parcialmente coberto pelas mechas que o lenço de cabelo não conseguia segurar.

— *Dio mio!* — exclamou Aldo, rindo. — Finalmente, uma mulher sem vaidade.

Na hora do almoço eles pararam num pequeno restaurante de Bolonha, não muito longe da universidade. De lá Renaldo telefonou para Veneza e instruiu Luigi para que fosse esperá-los com a lancha, no cais do estacionamento dos automóveis.

Allegra começou a se sentir menos feliz à proporção que eles se aproximavam de Veneza. A lembrança da Ca' d'Argenti era um tanto pesada, apesar da certeza de que *La vecchia* e Bianca estavam lá, esperando ansiosamente por ela. Principalmente, havia uma dúvida que se tornava cada vez mais insistente: com quem Aldo dançaria no grande baile de aniversário?

CAPITULO XX

— Cá estamos nós, de volta à nossa vidinha — disse Aldo, depois de ajudá-la a desembarcar no cais da Ca' d'Argenti. — Acho que nunca é demais repetir que estou muito grato pela sua ajuda. Agora, temos que enfrentar os preparativos para a festa da minha avó. Tenho o pressentimento de que nem tudo correrá dentro da normalidade.

Realmente, o hall de entrada era um perfeito caos. Por todos os lados havia escadas portáteis, móveis leves, além de pedaços de tecido pelo chão de mármore. O grande lustre de cristal estava abaixado e Maria supervisionava a limpeza. Olhando pela grande porta dupla, no lado oposto ao do escritório de Aldo, Allegra mal conteve uma exclamação de surpresa.

Ali era o salão de baile. As paredes estavam ricamente decoradas com brocados vermelhos de veludo e do teto pendiam dúzias de gordos querubins dourados. Ao fundo, havia um mural mostrando um céu azul e cheio de nuvens que se juntava ao horizonte. A pintura era bastante realista e dava uma impressão de infinito. Num dos cantos do mural, perto do sol nascente, Apolo emergia em sua carruagem dourada puxada por cavalos de fogo.

Allegra ficou parada à porta, embriagada por aquele espetáculo de cores. Os gritos de uma criança a chamaram de volta à realidade e ela se abaixou para abraçar Bianca.

— Oh, fico muito contente por você estar de volta! Senti muitas saudades, Allegra! A *nonna* também sentiu muito a sua falta.

Soltando-se da menina, Allegra ergueu a cabeça para pôr os olhos num estranho quadro. Sentada em sua cadeira de rodas, *La vecchia* estava no centro de uma porção de vasos pintados, escadas, tiras de tecidos e grinaldas douradas. Vera Falieri se postava ao lado dela, com o rosto coberto por uma estranha maquilagem. Com um sorriso armado, Vera apenas passou por Allegra.

— Ah, Aldo *mio*, como sentimos a sua falta! Na sua ausência, *la confessa* não quis tomar muitas decisões quanto à decoração e, por isso, progredimos muito pouco. — Num gesto de frustração, ela deixou cair os braços ao longo do corpo. — Como prometi, procurei ajudar no que foi possível.

La vecchia escutou em silêncio, com os olhos postos em Allegra e Aldo. Em seguida ela falou, claramente irritada:

— Já era tempo de vocês voltarem para casa! Venha cá, Allegra. Quero que veja este material. Solte-a, Bianca! Não vê que está sendo inconveniente?

Finalmente liberta dos braços carentes da menina, Allegra se aproximou da condessa. Enquanto isso, Vera Falieri abraçava-se a Renaldo, beijando-o possessivamente no rosto. Ela parecia ignorar solenemente a presença de Allegra.

La vecchia começou a falar sobre os planos que tinha para a decoração do hall e o que faltava fazer no salão de baile. Aldo sorria, concordando com tudo.

— Isso não se faz mais — criticava Vera Falieri, sem conseguir a atenção de ninguém.

— Mas você deve estar cansada, Allegra *mia!* — disse a condessa, esquecendo um pouco os preparativos da festa. — Chame Maria e mande preparar o chá... Acho que já trabalhei o suficiente por hoje. — Em seguida ela olhou para Vera Falieri e inclinou a cabeça, num gesto que não ia além da necessária cortesia. — Obrigada pelos seus conselhos e ajuda. Acho que agora posso tomar conta do resto. Como você também deve estar cansada, vou me retirar. Maria, leve-me até o elevador.

Allegra seguiu a cadeira de rodas, acompanhada pela saltitante Bianca. Ao passar por Aldo, *la vecchia* resmungou um pedido:

— Não se demore. Tenho muito o que conversar com você.

No elevador individual, a condessa parecia conversar consigo mesma. Allegra ficou feliz por poder escapar para os seus aposentos, prometendo voltar na hora do chá. Foi seguida por Bianca, que à porta do quarto foi levada por uma das criadas, sob veementes protestos.

Allegra fechou a porta com um sentimento amargo.

"Pobre Bianca", ela pensou. "Todos nós queremos amor, emoções, mas ela quer apenas carinho e compreensão."

Durante algum tempo ficou à janela, olhando fixamente para um ponto do Grande Canal, mas sem ver nada. Talvez devesse escapar dali, antes que fosse tarde demais.

Allegra sacudiu a cabeça, apenas para afastar momentaneamente um problema para o qual não via solução, e foi lavar o rosto. Depois de trocar de roupa, dirigiu-se aos aposentos da condessa.

A porta estava entreaberta. Ouvindo vozes lá dentro, ela prendeu a respiração e ficou segurando a maçaneta.

— Você não deve nenhuma obrigação àquela mulher, Aldo — dizia a condessa, rispidamente. — Então, ela se queixou de que eu sou uma pessoa difícil, não é? Essa agora é muito boa! Eu é que tive que suportar os conselhos autoritários dela, dentro da minha própria casa!

Aldo respondeu com calma:

— Mas fui eu, *caríssima*, que pedi a ela para tentar ajudá-la já que tive que me afastar durante algum tempo. Ela apenas tentou.

— E muito! — resmungou a condessa, com raiva. — Levou Bianca às lágrimas, conseguindo despertar o que há de pior na menina. Será um grande favor, Aldo, se você mantiver aquela mulher longe de mim. Afinal de contas,

tenho alguns privilégios por causa da idade e não sou obrigada a suportar gente temperamental.

Fez-se silêncio por um momento, antes que Aldo voltasse falar, com frieza:

— Ela disse que a senhora ficou nervosa, e tenho que concordar com isso. Essa festa talvez a esteja deixando esgotada. Acho que Vera está muito disposta a ajudar. Ela é uma pessoa de bom coração.

— Parece que nenhum argumento irá convencê-lo, Aldo — concluiu a condessa, com voz cansada. — Mas não vou deixar que isso se ponha entre nós, meu filho. Agora você está em casa e não precisamos mais da ajuda de ninguém de fora. Venha cá. Estou muito feliz por revê-lo. Conte-me como foi o congresso.

A partir daí, eles passaram a conversar num tom mais baixo. Allegra entrou e corou levemente ao se sentir olhada pelos dois. De certa forma, sentia-se fora do círculo dos Di Rienzi. A atmosfera melhorou um pouco com a chegada do chá.

Quinze minutos mais tarde, Aldo disse que precisava ir ao escritório e saiu. Animadamente, a condessa passou a falar sobre os preparativos da festa. Seguindo orientações dela, Allegra começou a trabalhar imediatamente. Ao telefone ou despachando mensageiros, fez pedidos de caixas de champanhe, encomendou doces e salgadinhos e confirmou a contratação de uma pequena orquestra. A essa altura, a decoração do palácio já estava quase toda decidida e encaminhada.

Por volta das sete da noite ela jantou com *la vecchia*. Depois, trabalhou com afinco e conseguiu concluir a lista de convidados.

— Agora vá para a cama, Allegra — recomendou a condessa, puxando-a para perto e beijando-a na face. — Já fizemos bastante por hoje e amanhã será um novo dia. E não fique triste, minha filha. Meus quase cem anos de idade me trouxeram alguns ensinamentos. Um deles é que qualquer coisa, por pior que seja, pode mudar para melhor. Outro é que devemos ser absolutamente honestos no relacionamento humano. Se amamos uma pessoa, devemos fazer com que ela saiba disso, ou estaremos desperdiçando algo muito precioso que poderá ser compartilhado. Justamente por isso, *cara mia*, e caso você ainda não tenha reparado, quero dizer que sinto muito amor por você. É uma alegria muito grande tê-la comigo. Agora vá, minha filha, e tenha uma boa noite.

Allegra não conseguiu dormir muito bem. Para sua surpresa as coisas pareceram menos difíceis quando o dia amanheceu, claro e brilhante. Uma das criadas levou o café da manhã e pediu que ela fosse ter com a condessa dentro de uma hora. Na bandeja havia uma correspondência que havia chegado quando ela ainda estava em Florença.

O envelope tinha a marca do escritório de Clinton Meserve. Ansiosa para saber notícias do amigo, Allegra foi abrindo o invólucro da carta, mal notando

que parte do lacre tinha sido levantado e novamente colado. Com a carta de Clinton havia outro envelope, subscrito com a letra de Larry.

Allegra preferiu ler primeiro a carta de Clinton. Era como se estivesse ouvindo a voz doce e preocupada do amigo. Logo na primeira linha, ele perguntava por que ela não escrevia. A seguir, informava que estivera em contato com Larry. O rapaz achava que ela continuava em estado de choque por causa da morte da avó. Aos olhos de Clinton, Larry parecia um jovem correto e digno de confiança. Clinton perguntava também se ela já não tinha visto o suficiente da Itália. Já era tempo de voltar para casa e procurar reconstruir a vida. Ele ouvira falar que as antigas famílias aristocráticas da Europa, como os Di Rienzi, estavam em franca decadência.

Allegra tinha certeza de que ele pensava aquilo por influência de Larry e ficou furiosa. Relutante, ela abriu a outra carta, que era bem sucinta:

Estou preocupado com você, Allegra, mas procuro compreender como se sente. Imagino que quis tirar alguma coisa do romantismo que acreditava haver na Itália, por causa do que a sua avó costumava lhe dizer. Agora, vendo a realidade, você certamente já chegou à conclusão de que a boa e velha América é bem mais confortável. Clinton parece acreditar que você está trabalhando como uma espécie de criada ou enfermeira. Não precisa fazer isso, Allegra. Basta que volte para casa, porque estou esperando para me casar com você. Suas atitudes me feriram, mas estou pronto a esquecer tudo e construir uma nova vida para nós. Se for do seu agrado, poderemos passar a lua-de-mel em Veneza. Avise-me quando pretende voltar, mas procure entender que não posso esperar para sempre.

Com amor,

Larry

Allegra ficou sentada, com lágrimas de frustração nos olhos. Pobre Larry! Era duro ter que magoá-lo, mas ele parecia não perceber as maiores evidências.

Indo até a escrivaninha, ela começou a escrever uma resposta para Clinton. Disse que estava feliz por estar na Itália e que avisaria com antecedência quando estivesse para voltar. Pediu que Clinton entrasse em contato com Larry e dissesse que seria impossível qualquer relacionamento entre eles. "É muito simples", escreveu Allegra. "Eu não o amo e não vou me casar apenas para ter segurança."

Em seguida, ela rasgou a carta de Larry em vários pedaços e jogou-os pela janela. Com um sentimento de alívio, ficou olhando enquanto os pedacinhos de papel caíam na água.

Aquela manhã Allegra passou trabalhando para a condessa. As engrenagens do elevador individual chegaram a ficar quentes com as constantes subidas e descidas da velha Amalia. À tarde, um tanto cansada, Allegra se recolheu ao quarto para um descanso.

Ela estava deitada com as mesmas roupas da manhã, olhando pensativa pela janela, quando alguém bateu na porta. Num primeiro momento pensou em não atender, mas as batidas se repetiram. Era Luigi, que trazia uma mensagem e ficou esperando enquanto ela lia:

Lamento incomodá-la, mas preciso da sua ajuda para escrever algumas cartas. Os dados estão no seu caderno de anotações, ainda não transcritos. Peço desculpas mais uma vez, mas espero seu comparecimento ao meu escritório o mais rapidamente possível.

Aldo

Allegra ergueu os olhos para Luigi.

— Diga ao *signor* Di Rienzi que estarei lá em um momento.

Fechando-se outra vez no quarto, ela sentiu o coração acelerado. Mais uma vez estaria bem perto de Aldo, e sem a presença da Falieri.

Quando ela saiu do quarto, Guido estava de pé no topo da escada.

— Ora, ora, Allegra — ele falou, sorrindo. — Como foi em Florença?

— Muito interessante — ela respondeu, evasiva. Começou a descer os degraus e ele a seguiu.

— Vai trabalhar para o amo e senhor, não é? Ele parece não ter dificuldade para conseguir mão-de-obra. Você precisa ver como as secretárias do escritório correm para ajudá-lo. Aposto que você faz a mesma coisa, apesar de a princípio eu ter pensado que reagiria um pouco. Não quero que saia machucada, Allegra. Talvez eu devesse tê-la avisado a tempo, mas pelas suas reações nem sempre é muito fácil ajudá-la.

Ao pé da escada, ele a brindou com um simpático sorriso. Por um breve momento, Allegra ficou olhando aquele rosto cínico e pensou seriamente em esbofeteá-lo solenemente. Bem, não valeria a pena.

— *Ciao*, Guido — ela disse, tomando o caminho do escritório de Renaldo.

Para irritação de Allegra, Guido a seguiu e, à porta do escritório, adiantou-se para abri-la com uma mesura espalhafatosa, entrando logo depois dela. Allegra foi direto para a máquina de escrever e Aldo mostrou-se surpreso com a presença do irmão.

— Oi, Aldo — disse Guido, olhando para Allegra com um riso debochado. — Passei aqui só por um minutinho. Parece que sua secretária está de mau

humor. Talvez a carta do noivo que ela recebeu dos Estados Unidos a tenha perturbado. Como é ele, Allegra? É impaciente, muito paciente ou apenas um idiota? Acho melhor você não ficar brincando com ele por muito tempo. Pode ser que arranje outra garota.

Lívica de raiva, Allegra ficou olhando para o rosto debochado do rapaz. Aldo observava atentamente, muito sério.

— Então, você abriu minha carta! — ela protestou, revoltada. — Como teve a coragem? No meu país, isso chega a ser crime!

— Não precisa clamar pelos seus direitos, Allegra — caçou Guido, rindo de satisfação. — A carta estava mal lacrada e, quando eu peguei, ela simplesmente se abriu, deixando cair o conteúdo. Naturalmente, não pude deixar de ler algumas frases. Todos sabem como sou curioso.

Allegra sentiu-se completamente derrotada. Pegando as anotações feitas em Florença, ela voltou para a máquina de escrever e ficou aguardando ordens, com expressão apática.

Guido ainda tinha o que dizer:

— É um azar, Aldo, mas parece que você vai perder sua secretária. O homem a quer de volta e pelo jeito ela está satisfeita por fazê-lo rastejar. Você não tem sorte com as mulheres, mano.

Allegra girou na cadeira, ofendida.

— Larry não é meu noivo e jamais dei a ele qualquer motivo para pensar que isso seria possível — ela declarou, voltando-se a seguir para Aldo e assustando-se ao ver a expressão dele. — Quer me dizer que parte das anotações você quer?

Renaldo suspirou profundamente.

— Claro. Guido, sugiro que você nos deixe em paz para que possamos trabalhar. Nem todas as pessoas são como você, que consegue viver sem fazer nada de útil.

Guido sorriu para os dois.

— Já estava mesmo de saída. Vou tomar chá com Adeline Specchi. Afinal de contas, ninguém é de ferro.

Ele saiu, fechando a porta atrás de si, e Aldo contraiu os lábios, claramente irritado. Depois, num tom forçado, instruiu Allegra sobre como queria as cartas. Ela se voltou novamente para a máquina e começou a trabalhar.

Era difícil se concentrar no trabalho com a raiva que estava sentindo, aquele nó na garganta. Os dedos batiam nas teclas sem muita firmeza e mais de uma vez ela teve que trocar o papel, manchado por lágrimas. Aldo continuava a trabalhar.

Finalmente Allegra terminou e levou para Aldo o que havia feito. Ele pegou as folhas datilografadas e as pôs de lado, sem qualquer comentário.

— Quer que eu faça mais alguma coisa? — ela perguntou, num fio de voz.

Aldo ergueu a cabeça e a fitou com o olhar distante.

— Estou surpreso, Allegra, por você não me considerar um amigo digno de saber do seu noivado. Pareceu tão interessada quando ouviu as minhas confissões, ainda recentemente. Imaginei que houvesse confiança entre nós.

— Mas eu não estou noiva — repetiu Allegra. — Nunca estive. O problema é que Larry supervalorizou uma simples e superficial amizade. Além disso, parece que ele não aceita um não como resposta.

Ela falava com veemência, mas Aldo parecia não estar acreditando muito.

— Compreendo — ele disse, num tom pesado.

— Pois acho que você não está compreendendo nada. Como poderia?

— As mulheres são mulheres em qualquer parte do mundo, não é isso mesmo? Nenhuma lealdade, sentimento... E pensar que você quase me convenceu do contrário. Eu estava começando a superar minhas dúvidas. Mesmo assim, é claro que Guido não agiu corretamente ao violar sua correspondência.

Allegra ficou muito vermelha, a ponto de explodir de raiva.

— *Signore*, ainda bem que tenho muito pouco do seu sangue correndo nas minhas veias. A irracionalidade dos homens da família Di Rienzi é simplesmente fantástica.

— E você deve ter muito orgulho do sangue bastardo de um poeta licenciado, que se tornou alvo dos risos de toda Veneza! — devolveu Aldo, e imediatamente se estabeleceu entre eles uma barreira de gelo. — Agora, evidentemente se tornou impossível a sua permanência nesta casa. Vai querer partir, espero, logo depois do baile. Espero, também, que *la vecchia* não seja incomodada com esse assunto.

Allegra ficou estática, querendo dizer alguma coisa para rebater aquele absurdo, mas sem conseguir pronunciar uma só palavra. Renaldo contemplou-a como se ela fosse uma criança.

— Não quero mais discutir — ele disse, pegando a caneta e voltando ao trabalho.

Allegra virou-se para sair. Quando chegou à porta, alguma coisa fez com que ela se voltasse para Renaldo, que continuava debruçado sobre o trabalho.

— Sinto muita pena de você, Renaldo. Boa noite.

Ele não respondeu, dando a impressão de nem ter ouvido. Ainda mais revoltada, Allegra se retirou.

De que ela podia ser culpada, afinal? Oh, não! O absurdo daquela situação era inacreditável!

Rezando para não se encontrar com nenhum dos Di Rienzi, ela subiu e tentou fazer uma reserva no trem para Milão, de onde esperava conseguir vôo para os Estados Unidos. Queria partir naquele dia mesmo, mas desgraçadamente era agosto, a alta estação de férias na Europa, e seria impossível conseguir passagem para onde quer que fosse. Ela teria que esperar pelo menos quatro dias, até depois do baile.

Allegra trancou-se no quarto e mandou avisar que estava com dor de cabeça e que não iria jantar. Algum tempo mais tarde, bateram à porta e ela não foi atender, sabendo que era Maria. Estava deitada no escuro, exausta, quando escutou o barulho de chave na fechadura da porta. Apoiando-se num dos cotovelos, Allegra ergueu um pouco o corpo, jogou os cabelos para trás e procurou limpar as lágrimas. Contra a luz do corredor, reconheceu a figura franzina de *la vecchia*, que entrou no quarto e estendeu a mão para acender a luz.

— E então? — falou a condessa, aproximando-se da cama e afagando os cabelos de Allegra. — Foi Aldo, não foi? Mas é chorando que você pretende enfrentar o problema, Allegra *mia*? Quero saber o que aconteceu.

Allegra contou tudo, em detalhes: a carta de Larry, a interferência de Guido, o episódio no jardim de La Mira, com a participação de Guido e Aldo. Depois de escutar a última parte, a condessa ficou pensativa, com um meio sorriso nos lábios. Quando Allegra falou na amizade que parecia ter nascido em Florença, ela balançou a cabeça.

— Pobre Aldo!

— É uma situação sem conserto, *signora* — concluiu Allegra, desalentada. — Mas não tinha a intenção de lhe dizer nada, para que não tivesse mais com que se preocupar. Partirei logo depois do baile, condessa Amalia. É o melhor a fazer.

A condessa olhou bem nos olhos dela.

— Foi isso o que Aldo sugeriu?

Allegra não respondeu.

— Ou será que você quer se casar com esse Larry...

— Não, é claro que não — apressou-se em dizer Allegra. — Eu jamais me casarei com ele. Voltarei para o meu trabalho e procurarei um apartamento para morar. Talvez consiga economizar o suficiente para, um dia, voltar à Itália. Gostaria muito de aprofundar aqui os meus conhecimentos de arte.

— Acha que não há nenhuma possibilidade de que Aldo amoleça?

— Nenhuma. Se ele sentia alguma coisa por mim, agora acabou. A senhora o viu com Vera Falieri. É daquilo que ele precisa, uma esposa de que possa se orgulhar... um acessório indispensável a um homem de posição.

— Isso é uma questão de opinião, porque foi ela quem o escolheu, e não o contrário.

A condessa disse aquilo com uma ponta de raiva.

— Não sou uma adolescente e conseguirei esquecê-lo — disse Allegra, mas a declaração foi invalidada por uma torrente de lágrimas.

Com um murmúrio de simpatia, a condessa passou os braços em torno dos ombros dela. Durante algum tempo, as duas ficaram com a cabeça encostada uma na outra.

— Sei por experiência própria, como já lhe disse, que o que num dia parece impossível pode no dia seguinte ser perfeitamente possível. Aconselho que não aja com precipitação, *cara mia*. Aldo está em luta com a própria alma.

Mais que admiração e respeito, Allegra sentia carinho e muito amor por aquela doce anciã. Segurando uma das franzinhas mãos da condessa, ela encostou-a na face.

— Mesmo eu tendo sido uma tola ao deixar que Aldo me perturbasse, sou enormemente grata pelo privilégio de tê-la conhecido. Sua bondade parece não ter limites e eu jamais a esquecerei, *signora*... Bem que gostaria de ser também uma Di Rienzi.

— Bobagem. Você é uma de nós, pelo sangue de Allegra di Rienzi. No que me diz respeito, é assim que a considero. — Ela disse aquilo com ênfase, ao mesmo tempo que se levantava. — Já é tarde, minha filha, e preciso ir. Estou muito preocupada com você. Não estou tão velha a ponto de não saber o quanto pode doer o coração. Por favor, dê tempo ao tempo e não pense em partir logo depois do baile. Os jovens são sempre muito apressados, quando os velhos é que teriam razões para isso.

— Gostaria que me dissesse mais uma coisa... — pediu Allegra, soltando a mão dela e falando num fio de voz.

— O que, minha querida?

— Foi este o... o quarto dela? Da primeira Allegra? Eu quero saber.

A condessa ficou parada durante algum tempo, antes de responder. Depois, inclinou-se para a frente e beijou levemente o rosto de Allegra.

— É claro que foi. Pensei que você desconfiaria logo no primeiro dia, mas esperei que perguntasse.

Ela sorriu docemente e foi saindo do quarto. A luz tênue, parecia envolta numa aura de juventude.

CAPITULO XXI

Faltavam quatro dias para o baile, quatro longos dias, que Allegra precisava preencher com alguma atividade para não ter que pensar. Carregadores, costureiras e decoradores andavam por todos os cantos da casa e a tensão era muito grande. Não era fácil conter Bianca e Maria assumia cada vez maiores responsabilidades, à proporção que chegavam os parentes dos Di Rienzi e seus criados.

Allegra afundou num mar de listas e contas, encontrando naquele trabalho um pouco de alívio. Não via Aldo, que não estava tomando refeições com a família. A certa altura, ela teve a lembrança de visitar os Bugelli. Provavelmente, seria a última vez que poderia vê-los.

Assim determinada, ela saiu caminhando ao sol da manhã. Tinha um guia da cidade e pretendia encontrar o endereço sem a ajuda de ninguém. Depois de andar durante um bom tempo, às vezes pensando que não encontraria o caminho, ela finalmente chegou aonde queria. Logo reconheceu a casa e quase correu para bater à porta.

Foi Eleana quem atendeu. Por um momento, a boa italiana ficou boquiaberta e muda. Depois, correu para abraçar Allegra.

— Tenho pensado em você todos os dias, minha amiga! — ela exclamou. — Todos nós sentimos a sua falta. Giorgio estava achando que, por ter sido um guia desastrado demais, fez com que você fosse embora de Veneza imediatamente. Entre, entre!

A acolhida calorosa de Eleana foi como um bálsamo para os nervos de Allegra, que ficou agradecida.

— Conte-me tudo — pediu Eleana, pondo uma velha chaleira no fogo. — É muito bom ver você de novo, Allegra.

Ela deve ter percebido logo o que Allegra estava tentando esconder, mas não disse nada. Com interesse, ouviu o que a amiga tinha para contar. Allegra falou sobre a criança que era Bianca, a doce velhinha que era a condessa e disse algumas palavras, bem poucas, sobre o conde. Nesse ponto, Eleana viu claramente como estava o coração da amiga.

— Voltarei para casa dentro de poucos dias — disse Allegra. — Antes disso, precisava ver vocês.

— E não vai se arrepender de nada? Tudo foi realmente a interessante aventura que você esperava?

Allegra entendeu o verdadeiro sentido daquelas palavras e ficou com os olhos cheios de lágrimas. No entanto, já estava cansada de chorar. Apesar da confiança que tinha naquela boa amiga, achou que não deveria aborrecê-la com um assunto pessoal.

— Jamais esquecerei Veneza — ela disse, em voz baixa, voltando em seguida a falar com voz firme. — Acho que aprendi uma porção de coisas aqui.

Eleana serviu o chá e pôs sobre a mesa um prato de queijo e uma cestinha com pão.

— Sim, *cara*, eu sei. Espero que se lembre, quando estiver de volta à sua terra, que existe uma família em Veneza cujas pessoas a amam.

Enquanto elas terminavam o rápido lanche, Neroni, o gato, roçava o corpo peludo pelas pernas das duas, por baixo da mesa. Naquela ilha de tranqüilidade e bom senso, Allegra procurou reunir forças para concluir o restante das tarefas a que havia se obrigado junto aos Di Rienzi. A despedida foi cheia de emoção e as duas prometeram que se corresponderiam com freqüência.

Saindo da casa dos Bugelli, Allegra passou pela Piazza San Marco para dar um adeus ao coração da cidade. Depois de ficar parada no centro da praça por cerca de dez minutos, apenas observando o movimento das pessoas, voltou para a Ca' d'Argenti com os olhos cheios de lágrimas.

Quando subia a escada em direção ao quarto, ela se encontrou com o Dr. Nepi, que já estava contagiado pelo clima festivo do baile.

— Quero que prometa que dançará comigo a primeira valsa, srta. Brent — ele reivindicou. — Acabo de fazer um exame na *contessa* e não há dúvida de que ela viverá até o dia do aniversário e talvez muito além disso. Agora, quero relaxar e festejar. Devia haver um prêmio especial para os médicos que se matam pelos seus pacientes.

Ele seguiu em frente, rindo sozinho dos próprios gracejos, enquanto Allegra se esforçava para parecer contente:

No quarto, ela abriu o armário e olhou para o vestido de baile, que parecia ter vida. Não sentia a mínima vontade de vesti-lo. No entanto, eram necessários alguns ajustes. Com tristeza, Allegra pegou o vestido e foi ao encontro da costureira, que já estava esperando no andar térreo. Por sorte, os ajustes eram poucos e logo ela se viu livre.

De volta, ela cruzou no corredor com várias pessoas que tinham as feições dos Di Rienzi. Algumas pareciam importantes demais para olhar para ela. Outras, mais simpáticas, a cumprimentavam sorridentes.

Quase à porta do quarto, Allegra foi alcançada por Luigi, que entregou um envelope.

— Acabou de chegar, *signorina*.

Rapidamente, Allegra abriu o envelope e tirou de dentro o papel pergaminho. "Cara srta. Brent", começava a mensagem. A letra não era de Aldo e ela olhou embaixo para ver a assinatura. Ao ler o nome de Pietro Luigi Maria Mossanato, Allegra sorriu. Ah, o doce e pequenino cavalheiro... Numa caligrafia elegante, ele perguntava, com toda polidez e tato, se ela ainda

estaria em Veneza dali a duas semanas e se teria interesse em comparecer ao festival que se realizaria na Grécia enfocando a vida e a obra de Byron.

No último parágrafo, ele se punha à disposição para o caso de ela precisar de algum tipo de proteção. Allegra sorriu. Era impossível imaginar a minúscula figura de Mossanato protegendo alguém. Ela havia se esquecido por completo do convite dele. Sem dúvida, tinha sido uma atitude negligente em relação a uma pessoa de tão bom coração. Imediatamente ela entrou no quarto e sentou-se à escrivaninha, começando a escrever uma carta para um dos verdadeiros amigos que deixaria na Itália.

Na véspera do baile, Allegra abriu de má vontade os olhos para um sombrio alvorecer. Nenhum raio de sol atravessava a janela e o céu estava coberto por nuvens. Seu humor estava muito de acordo com o dia. Não fazia muito tempo, era sempre uma delícia despertar naquele quarto. Agora, porém, ecoavam nos seus ouvidos as palavras duras de Renaldo e era terrível ter que encarar o rosto preocupado e curioso da condessa.

Depois de vestir um robe, ela começou a trabalhar no próprio quarto. Precisava ainda conferir a lista de convidados e preencher os cartões que acompanhariam os presentes que a condessa ofereceria aos convidados. Havia bonitas abotoaduras para os homens e lindos brincos para as mulheres, todos de ouro, com diferentes formatos e com uma inscrição referente ao centenário da condessa.

Quando terminou, Allegra foi até a janela e olhou novamente para o céu escuro. Logo teve a atenção chamada pelo barulho de um barco a motor que se aproximava da casa com dos homens a bordo. Um deles era o *signor* Mossanato. O homenzinho vestia uma capa de chuva e estava muito engraçado, parecendo algum detetive trapalhão do cinema. Mesmo de longe os dois recém-chegados mostravam uma expressão séria e Allegra ficou imaginando o que o signor Mossanato estaria fazendo cedo na Ca' d'Argenti.

Depois de se vestir, ela foi para uma saleta ao lado do quarto da condessa. Ali, começou metodicamente a prender os cartões que havia preenchido às caixinhas com os presentes espalhadas sobre uma mesa grande. A certa altura Maria entrou e olhou-a com ar de repreensão.

— Começou a trabalhar muito cedo, *signorina*... e nem tocou na bandeja do café da manhã. Isso não está certo! Precisa se alimentar!

Ela trazia uma bandeja com café, queijo e pão quente e praticamente obrigou Allegra a comer tudo. Pelo menos, era bom receber aquele tratamento de gente carinhosa.

Muitas horas se passaram. Lá fora, a casa voltou ao rebuliço que antecipava o grande dia. A certa altura, Guido abriu a porta sem bater e entrou sem ser convidado. Apoiando os cotovelos na mesa, ele sorriu para Allegra.

— Parece que está trabalhando duro, não é?

— Sim, estou ocupada — ela respondeu, sem interromper o trabalho.

A simples presença de Guido a deixou irritada, apesar de ele mostrar uma aparência amistosa.

— Parece cansada. Não deixe que *la vecchia* a faça trabalhar demais.

Ele a olhava com um sorriso de comiseração e Allegra ficou ainda mais irritada.

— Você trabalha bem. Quanto a isso, ninguém pode dizer contrário.

— Obrigada.

— Não se aborreça. Eu só queria incentivá-la um pouco, porque ultimamente você parece uma pequena órfã... Oh, desculpe. Não era isso o que eu queria dizer. Você é órfã de verdade, não é?

Allegra pegou outro maço de cartões e ignorou a pergunta.

— Estou ocupada demais para ficar com conversa mole.

— Hum... — grunhiu Guido, inclinando-se sobre a mesa e pegando uma das caixas.

— Por favor, não tire as caixas da ordem — pediu Allegra, quando ele devolveu a caixinha à mesa, mas no lugar errado.

— Esta manhã, Allegra, você está completamente sem graça.

— Acha mesmo que eu deveria estar conversando amistosamente com você, como se nada houvesse acontecido? — ela perguntou, em tom de tolerância mas cheia de indignação. — Será que ainda não está satisfeito com a confusão que armou, Guido? Por favor, vá embora.

— Imagino que ainda está aborrecida porque eu falei com Aldo sobre o seu noivo. Não pensei que fosse segredo, já que o rapaz quer fazer as coisas direitinho, de papel passado e tudo o mais. — Guido falava como alguém que se dirigisse à irmã mais nova. — Francamente, Allegra, acho que deveria ficar feliz por um homem correto querê-la para esposa. Já não é tão novinha assim e não parece ser do tipo de mulher que consegue homem com facilidade. Na minha opinião, deveria voltar para casa e casar-se. Dará uma boa esposa, sem dúvida. — Em seguida, ele ergueu a cabeça e quis mudar de assunto. — Espero que a velhota sobreviva ao baile...

Allegra não o deixou continuar.

— Por favor, saia já daqui! Preciso terminar o meu trabalho.

— Sair daqui? Espero que se lembre, moça, de que esta casa inteira pertence à família Di Rienzi.

Allegra não respondeu e continuou o trabalho.

— Está bem, vamos esquecer isso — propôs Guido. — Não quero que

seus últimos dias aqui sejam desagradáveis, Allegra. Não sei por que reage tão mal à minha aproximação amistosa. Bem, até logo. Espero que quando voltarmos a nos ver você esteja com melhor humor. — Ele saiu em seguida.

Aquele homem só podia ser doente, pensou Allegra, mas um doente perigoso. Ainda bem que logo ela estaria longe dali.

Até perto do meio-dia ninguém mais a perturbou. Finalmente alguém bateu na porta. Era Luigi, que tinha uma expressão grave.

— *Signorina* Allegra, precisa ir ao escritório. O *signor* Renaldo deseja vê-la imediatamente.

Allegra o seguiu, possuída por um verdadeiro pavor, pressentindo que algo de muito grave havia acontecido. Quase podia sentir as vibrações negativas quando chegou à porta do escritório.

Aldo estava sentado à mesa, tamborilando os dedos, impaciente. Um homem mais velho encontrava-se sentado de frente para ele. Ao entrar, Allegra ouviu o que dizia o desconhecido

— ...E acredite, meu caro *conte*, não preciso de nenhuma prova adicional. Se o senhor não está realmente interessado na venda do material, é claro que devolverei as fotocópias.

Pelo sotaque, Allegra concluiu que era um inglês. Quando ela entrou, os dois a olharam ao mesmo tempo. Aldo manteve o semblante fechado, enquanto o outro mostrava uma expressão de polida curiosidade.

— Allegra Brent, apresento *mr.* Haversham-Bing — disse Aldo, o que fez com que o inglês se erguesse e fizesse uma breve reverência. — *Signorina* Brent, *mr.* Haversham-Bing veio se oferecer para comprar os documentos de Byron. Inclusive trouxe fotocópias de parte deles. Parece que são os que estão em seu poder, aqueles que mostrou à minha avó. Ele veio me procurar por causa de uma carta com a minha assinatura, evidentemente falsificada... Já fiz ver a ele que o desejo de vender esses papéis, supostamente de Byron, não partiu da minha família.

Allegra empalideceu, tanto pelo tom excessivamente formal de Aldo como pela surpresa daquela informação. Como era possível que cópias dos preciosos documentos que ela guardava houvessem caído nas mãos de uma pessoa totalmente estranha?

— Mas... eu não compreendo — ela conseguiu dizer.

— Naturalmente você já ouviu falar em *mr.* Haversham-Bing. Ele é um conhecido negociante de manuscritos raros. Você por acaso entrou em contato com mais alguém?

Agora já era demais. Allegra ergueu a cabeça e olhou fixamente para Aldo.

— Não entrei em contato com ninguém.

— É difícil acreditar nisso, já que o cavalheiro tem cópias de parte do material.

Allegra voltou-se para o inglês, que a olhava com interesse.

— *Sir*, lamento muito o senhor ter seguido uma informação falsa. Eu realmente tenho algumas cartas antigas, que vêm sendo guardadas pela minha família. No entanto, elas não têm interesse para qualquer pessoa além de mim e da família Di Rienzi.

O homem fez uma expressão de espanto, o que era muito natural. Allegra voltou-se para Renaldo.

— Jamais tive a intenção de vender aqueles documentos e não vou fazer isso agora.

— Nesse caso, talvez você possa explicar como as cópias foram cair nas mãos de *mr.* Haversham-Bing.

Allegra dirigiu a resposta ao cavalheiro.

— É uma situação para a qual não tenho explicação. No entanto, garanto ao senhor que destruiria aqueles papéis antes de vendê-los.

Ela sabia que estava sendo dramática, mas não se importava. Britanicamente, o homem mostrou um sorriso calmo.

— Por favor, minha cara jovem, aceite as minhas desculpas. Não continuarei a importuná-la, mas suplico que não destrua os manuscritos. Se são autênticos, têm um inestimável valor para os estudiosos de Byron espalhados pelo mundo. Como deve saber, alguns episódios da vida do poeta ainda são desconhecidos para nós. Ele deixou uma autobiografia para ser lida após sua morte, mas desgraçadamente alguns parentes e amigos... naturalmente bem-intencionados, a queimaram. Portanto, deve perceber a importância dos papéis que guarda. São talvez os únicos documentos de parte da vida de Byron. A senhorita é possuidora de algo muito valioso, e não estou me referindo ao aspecto financeiro.

Ele parecia sincero e realmente preocupado. Allegra, porém, não estava disposta a mudar de idéia.

— Seja como for, jamais venderei ou levarei a público aqueles papéis.

O homem fez um gesto de concordância.

— Será que você me contaria como eles chegaram à sua família?

— Não, eu... também não quero divulgar essa história.

— Nem para satisfazer à curiosidade de um velho pesquisador? — indagou o inglês, sorrindo, com uma insistência que não chegava a ser importuna. — Sou um estudioso de Byron desde quando frequentei a escola de Harrow, ainda rapazinho. Ia sempre ao cemitério e ficava sentado na pedra onde Byron costumava se deitar para buscar inspiração. De uma certa forma, isso

fazia com que eu me sentisse ligado a ele. — O homem parou de falar por um instante e sorriu. — Tolice de rapaz, não é mesmo? Será que você ao menos me deixaria ver os papéis? Gostaria de ter o privilégio de atestar a autenticidade.

Mais que aquele pedido, a presença silenciosa de Aldo fez com que Allegra sentisse um estremecimento.

— Sinto muito, *sir*, mas não quero mostrá-los a ninguém.

O homem balançou a cabeça.

— Estou desapontado, cara senhorita. No entanto, se um dia quiser reconsiderar sua decisão...

Com uma leve reverência, o inglês entregou a ela um cartão.

Allegra pegou sem olhar. Em seguida ele se voltou para Aldo.

— Espero, conde Di Rienzi, não ter vindo aqui numa hora imprópria. Era meu dever seguir a pista de um material tão valioso.

Em vão, Aldo tentou mostrar um sorriso cortês.

— Como já disse, não acredito muito na autenticidade de tais documentos.

Ele falou isso enquanto acompanhava o homem até a porta. O inofensivo inglês partiu e ele se voltou para Allegra, com as mãos às costas e os olhos fuzilando.

— Então, é essa a paga que você dá a *la vecchia* pela bondade e confiança com que ela a acolheu? Você é uma boa atriz, Allegra, mas suas negativas inocentes não me enganam. O que quer, afinal? Será que vou ter que me oferecer para comprar o seu diáriozinho para proteger o nome da minha família? Quanto vou ter que pagar? Deus do céu! Você tem alguma explicação razoável para o que aconteceu?

Allegra percebeu que de nada adiantaria reafirmar a própria inocência ou apresentar qualquer outro argumento. Sem responder, virou-se para sair mas foi agarrada pelo braço. Nesse momento, a raiva dela explodiu.

— Solte-me, conde Di Rienzi, porque está me machucando — gritou Allegra, fazendo com que ele largasse seu braço. — Não preciso lhe explicar nada. No entanto, talvez o senhor que possa me explicar como alguém mexeu em documentos que me pertencem para copiá-los. Estou cansada de ser tratada como uma criminoso! É assim que você me trata desde que cheguei a esta casa. Acha que eu seria capaz de magoar *la vecchia*? Se pensa assim, *signor* Di Rienzi, é simplório demais!

Renaldo a olhava com a cabeça erguida e os olhos brilhando intensamente.

— Se pensa que gritando pelos seus supostos direitos me fará mudar de idéia, está muito enganada.

— Use o bom senso — sugeriu Allegra. — Se eu quisesse vender os documentos, acha que agiria desse jeito? Se eu queria sigilo, por que agiria como uma idiota? Está mais do que claro que não fui eu quem mandou aquelas cópias ao inglês, mas não adianta argumentar com você. Está convencido do contrário e nada o fará mudar de idéia. — Allegra respirou fundo, com raiva. — Bem que os meus amigos me avisaram...

Ela parou de falar, espantada com a fúria que viu no rosto de Renaldo.

— Saia daqui — ele disse, em voz baixa. — Eu devia ter seguido os meus instintos quando vi pela primeira vez esse seu rostinho inocente.

— Tenho passagens compradas para o dia seguinte ao baile, conde Di Rienzi, e partirei com prazer. Certamente você imaginava que eu pretendia viajar tão logo conseguisse vender os papéis de Byron, porque é assim que funciona sua mente doentia. No entanto, sugiro que procure olhar para o que acontece dentro da sua própria casa. Há muita responsabilidade sobre os ombros de uma mulher com cem anos de idade, que bem mereceria um pouco de paz e alegria. A Ca' d'Argenti está cheia de ódio e dor, mas você está completamente cego!

Allegra saiu correndo do escritório, batendo a porta com força. Não encontrou ninguém no caminho e conseguiu chegar ao quarto antes que as lágrimas comessem a rolar. Jogando-se na cama e enfiando o rosto no travesseiro, ela chorou até a exaustão.

Depois de um bom tempo, começou a fazer as malas, decidida a tratar Aldo com indiferença se por acaso tivesse o desprazer de encontrá-lo no pouco tempo que ainda faltava. Lá fora continuava o barulho da preparação do grande baile. Apesar da raiva, Allegra desejou que a boa velhinha se sentisse feliz na festa de aniversário.

CAPÍTULO XXII

O mais difícil para Allegra seria escrever uma carta para *la vecchia*, que se preocupava tanto com aquela família infeliz e chegava ao fim da vida sem conseguir arranjar as coisas de forma satisfatória. No final das contas, ela teria que engolir Vera Falieri.

Allegra não conseguia entender como tudo havia chegado a tal ponto de confusão e desentendimentos. Havia na Ca' d'Argenti algo de irracional, deslocado... Não partia da condessa ou mesmo de Renaldo, apesar do temperamento difícil dele. Partia de Guido, ou talvez de algo além de Guido. Allegra tinha certeza de que ele era o responsável pela cópia clandestina dos papéis de Byron. Devia odiá-lo por isso, mas sentia apenas apreensão.

Alguém bateu de leve na porta. Allegra não queria ver ninguém, mas as batidas se repetiram.

— Allegra? — chamou a voz de Renaldo.

Allegra sentiu um aperto no coração e foi abrir a porta. Renaldo olhou para ela e depois para o canto do quarto onde estavam as malas já fechadas.

— Foi *la vecchia* quem me mandou — ele disse, como se quisesse desincumbir-se logo de uma tarefa desagradável. — Ela acha que eu fui injusto e quer que você fique. Acho que a sua partida não precisa ser imediata.

Allegra aprumou o corpo, com dignidade.

— Não adianta nada querer agradar à condessa, se daqui a pouco você pode muito bem mudar de idéia. Não tenho sangue de barata, Aldo. Não posso permanecer numa casa onde me chamam de desonesta. Tenho certeza de que Guido já lhe falou coisas piores.

— Guido que vá para o inferno! Por causa do trabalho, eu deixei de ver o que está acontecendo na minha própria casa. Sinceramente, não gosto do que estou vendo agora. — Ele mostrou um sorriso amarelo. — Fui instruído a lhe pedir desculpas pela forma como a tratei. Talvez não fosse da minha conta julgá-la... e acabei causando tristeza para a minha avó. Agora ela precisa de você. Quanto a mim, deixarei para fazer um julgamento quando puder ver tudo com mais clareza.

Agora ele estava pálido e Allegra desviou os olhos.

— Não há necessidade disso porque continuo decidida a partir no dia seguinte ao baile. Só lamento que não tenhamos conseguido compreender um ao outro.

Renaldo virou-se para ir embora, mas achou que devia dizer mais alguma coisa:

— Nesse caso, preciso agradecer pela forma como tratou Bianca. Ela gosta muito de você. Minha avó quer saber se você aceita jantar com ela.

Bem... agora, *addio*. Imagino que levará consigo as coisas de Byron, quando partir. Boa sorte, srta. Brent. Duvido que tenhamos outra oportunidade para conversar.

Sem dúvida, era um elegante adeus, bem diferente do que Allegra estava esperando ouvir dos lábios dele. Aldo a deixava com a certeza de que tudo aquilo tinha um objetivo prático, mas ela não permitiria que ele a ferisse no orgulho.

Obviamente, *la vecchia* sabia sobre a visita do inglês. Com certeza havia acontecido uma discussão séria e Allegra não achava uma boa idéia jantar com ela. Já estava cansada de falar de Renaldo. Além disso, nada do que a condessa dissesse poderia mudar alguma coisa. Naquele momento, o que Allegra mais queria era sair, caminhar sem destino e se perder em alguma rua escura de Veneza.

O ar lá fora estava parado e quente. Pelo menos, era uma mudança em relação à atmosfera rarefeita da Ca' d'Argenti. Allegra caminhou durante cerca de meia hora. Como não encontrou a paz que procurava, resolveu voltar.

Ela ia começar a subir a escada quando ouviu as vozes de Guido e Aldo, que discutiam. A porta do escritório estava entreaberta e não foi difícil descobrir o motivo da discussão. Naquele dia, dois homens tinham ido ao escritório de Aldo para cobrar dívidas de jogo de Guido. Os homens haviam assustado as secretárias do escritório com ameaças. Guido riu daquela informação e disse que o irmão era muito mole e tinha secretárias puritanas demais. Se Aldo pagasse a ele um salário decente, não teria que cobrir certas despesas... Ao ouvir isso, Aldo levantou a voz.

— Saia já daqui, e faça o favor de não me arranjar mais problemas!

Rapidamente, Allegra subiu ao primeiro andar e entrou no quarto. Ficar ali ainda que por apenas mais um dia já parecia demais. Ela só se arriscou a sair novamente para ir ao quarto da condessa, na hora do jantar.

O aposento estava cheio de flores e cartões. Sentada bem no centro, a condessa escutava atentamente enquanto Maria fazia um relato da discussão que havia acontecido no escritório. A criadagem ficara preocupada, porque tinha grande apreço pelo *conte* e não aprovava o comportamento do *signor* Guido. Só então Allegra percebeu como *la vecchia* estava sempre bem informada sobre o que acontecia na família, apesar das limitações de locomoção.

Maria saiu para servir o jantar e a condessa sorriu para Allegra.

— Minha querida... Não facilitamos as coisas para você, não é mesmo? Sei da sua intenção de nos deixar, e não a culpo. Desta vez, o destino foi um tanto cruel, porque tudo parecia encaminhado para um final feliz. Se tivéssemos só um pouquinho mais de tempo...

Maria retornou empurrando o carrinho com o jantar. Trazia também um bilhete para a condessa de parte do *signor* Mossanato. A mensagem foi lida rapidamente e amassada pela mão branca e fina.

— Só um pouquinho mais de tempo... — repetiu a condessa, suspirando.

A conversa durante o jantar foi toda sobre o baile.

— Guido prometeu que levará Bianca para passar a manhã no Lido — informou a condessa. — Pelo menos durante algum tempo, estaremos livres dos gritos daquela diabinha. Está vendo só, minha filha? Levei o Dr. Nepi à beira de um colapso, mas apesar dele, consegui viver até os cem anos de idade. Estou muito orgulhosa da minha resistência.

Allegra sorriu, sinceramente lamentando ter que deixar aquela boa amiga.

— Mas é com você que estou preocupada — continuou a condessa. — Ralhei com Aldo por ele tê-la tratado de forma rude. É claro que você não veio para cá com a intenção de vender os papéis de Byron. Só acho estranha a insistência com que ele tenta provar alguma desonestidade da sua parte. Parece que os fantasmas do passado não o deixam acreditar na bondade. No final das contas, eu a estou perdendo e sou a pessoa mais triste nessa história toda, mais até do que você. Você é jovem e saberá fazer com que a ferida cicatrize. Quanto a mim, ficarei pensando no que poderia ter acontecido e não aconteceu.

As últimas palavras foram ditas numa voz muito baixa. Allegra estava com os olhos cheios de lágrimas e reparou que o mesmo acontecia com a condessa. Nenhuma das duas disse mais nada até o final do jantar.

Na manhã seguinte, Allegra foi acordada pelo barulho que desde cedo tomou conta da casa. Como de costume, a bandeja com o café da manhã havia sido deixada do lado de fora da porta. Se pudesse, ela passaria a manhã trancada no quarto lamentando a própria desgraça, mas ainda havia muita coisa a ser feita. Rapidamente ela se vestiu, tomou o café da manhã e desceu.

Lá embaixo, mesinhas estavam sendo dispostas em volta do salão e cobertas com toalhas de papel prateado. Maria trabalhava com as floristas, arrumando buquês de rosas brancas em vasos de prata e cristal.

Allegra levou um bom tempo ajeitando numa mesa à entrada do salão os presentes que seriam oferecidos pela aniversariante. Encaminhados com antecedência, os trabalhos no hall de entrada e no salão estavam praticamente concluídos. Agora, o palco maior das atividades seria a cozinha. Arrumados os presentes, Allegra foi para lá. Queria certificar-se de que tudo corria bem e ver se todos os pedidos de suprimentos haviam sido atendidos.

Ela ainda nem tivera tempo de ir ao quarto da condessa para desejar um feliz aniversário. Perto do meio-dia, Maria chegou correndo do primeiro andar com uma mensagem rapidamente rabiscada pela condessa: "Allegra, minha querida, Maria lhe dirá o que está acontecendo. Confio em você. Mil vezes obrigada, Amalia di Rienzi".

— É o *signor* Guido — apressou-se em explicar Maria. — Ele levou Bianca

ao Lido, deixou-a brincando com outras crianças e simplesmente desapareceu. A condessa está furiosa e espera que a *signorina*, por favor, vá buscar a menina. Luigi está esperando com o motor da lancha ligado.

— Diga a ela que vou agorinha mesmo. Existe alguém que possa ficar com Bianca até que eu chegue lá?

— Sim. O *signor* Mossanato está com ela, mas tem um compromisso e não pode se demorar. Foi ele quem telefonou avisando. É um bom homem, *signorina*.

Allegra saiu correndo e embarcou na lancha, que partiu em seguida.

— Bom dia, *signorina* Brent — saudou-a Luigi, sem desviar os olhos do tráfego do canal. — O signor Guido deu um belo presente de aniversário à condessa, não é mesmo?

— Não consigo entender por que ele age assim — disse Allegra.

— Pode não ser da minha conta, *signorina*, mas fico furioso com o que faz o signor Guido. Um dia ele vai ter que prestar contas a Deus... e nessa hora eu vou sentir pena.

Luigi só voltou a falar quando eles já estavam no Lido, bem perto do cais do Excelsior.

— Perdoe o que vou dizer, *signorina* Brent, mas nós todos estamos muito tristes com a sua decisão de partir. É exatamente assim que se sentem todos os criados da casa. Bem... acho que falo demais, mas o que disse veio do coração.

Allegra pôs a mão no ombro dele, emocionada.

— Oh, Luigi, eu... fico muito grata.

Bem que ela gostaria de não ter que partir, mas não havia escolha. O conde a havia expulsado, sem perguntar o que pensavam as outras pessoas da casa.

Logo que eles desceram do barco, o rapaz do hotel levou-a ao vestíbulo, onde estava o *signor* Mossanato. O homenzinho correu para recebê-la com um sorriso de alívio.

— Oh, *signorina*... foi muita gentileza ter vindo. Que terrível inconveniente para todos nós! Bem, já fiz com que a menina vestisse roupas limpas e secas. Parece que Guido ficou aborrecido porque a avó o encarregou dessa tarefa e simplesmente desapareceu. A essa hora, suponho que esteja no cassino. Bianca queria voltar para casa para se arrumar para o baile, mas ninguém sabia onde estava o tio. O gerente do hotel sabia que eu era um amigo da família e me chamou. Só que não posso ficar aqui por muito tempo...

Nesse momento, Bianca apareceu correndo.

— Allegra! Precisamos voltar para casa *agorinha* mesmo! Não quero

perder nada e Maria levará *horas* para arrumar meu cabelo.

Mossanato pôs a mão sobre a cabeça cheia de areia da menina.

— Bianca, Luigi está esperando por você lá fora. Diga a ele que a *signorina* Brent irá daqui a pouco.

Havia um tom de autoridade na voz do cavalheiro, que em seguida se voltou para Allegra.

— Se puder perder mais alguns minutos, *signorina*... Sei que está muito atarefada, mas talvez não tenhamos outra oportunidade para falar. Gostaria de saber de certas coisas antes que você parta de Veneza.

Allegra concordou e eles se sentaram a um canto do saguão. Mossanato chamou um garçom e pediu café para dois. Depois, olhou para Allegra e juntou as pontas dos finos dedos.

— Recebi a sua graciosa carta e fiquei muito triste ao saber que pretende nos deixar. Fiquei sabendo que você estava numa situação difícil. A condessa Amalia me tem como amigo, mas estou também numa posição da qual você não tem conhecimento. Há cerca de um mês, a condessa entrou em contato comigo e comunicou o desaparecimento de várias jóias. Queria que fosse feita uma investigação discreta. Não foi difícil descobrir que o ladrão era Guido.

Ele tomou um gole de café e olhou para Allegra quase como se pedisse desculpas.

— Não quero assustá-la, *signorina* Brent, mas sou um agente da polícia.

Allegra não estava assustada, mas absolutamente surpresa.

— Eu... jamais imaginaria — ela confessou.

— Não me pareço muito com um policial, o que é até bom na minha profissão. Bem, a condessa Amalia é uma mulher de coragem e sempre disposta ao sacrifício. Ela pediu que vigiássemos os movimentos de Guido e acabamos descobrindo onde estava a maior parte das jóias. Ela insiste em comprá-las de volta do joalheiro com quem Guido as negociou. Assim sendo, ninguém será preso. Foi uma decisão dolorosa para ela, como pode imaginar.

— Aldo sabe disso?

— Ainda não. A condessa não sabe qual será a reação dele e teme por isso. Prefere esperar o momento certo para contar. Eu a aconselhei a fazer isso imediatamente, principalmente por causa dos últimos acontecimentos. — Ele segurou a mão de Allegra para dar ênfase ao que estava dizendo. — Querida *signorina*, desejo de todo o coração que você faça um bom juízo da família Di Rienzi. Sei que já suportou calúnias além dos limites da paciência, mas sua partida seria uma perda irreparável para todos nós.

— Eu amo a condessa, *signor* Mossanato. Nada mudará isso.

— Eu sei, e sei também que seu amor é retribuído. Permita que eu lhe

diga só mais uma coisa. Depois, poderá voltar ao seu trabalho e eu voltarei ao meu. Fiquei sabendo que você foi acusada de pôr à venda os papéis de Byron e que vem utilizando-se de meios pouco éticos. Ofereço-me para provar que a acusação era falsa e levar a prova ao próprio *conte*.

Ele parecia saber de tudo. Naturalmente, sabia também dos papéis de Byron e do que ela sentia por Aldo.

— É muita gentileza sua, *signore*, mas agora é tarde demais — disse Allegra, sorrindo. — Amanhã irei embora.

— Prefiro não ver apenas o lado ruim das coisas e mantenho o meu compromisso — disse o italiano, levantando-se, tomando outra vez a mão dela e levando-a aos lábios. — Suplico que esta noite dance uma valsa comigo. Isso me daria um grande prazer.

Allegra sorriu para ele, enternecida.

— *Signor* Mossanato, sempre me lembrarei de que tenho no senhor um amigo sincero, e isso muito me honra. É claro que dançaremos uma valsa esta noite! Tem a minha promessa.

Ele a levou até o cais, onde Luigi já estava com o motor da lancha ligado e Bianca esperava, impaciente. Minutos mais tarde, Allegra ficou olhando pensativa para a água, que parecia correr velozmente no sentido contrário ao da lancha.

Ela se sentia tentada a pedir a Luigi para levá-la à casa dos Bugelli, em vez da Ca' d'Argenti. A idéia de dançar valsa dali a poucas horas parecia absurda. Valsa é uma dança para gente feliz, apaixonada, e ela se sentia inteiramente vazia desse tipo de emoção.

A lancha demorou para encostar no cais da Ca' d'Argenti por causa dos vários barcos de entrega que atravancavam o caminho. Aquela hora, muita coisa ainda estava chegando. Caixas de champanhe cobertas por cubos de gelo iam sendo vagarosamente transportadas para o interior da casa.

Allegra entrou e foi direto para o quarto de *la vecchia*, para informá-la do retorno de Bianca. No caminho, encontrou o Dr. Nepi, que fez um breve relatório. A condessa estava muito agitada e deveria descansar até a hora do baile. De outra forma, ele não poderia se responsabilizar por nada. Allegra deixou a informação para que ele a transmitisse, certa de que aquilo serviria para acalmar um pouco os nervos da condessa. Pelo menos, ela saberia que Bianca estava em casa e em segurança.

Depois disso Allegra desceu para conferir as notas e as contas do que havia sido entregue naquela tarde. Não queria que a acusassem também de ser irresponsável. Dispôs-se ainda a ajudar Maria, e as duas trabalharam duramente até as cinco e meia, quando deram os preparativos por encerrados. Exausta, Allegra resolveu descansar um pouco antes de se arrumar.

Estava subindo a escada quando ouviu a voz penetrante de Vera Falieri. Aldo estava junto e os dois se dirigiam ao escritório, de braços dados. Vera ria

alto, apoiando a cabeça no ombro dele. Eram o retrato perfeito da intimidade.

Allegra continuou subindo os degraus e sentiu as faces em brasa. Ficou contente ao chegar ao quarto, de onde pelo menos não precisava observar cenas como aquela.

Ao ver o vestido de baile pendurado no armário, ela virou-lhe as costas. Se ao menos pudesse deixar de ir àquele baile. Se ao menos pudesse passar um apagador sobre o que havia acontecido nas últimas semanas... se não sentisse o coração tão pesado, como uma pedra dentro do peito...

Allegra deitou-se na cama para descansar um pouco, mas não ficou lá mais que cinco minutos. Preferiu tomar logo o banho, que se estendeu por quase meia hora. Depois, ela vestiu o roupão atalhado e sentou-se na frente da penteadeira.

Pouco mais tarde, Maria bateu de leve na porta antes de entrar.

— Vejo que já está pronta para se vestir, *signorina* Brent. Vim pentear os seus cabelos. *La contessa* já me instruiu como deve ser. Depois ela a convida para um jantar leve no jardim do *roof*.

Enquanto falava, Maria tirou do armário o vestido de baile. Meio relutante, Allegra despiu-se do robe e se deixou vestir. Pouco depois, sentiu-se envolvida pela aura do suave perfume que emanava das várias anáguas.

Maria trabalhou rapidamente, prendendo os botões nas costas e pondo a faixa de seda dourada. Depois, fez com que Allegra se sentasse à penteadeira. Aos poucos, foi surgindo um bonito penteado à moda antiga, com ondas suaves nos lados e uma comprida trança castanha caindo sobre um dos ombros.

— Fica muito bem com o vestido — avaliou Maria, satisfeita.

Em seguida ela se dedicou à maquilagem, com incrível habilidade. Fascinada, Allegra ficou observando enquanto seu rosto ia se transformando. As feições assumiam uma beleza etérea, realçando os olhos castanhos, grandes e sonhadores.

"Essa não é Allegra Brent", ela pensou, enquanto Maria se afastava um passo para admirar o próprio trabalho.

— Vamos — chamou a criada. — Precisamos nos apressar porque *la contessa* está esperando.

Allegra levantou-se com dificuldade. O vestido parecia pesado, mas logo ela aprendeu como devia se movimentar com ele. Maria repetiu o chamado quando ela ficou parada na frente do espelho, pensativa. Queria descobrir quem era aquela mulher que olhava para ela, vestida como uma beldade do século passado.

Não havia ninguém no corredor e Allegra ficou aliviada. A condessa já estava à mesa, sobre a qual havia castiçais com velas acesas. Quando Allegra entrou ela bateu palmas.

— *Dio mio!* — exclamou a velha, voltando-se em seguida para Maria. — Você trabalhou muito bem. Ela está linda, a nossa Allegra. Venha cá, minha filha. Sente-se aqui. Não se preocupe que a saia não vai amarrotar. Espere só para ver Bianca com o vestido de baile. Lembro-me muito bem do meu primeiro vestido de baile. Era uma graça! Eu tinha mais ou menos a idade de Bianca. Acho que ela herdou a determinação que está no sangue dos Di Rienzi. É um sangue forte, Allegra, mas às vezes temos os nossos problemas.

A condessa parou de falar por um instante e ficou com o rosto coberto por rugas de tristeza.

— Guido, por exemplo — continuou, em tom de lamento. — Sinto muito, Allegra, que ele a tenha envolvido num dos golpes que tentou dar em busca de dinheiro. Fiquei sabendo da vinda de *mr.* Haversham-Bing à procura dos papéis de Byron... Guido não me parece um pessoa normal e pretendo falar com Aldo sobre o assunto. Temos que arranjar um jeito de ajudá-lo, mas é claro que ele não pode continuar perturbando a família desse jeito. Quanto a Renaldo... esse é infeliz por outros motivos. Não posso continuar à frente da família por muito tempo... e tinha esperança de que...

Ao ver o desgosto que havia no rosto de Allegra, a condessa fez uma expressão de pena e estendeu a mão para apertar fortemente a dela.

— Oh, *cara mia*... Sei do profundo amor que você sente por Renaldo... Não, não tente negar! Lembro-me de quando me desentendia de alguma forma com Leopoldo... Como aquilo doía! Bem, agora não tem mais importância, porque logo estarei com ele. Tem sido uma longa espera para mim. Bem, mas o assunto é você, minha filha. Às vezes, é doloroso amar.

Allegra deixou escapar um suspiro, com o rosto iluminado pela luz das velas.

— Não vou negar para a senhora — ela reconheceu. — Só espero ter a coragem que a senhora tem, para poder continuar vivendo.

— Você está apenas começando, *cara*. Não há nenhum motivo para pensar que não encontrará a felicidade.

Allegra achou melhor ficar em guarda, porque já conhecia a habilidade da condessa para fazer as pessoas mudarem de idéia.

— Por favor, não diga nada a ele! Partirei logo que possível, e não quero sair ferida também em meu amor próprio.

— Amor-próprio, é? — resmungou a velha, franzindo a testa. — Estou começando a achar que você é tão tola quanto Aldo.

A condessa passou a pôr açúcar numa boa porção de morangos, como se aquilo lhe desse um enorme prazer. A certa altura parou no ar a colher de açúcar e ficou alerta, com um meio sorriso nos lábios.

Allegra escutou passos na escada e ficou gelada. Tinha medo de olhar para a porta, esforçando-se para aparentar calma. Finalmente Aldo chegou perto

das duas. Também ele já havia se aprontado para o baile e estava muito elegante. Usava casaca preta sobre um colete igualmente preto e uma imaculada camisa branca. No colarinho alto, à moda da Regência, trazia uma larga gravata de seda azul, amarrada em forma de laço. Usava também um calção justo de camurça, que se juntava nos joelhos às compridas meias de seda creme. Para completar, calçava sapatos de camurça preta com bonitas fivelas de prata.

— Oh, meu querido! — exclamou a condessa, com lágrimas nos olhos. — Você está parecido com Leopoldo. Estou tão orgulhosa, tão orgulhosa!

Renaldo inclinou-se para beijar a mão da avó.

— Estou feliz por agradá-la, *caríssima*, numa noite tão importante.

A condessa soltou um risinho e resolveu se aproveitar da situação.

— Agora que completei cem anos, você tem que fazer o possível e o impossível para me agradar, *caro*. Mas onde está sua cortesia, Aldo? Ainda nem cumprimentou Allegra. Ela não está linda?

Allegra queria ter o dom de desaparecer. Em vez disso, teve que suportar passivamente enquanto Aldo tomava-lhe a mão e a levava aos lábios, com gestos de um perfeito cavalheiro.

— O vestido está perfeito, Allegra, como se tivesse sido feito para você — elogiou Aldo, olhando em seguida para a avó. — É um daqueles antigos?

— É, sim, um dos que encontrei no sótão... Como estão as coisas lá embaixo?

— Tudo conforme o planejado, *vecchia* — respondeu Aldo, sorrindo. — Acho que a senhora vai gostar. Feliz aniversário, *nonna*. Pode crer que será a mais bonita do baile. Na verdade, nunca houve e jamais haverá outra igual.

— Guarde os seus elogios para as mais jovens, *caro* — sugeriu a condessa, rindo. — Quero que você dê início ao baile dançando com Allegra. Considerarei como um presente dos dois pelos meus cem anos.

Aldo voltou os olhos calmos para Allegra.

— Será um prazer — ele disse, num tom que pareceu frio. — Logo nos encontraremos novamente, adoráveis senhoras. *Ciao*.

Depois que ele saiu, a condessa suspirou.

— Agora, eu também preciso me vestir. Aldo nos humilha com sua elegância. Você devia dizer isso a ele, Allegra. Aquela Falieri o adula demais e... isso às vezes funciona. — Ela sorriu e acariciou o rosto de Allegra. — Meu centésimo aniversário ainda não está exatamente como planejei. Mas veremos... Tenho uma ou duas surpresas guardadas.

Maria foi buscar a condessa e Allegra voltou para o quarto. Só quando se sentou outra vez em frente à penteadeira foi que ela se lembrou de que não

havia desejado feliz aniversário à velha senhora.

De fato, era uma ironia, porque Aldo conseguia fazer tudo com cortesia e elegância. Mesmo quando a condessa o encostara na parede, ele se livrara com graça.

CAPITULO XXIII

Maria bateu na porta e entrou, levando um comprido colar de pérolas. As contas eram grandes e tinham um brilho amarelado.

— A condessa disse que você deve usar isso. Portanto...

Antes mesmo de terminar de falar, ela passou as duas voltas do colar pelo pescoço de Allegra e prendeu o fecho. Depois, afastou-se um passo para examinar.

— Ah, é o toque final! Está... perfeito.

Maria saiu em seguida e Allegra se olhou no espelho de cristal. As pérolas brilhavam e moviam-se levemente cada vez que ela respirava. Pareciam muito antigas e deviam ter sido testemunhas de muitas histórias.

O relógio sobre a penteadeira mostrava que já era hora de descer. Como se cumprisse uma obrigação, Allegra levantou-se e saiu. Da escada ela já podia ver o movimento lá embaixo. A porta da rua estava aberta por inteiro e os convidados iam chegando ao vestíbulo. Àquela altura, o perfume das mulheres já se misturava ao das flores.

Allegra desceu e foi verificar a mesa onde estavam os presentes para os convidados. Os criados realizavam seu trabalho com competência e ninguém prestava atenção especial nela. Do salão de baile vinha um murmúrio.

Dando alguns passos Allegra entrou no enorme salão, que estava iluminado por uma centena de velas. Ela sorriu, contente por *la vecchia* ter feito valer sua vontade. Os inúmeros castiçais espalhavam uma luminosidade bruxuleante, que se refletia nos cristais. Por isso, o ambiente parecia fazer parte de uma outra dimensão.

Allegra sentiu um inexplicável estremecimento. "Não devo deixar a felicidade escapar outra vez, Allegra. Agarre-se a ela." Imediatamente ela se voltou, mas não viu ninguém. Era incrível, porque aquela voz feminina parecia muito real. Talvez fosse o vestido...

A voz que ela ouviu em seguida era verdadeira:

— Parece que esta noite os fantasmas resolveram acordar — disse Luigi, muito sério. — Os Di Rienzi do passado vieram para a festa. Toda a casa está viva, observando. Minha avó tem o poder de ver essas coisas. Às vezes, em lugares antigos como este, as forças e as vibrações do passado influem nas emoções do presente. Já senti isso várias vezes. — Ele abriu um largo sorriso. — Está muito bonita, *signorina* Allegra.

Allegra percebeu que o dedicado Luigi falava com sinceridade e sentiu uma forte emoção. Precisou se esforçar para não deixar escapar uma lágrima.

— Obrigada, Luigi.

— Se precisar de alguma coisa, por favor me avise. Todos nós a consideramos uma pessoa da família.

Pouco mais tarde ela se viu no meio de vários convidados. Acomodada sobre uma plataforma em um dos cantos do salão, a pequena orquestra tocava músicas leves do século XIX. Os convidados circulavam e os vestidos coloridos das mulheres davam ao salão a impressão de um jardim florido. Tudo parecia mais um sonho que realidade.

"O que estou fazendo aqui", perguntou-se Allegra.

A certa altura, a orquestra parou de tocar e o murmúrio foi cessando. Todas as cabeças se voltaram para a grande porta de entrada, com expectativa. Aldo estava de pé à porta, segurando um buquê de rosas brancas amarrado por uma fita prateada. Um pouco além podia-se ver parte da cadeira de rodas da condessa e ele caminhou para recebê-la. Agora à vista de todos ele entregou as rosas e ofereceu o braço para ajudá-la a se erguer.

Pouco depois, já de pé e apoiada no braço do neto, a condessa mostrava um sorriso doce no rosto sereno. Um murmúrio de admiração ergueu-se do meio dos convidados. Ela vestia um vestido creme, a mesma cor da chama das velas, com bonitos plissados no busto e delicados laços na saia rodada. Diamantes brilhavam nos cabelos, onde fitas marrons formavam contraste com as ondas prateadas.

Os convidados abriram alas quando os dois entraram no salão, vagarosamente, e um sorriso brilhou em todos os rostos.

— *Brava la contessa, brava!* — Saudaram várias vozes, e uma delas se sobressaiu numa feliz comparação: — *Una sposa!*

Allegra concordou, porque de fato a condessa parecia uma noiva. Maria havia operado um milagre naquele rosto centenário. Não só o rosto, mas todo o conjunto dava a impressão de leveza e juventude. Viver tantos anos, superar as dificuldades com coragem e determinação e ainda brilhar no meio de gente jovem... era realmente notável!

— Por Deus! — exclamou alguém. — A velha é uma grande mulher!

Renaldo escoltou a avó até uma grande cadeira de braços colocada sobre um tablado. Maria, vestida como uma camareira do século XIX, e Luigi, envergando orgulhosamente a libré dos Di Rienzi, tomaram lugar por trás dela. Perto da condessa estavam sentadas várias pessoas idosas, entre elas a prima Luisa, parecendo mais velha naquela roupa de época. Bianca também estava sentada ali, vestida de cor-de-rosa, e balançava as perninhas que não alcançavam o chão. Parecia desconsolada e Allegra não conseguiu entender por que, já que o vestido estava muito bonito. O que teria acontecido com a menina?

Por trás da cadeira da condessa havia um objeto grande coberto por um pano. Na certa, era uma das surpresas que ela prometera.

Aldo abriu formalmente o baile, com um breve e bonito discurso, que foi

seguido de aplausos. Falaram também autoridades do governo de Veneza, ressaltando as qualidades da condessa, detalhando as caridades que ela fazia. Depois, os convidados fizeram fila para cumprimentar a centenária aniversariante, alguns a abraçando, quase todos beijando-lhe as mãos.

Allegra correu os olhos em volta e fixou-os em Vera Falieri. Ela usava um vestido verde-esmeralda, ao estilo do Império, com um decote profundo no busto e fendas nos lados da saia que iam até o alto das coxas. Os cabelos estavam penteados à la Josefina e uma enorme esmeralda brilhava num dos dedos da mão direita.

Na fila dos cumprimentos e já bem perto da aniversariante, ela mostrava um sorriso de satisfação. A condessa recebeu-a com o semblante fechado e Vera correu para beijar-lhe o rosto. *La vecchia* apenas suportou, numa atitude de fria passividade, mas a pretendente de Aldo afastou-se, dando a impressão de que tinha todos os privilégios de uma pessoa da família.

Aldo aproximou-se novamente da avó e os dois iniciaram uma conversa que mais parecia uma discussão. Às vezes ela franzia a testa, aparentemente contrariada. A certa altura, ergueu bem perto do rosto dele o dedo indicador, que Aldo segurou e beijou. Nesse momento, ficou evidente que a velhota estava se divertindo.

— É um espetáculo e tanto, não acha? — disse uma voz conhecida, bem perto de Allegra. — Acho que jamais verá algo igual, porque na sua América não acontecem coisas assim.

Allegra voltou-se para Guido, que se vestia com uma elegância vitoriana.

— Tem razão, Guido. Só em Veneza poderia ocorrer um evento de tanta beleza.

Guido olhou-a dos pés à cabeça.

— É, o vestido parece muito apropriado — ele disse, com condescendência. — *La vecchia* procurou fazer um bom trabalho, mas desta vez o tiro saiu pela culatra. *Dio!* Deve ter havido uma cena quando Aldo contou a ela as novidades.

Ele ria de satisfação e Allegra ficou apreensiva. Seria impossível adivinhar que maldade Guido havia arquitetado daquela vez. Durante algum tempo, os dois ficaram em silêncio, observando o que acontecia à volta da cadeira da condessa.

— Eles até pegaram a cadeira de prata do príncipe Renaldo, o fundador da família — observou Guido. — É coisa que vem de séculos atrás. Aquela cadeira, assim como os vasos de prata que estão nesta sala, foram feitos com as moedas que ele recolhia nas viagens que fazia. Era um ocupado homem de negócios e não podia pensar em ser doge. Isso é que é uma família, não acha?

Quando ele parou de falar, Allegra tentou se afastar, mas foi segura pelo braço.

— Não fuja, Allegra — desaconselhou Guido, com uma expressão ao mesmo tempo séria e simpática. — Eu gosto de você e, por isso, resolvi lhe contar as novidades. De qualquer forma, logo você saberia. Aposto que os outros nem suspeitam disso, mas é claro que você passou maus bocados aqui.

Guido sorria com indulgência, enquanto a observava atentamente. Allegra estava apreensiva, quase assustada. Reparou que, agora, a conversa da condessa com Aldo havia se transformado numa discussão tensa. Além disso, havia a imagem de Vera Falieri e Aldo entrando alegremente no escritório, naquela tarde...

— Sim, Vera Falieri será a próxima condessa Di Rienzi — confirmou Guido, rindo e ficando sério em seguida. — Sinto muito, Allegra, mas é engraçado ver *la vecchia* cair na própria armadilha. Ela acabará se acostumando com a idéia. Afinal de contas, não continuará vivendo por muito tempo... O anúncio será feito ainda esta noite.

Allegra não estava espantada com a notícia e aquilo pareceu surpreender Guido.

— Você não está aborrecida? Bianca ficou furiosa quando eu contei. Eu achava que você tinha uma certa queda por Aldo, mas pode até ser uma moça de bom senso. O melhor mesmo é voltar para os Estados Unidos e se casar com o tal do Larry. Afinal de contas, você não tem nada a ver com os Di Rienzi.

Allegra respirou fundo e procurou manter a dignidade.

— É, eu vou voltar para casa... e espero que eles sejam felizes — ela disse, afastando-se de Guido. — Agora, preciso ver umas coisas...

Allegra saiu sentindo a cabeça em redemoinho. Sabia desde o princípio que aquilo tudo acabaria acontecendo, mas encarar o fato era incrivelmente doloroso.

Não admirava que a condessa parecesse tão triste. Será que Aldo não podia esperar até que o avó estivesse morta? E Bianca, sentada a um canto com uma expressão de desconsolo... Havia uma boa razão para ela não ter corrido para mostrar-lhe o lindo vestido de baile.

Allegra ficou andando a esmo entre os convidados, pensando num jeito de escapar dali. Foi quando viu que Aldo se aproximava. A dança estava para começar e, naturalmente, ele a procurava para atender ao pedido da condessa. A idéia de dançar com ele sob olhar de Vera Falieri era demais. Allegra atravessou a porta do salão de baile e saiu no vestíbulo, com um irresistível impulso de fugir. A porta da rua estava aberta e ainda havia gente chegando.

Do salão de baile veio o som dos primeiros acordes de uma valsa napoleônica, predominando os violinos. Allegra parou, sentindo de repente a cabeça leve. Sabia estar ouvindo o mesmo que ouvira a primeira Allegra, muito tempo antes.

"É o vestido, da qual ela não quer sair", pensou Allegra. "Tenho certeza

de que pertenceu a ela. E este é o seu colar de pérolas..."

Será que aquilo tudo estava acontecendo agora ou em outra época, por volta de 1819? No estado em que se encontrava, Allegra não podia deixar que Aldo a encontrasse. Rapidamente, ela atravessou a porta da rua e saiu na calçada escura da frente da casa. Convidados que ainda iam chegando olhavam espantados para a figura num lindo vestido que fugia em desespero do local da festa.

Dentre aquelas pessoas, uma não ficou assim tão espantada. Depois de desembarcar um casal de convidados, rapidamente Giovanni Fancelli conduziu a gôndola na direção que Allegra havia tomado.

Ao ouvir o chamado do gondoleiro, Allegra parou. Não o reconheceu de imediato e apenas o olhou, com a boca aberta e os olhos arregalados. Depois, identificou a figura franzina do bom Giovanni e sentiu como se houvesse encontrado uma tábua de salvação.

Depois de encostar a gôndola, Giovanni ajudou-a a embarcar. Allegra sentou-se no banco acolchoado e começou imediatamente a soluçar, com as lágrimas escorrendo em abundância. Pronunciando palavras de consolo, Giovanni pôs outra vez o barco em movimento.

— Vou levá-la para a casa de Eleana Bugelli — ele disse. — Não chore, *bambina*.

Allegra tremia. Ela chorava não só por si própria, mas também pela outra Allegra. Naquele momento, os espíritos das duas estavam juntos no mesmo sofrimento.

Quando pararam em frente à casa dos Bugelli, ela não chorava. O gondoleiro ajudou-a a descer e tocou a sineta. Fiorenzo Bugelli não demorou para abrir a porta. Eleana estava por trás dele.

— *Guarda!* — mostrou Giovanni. — Vejam só! Eu trouxe a nossa *bambina*. Há um problema que exige os braços de uma mulher, um coração de mãe...

Giovanni empurrou levemente Allegra e Eleana estendeu os braços para recebê-la.

— Venha, *cara mia*.

As duas se abraçaram demoradamente e depois foram para o quarto que Allegra havia ocupado na sua primeira noite em Veneza. Sentaram-se na cama e Eleana ficou olhando com curiosidade para o antigo vestido, mas sem perguntar nada. Apenas segurou a mão de Allegra, que foi contando tudo, em detalhes.

Quando ela terminou, havia lágrimas nos olhos de Eleana.

— Por todos os santos — invocou a italiana, balançando a cabeça. — Eu parecia estar ouvindo a voz da Virgem Santíssima, recomendando que você tomasse cuidado com a família Di Rienzi. Devia tê-la alertado, *cara mia*. Agora,

acho que deve voltar para a América. O calor da terra natal fará com que esqueça a atmosfera romântica e dolorosa de Veneza.

Allegra encostou a testa no ombro da amiga.

— Oh, Eleana... Estou me sentindo um trapo.

— Eu sei, *caríssima*, eu sei. Não existe palavra capaz de fazer sarar uma ferida de amor. Mesmo uma amiga dedicada pode apenas pôr um pouco de bálsamo, para suavizar a dor. Fique aqui até a hora da partida. Faremos tudo para ajuda-la. Venha... Acho melhor tirar esse vestido. É estranho, mas ao tocá-lo achei que ele já havia sido molhado por muitas lágrimas, e não só pelas suas. Você não trouxe nada? Não tem importância. Giovanni irá buscar a sua bagagem, quando terminar a grande festa.

— Preciso apenas ficar sozinha e quieta durante algum tempo. Prometo não abusar da sua bondade. Agora, vou tentar me recompor e pela manhã partirei para a América. Oh, Eleana, eu não pensava que seria capaz de falar com outra pessoa sobre tudo isso, nem mesmo com você... Mas é que você é assim como uma prima, uma irmã... Eu tinha que contar.

Nesse momento alguém bateu na porta. Eleana foi abrir e apareceu a figura de Giorgio, com os olhos castanhos muito abertos e um ar de importância no rosto.

— *Signorina* Allegra, vim informar que o conde Di Rienzi está aqui. Ele pede para vê-la.

— Não, não. Eu não posso!

Devagar, um sorriso se espalhou pelo rosto de Eleana.

— Allegra, não acha que seria melhor compor uma expressão tranqüila e ir ter com ele? Afinal de contas, o conde deixou os convidados no baile para vir procurá-la.

— É claro que ele veio porque a condessa o mandou — replicou Allegra, num tom neutro.

— Não sei se um conde Di Rienzi faria tal coisa sem ter uma boa razão pessoal. Acho que ele merece no mínimo a cortesia de ser recebido.

Eleana ficou parada, esperando que ela desse o próximo passo. Durante um longo momento, estabeleceu-se dentro de Allegra uma batalha de sentimentos opostos.

— Está bem — ela disse, num impulso. Afinal de contas, que adiantaria resguardar o amor-próprio?

— Espere — falou Eleana, pegando um lenço de papel na gaveta do criado-mudo e limpando as lágrimas do rosto de Allegra. — Você precisa também arrumar o cabelo.

Allegra deu de ombros.

— Eu não me importo.

Eleana sorriu, compreensiva, e as duas saíram do quarto. Dirigiram-se imediatamente à sala de visitas, equipada com bonitos móveis do princípio do século.

Quando elas entraram, dois homens se ergueram. Pelos semblantes, pareciam ter estado numa agradável conversa. Fiorenzo sorriu para Allegra, que não conseguia olhar diretamente nos olhos de Aldo. Via apenas a faixa de seda na cintura e o grande anel no dedo dele, que exibia um camafeu com o brasão da família.

— Vamos deixá-los a sós — disse Fiorenzo, num tom amigável.

Os donos da casa foram saindo em silêncio. Perto da porta, Eleana pegou na mão de Giorgio, que olhava fascinado para Aldo. A porta se fechou e os dois ficaram em silêncio.

Como se obedecesse a um comando dele, Allegra ergueu a cabeça para Aldo. Espantou-se ao ver a doçura que havia naqueles olhos brilhantes. Em seguida Aldo falou, quase num sussurro:

— Por que está olhando assim para mim, *cara mia*? É por que vê na sua frente um homem que a ama e que estava cego para isso? Um homem que tem lutado contra os demônios que o atormentam... Perdoe-me, minha querida. Quando me disseram que você tinha ido embora, quase entrei em desespero. Senti um enorme vazio por dentro, um sentimento de perda...

Em seguida ele a tomou nos braços e beijou-a ternamente. Meio tonta, Allegra abraçou-o com força. Aldo suspirou e afastou-se um pouco.

— Será que você pode perdoar a minha cegueira e o meu abominável orgulho? Suplico que procure entender. Antes de me julgar, deve pensar no que me corroía por dentro... no que fazia com que eu a tratasse daquela forma.

Ele parou de falar durante algum tempo, como se buscasse as palavras. Depois voltou a olhar para ela, muito sério.

— Sinto vergonha de falar na minha estupidez, mas você precisa saber. Guido percebeu a afeição crescente que eu sentia por você. Ele caçoou de mim e disse que você queria apenas arranjar um bom dinheiro com os papéis de Byron e que, depois, voltaria para o seu noivo.

Allegra balançou a cabeça, querendo negar, mas Aldo não a deixou falar.

— Eu sei, meu amor, eu sei. Mesmo assim, me senti traído. Você estava certa no que disse quanto ao sangue dos Di Rienzi. Ele sempre carrega alguma maldade. Guido também disse que você ria dos esforços de *la vecchia* para nos aproximar. Ele dizia achar incrível que, com toda a minha experiência, eu me deixasse enganar por uma boa atriz. Guido falou muito mais, sempre me advertindo para que tomasse cuidado com você, e pode crer que foi muito convincente.

O rosto de Allegra ficou muito vermelho. Ela jamais perdoaria Guido... mas será que poderia perdoar Aldo?

Ele a olhava fixamente, como se quisesse desesperadamente convencê-la.

— Allegra, o amor e o ciúme fazem uma combinação engraçada. Um dia, vou lhe contar tudo sobre o meu casamento e explicar por que sou do jeito como você me conheceu. Eu não poderia entregar meu coração e vê-lo novamente transformado em objeto de ridículo pela mulher amada. Isso já aconteceu uma vez, e prefiro morrer a deixar que aconteça novamente. Foi por essa razão que dei ouvidos a Guido.

Renaldo voltou a abraçá-la, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não a culparia se me mandasse embora, meu tesouro. Sei que a feri demais...

Allegra afastou-se um pouco para olhá-lo. Ela o amava, mas não sabia o que fazer. Amar Renaldo di Rienzi parecia ser uma coisa profundamente dolorosa.

— Tenho outras coisas para lhe falar, Allegra — continuou Aldo. — Esta noite, durante o baile, *la vecchia* abriu meus olhos para o que Guido vem fazendo. Não me lembro de ter visto a *nonna* falar com tanta dureza, e é claro que ela estava com a razão. Ele tem causado muitos prejuízos à família e não estou disposto a tolerar mais nada. Depois da conversa com ela, fui procurar por você para que dançássemos a primeira valsa, como queria a *nonna*. Quando percebi que você havia partido, fui procurado pelo *signor* Mossanato. Com muito cuidado e respeito, ele acabou dizendo que eu era um idiota por suspeitar de você, e que seria imperdoável se eu não procurasse reparar a injustiça. Mossanato disse achar incrível eu não perceber a sinceridade quando ela estava diante dos meus olhos.

Um sorriso dançou nos lábios de Allegra, enquanto Aldo continuava:

— Mossanato é um homem gentil, e de muita astúcia, coisa que sabe dissimular muito bem. Ele me contou que, autorizado por *la vecchia*, deu uma busca no quarto de Guido e encontrou provas da correspondência do meu irmão com Haversham-Bing. Usando o meu nome, Guido propôs ao inglês a venda dos papéis de Byron. Evidentemente, o imbecil não imaginava que o negociante viria me procurar pessoalmente. Esperava interceptar a correspondência que chegasse da Inglaterra, como fez com a carta do seu... pretendente americano. Depois, jogaria a culpa de tudo em cima de você. E eu quase acreditei... Como fui tolo! Mossanato encontrou outras evidências de atividades escusas de Guido, e estou propenso a acreditar que ele andou fazendo coisas piores.

Devia estar sendo doloroso demais para Aldo fazer aquelas confissões. Allegra ergueu a mão e acariciou o rosto dele.

— Oh, Aldo, eu sinto muito por Guido... por tudo isso que tem acontecido.

Aldo virou a cabeça e beijou os dedos dela.

— Então você compreende... Graças a Deus!

Eles se abraçaram demoradamente. Aldo beijou-a ternamente, na testa, nas faces e na boca. Os dois estavam possuídos por uma enorme alegria e não queriam pensar em mais nada.

Depois de algum tempo, Aldo afastou-se um pouco, segurou nas mãos dela e olhou-a bem nos olhos.

— Agora, Allegra *mia*, será que você tem coragem de dizer que não a amo? — ele desafiou, com um sorriso matreiro. — Mas vamos voltar um pouco ao mundo real, meu amor. *La vecchia* deve estar ansiosa para saber das novidades e o baile continua a todo vapor. A *nonna* ficou fora de si quando descobriu que você havia partido. Jogou a culpa em mim e ralhou comigo usando palavras que eu jamais imaginaria ouvir da boca daquela doce senhora. Tenho até vergonha de repetir... Mas acho que mereci! E agora, meu bem, está satisfeita?

Ele a olhava como se fosse outra vez senhor da situação. Allegra não sabia o que responder. Será que estava satisfeita? Como poderia, se a imagem de Vera Falieri continuava a perturbá-la?

— Você não sabe por que realmente eu fugi do baile, Aldo — ela disse, relutante. — Guido me contou que você pretendia anunciar seu noivado com Vera Falieri. Eu não podia ficar lá para ouvir isso.

Aldo abraçou-a ternamente, encostando o rosto no dela.

— Ah, minha doce Allegra... como eu fui grosseiro! Vera foi apenas uma companhia, e eu sempre soube muito bem dos interesses dela. Mas pode crer que jamais a condessa Falieri encontrou um lugar no meu coração. Acho que foi por isso que continuei a vê-la... Nunca ela ameaçou o que eu procurava proteger. Meu coração é seu, meu amor.

Por algum tempo eles se olharam nos olhos, trocando mudas mensagens. Depois, Aldo segurou com as duas mãos o rosto dela e voltou a falar, com os lábios trêmulos:

— Allegra, eu a amo.

Eles ficaram em silêncio. Aldo parecia estar esperando uma resposta dela, mas, por algum motivo, ela não conseguiu falar.

— Será que devo perguntar? — ele disse, em voz baixa. — Procurei esclarecer todas as dúvidas que estivessem em seu coração. Será que você não vai responder à única dúvida que eu tenho, agora?

Allegra queria responder, mas corou fortemente e abaixou a cabeça. Aldo abraçou-a ternamente, aninhando a cabeça dela contra o peito. Assim ficava mais fácil.

— Sim, Aldo, eu o amo — confessou Allegra, finalmente. — Acho que

sempre o amei, antes mesmo de conhecê-lo.

Quando eles se olharam novamente, havia um sorriso de alegria no rosto de Aldo. Depois de um demorado beijo, Allegra voltou a ouvir a voz dele, bem perto do ouvido:

— Allegra, você quer ser minha esposa?

— Sim, sim! — ela aceitou, abraçando-se a ele com força e começando a chorar de felicidade.

Alguns tempos mais tarde, Elena e Fiorenzo levaram os dois até a porta. Todos trocaram beijos e abraços de despedida, enquanto Giovanni sorria, de pé em sua gôndola.

— Logo nos veremos, Allegra — disse a sorridente Eleana.

— Se vocês não nos visitarem na Ca' d'Argenti, minha avó ficará desapontada — falou Aldo.

Eleana continuou sorrindo.

— Se somos bem-vindos, é claro que iremos — ela prometeu.

Os dois embarcaram e a gôndola de Giovanni se pôs em movimento. Enquanto percorriam os escuros canais, Allegra se sentiu como num sonho. Aldo segurava a mão dela e Giovanni manobrava vagarosamente o longo remo, entoando baixinho uma canção de amor.

— Temos que agradecer ao seu amigo Giovanni, Allegra — disse Aldo. — Ele me procurou e disse onde você estava.

Allegra virou a cabeça para o gondoleiro, que olhava para ela com a cabeça meio abaixada e um sorriso dissimulado.

Aldo enfiou a mão no bolso e tirou alguma coisa embrulhada num lenço de seda amarelo.

— Maria encontrou isto no bolso de uma das anáguas do seu vestido, dias atrás, e entregou a *la vecchia*. É uma das surpresas da *nonna*.

Allegra desamarrou o nó do lenço e pôs os olhos num pequeno diário. Por um momento, pensou que era o que estava na caixa de Byron, mas depois reparou que a ilustração da capa era diferente. Aquele mostrava o salão de baile da Ca' d'Argenti, com muitas figuras valsando e um casal ao centro.

— É o primeiro diário de Allegra di Rienzi — esclareceu Aldo. — Descreve as circunstâncias que a levaram ao casamento, o nascimento do filho, que foi o pai de *la vecchia*, e o primeiro ano da vida dela na Ca' d'Argenti... antes de conhecer Byron. É uma prova, *cara mia*, de que os documentos que você tem são autênticos. A letra é a mesma e os dois volumes são do mesmo tipo. *La vecchia* ia entregá-lo a você esta noite, mas sua fuga mudou os planos. Oh, Allegra...

— Eu sei, meu querido, e não devemos mais pedir desculpas.

Allegra fez aquela proposta erguendo a cabeça para beijá-lo no rosto. Aquele casal dançando na capa do diário era formado por eles, o futuro pintado no passado. Em seguida ela rezou silenciosamente uma prece por Allegra di Rienzi, sentindo-se muito próxima da doce condessa.

Logo eles se aproximaram da Ca' d'Argenti e ouviram o som de música e vozes. Allegra mal podia acreditar que, pouco tempo antes, havia fugido dali em desespero, naquela mesma gôndola. Pensando que tudo não passava de um sonho, ela apertou o joelho firme de Aldo. Sim, ele era muito real.

— O que foi, meu bem? — ele perguntou, baixinho. — também está sentindo a mesma coisa? Agradeço a Deus por não termos perdido essa coisa tão preciosa que está acontecendo entre nós.

Outra vez Aldo enfiou a mão no bolso. Depois, com cuidado, pôs um anel no dedo de Allegra. O anel ajustou-se com facilidade e ela suspirou, vendo os reflexos do luar nos diamantes que cercavam uma grande pérola. Allegra ergueu a mão levou o anel até bem perto do colar.

— Sim, eles formam um conjunto — confirmou Aldo. — Meu avô Leopoldo deu de presente à mulher amada, no dia em que a pediu em casamento. Essas jóias estão na família desde Allegra di Rienzi, que as herdou da mãe dela. — Ele deu uma risadinha antes de dar outra informação. — *La vecchia* tirou o anel do próprio dedo e disse que eu só deveria voltar com você... e que você deveria estar usando o anel.

Allegra sentiu um estremecimento. Agora, não precisava de mais provas de que era amada por aquele homem.

Aldo sorriu novamente, suspirando aliviado.

— Mas não param aí as chantagens que eu sofri. Bianca disse que não falaria mais comigo nem voltaria ao baile se você não estivesse lá. Quando saí, ela estava chorando no quarto. Como vê, a família inteira não pode viver sem você. — Aldo riu novamente. — Sabe qual das mentiras de Guido me perturbou mais? Agora posso contar, porque é até engraçado... Ele disse que você me considerava muito velho, e que não se sentia atraída por homens da minha idade.

Os dois riram juntos, enquanto a gôndola chegava perto do cais de desembarque da Ca' d'Argenti. Antes de descer, Aldo teve tempo de fazer uma advertência:

— Como todo italiano, Allegra *mia*, sou muito ciumento. Lembre-se disso. Mesmo assim, não me preocupo. Vou amá-la tão apaixonadamente que você nem pensará em olhar para outro homem.

O alegre ritmo da valsa vinha das janelas do palácio. Os dois desembarcaram, seguidos por Giovanni, que desceu para se despedir. Allegra abraçou demoradamente o bom gondoleiro, agradecida, e Aldo apertou calorosamente a mão dele. Havia uma enorme diferença entre o alto e aristocrático conde Renaldo di Rienzi e o franzino e humilde gondoleiro Giovanni Fancelli, mas naquele momento eles sorriam um para o outro como se fossem

dois iguais. Contemplando a cena, Allegra se emocionou mais uma vez.

Giovanni embarcou novamente e se afastou, acenando.

— *Addio, signorina Allegra, conte... Sejam felizes!*

O gondoleiro desapareceu e eles subiram correndo os degraus. Ao vê-los aparecer no vestíbulo, o rosto de Luigi se iluminou com um sorriso de alegria e alívio.

Aldo ofereceu o braço a Allegra e os dois entraram assim no salão de baile. Do seu lugar de honra, *la vecchia* percebeu a chegada deles e fez um gesto para a orquestra, que parou de tocar. Imediatamente, todas as cabeças seguiram o olhar da condessa. Os convidados abriram alas para Allegra e Aldo, que se dirigiram ao local onde estava a aniversariante, os dois com o mesmo e luminoso sorriso de felicidade.

La vecchia ergueu-se para recebê-los, com os lábios trêmulos de emoção. Os recém-chegados subiram ao tablado e Aldo inclinou-se formalmente perante a avó, com um sorriso matreiro brincando nos lábios. Depois, com voz forte, ele quebrou o silêncio que dominava o ambiente:

— *Contessa Amalia, tenho a honra de lhe apresentar a minha noiva, signorina Allegra Brent.*

Enquanto as pessoas em volta cochichavam entre si, Allegra olhou nos olhos da condessa e viu que eles estavam cheios de lágrimas. *La vecchia* estendeu os braços finos e as duas trocaram um demorado abraço.

— Mais tarde teremos uma conversinha sobre a sua imperdoável conduta, Allegra *mia* — ralhou a condessa, fazendo um gesto para Maria. — Vá buscar Bianca. Diga a ela que Allegra já está em casa.

Depois disso ela se voltou para os convidados e gesticulou com os braços, pedindo silêncio.

— Vocês todos já devem ter ouvido falar em Allegra di Rienzi, que há mais de um século e meio desapareceu desta casa sem deixar vestígio. Há algumas semanas, esta adorável jovem veio nos procurar e nos contou um segredo da família dela. Agora temos provas de que Allegra di Rienzi, impossibilitada de continuar vivendo nesta casa e dominada por uma profunda emoção, fugiu para os Estados Unidos.

O silêncio no salão era total e todos escutavam com curiosidade e atenção.

— Allegra di Rienzi casou-se novamente e deu à luz uma menina, que se chamou Allegra. Ela deixou o relato de sua vida, num diário que deveria ser entregue às descendentes femininas da família. — Dizendo aquilo a condessa pôs a mão no braço de Allegra. — Esta é Allegra Brent, a última descendente. Mesmo que ela não me trouxesse a prova disso, eu a reconheceria. Vejam! Esta era a minha avó, Allegra di Rienzi!

La vecchia fez um gesto para Luigi, que levou para a beira do tablado o

objeto grande misteriosamente coberto por um pano. Em seguida ele o descobriu, mostrando o retrato de uma mulher.

Allegra sentiu o coração em disparada, enquanto um murmúrio de espanto percorria o salão. A mulher do retrato, pintada em tamanho natural, sorria docemente, mas mostrava muita tristeza nos olhos. Estava com o mesmo vestido que Allegra usava naquele momento e o penteado também era igual. A semelhança era espantosa.

A condessa voltou a falar, mas desta vez apenas para Allegra:

— Minha filha, eu tive certeza no primeiro momento em que a vi. Muitas vezes eu olhava esse retrato, que meu pai fez tirar da parede, e ficava imaginando. É claro que minha avó só podia ser uma pessoa doce... Isso está claro no rosto dela. Oh, como gostaria de tê-la conhecido! Quando você apareceu, *cara*, eu quis ter certeza de que havia mais que uma simples semelhança física. Hoje, tenho certeza de que a última descendente de Allegra di Rienzi é uma mulher de caráter, capaz de enfrentar a vida com a mesma coragem da minha avó.

La vecchia voltou-se para os convidados e, mais uma vez, falou em voz alta:

— Allegra di Rienzi voltou para casa!

A condessa pegou a mão de Allegra e juntou-a firmemente à de Aldo.

— Agora, meu presente de aniversário está completo. Tenho rezado por isso e Deus foi misericordioso. Leve-a para dançar a valsa, Aldo. Não se lembra mais do que lhe pedi?

Os dois se afastaram e a condessa voltou a se sentar, erguendo a taça de champanhe. Quando eles chegaram ao centro do salão, a orquestra voltou a tocar a valsa que havia acompanhado a entrada da condessa.

Por cima dos ombros de Renaldo, Allegra olhou para o rosto do retrato. Milagrosamente, parecia não haver mais tristeza naquele rosto. Enquanto rodopiava nos braços de Aldo, ao som da valsa, Allegra parecia ouvir uma voz que vinha daquele quadro: "Você guardou o melhor do sangue de Byron, minha pequena e querida Allegra, filha do meu amor..."

Allegra voltou à realidade ao som de gritos.

— *Bravo! Bravo!* — gritavam os convidados, sorrindo e aplaudindo.

— Você estava longe, *carina* — cochichou Aldo ao ouvido dela. — Onde?

Allegra sorriu.

— Estava pensando em minha *nonna*, na Allegra do passado... e em Byron.

Aldo puxou-a mais para perto.

— Está bem, vou dividi-la com a sua avó, mas com ninguém mais. É melhor deixarmos o passado em paz, meu amor.

Nesse momento, ouviram-se risos de simpatia, acompanhando a entrada do *signor Mossanato* no salão, vestido como um cavalheiro da Regência e trazendo Bianca pela mão. Imediatamente, a menina correu para abraçar Allegra, enchendo o salão com gritos de alegria.

— Maria disse que você ficará! Oh, Allegra, estou tão feliz!

O *signor Mossanato* sorria, naturalmente encantado por ter tido participação no que estava acontecendo.

— Não esqueça a valsa que me prometeu, *signorina* — ele disse a Allegra, fazendo em seguida uma solene reverência para Bianca. — Agora, porém, dançarei com a encantadora *signorina* Bianca.

A menina ergueu os bracinhos, sentindo-se muito importante, e os dois pares saíram rodopiando pelo salão sob aplausos gerais. Logo outros pares se juntaram a eles, ao som da valsa.

Quando Aldo e Allegra passaram perto do tablado, a condessa sorriu e piscou para ela. Aldo olhou o retrato e fez um comentário:

— Nossa antepassada comum era tão bonita quanto você, meu amor. Sei que outras Allegra têm valsado pelos salões do tempo... mas para mim uma Allegra é suficiente.